

O Glã das Freiras Assassinas LIVRO II



DIVINA VINGANÇA₃

A história de Sybella

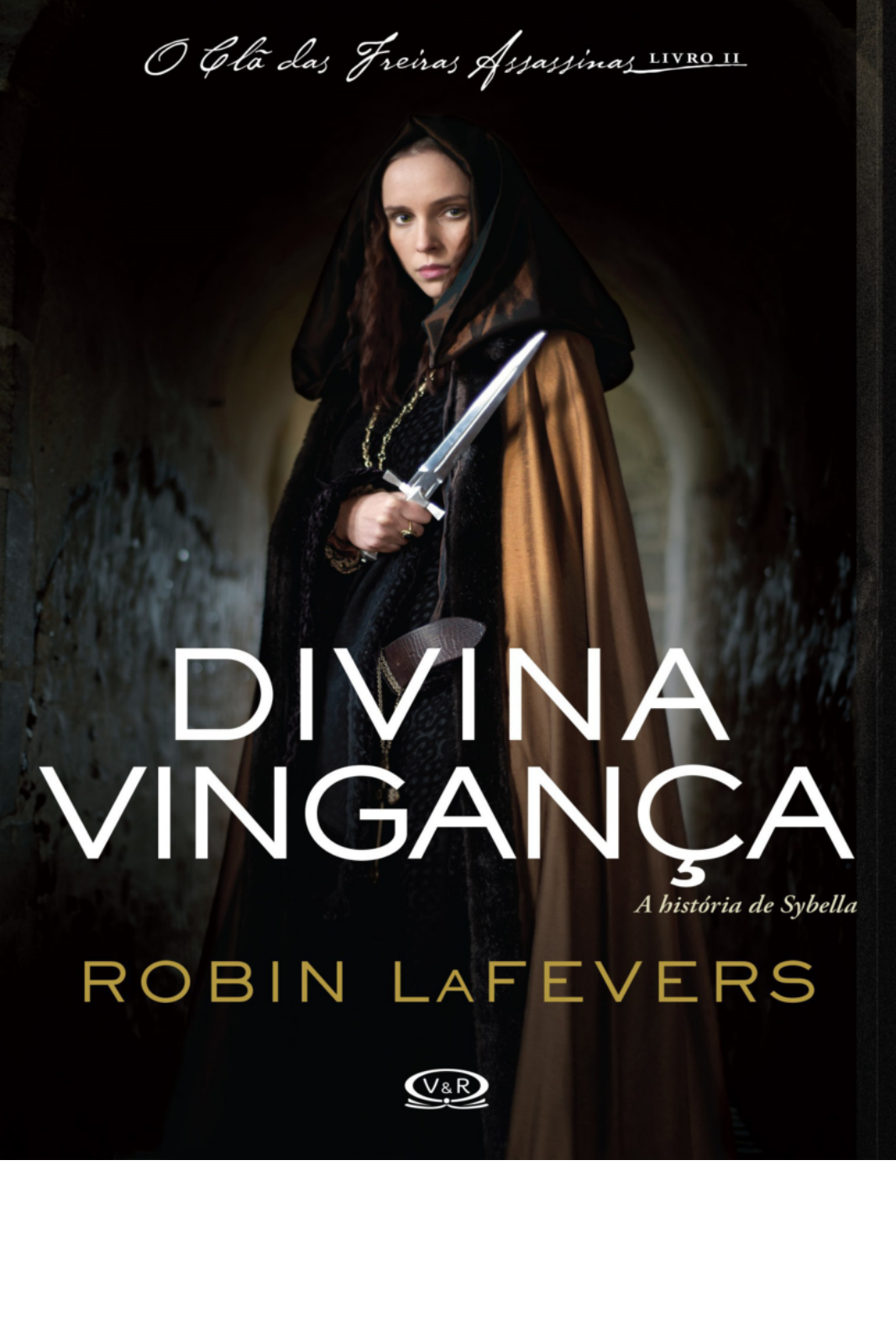
ROBIN LAFEVERS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O Clã das Freiras Assassinas **LIVRO II**



DIVINA VINGANÇA

A história de Sybella

ROBIN LAFEVERS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

[image]

DIVINA VINGANÇA



DIVINA VINGANÇA

ROBIN LA FEVERS

TRADUÇÃO EDMUNDO BARREIROS



título original *Dark Triumph*

© 2013 by Robin LaFevers. Publicado com a autorização da Rights People, Londres.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

edição Fabrício Valério e Flavia Lago

editora-assistente Marcia Alves

preparação Isadora Prospero

revisão Leonardo Ortiz e Luciana Gomide Varela

direção de arte Ana Solt

diagramação Ana Solt

epub Pamella Destefi

capa © 2012 Richard Jenkins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaFevers, Robin

Divina vingança [livro eletrônico] / Robin LaFevers; tradução

Edmundo Barreiros. - São Paulo: Vergara & Riba Editoras,

2016. - (O clã das freiras assassinas; 2)

2,2Mb; ePUB

Título original: Dark triumph

ISBN 978-85-7683-950-7

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

16-00642 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

vergara & riba editoras s.a.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+ 55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br

editoras@vreditoras.com.br

Para meus próprios santos padroeiros:

Nancy Warner,
por me corrigir várias vezes,
para que eu pudesse retornar à luta;

Erin Murphy,
que às vezes via esta história
com mais clareza que eu;

Kate O'Sullivan,
por seu apoio e
entusiasmo inabaláveis;

e a Mary Hershey,
por criar um local seguro onde podíamos
ter todas as conversas difíceis e assustadoras.



DRAMATIS PERSONAE

LADY SYBELLA, serva da Morte
ISMAE RIENNE, serva da Morte
ANNITH, uma noviça de Mortain
ETIENNE DE FROISSARD
ALAIN D'ALBRET, um nobre bretão com grandes domínios na França
PIERRE D'ALBRET, seu filho
JULIAN D'ALBRET, seu filho
CHARLOTTE D'ALBRET, sua filha de dez anos
LOUISE D'ALBRET, sua filha de sete anos
BERTRAND DE LUR, capitão da guarda de D'Albret
JAMETTE DE LUR, sua filha
TEPHANIE BLAINE, dama de companhia de Lady Sybella
MADAME FRANÇOISE DINAN, ex-governanta da duquesa
JEAN RIEUX, marechal da Bretanha e ex-tutor da duquesa
TILDE, uma criada
ODETTE, sua irmã mais jovem
BARÃO JULLIERS, um nobre bretão
BARÃO VIENNE, um nobre bretão
BARÃO IVES MATHURIN, um nobre bretão
BENEBIC DE WAROCH, Fera de Waroch e um cavaleiro do reino
YANNIC, o carcereiro
GUION, um fazendeiro bretão
BETTE, sua esposa
JACQUES, filho deles
ANTON, filho deles

Os carbonários

ERWAN, o líder
GRAELON
LAZARE
WINNOG
MALINA

A corte e a nobreza bretãs

ANNE, duquesa da Bretanha, condessa de Nantes, Monfort e Richmond
ISABEAU, sua irmã
DUQUE FRANCISCO II (falecido)
GAVRIEL DUVAL, um nobre bretão
JEAN DE CHALON, príncipe de Orange
MICHAULT THABOR, comandante da guarda da cidade de Rennes
CAPITÃO DUNOIS, capitão do exército bretão
PHILLIPE MONTAUBAN, chanceler da Bretanha
BISPO DE RENNES
CHARLES VIII, rei da França
ANNE DE BEAUJEAU, regente da França
MAXIMILIANO DA ÁUSTRIA, o Sacro Imperador Romano, um dos pretendentes de
Anne

SIR DE BROSSE, cavaleiro

SIR LORRIL, cavaleiro

SIR LANNION, cavaleiro

SIR GAULTIER, cavaleiro

ABADESSA DE ST. MER

ABADESSA DE ST. BRIGANTIA

SAMSON, o filho de um ferreiro

CLAUDE, o filho de um lenhador

Capítulo Um

NANTES, BRETANHA, 1489

NÃO CHEGUEI AO CONVENTO de St. Mortain uma jovem verde. Quando me mandaram para lá, eu já contava três mortes, e tivera, além disso, dois amantes. Mesmo assim, havia coisas que puderam me ensinar: a irmã Serafina, a arte dos venenos; a irmã Thomine, como usar uma faca; e a irmã Arnette, o melhor lugar para atingir alguém com ela, mostrando todos os pontos vulneráveis do corpo de um homem do mesmo modo que um astrônomo mapeia as estrelas.

Se tivessem me ensinado a ver inocentes morrer tão bem quanto me ensinaram a matar, eu estaria muito mais preparada para o pesadelo no qual fui jogada.

Fiz uma pausa aos pés da escada para ver se estava sendo observada. A mulher da limpeza que esfregava o corredor de mármore, o pajem sonolento cochilando apoiado na porta – qualquer um deles podia ser um espião. Mesmo que nenhum dos dois tivesse recebido a ordem de me vigiar, alguém sempre estava disposto a entregar os outros na esperança de obter algumas migalhas de favor.

A cautela prevaleceu, e resolvi usar a escadaria sul, depois fazer a volta pelo corredor inferior e me aproximar da torre norte por aquele lado. Tomei muito cuidado para pisar exatamente onde a servente havia acabado de lavar, e a ouvi xingar baixinho. Bom. Agora podia ter certeza de que ela tinha me visto e não iria esquecer se fosse interrogada.

Havia menos criados no corredor inferior. Os que ainda não tinham sido expulsos estavam ocupados com suas tarefas ou escondidos como ratos sábios e espertos. Quando finalmente cheguei à ala norte do palácio, ela estava vazia. Apressei o passo e corri na direção da torre norte, mas estava tão ocupada em olhar para trás que quase tropecei em uma figura pequena sentada ao pé da escada.

Contive uma bufada de irritação, olhei para baixo e vi que era uma criança. Uma menininha.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei bruscamente. Meus nervos já estavam extremamente tensos, e aquela nova preocupação não fez bem nenhum a eles. – Onde está sua mãe?

A menina olhou para mim com olhos que lembravam violetas úmidas e senti um nó de medo verdadeiro no estômago. Será que

ninguém tinha pensado em avisá-la como era perigoso para uma criança bonita andar sozinha por aqueles corredores? Tive vontade de me abaixar e sacudi-la, sacudir sua mãe, e gritar que ela não estava em segurança, não naqueles degraus, não naquele castelo. Em vez disso, eu me forcei a respirar fundo.

– Mamãe morreu. – A voz da criança estava aguda e trêmula.

Olhei para a escada, onde estava minha principal obrigação, mas não podia deixar aquela menina ali.

– Qual o seu nome?

– Odette – disse ela, sem saber ao certo se devia ou não ter medo de mim.

– Bem, Odette, aqui não é lugar para brincar. Não tem ninguém que possa tomar conta de você?

– Minha irmã. Mas, quando ela está trabalhando, tenho que me esconder como se fosse um ratinho.

Pelo menos a irmã dela não era nenhuma tola.

– Mas este não é um bom lugar para se esconder, é? Veja como eu a encontrei com facilidade!

Pela primeira vez, a menina me deu um sorriso tímido, e naquele momento me lembrou tanto minha irmã mais nova, Louise, que quase perdi o fôlego. Pensando rápido, peguei-a pela mão e a levei de volta ao corredor principal.

Corra, corra, corra; eu sentia as palavras em meus calcanhares como um cachorro latindo.

– Está vendo aquela porta? – Ela concordou com a cabeça, olhando para mim com desconfiança. – Entre por ela e desça as escadas. Lá embaixo fica a capela, que é um lugar excelente para se esconder. – E como D’Albret e seus homens nunca visitavam a capela, ela ficaria razoavelmente em segurança.

– Quem é a sua irmã?

– Tilde.

– Muito bem. Vou dizer a Tilde onde você está para que ela possa buscá-la quando terminar o trabalho.

– Obrigada – disse Odette, em seguida saiu apressada pelo corredor. Eu queria acompanhá-la pessoalmente, mas já tinha arriscado me atrasar demais para o que devia fazer.

Voltei e subi as escadas dois degraus de cada vez. A porta grossa de madeira no topo tinha uma trava nova, dura pela falta de uso. Eu a ergui lentamente para me assegurar de que não iria ranger em alarme.

Quando saí no sol frio de inverno, um vento gelado soprou meus cabelos e os soltou da rede que os prendia no lugar. Toda minha cautela tinha me custado um tempo precioso, e rezei para não ter chegado lá em cima apenas para ver aqueles que amava massacrados.

Corri até as ameias da muralha e olhei para o campo abaixo. Um

pequeno grupo de cavaleiros montados aguardava pacientemente enquanto um grupo ainda menor se reunia com aquele asno zurrador, o marechal Rieux. Reconheci a duquesa imediatamente, sua figura bonita e delicada aprumada em seu palafém tordilho. Ela parecia absurdamente diminuta, pequena demais para carregar o destino de nosso reino em seus ombros magros. O fato de ter conseguido impedir uma invasão francesa por tanto tempo era impressionante. E tê-lo feito apesar da traição de metade de seus conselheiros era algo próximo de um milagre.

Atrás dela e à direita estava Ismae, minha irmã de coração – talvez de sangue, se o que as irmãs do convento nos contaram fosse verdade. Meu pulso se acelerou, mas não sabia se pela alegria de não ter chegado tarde demais ou de pânico pelo que sabia que iria acontecer.

Com o olhar fixo em Ismae, reuni todos os meus medos e temores e os lancei em sua direção, como pedras de uma catapulta.

Ela sequer olhou de relance em minha direção.

Das profundezas do castelo, vindo do leste, se ergueu um ronco suave quando o portão foi erguido. Dessa vez, quando lancei meu aviso, agitei os braços também, como se estivesse espantando um bando de patos. Esperava, rezava, para que ainda existisse alguma ligação entre nós que permitisse a ela me sentir.

Mas seus olhos permaneceram fixos na duquesa à sua frente, e quase gritei de frustração. *Fujam*, gritava minha mente. *É uma armadilha*. Então, quando eu temia ter de me jogar das muralhas para chamar sua atenção, Ismae ergueu o rosto. *Fujam*, implorei, tornando a agitar os braços.

Funcionou. Ela desviou os olhos de mim para o portão leste, depois virou para gritar algo para o soldado ao seu lado, e eu relaxei de alívio.

O pequeno grupo no campo ganhou vida, gritando ordens e chamando uns aos outros. Ismae apontou novamente, dessa vez para o oeste. Bom. Ela tinha visto o segundo braço da armadilha. Agora eu só podia torcer para que meu alerta não tivesse chegado tarde demais.

Quando o marechal Rieux e seus homens perceberam o que estava acontecendo, deram meia-volta com suas montarias e galoparam outra vez para a cidade. A duquesa e seu grupo se moveram para entrar em nova formação, mas ainda não tinham deixado o campo.

Fujam! A palavra pulsava freneticamente contra meu peito, mas eu não ousava pronunciá-la, temendo que, apesar de estar naquela torre isolada, alguém pudesse ouvir. Debrucei-me para a frente, agarrando-me à pedra fria e áspera da muralha com tanta força que ela arranhou meus dedos sem luvas.

A primeira linha das tropas de D'Albret entrou em meu campo de visão, com meu meio-irmão Pierre na vanguarda. Então, quando eu

estava certa de que era tarde demais, o grupo da duquesa se dividiu em dois, e apenas uma dúzia de seus homens virou as montarias para enfrentar o massacre que se aproximava. Doze contra duzentos. Uma gargalhada me escapou diante da futilidade de suas ações, mas foi levada pelo vento antes que alguém pudesse ouvi-la.

Enquanto a duquesa e dois outros fugiam a galope, Ismae hesitava. Mordi o lábio para não gritar. Ela não podia crer que conseguiria fazer algo por aqueles cavaleiros condenados, podia? A causa deles estava perdida, e nem nossas habilidades podiam ajudar aqueles doze que com tamanha valentia cavalgavam para a própria morte.

– Fuja. – Dessa vez, disse a palavra em voz alta, mas, assim como minha risada, ela foi carregada pelo vento frio cortante e levada para o alto, onde ninguém podia ouvi-la. Nem a pessoa que eu pretendia avisar, nem os que me puniriam pela traição.

Mas talvez algo tivesse levado meu aviso para Ismae mesmo assim, pois ela finalmente virou seu cavalo e galopou atrás da duquesa. A argola de ferro que apertava meus pulmões relaxou um pouco, pois, se já era bem difícil assistir àqueles homens enfrentarem a morte, eu não aguentaria ver Ismae morrer.

Ou pior, ser capturada.

Se isso acontecesse, eu mesmo a mataria em vez de deixá-la para D'Albret, pois ele não lhe ofereceria nenhuma piedade. Não depois de ela ter arruinado seus planos em Guérande e quase tê-lo estripado como um peixe. Ele tivera muitos dias para amolar sua vingança e deixá-la afiada como navalha.

Era tolice minha ficar ali parada. Eu tinha de partir imediatamente enquanto havia chance de não ser descoberta, mas não conseguia afastar os olhos. Como a torrente de um rio cheio, as forças de D'Albret cercaram a guarda da duquesa. O som do impacto foi como trovão enquanto armadura batia contra armadura, piques atravessavam escudos e espadas se cruzavam.

Fiquei impressionada pela ferocidade dos homens da duquesa. Todos lutavam como se estivessem possuídos pelo espírito do próprio Saint Camulos, golpeando seus agressores de um modo parecido a fazendeiros ceifando plantações de grãos. Por algum milagre, eles seguraram a linha que os alcançou, e seus esforços atrasaram as forças de D'Albret por tempo suficiente para que o grupo da duquesa alcançasse a segurança das árvores. A superioridade numérica de D'Albret seria uma vantagem menor se seus homens tivessem de se abaixar e desviar de galhos e samambaias.

Uma trompa soou a leste. Franzi o cenho e olhei nessa direção, temendo que D'Albret tivesse pensado em organizar uma terceira força montada. Mas não, o estandarte branco e preto de Rennes destacava-se contra o céu azul límpido enquanto uma dezena de homens

adicionais se juntava à escaramuça. Quando a duquesa e seus homens finalmente desapareceram além do horizonte, eu me permiti respirar fundo pela primeira vez.

Mas, mesmo com a injeção de novas tropas, foi uma derrota arrasadora. Os guardas da duquesa não tiveram chance, não contra tantos. Minha mão coçava por uma arma, mas as facas que carregava não adiantariam nada daquela distância. Uma besta serviria, mas elas são praticamente impossíveis de esconder, e por isso assisti a tudo impotente.

D'Albret tinha planejado apenas uma armadilha – uma investida e uma luta rápida, e depois retornar com o prêmio. Quando percebeu que a vítima havia escapado e que não tinha mais o elemento surpresa, deu sinal para que seus soldados recuassem para trás das muralhas do castelo. Melhor minimizar suas perdas do que desperdiçar mais algum homem naquela jogada fracassada.

A batalha abaixo estava quase terminada. Só um soldado continuava a lutar, um homem grande como um boi que não teve o bom senso de morrer rapidamente como os outros. Seu elmo havia sido arrancado da cabeça, e três flechas perfuravam sua armadura, que estava amassada em uma dezena de lugares. Sua cota de malha estava rasgada, e os cortes por baixo dela sangravam em profusão, mas ainda assim ele lutava com força quase sobre-humana, cambaleando para a frente e para dentro da massa de seus inimigos. *Está tudo bem*, tive vontade de dizer a ele. *Sua jovem duquesa está em segurança. Você pode morrer em paz, e então você também estará em segurança.*

Sua cabeça se ergueu após levar um golpe, e nossos olhos se cruzaram a distância. Eu me perguntei de que cor eles seriam, e com que rapidez se turvariavam quando a Morte o reclamasse.

Então um dos homens de D'Albret se lançou para a frente, golpeou e derrubou o cavalo no qual ele estava montado. Ele deu um grito longo e desesperado ao cair. Então, como formigas apinhando-se sobre um naco de carne, seus inimigos caíram sobre ele. O grito de morte do homem subiu até o alto da torre e se envolveu em torno de meu coração, chamando-me para me juntar a ele.

Fui tomada por uma onda fervilhante de desejo e senti inveja daquele cavaleiro e do vazio que o chamava. Ele agora estava livre, assim como os abutres que se reuniam e sobrevoavam a cidade. Com que facilidade eles iam e vinham, como voavam alto, longe do perigo. Eu não tinha certeza se podia voltar para minha própria gaiola, uma gaiola feita de mentiras, desconfianças e medo. Uma gaiola tão cheia de escuridão e sombras que podia muito bem ser a morte.

Debrucei-me, projetando meu corpo além das ameias. O vento puxava minha capa, me vergastava, como se pudesse me levar dali

voando, tal como as aves ou a alma do cavaleiro. *Solte-se*, gritava ele. *Vou levá-la para muito, muito longe*. Tive vontade de rir com a sensação estimulante. *Vou carregar você*, sussurrava ele, sedutor.

Será que iria doer?, eu me perguntei, olhando para as pedras pontudas abaixo. Será que eu sentiria o momento em que atingisse o chão? Fechei os olhos e me imaginei lançando-me pelo espaço, caindo depressa, caindo na direção de minha morte.

Será que iria funcionar? No convento, as irmãs de Mortain eram tão sovinas com seus conhecimentos de habilidades e técnicas mortais quanto um avaro com seu dinheiro. Eu não entendia completamente todos os poderes que a Morte havia concedido a mim. Além disso, a Morte já havia me rejeitado duas vezes. E se fizesse isso uma terceira vez e eu tivesse de passar o resto da vida quebrada e impotente, para sempre à mercê das pessoas à minha volta? Essa ideia me fez estremecer com violência, e me afastei um passo da muralha.

– Sybella?

Uma nova onda de pânico se inflamou em meu peito, e minha mão agarrou a cruz aninhada entre as dobras de minha saia, pois não era um crucifixo normal, mas uma faca engenhosamente projetada para mim pelo convento. Enquanto me virava, arregalei os olhos como se estivesse excitada e ergui os cantos da boca em um sorriso ousado.

Julian estava parado à porta.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele.

Deixei que meus olhos brilhassem de prazer, como se estivesse feliz por vê-lo em vez de apavorada, depois tornei a virar para as ameias a fim de me recompor. Guardei todos meus pensamentos e sentimentos sinceros profundamente, pois, embora Julian fosse o mais cordial de todos eles, não era nenhum tolo. E sempre soube me interpretar muito bem.

– Vendo a luta. – Tomei cuidado para que minha voz ronronasse de excitação. Pelo menos ele só havia me encontrado depois que eu tinha alertado Ismae.

Ele se juntou a mim na muralha, tão perto que nossos cotovelos se tocaram, e me lançou um olhar irônico de admiração.

– Você quis assistir?

Revirei os olhos em sinal de desprezo.

– Não importa. O pássaro escapou da rede.

Julian afastou o olhar de mim e olhou para o campo pela primeira vez.

– A duquesa escapou?

– Infelizmente.

Ele me lançou outro olhar rápido, mas mantive a expressão de desprezo fixa em meu rosto como um escudo.

– Ele não vai ficar satisfeito – disse Julian.

– Não, não vai. E o resto de nós vai pagar o preço. – Olhei para ele como se só naquele momento tivesse percebido que ele não estava vestido para batalha. – Por que não está no campo com os outros?

– Me mandaram não ir.

Um rápido espasmo de medo apertou meu coração. D’Albret estaria, então, me vigiando tão de perto?

Julian me ofereceu seu braço.

– Precisamos voltar para o salão antes que ele retorne.

Sorri para ele e tomei seu braço, deixando que quase tocasse meu seio. Era o único poder que eu tinha sobre ele, distribuir favores com a frequência certa para que ele não precisasse buscá-los.

Quando chegamos à porta da torre, Julian se virou para a muralha e voltou seu olhar ilegível para mim.

– Não vou contar a ninguém que você estava aqui em cima – disse ele.

Dei de ombros, como se não fizesse nenhuma diferença para mim. Mesmo assim, temi que ele me fizesse pagar por aquela bondade.

Eu já estava arrependida de não ter saltado quando tive a chance.

Capítulo Dois

ACOMPANHEI O PASSO RÁPIDO de Julian, recusando-me a deixar que minha mente se preocupasse com as possibilidades. Mantive a cabeça erguida, meu desprezo por aqueles ao meu redor nítido em meu rosto. Na verdade, não era fingimento, pois odiava praticamente todo mundo ali, dos cortesãos e criados de D'Albret até os senhores bretões menores sem força moral, que não mostraram resistência quando ele tomou o castelo de sua duquesa para si mesmo. Lacaios covardes e bajuladores, todos eles.

Julian fez uma pausa pouco antes de entrar no grande salão, esperou que um pequeno grupo de vassalos passasse, e então os seguiu para dentro, minimizando as chances de que nossa entrada fosse percebida. Por mais que ficasse grata por ele estar comprometido em guardar meu segredo, não deixava de me perguntar que pagamento ele exigiria por isso.

Dentro do salão, criados silenciosos corriam de um lado para outro, carregando jarros de vinho, atizando o fogo, tentando antecipar todas as necessidades antes que pudessem ser repreendidos ou castigados por não atendê-las com rapidez suficiente. Havia pequenos grupos de pessoas espalhados por todo o salão conversando furtivamente entre si. Sem dúvida, já haviam sido informados de que o plano de D'Albret tinha falhado e ele não iria retornar em triunfo.

A única pessoa no salão que não tinha o bom senso de se envolver em cautela era o idiota do marechal Rieux. Ele caminhava de um lado para o outro em frente à lareira, reclamando com madame Dinan que D'Albret havia arruinado sua honra ao lançar uma armadilha sob a bandeira de trégua de Rieux. Era a última pessoa que devia falar de honra, pois tinha sido o tutor e guardião da duquesa até o dia em que a traiu e juntou forças com D'Albret, certo de que seus poderes combinados poderiam convencer a jovem duquesa de que ela não tinha escolha além de fazer o que eles desejavam.

Mas ela surpreendeu a todos.

Houve um ruído ensurdecedor de cascos no pátio quando os homens voltaram, seguido pelo som do caos da soldadesca, o retinir de armas jogadas, o ranger de couro, o clangor de malha e armadura. Normalmente, havia gritos de vitória e risos altos, mas não naquele

dia. Naquele dia, os homens estavam assustadoramente silenciosos.

A porta se abriu com uma pancada surda. Passos pesados e rápidos atravessaram o salão acompanhados pelo tilintar de esporas. Todo o aposento, até Rieux, ficou em silêncio enquanto esperávamos a tempestade que se aproximava. Os criados procuravam se esconder, e alguns vassalos mais covardes encontraram desculpas para deixar o salão.

O desejo de estar em outro lugar era avassalador. Tive de me segurar para manter os pés ancorados no chão e não virar para trás e sair correndo de volta escada acima na direção da segurança dos aposentos superiores. Mas minha própria culpa exigia que eu ficasse e mostrasse a D'Albret que não tinha nada a esconder. Em vez de fugir como desejava, eu me inclinei para perto do ouvido de Julian.

– Acha que madame Dinan e o marechal Rieux são amantes?

Apesar de Julian ter sorrido, achando graça, ele também deu um aperto reconfortante em meu braço. Franzi a testa, irritada, e afastei meu braço do dele. Ele me conhecia muito bem. Bem demais.

E então a força da presença de D'Albret caiu sobre nós, redemoinhando no salão com todo o calor e destruição de um incêndio incontrolável, acompanhada do fedor de sangue e lama e suor. Seu rosto estava branco de fúria, tornando sua barba ainda mais sobrenaturalmente negra. Logo atrás dele vinha seu principal capanga, Bertrand de Lur, capitão da guarda, seguido por uma dezena de lordes e vassalos. Dois deles, os barões Julliers e Vienne, eram homens da própria duquesa, mas estavam tão ávidos por provar sua lealdade a D'Albret que concordaram em cavalgar com ele naquela armadilha, apesar de saberem muito bem o que ele tinha em mente para sua suserana.

Foi, portanto, uma grande alegria ver que Mortain tinha marcado os dois para morrer – cada um tinha uma mancha sombria na fronte. Com isso e a fuga da duquesa, meu dia não tinha sido tão ruim.

– Por que está sorrindo? – perguntou Julian.

Afastei meu olhar dos dois homens.

– Porque isso deve se revelar muito divertido – murmurei, pouco antes de a voz de D'Albret estalar pelo salão como um chicote.

– Ponham homens em todas as torres. Vejam se há alguém aqui que não deveria estar. Se alguém mandou um alerta, provavelmente foi da torre norte.

Apertei as costas contra a parede e desejei que as freiras nos tivessem ensinado um encantamento para invocar a invisibilidade.

– Tragam-me Pierre! – prosseguiu D'Albret. – Seu ataque a partir do portão oeste devia ter partido mais cedo. Sua preguiça pode muito bem ter me custado meu prêmio. – Ele estendeu as mãos, e um escudeiro correu e removeu sua manopla direita. Antes que o garoto

pudesse retirar a esquerda, D'Albret virou para gritar outra ordem. O escudeiro saltou para trás, fora de alcance, e esperou cheio de cautela, com medo de se aproximar, mas com ainda mais medo de não estar perto quando necessário. – Também quero um destacamento de homens para sair atrás da duquesa e me informar de seus movimentos e das forças que a estão protegendo. Se surgir uma oportunidade de capturá-la, façam isso. Qualquer homem que a trouxer para mim será ricamente recompensado.

Enquanto De Lur repetia as ordens para seus homens, um segundo escudeiro se aproximou, pronto para botar um cálice de vinho na mão de D'Albret antes que ele tivesse de pedir. Sem olhar, D'Albret o pegou, então todos nós esperamos incomodados enquanto ele saciava sua sede. Madame Dinan se aproximou, como se quisesse acalmá-lo, mas mudou de ideia.

O conde secou o cálice, olhou para ele por um longo momento, então o jogou na lareira. O estilhaçar violento do cristal ecoou no salão silencioso. Lentamente, ele se voltou para o salão, manejando o silêncio com tanta habilidade e astúcia quanto fazia com sua espada, deixando que crescesse até ficar mais tenso que uma pele de tambor.

– Como os soldados de Rennes conseguiram chegar bem naquele momento, hein? – Sua voz era enganadoramente suave e muito mais assustadora que seus gritos. – Como isso foi possível? Será que temos um traidor entre nós?

O salão estava em silêncio, cada um de nós sabendo que não devia responder a essa pergunta. Sabíamos que havia vários traidores entre nós, mas era muito fácil trair uma menina. Se algum deles tinha ousado trair D'Albret era outra questão.

O marechal Rieux cerrou os punhos e deu um passo na direção de D'Albret. Dinan tentou impedi-lo, mas ele foi rápido demais. *Mon Dieu*, ou era o homem mais corajoso que eu já tinha visto ou o mais tolo.

– Como você pode ter um traidor quando ninguém sabia de seus planos? – perguntou Rieux.

O olhar de D'Albret passou rapidamente pelos punhos cerrados de Rieux.

– Foi uma decisão de último minuto.

– Mesmo assim, eu deveria ter sido informado. Dei minha palavra à duquesa de que ela teria toda a segurança para negociar. – *Merde*. Será que o idiota não percebia as areias de sua vida escorrendo pela ampolheta ao provocar D'Albret?

D'Albret voltou toda sua atenção para Rieux. Ao meu lado, Julian ficou tenso.

– Foi exatamente por isso que não lhe contamos. Você tinha dado sua palavra e teria reclamado e chiado como uma velha.

Rieux não disse nada. Eu não sabia se era por ter ficado surpreso

com a resposta de D'Albret ou por finalmente ter percebido o risco que corria.

– Além disso – a voz de D'Albret assumiu um tom de escárnio –, veja como seus argumentos a convenceram. Só um comandante fraco teria apenas uma tática para vencer uma guerra. – Então, mais rápido do que mercúrio, a expressão de D'Albret mudou, e não era mais de mero desdém, mas terrível. – Você não soube desse plano e a alertou, certo? Para proteger sua honra?

Rieux recuou. O que quer que tivesse visto nos olhos de D'Albret finalmente o fez hesitar.

– Não – disse, monossilábico.

D'Albret manteve o olhar fixo nele por mais um longo instante antes de virar novamente para o salão.

– Como a guarnição de Rennes veio em seu resgate? Por que agora? Por que hoje, a essa hora? – Os olhos do conde brilhavam perigosamente. – A única explicação é que temos um traidor entre nós.

Pelo menos a chegada das tropas de Rennes o distraía da torre norte. Por enquanto.

– A duquesa e Dunois trouxeram notícias dos franceses – Rieux mudou abruptamente de assunto.

D'Albret inclinou a cabeça e aguardou.

– Disseram que os franceses cruzaram a fronteira da Bretanha e tomaram três cidades, entre elas Ancenis.

Ancenis era o domínio do próprio marechal Rieux. D'Albret apertou os lábios, estudando o marechal.

– Sem dúvida Dunois desejava distraí-lo. – D'Albret chamou De Lur.

– Mande um grupo de batedores para confirmar essa informação.

De Lur assentiu com a cabeça, mas, antes que pudesse dar a ordem, D'Albret passou instruções adicionais.

– Depois de fazer isso, interrogue os homens. Veja se algum deles partiu para Rennes na semana passada. Se algum foi, assim que voltar, não deixe de trazê-lo para mim para que eu possa interrogá-lo.

Os cavaleiros ficaram em silêncio, alguns empalidecendo, pois os métodos de interrogatório usados por D'Albret eram pesadelos bem conhecidos. De Lur fez uma rápida reverência, em seguida foi cumprir as ordens de seu senhor. Quando se dirigia para fora do salão, olhou para mim e piscou. Fingi não ver. Em vez disso, concentrei-me em meu irmão Pierre enquanto ele passava pelo capitão que estava de saída. Tinha o elmo embaixo do braço, o queixo erguido e uma expressão feia no rosto. A cicatriz branca que atravessava sua sobrancelha esquerda destacava-se como uma marca.

– O que aconteceu? – perguntou, tirando as luvas. – Como ela escapou?

D'Albret ergueu bruscamente a cabeça.

– Você se atrasou com seus homens.

A acusação fez Pierre parar imediatamente, e a torrente de emoções conflituosas que passou por seu rosto teria sido engraçada se a situação não fosse tão sinistra.

– Fomos retardados por cidadãos que tentaram bloquear os portões para evitar que nos juntássemos ao senhor no campo.

D’Albret o estudou por um bom tempo, tentando ver se ele estava mentindo.

– Você devia tê-los matado.

– Foi o que fiz – disse Pierre, sua boca carnuda inchada.

– Pois devia tê-los matado mais rápido – murmurou D’Albret, e um riso amargo quase escapou de minha garganta. Meu irmão não tinha matado rápido o suficiente para ele. No fim, entretanto, D’Albret balançou bruscamente a cabeça, o que era o mais perto que ele chegava de um elogio.

Uma confusão rompeu o momento tenso quando soldados retornaram conduzindo meia dúzia de homens para o interior do salão, nada além de reles criados, pelo aspecto deles.

D’Albret tamborilou o indicador sobre os lábios.

– Eles foram encontrados na torre?

De Lur chutou um dos homens, que não estava submisso o suficiente para seu gosto.

– Não, mas não estavam de serviço, e não têm testemunhas para dizer onde se encontravam durante o ataque.

D’Albret inclinou a cabeça como um abutre curioso. Ele se aproximou lentamente do pequeno grupo de criados da duquesa.

– Vocês são homens tão leais assim? – perguntou ele, sua voz tão suave e delicada como o veludo mais fino.

Quando ninguém respondeu, ele sorriu. Aquilo me deu um calafrio na espinha.

– Podem me contar, pois sou grande admirador da lealdade.

O mais velho deles fazia o possível para se manter de pé, mas era claro que tinha sido surrado e sua perna não estava funcionando direito.

– Sim, milorde – disse ele com orgulho. – Nós servimos a nossa duquesa desde o momento em que ela nasceu, e não temos intenção de parar agora.

– Os franceses não conseguiram comprá-lo com seu ouro?

Fechei os olhos e rezei rapidamente para que o velho tolo tomasse cuidado com suas próximas palavras e pensasse na própria segurança, mas ele estava preocupado demais com sua honra.

– Nós não, milorde.

D’Albret se aproximou. Seu corpo grande assomou sobre o homem, seu olhar examinando o grupo.

– Qual de vocês soube de nosso comitê surpresa de recepção e saiu para avisar a duquesa?

– Nenhum de nós sabia – disse o homem de idade, e comecei a soltar um suspiro de alívio. Mas o tolo ainda estava eufórico com sua lealdade e acrescentou: – Mas a teríamos avisado, se soubéssemos.

Irritado, D’Albret olhou para Pierre.

– Como deixamos passar este aqui?

Meu irmão deu de ombros.

– Nem as melhores ratoeiras pegam todos os ratos na primeira vez, milorde.

Sem dizer palavra ou aviso, D’Albret recuou a mão com a manopla de aço e deu um tapa no rosto do homem. O pescoço do criado foi jogado para trás com um estalo audível. Julian apertou minha mão com força, alertando-me para ficar quieta e imóvel. E, apesar de eu querer voar para cima de D’Albret, não me mexi. Do mesmo modo como aquele último cavaleiro valente manteve sua posição, eu também tinha de manter a minha. Como serva da Morte, eu devia estar pronta para atacar quando chegasse a hora. Especialmente agora, quando a traição aberta de D’Albret certamente teria lhe garantido a marca que eu estava esperando ver há seis longos meses.

Além disso, o velho estava morto. Minha raiva não lhe adiantaria nada. Murmurei uma oração por sua alma liberta. Era o mínimo que podia fazer, apesar de não ser nem de perto o suficiente.

O marechal Rieux se aproximou com uma expressão de ultraje no rosto, mas, antes que pudesse falar, D’Albret grunhiu:

– Eu poupei suas vidas desgraçadas. – Sua voz reverberou pelo salão como trovão, e os outros criados finalmente tiveram o bom senso de se encolher de medo. – E é assim que vocês me pagam? – Houve um retinir de aço quando ele sacou sua espada. Meu estômago se apertou em um nó e tentou sair pela minha garganta, mas antes que eu pudesse dar um grito de alerta, a espada cortou através dos homens amontoados. Sangue se espalhou por todo o chão, então um segundo golpe despachou o restante.

Nem percebi ter dado um passo à frente até sentir o braço de Julian envolver minha cintura e me segurar no lugar.

– Cuidado – murmurou ele.

Fechei os olhos e esperei que o embrulho em meu estômago passasse. Julian me cutucou, e meus olhos se abriram rápido, uma expressão cuidadosamente neutra em meu rosto. O olhar ardiloso de D’Albret estava sobre nós, e dei um leve sorriso, como se um pouco divertida com a carnificina que ele acabara de cometer.

– Tolos – murmurei. Era uma boa coisa eu não ter mais coração, porque, se tivesse, com certeza ele iria se partir.

– Julian! – chamou D’Albret, e senti Julian estremecer. Ele se

afastou de mim.

– Sim, senhor meu pai?

– Cuide da limpeza aqui. E você, filha. – Os olhos negros e duros de D’Albret se fixaram em mim e me obriguei a olhar dentro deles com nada além de diversão no rosto. – Cuide de madame Dinan. Acho que ela desmaiou.

Quando me afastei da segurança da parede de pedra para fazer o que meu pai me ordenara, tornei a desejar, com muita força, que Julian não tivesse me encontrado no alto daquela torre. Se nosso pai descobrisse o que eu havia feito, iria me matar com a mesma facilidade com que tinha matado aqueles homens.

Embora, talvez, não tão depressa.

Capítulo Três

SEGUI OS CRIADOS QUE CARREGARAM madame Dinan até seu quarto. Meus pensamentos e movimentos estavam arrastados, como se eu estivesse andando sobre lama. Foi necessário até o último grão de disciplina que eu possuía para me recompor. Eu não podia cambalear pelo castelo sem estar raciocinando direito.

Quando chegamos ao quarto, fiz com que os criados a pusessem na cama, depois mandei que saíssem do quarto. Olhei para a mulher mais velha. Não éramos aliadas, madame Dinan e eu; meramente compartilhávamos os segredos uma da outra, o que era algo completamente diferente.

Ela surgia em nossa vida apenas eventualmente, quando escapava de seus deveres como governanta da duquesa, a mesma duquesa que tinha traído de forma tão aberta. D'Albret contava com ela para supervisionar a criação de suas filhas. Grande parte desse cuidado era conduzida a distância, por meio de cartas e mensageiros, exceto quando ocorria alguma tragédia – aí ela fazia um esforço para comparecer pessoalmente e acertar as coisas.

Ela parecia mais velha em repouso. Faltava a seu rosto a falsa alegria que ela usava como uma máscara. Desamarrei seu corpete para facilitar sua respiração, depois removi o adereço de cabeça pesado e incômodo que usava. Não porque ele tivesse contribuído para o desmaio, mas porque eu sabia que agredia sua vaidade ter cabelos brancos como os de uma velha. Era uma punição bem pequena, mas uma que eu podia infligir.

Abaixei-me e dei um tapa em seu rosto, talvez com mais força que o necessário, para acordá-la. Ela engasgou, despertando com um susto. Piscou duas vezes, orientando-se, depois começou a sentar-se. Eu a empurrei para baixo.

– Calma, agora, madame.

Seus olhos se arregalaram quando viu quem estava cuidando dela. Seu olhar viajou ao redor do aposento, e ela percebeu que estávamos sozinhas. Aquele olhar parou outra vez em mim, depois se desviou apressado como uma cotovia nervosa.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

Sua voz estava baixa e rouca, e me perguntei se isso era parte do

que fazia D'Albret ser atraído por ela. Alguns diziam que sua união tinha começado quando ela estava na flor da juventude, com dois anos menos do que eu tinha então.

– A senhora desmaiou.

Seus dedos longos e magros seguravam seu corpete.

– Está quente aqui.

A mentira fácil e rápida me irritou. Me abaixei e aproximei meu rosto do dela, forçando minha voz a ficar bem suave e delicada, como se estivéssemos conversando sobre a última moda.

– Não foi o calor que a fez desmaiar, mas a matança de inocentes. A senhora não lembra?

Ela tornou a fechar os olhos, e o pouco que restava de cor em seu rosto se esvaiu. Bom. Ela lembrava.

– Eles simplesmente foram punidos por sua deslealdade.

– Deslealdade? E a *sua* deslealdade? Além disso, a senhora conhecia aquelas pessoas! – disse com raiva. – Eram criados que a serviram por anos.

Seus olhos se abriram de repente.

– O que você acha que eu devia ter feito? Eu não podia impedir.

– Mas nem tentou! – Nossos olhares cheios de raiva se cruzaram por um longo momento.

– Nem você.

As palavras dela foram como um chute em meu estômago. Com medo de lhe dar um tapa, endireitei-me, caminhei até seu baú de madeira e comecei a mexer em seus potes de pó, vidros de creme e frascos de cristal.

– Mas eu não sou a favorita dele, a única voz que ele escuta. Desde que me entendo por gente, esse papel pertence à senhora. – Finalmente encontrei uma toalha de linho. Eu a molhei com água do jarro, depois retornei para o lado dela e praticamente estapeei sua testa com ela.

Ela fez uma expressão rápida de dor, depois olhou para mim.

– Seus cuidados delicados podem acabar me matando.

Sentei-me e ocupei-me com minha saia, com medo de que ela visse como tinha chegado perto da verdade. Nossos segredos pairavam pesados no quarto, não apenas os que compartilhávamos, mas também aqueles que escondíamos uma da outra. Nem ela nem Rieux tinham a marca, e eu me sentia quase tão incomodada com aquilo quanto pela falta da marca em D'Albret.

Quando tornei a falar, consegui manter a voz calma.

– E em relação à duquesa? A senhora cuidou dela desde que ela usava fraldas. Como pôde deixar D'Albret montar uma armadilha dessas para ela?

Ela fechou os olhos para a verdade e descartou minhas palavras

com um aceno de mão.

– Ele só queria o que lhe foi prometido.

Sua negação firme foi como uma fagulha em um palheiro, e voltei a ferver de raiva.

– Ele ia raptá-la, estuprá-la, declarar o casamento consumado e depois do fato realizar a cerimônia. – Eu me perguntei, não pela primeira vez, se ele era tão brutal com madame Dinan como era com as outras, ou se havia alguma emoção mais terna entre eles.

Ela ergueu seu queixo pequeno e delicado.

– Ela o traiu! Mentiu para ele! Ela foi prometida a ele pelo pai. Ele só estava fazendo o que qualquer homem faria quando essas promessas são quebradas.

– Eu sempre me perguntei o que a senhora dizia a si mesma para conseguir dormir à noite. – Temendo dizer algo que rompesse nossa trégua precária, eu me levantei e me dirigi à porta.

– É a verdade! – a normalmente elegante e refinada madame Dinan gritou comigo como uma mulher da ralé. Embora irritá-la não fosse uma conquista pequena, pouco fez para aliviar a amargura do dia em minha língua.



Não era fácil nem agradável examinar D'Albret à procura de uma marca. Ismae dissera que era um modo de o Deus nos manter humildes, marcando os homens onde nós não pudéssemos ver. Eu dizia que na verdade era o senso de humor perverso do santo, e que, se alguma vez me encontrasse com Ele, iria reclamar.

Mas, depois do espetáculo de traição daquele dia, D'Albret devia estar finalmente marcado para morrer. Foi a única razão para eu ter me permitido ser mandada de volta, porque a abadessa me prometera que ele receberia a marca e que seria eu quem iria matá-lo.

Desta vez, a sorte estava comigo: a criada de quarto era simplesmente Tilde, irmã de Odette. O que significava que eu teria algo com que negociar. Eu a encontrei na cozinha, enchendo jarros com água quente para o banho dele. Quando contei a ela do que precisava, ela olhou para mim com os olhos assustados de uma corça encurralada.

– Mas se o conde descobri-la... – protestou.

– Ele não vai me ver – garanti a ela. – A não ser que você me entregue olhando para meu esconderijo. Não seja burra a esse ponto, e nós duas estaremos bem.

Ela começou a morder os lábios, que já estavam marcados por sua

preocupação constante.

– E a senhora vai tirar Odette daqui? Assim que possível?

– Vou. Vou tirá-la daqui amanhã cedinho, quando a primeira entrega chegar à cozinha. Ela vai estar escondida na carroça quando sair. – Eu ia mandar a garota para fora mesmo que eu e Tilde não chegássemos a um acordo. A menina me lembrava demais minhas próprias irmãs, que, se não fosse por minhas maquinações desesperadas, estariam ali naquele ninho de vespas comigo agora.

Foi a maior discussão que eu tive com meu pai desde que o convento me forçara a voltar para a casa dele seis meses antes. No outono anterior, quando ele se preparava para viajar a Guérande e apresentar seu caso diante da assembleia de barões, estava planejando levar todos os seus filhos. Ele os queria por perto, onde poderia usá-los para seus próprios objetivos e necessidades. Discuti longa e duramente que a pequena Louise era nova – e doente – demais para fazer a viagem. E que Charlotte estava perto demais de virar moça para ficar próxima de tantos soldados. Ele me ignorou e fez a ama delas lhes dar uma boa sova, apenas para me punir, depois ordenou que fizessem as malas.

Mas eu teria feito qualquer coisa para manter minhas irmãs longe das influências sinistras de D’Albret. Inclusive envenená-las.

Não demais. Embora eu não fosse imune a venenos como Ismae, prestara muita atenção às aulas da irmã Serafina, e usei apenas o bastante para deixar minhas duas irmãs e sua ama doentes o suficiente para não poderem viajar.

Botei a culpa na torta de enguia.

A pequena Odette estava correndo exatamente o mesmo perigo que minhas irmãs, mas não tinha a proteção que elas tinham por virtude de seu sangue nobre. Então eu ia levá-la para a segurança de qualquer jeito, apesar de não dizer isso a Tilde.

– Está bem – disse Tilde por fim, seus olhos examinando com atenção o vestido e a touca de criada que eu tomara emprestado. – A senhora com certeza se vestiu bem para o papel.

Dei um sorriso para encorajá-la, quando o que queria fazer era apertar seu pescoço magro para que ela parasse de falar e se apressasse. Isso não iria, entretanto, tranquilizá-la.

Ela me entregou um jarro de cobre. Estava cheio de água muito quente, e tão pesado que quase o deixei cair antes de conseguir segurar as alças. Começamos juntas nossa subida pelas escadas até o quarto de D’Albret. Não encontramos mais nenhum criado no caminho. Na verdade, desde que D’Albret tomara o palácio, a maioria deles permanecia fora de vista o máximo possível. Estavam praticamente invisíveis, como criados encantados de uma história contada em torno do fogo.

Quando entramos no quarto, botei meu jarro no chão ao lado da banheira em frente à lareira e procurei um lugar para me esconder.

Duas paredes eram cobertas por painéis de carvalho entalhados, e duas por belas tapeçarias vermelhas e douradas. Escolhi as tapeçarias, um ponto bem atrás de um baú ornamentado de madeira entalhada, que deveria esconder meus pés de vista, se eles aparecessem por baixo das cortinas.

– Lembre-se, não olhe para cá, não importa o que aconteça.

Tilde se virou para mim com um novo brilho de alarme nos olhos.

– O que poderia acontecer, *demoiselle*? A senhora disse que não ia acontecer nada, que só queria...

– Só quero dizer que não importa quão nervosa você fique ou o que o barão faça, não olhe para cá. Isso pode significar a morte de nós duas.

Os olhos dela se arregalaram, e por um instante achei que ela fosse ter um ataque.

– Pelo bem de sua irmã – lembrei-lhe, na esperança de fortalecer sua decisão.

Funcionou. Ela balançou a cabeça com firmeza e voltou à tarefa de encher a banheira. Entrei em meu esconderijo atrás das tapeçarias de seda penduradas nas paredes e rezei para que elas também não servissem como minha mortalha.

A parede de pedra estava fria contra minhas costas, e havia uma abertura mínima entre as duas cortinas. Se flexionasse levemente os joelhos, nem precisava tocar a seda para conseguir ver o interior do quarto.

Não estava no lugar por mais que alguns momentos quando ouvi um barulho na porta. Tilde congelou, depois voltou a derramar água do jarro na banheira.

A porta do quarto se abriu bruscamente, e o conde D'Albret entrou a passos largos, seguido por alguns vassalos, entre eles meus meios-irmãos Pierre e Julian. Apesar de terem os mesmos pais, eles não se assemelhavam em nada. Pierre era parecido com o pai, de compleição forte e maneiras bruscas, enquanto Julian lembrava a mãe, com traços e modos mais refinados. D'Albret desafiou a espada, e Bertrand de Lur se adiantou para pegá-la dele.

– Quero outro grupo de homens seguindo para Rennes esta noite – disse D'Albret a seu capitão. – Quero que estejam na cidade o mais cedo possível, escondidos entre os cidadãos. Preciso de olhos e ouvidos confiáveis lá, se vamos retaliar a traição dela.

Meu pulso se acelerou.

– Como quiser, milorde. – De Lur pegou a espada e a pôs sobre um dos baús.

D'Albret deu de ombros, ombros maciços como de um touro, e meu

irmão Pierre saltou à frente para pegar seu manto antes que caísse no chão.

– Quero que eles informem sobre o estado de ânimo da cidade, sobre a guarnição, as provisões. Quero saber se a cidade pode suportar um cerco, e por quanto tempo. Eles precisam descobrir quem é leal à duquesa, quem é leal aos franceses, e quais lealdades ainda estão à venda.

– Considere feito, milorde – disse De Lur.

Pierre se inclinou. Seus olhos semicerrados brilhavam.

– E sobre sua mensagem à duquesa? Quando vamos mandá-la?

Como um bote de serpente, D’Albret estendeu o braço e lhe deu um tapa na boca.

– Eu lhe dei permissão de falar sobre o assunto, fedelho?

– Não, milorde. – Pierre esfregou o sangue do lábio cortado, parecendo ressentido e mal-humorado. Eu teria ficado com pena, mas ele tinha trabalhado com tanto afinho para ficar igual a D’Albret que não senti nada além de desprezo.

O quarto ficou em silêncio, e desviei o olhar para ver D’Albret melhor. Ele estudava Tilde, que estava cuidadosamente concentrada no jarro de água fumegante que derramava na banheira.

– Deixem-me com meu banho – disse D’Albret para os outros.

Com um ou dois olhares maliciosos na direção de Tilde, eles rapidamente se dispersaram.

Pude ver o véu de linho de Tilde movimentando-se enquanto ela tremia de medo. D’Albret deu dois passos em sua direção e entrou totalmente em meu campo de visão pela primeira vez. Ele segurou o queixo dela com os dedos e ergueu sua cabeça para poder ver seu rosto.

– Você sabe que não deve falar sobre o que escuta em meus aposentos, não é?

Ela continuava desviando o olhar.

– Sinto muito, milorde. O senhor terá de falar mais alto. Meu pai me batia tanto nos ouvidos que eu tenho problemas para escutar.

Que garota esperta! Tinha cada vez mais estima por Tilde, mas aquele truque não seria suficiente para salvá-la.

D’Albret a estudou por um bom tempo.

– Mesmo assim – disse ele, e Tilde virou a cabeça de lado como se estivesse se esforçando para escutá-lo. Ele a estudou por mais alguns segundos antes de soltar seu queixo.

D’Albret estendeu os braços para os lados, uma ordem silenciosa para que ela removesse sua camisa. Quando Tilde se aproximou para puxá-la por cima de sua cabeça, os olhos dele examinaram seu corpo magro de cima a baixo, e vi o momento exato em que seu desejo foi despertado. O porco no cio iria levá-la para a cama antes de mandar

matá-la.

Agora eu precisava encontrar um modo de retirar Tilde do palácio, além de sua irmã mais nova. A menos que tivesse uma oportunidade de matar D'Albret antes disso.

Tilde tirou a camisa dele e se afastou.

O peito de D'Albret tinha a forma de um grande barril de vinho. A carne possuía a palidez branca de um peixe, mas, em vez de ser coberta de escamas, era coberta por pelos negros grossos. Ignorei minha repulsa e me obriguei a examinar seu corpo. Mortain certamente o teria marcado para a morte.

Mas em nenhum lugar em meio a todo aquele pelo estava a marca que eu procurava. Nem uma mancha, nem uma sombra, nada que me permitisse matar aquele monstro com a bênção de Mortain. Minhas mãos agarraram as tapeçarias de seda das paredes e eu as amassei em meus punhos. Seria perigoso demais atacá-lo diretamente. Talvez Mortain tivesse a intenção de que eu o apunhalasse pelas costas ou perfurasse a base de seu crânio com uma lâmina fina como uma agulha.

D'Albret desamarrou as calças, tirou-as e entrou na banheira. Estiquei o pescoço para tentar ter um vislumbre de suas costas, mas não conseguia ver daquele ângulo.

Quando Tilde começou a se afastar, ele estendeu o braço e a segurou pela mão. Ela ficou imóvel, com medo de se mexer. Lentamente, com os olhos em seu rosto, ele puxou a mão dela para dentro da banheira, para dentro da água, seus lábios ficando frouxos com a antecipação do prazer.

Por favor, Mortain, não! Não podia assistir àquilo, ou teria de matá-lo, com ou sem a marca.

Como um bando de pombos assustados, todos os alertas das freiras passaram pela minha cabeça: matar sem a marca era matar fora da graça de Mortain, e poria em risco minha alma imortal. Ela seria separada de mim para sempre e obrigada a vagar perdida por toda a eternidade.

Mas eu não podia ficar ali e vê-lo estuprá-la. Ainda sem saber ao certo o que pretendia fazer, comecei a me mover lentamente para fora de meu esconderijo e a pegar minhas facas. Uma batida brusca na porta interrompeu meus movimentos.

– Quem é? – resmungou D'Albret.

– Madame Dinan, milorde.

D'Albret soltou a mão de Tilde (o suspiro de alívio foi dela ou meu?), depois apontou a porta com a cabeça. A criada correu para abri-la e permitir a entrada de madame Dinan.

Ela lançou rapidamente seu olhar irritado na direção da mulher mais jovem e bonita.

– Saia – ordenou à garota. – Eu vou cuidar do conde.

Tilde não esperou que D’Albret concordasse antes de sair em silêncio do quarto, provando mais uma vez ter a cabeça no lugar.

Quando os dois estavam sozinhos, D’Albret levantou da banheira, e tive uma visão clara de suas costas. A água escorria por seu pelo negro e denso como um rio correndo sobre rochas, mas não havia marca. Nem mesmo uma mancha ou sombra que eu pudesse fingir ser a de Mortain.

A decepção me atingiu como um soco, e me senti enjoada. Não era apenas um azedume no estômago, mas uma dor no coração. Verdadeiro desespero. *Se aquele homem não estava marcado, então como Mortain podia existir?*

Na esteira desse pensamento, cheguei a uma conclusão mais bem-vinda. *Se Mortain não existisse, então como poderia haver qualquer risco de sair de Sua graça?*

Mas eu tinha certeza de que Ele não existia? Certeza suficiente para arriscar minha alma imortal?

Antes que pudesse chegar a uma decisão, a porta do quarto se abriu de repente, e D’Albret levou um susto.

– Quem está aí?

A voz do marechal Rieux carregava um leve tom de desgosto.

– Peço perdão pela inconveniência, mas os batedores voltaram de Ancenis.

– E isso não podia esperar até a manhã? – perguntou D’Albret.

Tive certeza de que D’Albret ia atacar Rieux bem onde ele estava pela enorme insolência de interrompê-lo, mas ele não fez isso. Ou Rieux tinha nascido sob a proteção das estrelas, ou D’Albret necessitava dele para alguma coisa e ainda não desejava destruí-lo.

– Não, não podia. O que o capitão Dunois nos contou é verdade. Os franceses tomaram Ancenis. Precisamos enviar uma demonstração de força imediatamente para ajudar a defendê-la.

– Precisamos? – perguntou D’Albret, e houve outra pausa que fez meu estômago congelar.

– Mas é claro!

Pela minha fresta na cortina, vi madame Dinan franzir o cenho enquanto alisava várias vezes a saia, apesar de não haver um único amarrotado visível. D’Albret inclinou a cabeça.

– Muito bem. – Ele permitiu que Dinan o ajudasse a vestir seu *robe de chambre*, depois se virou para Rieux.

– Sua espada. – D’Albret estendeu a mão, e meu coração se acelerou. Agora o tolo tinha conseguido. Havia aborrecido D’Albret demais.

O marechal Rieux hesitou. D’Albret levou o indicador aos lábios, como se para compartilhar um segredo. Eu não conseguia assistir.

Embora não me importasse com Rieux, o homem pelo menos havia tentado preservar os padrões de honra. Desviei os olhos, virando-os para a esquerda, para longe da fresta nas cortinas pela qual eu estava observando a todos.

Eu lembro do sangue...

Tive vontade de botar as mãos nos ouvidos como uma criança, mas não quis soltar as facas.

Houve um retinir de aço quando Rieux sacou sua espada, seguido por um ruído surdo e suave quando D'Albret a bateu contra a palma da mão. Um momento de silêncio, depois um silvo baixo quando a lâmina fez um arco pelo ar. Ele foi seguido por um som de corte quando a cortina de seda à minha direita foi rasgada em dois. Um silêncio de surpresa encheu o quarto enquanto a metade de baixo lentamente se amontoava no chão.

Fiquei o mais imóvel possível, encolhida bem à esquerda e rezando para não ser vista atrás do pedaço restante de cortina. Meu coração ameaçava sair a galope de meu peito. Por pouco. Por muito pouco.

– Qual o problema, milorde?

– Achei ter ouvido alguma coisa. Além disso, odeio essas tapeçarias. Providencie para que elas tenham sido retiradas quando eu voltar. Agora vamos, vamos ouvir o que os batedores têm a dizer.

Então, de modo tão repentino que me deixou sem fôlego, todos eles deixaram o quarto e fiquei encolhida atrás da cortina restante olhando fixamente para uma banheira cheia de água esfriando. Fechei os olhos e senti um calafrio. Tinha passado muito perto da morte.

Pelo menos teria sido rápida.



Ainda estava tremendo enquanto seguia para os alojamentos dos criados e começava a procurar em meio aos corpos adormecidos no chão. O aposento cheirava a suor frio de nervoso e ao hálito malcheiroso de tanta gente amontoadada junta, apesar de seu grande número ajudar a mantê-los aquecidos. Abri caminho através deles, procurando por Tilde, mas havia tantas jovens enroladas em cobertores e lenços de cabeça, e qualquer outra coisa que pudessem encontrar para aquecê-las, que era uma tarefa impossível. Odette, então. Mas havia poucas crianças ali, e todas elas meninos, os pajens usados pelo palácio para levar e trazer coisas e mensagens. O que significava que Odette não estava ali.

Talvez ela ainda estivesse na capela. *Por favor, que eu não chegue tarde demais*, rezei enquanto saía em silêncio dos alojamentos dos

criados e me apressava pelas passagens silenciosas de pedra para procurar por elas lá.

No momento em que entrei na capela, soube que não estava sozinha.

Havia duas pulsações perto, em algum lugar. Mas essa não era minha única companhia. Também havia um sudário congelante pairando sobre o ambiente. Algo incômodo, que lembrava o bater de asas de uma mariposa, passou silenciosamente sobre minha pele. Fantasmas. Atraídos pelo calor da vida como abelhas atraídas por néctar. Na verdade, eu nem precisei procurar por Odette e Tilde; os fantasmas pairavam famintos acima do lugar onde estavam escondidas.

Corri até lá e espantei os fantasmas com a mão. Tilde estava segurando Odette, que dormia, e lentamente virou-se para mim. Seu rosto, tenso e branco, relaxou de alívio ao ver que era eu.

– Estava com medo de que você não viesse – sussurrou ela.

Fiquei magoada por ela não acreditar que eu fosse fazer o que havia prometido, e lhe fiz uma cara feia.

– Eu disse que viria, não disse? Fui até o alojamento dos criados primeiro. Aqui. Vou segurar a menina enquanto você se veste.

Tilde franziu o cenho, intrigada.

– Por quê?

Pus sobre o banco uma trouxa de roupas de homem – roubadas dos criados mortos, apesar de não contar isso para ela – e peguei Odette adormecida de seus braços.

– Você não iria sobreviver a esta noite – disse a ela, com cuidado para manter minha voz calma. – Não depois de ter ouvido os planos de D’Albret. Preciso tirar vocês duas daqui imediatamente.

O rosto dela relaxou, sua boca estremeceu, e temi que ela começasse a chorar.

– Depressa! – resmunguei. – Talvez você ainda me amaldiçoe antes que a noite termine.

Ela tirou o vestido e pôs as roupas que eu trouxera. Quando terminou, despertamos Odette e a vestimos com os trajes masculinos. Eram grandes demais, e quando tirei a faca para cortar as pernas das calças, ela e Tilde se encolheram de medo.

– *Débile!* – rosnei. – Não vim até aqui nem arrisquei tanto só para matar vocês. Fiquem paradas. – Com o medo segurando-a no lugar, Odette ficou de pé enquanto eu cortava suas calças até ficarem curtas o suficiente para que não tropeçasse nelas.

– Fique bem parada, agora – alertei-a. Antes que ela ou Tilde pudessem protestar, levei a mão com a faca até seus cabelos fartos e encaracolados e os cortei.

– Meu cabelo! – exclamou a garota, levando uma das mãos à

cabeça aparada.

– Não seja tola – repreendi-a. – É só cabelo, e vai crescer de novo, mas, esta noite, só vai atrapalhar. Você precisa fazer as pessoas pensarem que é um menino. De qual pajem você gosta mais?

Ela torceu o nariz.

– Nenhum.

Boa menina, pensei.

– Então qual você acha o mais irritante?

– Patou – disse ela sem hesitação.

– Perfeito. Finja que você é Patou. Faça todas as coisas irritantes que ele faz, caminhe como ele caminha, cuspa como ele cospe. Você precisa fazer todas essas coisas hoje à noite.

Ela olhou para mim desconfiada. Eu me inclinei para a frente.

– É um jogo. Uma peça que você precisa pregar em todo o palácio. Para provar que uma menina pode ser melhor que um menino. Você consegue fazer isso?

Ela olhou para Tilde, que concordou com a cabeça, depois virou de volta para mim, e fiquei aliviada ao ver que um pouco do medo havia deixado seu rosto.

– Sim – sussurrou ela, tão baixo e delicadamente que ninguém poderia confundir sua voz com a de um menino.

Virei-me para Tilde.

– Tente fazer com que ela não fale. A voz dela vai entregá-la. – Então ergui minha faca. – Preciso fazer o mesmo com você.

A criada não hesitou, aproximando-se para ficar a meu alcance.

– Jamais poderei pagar a você – murmurou.

– Vocês só precisam sair daqui livres – disse eu enquanto cortava seu cabelo. – Isso é pagamento suficiente.

Uma hora mais tarde, elas estavam enfiadas em segurança no assento da carroça de excrementos. No início, Odette protestou em voz alta.

– Mas *izzo* fede! – disse ela, apertando o nariz.

Lancei um olhar malicioso para Tilde.

– Avisei que vocês talvez não me agradecessem, mas é a única carroça que sai durante a noite e pode levá-las para a cidade sem perguntas.

– Está bem – disse Tilde através do lenço que tinha posto sobre o rosto para diminuir o cheiro. Nós nos encaramos por um instante, e a gratidão que vi em seus olhos me deixou feliz, me fez pensar que ainda restava alguma coisa boa dentro de mim. Estendi o braço e segurei sua mão. Apertei-a.

– Seja forte. Quando chegar à cidade, vá para o convento de St. Brigantia. Diga a elas... diga a elas que a abadessa de St. Mortain pediu que lhes dessem santuário.

Os olhos de Tilde se arregalaram, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o homem da carroça de excrementos chamou:

– Vão ficar conversando a noite toda, ou posso fazer meu trabalho?

– Quietos. Você recebeu seu pagamento – lembrei-lhe.

Ele cuspiu para o lado.

– Não vai me servir de nada se eu não sair daqui.

Era verdade.

Enquanto eu os via sair, fui tomada de uma necessidade quase avassaladora de partir com elas do pátio do estábulo e passar pela torre da guarda até as ruas da cidade, onde eu poderia me perder em meio à multidão de pessoas. Dei um passo, mais um, então parei. Se fosse com elas, D’Albret mandaria um contingente inteiro de homens atrás de nós. As chances de Tilde e Odette escaparem eram muito maiores sem mim.

Além disso, eu tinha sido enviada ali para fazer um trabalho e, como o último cavaleiro que contivera os homens de D’Albret naquela tarde, eu não iria deixar o campo até que ele estivesse terminado.



Não fazia nem meia volta da ampolheta que eu estava na cama quando começou o arranhar em minha porta. No início, era suave, não mais que um sussurro de folhas ao vento ou o roçar de galhos contra um muro. Fiquei imóvel na cama, ouvindo com mais atenção. Então aconteceu de novo. Dessa vez mais nitidamente. Meu coração começou a bater fortemente, e ergui nitidamente a cabeça do travesseiro.

Scratch, scratch, pausa, scratch, scratch, scratch.

Era Julian, usando o código secreto que tínhamos inventado quando crianças, dezenas de vidas atrás. Mas não era uma brincadeira infantil que ele queria naquela noite. Eu me afundei mais no colchão e puxei as cobertas por cima dos ouvidos, depois ouvi um estalido metálico abafado quando ele ergueu o trinco. Fiquei absolutamente imóvel e mantive a respiração estável, rezando para que ele fechasse a porta e seguisse adiante, e ficando aliviada quando ele fez isso.

Mesmo assim, o arranhar me perseguiu em meus sonhos e os transformou em pesadelos.

Capítulo Quatro

FUI DESPERTADA PELA MANHÃ QUANDO minhas duas damas de companhia entraram no quarto. Jamette de Lur vinha na frente, parando brevemente para segurar a porta aberta para Tephane Blaine, que carregava uma bandeja.

– A senhorita soube? – perguntou Jamette.

Ela era uma garota vaidosa e tola, afeita a fazer drama e a se achar superior, e sentia muito prazer com o descrédito de D’Albret por mim.

– Bom dia para você também – disse lentamente.

Ao ser lembrada de sua posição, ela enrubescceu de leve, em seguida fez uma reverência de má vontade.

– Bom dia, *milady*.

– Que notícia é essa a qual você entrou gritando?

Ela ficou dividida entre negar que estivesse gritando e começar a narrar seu drama. O drama ganhou.

– Eles descobriram um ninho de traidores e rebeldes ontem! Se não tivessem agido rápido, todos nós podíamos ter sido mortos em nossas camas.

Então essa era a história que D’Albret e os outros estavam espalhando. Houve um leve chacoalhar quando Tephane pôs a bandeja sobre uma mesa.

– Além disso, uma criada desapareceu durante a noite.

Eu saí debaixo das cobertas e fiquei de pé.

– Nossa, o castelo esteve agitado enquanto eu dormia! Mas essa criada com certeza só se escondeu para encontrar o amante.

Tephane olhou para mim com uma expressão preocupada, e percebi que ela estava realmente assustada.

– Eles revistaram o castelo de cima a baixo e não encontraram nem sinal dela.

Jamette virou a cabeça e me entregou meu *robe de chambre*.

– Alguns dizem que ela estava ligada aos traidores.

Débile! Eu devia ter previsto isso. Estive tão preocupada com tirá-las dali o mais rápido possível que não parei para considerar o momento.

– Soube que ela foi morta por ver algo que não devia – disse Tephane ao me dar uma caneca de vinho quente.

Minha cabeça se ergueu bruscamente para estudá-la com mais atenção, mas ela não parecia estar insinuando nada.

– Onde você ouviu isso?

Ela deu de ombros.

– Os criados estavam comentando quando fui buscar sua bandeja.

Eu não disse nada e bebi o vinho, levando um momento para me recompor.

Os olhos de Jamette se arregalaram.

– Talvez os fantasmas a tenham pegado.

Contive um suspiro. Será que eu teria que desistir totalmente de dormir para ficar informada do que acontecia no castelo?

– Que fantasmas? – perguntei.

– Os da torre velha. Ela é muito assombrada, de verdade. Muitos já ouviram os fantasmas gemendo e gritando e fazendo um barulho terrível.

Tephanie fez o sinal da cruz e virou-se para mim.

– Aqui está sua *chemise* limpa, *milady*.

Pus meu vinho na mesa e tirei o *robe*. O rosto de Tephanie ficou corado de vergonha enquanto ela me ajudava a vestir minha combinação.

– *Milady* está emagrecendo – murmurou. – A senhorita devia procurar comer mais.

Embora não pudesse evitar desejar que ela fosse menos observadora, fiquei inexplicavelmente tocada por ela ter percebido.

– Não ajuda sua aparência em nada a senhorita insistir em usar todas essas cores escuras – disse Jamette, segurando um vestido estampado de brocado negro. – Faz a senhorita parecer extremamente pálida. – O que a irritava era minha pele ser mais clara que a dela.

– Infelizmente o tempo que passei no convento de St. Brigantia reduziu meu amor por luxos materiais – disse a ela. Desde que tornara a viver na casa de D’Albret, passara a usar apenas cores sombrias, não devido a alguma religiosidade recém-descoberta, mas em respeito a todos os assassinados por ele.

Tephanie me entregou a corrente de prata da qual pendia meu crucifixo especial e me ajudou a prendê-la em torno da cintura. A corrente também tinha nove contas de rosário de vidro, uma para cada um dos santos antigos, e cada uma delas cheia de veneno.

– Se nos apressarmos – disse ela –, podemos ir à missa desta manhã.

Eu olhei para ela.

– Você *quer* ir à missa?

Ela deu de ombros.

– Parece um bom dia para isso.

– Tephanie, minha ratinha, por que perdão você precisa rezar? –

Seus pecados só podiam ser os de uma criança, desejar um doce ou um vestido novo. Mas ela ficou vermelha de vergonha, e senti uma pontada de culpa por tê-la provocado. – Vá – disse a ela. – Vá à sua missa.

Ela pareceu decepcionada.

– A senhorita quer dizer sozinha?

– Eu não desejo rezar por perdão.

– Apesar de precisar disso mais que a maioria, o Santo Pai que o saiba – murmurou Jamette. Fingi não a ouvir, mas acrescentei isso à sua longa lista de transgressões.

– Espere – disse a Tephanie. – Você tem razão. Com rebeldes e fantasmas à espreita em todo canto, não é seguro circular pelos corredores deste castelo. – Elas não perceberam minha ironia, mas a verdade era que tínhamos mais a temer daqueles que diziam nos proteger do que de qualquer rebelde ou espírito.

Ajeitei a saia e depois corri até um de meus baús. Peguei duas de minhas menores facas e me virei para elas.

Os olhos de Tephanie se arregalaram.

– Onde a senhorita conseguiu isso? – perguntou ela.

– Com meus irmãos, boba, onde você acha? Aqui. – Entreguei uma para ela. – Leve na corrente em sua cintura. Você também. – Dei a segunda para Jamette. – Agora, corra ou vai perder sua missa – disse para Tephanie.

– Mas...

– Quando terminar, venha nos encontrar no solário. – Ao perceber que ela nunca iria sair a menos que eu ordenasse, acrescentei: – Você está dispensada.

Após um momento de hesitação, ela fez uma leve reverência e então, ainda com a faca na mão, saiu apressada do quarto.

Depois que ela foi embora, sentei para que Jamette pudesse pentear meu cabelo. Na verdade, eu podia fazer um trabalho melhor sozinha, mas a irritava ter de me servir, por isso eu me divertia passando a tarefa para ela. Quase não valia a pena, pois ela era intencionalmente brusca e, em certos dias, como aquele, eu temia que fosse arrancar todo o cabelo de minha cabeça. Eu sentia falta de Annith e Ismae, com suas mãos delicadas e modos tranquilos. Sem falar em suas inteligências afiadas. Meu coração se contorceu de saudade, quente e amarga.

Enquanto olhava com ressentimento para o reflexo de Jamette no espelho, vi que ela estava com um anel novo no dedo, cravejado de pérolas e com um rubi. Um prêmio, sem dúvida, por levar notícias de meus movimentos e atividades para meu pai. Não pude evitar odiá-la por isso. Já me sentia aprisionada e sufocada. Saber que ela relatava cada passo meu a ele tornava quase impossível respirar.



Depois de me vestir e tomar o café da manhã, não havia nada a fazer além de me juntar às damas no solário. Não ousei nenhuma espionagem naquele dia, pois meu pai e seus homens sem dúvida estariam especialmente alertas nos dias vindouros. Eu devia estar satisfeita com o que realizara na véspera, pois *tinha* realizado muito, lembrei a mim mesma. Havia salvado a duquesa da armadilha de D'Albret e levado Tilde e Odette para a segurança. Havia muitas semanas que não obtinha nenhuma vitória como essas.

Com um suspiro de resignação, peguei minha cesta de costura. Pelo menos teria algo divertido para ocupar a mente: tramar a melhor maneira de matar os dois barões com a marca. Sorrindo, abri a porta do quarto e quase bati de frente com...

– Julian! – disse, e toda a alegria que eu estava sentindo se desfez em pó. – O que está fazendo aqui tão cedo?

– Vim lhe desejar um bom dia, querida irmã. – Ele olhou para Jamette, que o mirava com uma expressão apaixonada. – Precisamos conversar em particular por um instante, por favor.

Parecendo desapontada, Jamette fez uma reverência e, antes que eu pudesse pensar em uma desculpa para mantê-la por perto, saiu.

– O que houve? – perguntei, e meu rosto demonstrando preocupação.

A expressão de Julian estava cuidadosamente inexpressiva.

– Onde você estava ontem à noite?

Meu coração bateu dolorosamente contra minhas costelas.

– Estava aqui, em meu quarto... onde estava você?

Ele ignorou minha pergunta.

– Então por que não respondeu quando bati?

– Tomei uma tisana para dormir. Estava com uma dor de cabeça terrível.

A expressão de Julian relaxou, e ele ergueu a mão para botar uma mecha de meu cabelo no lugar.

– Eu podia ter aliviado sua dor de cabeça se soubesse.

Presa por todos os meus segredos que ele sabia, sorri para ele e lhe dei um tapinha bem-humorado no peito.

– Então, da próxima vez, bata mais alto.

Quando ele sorriu de volta, soube que tinha acreditado em mim. Quando ergueu minha mão e deu um beijo demorado nela, eu me perguntei, pela centésima vez, como fui deixar o convento me convencer a voltar para minha família.

Capítulo Cinco

APÓS UMA SEMANA DE CHUVA presos dentro do castelo com D'Albret e suas grandes desconfianças, estávamos todos no limite de nossa sanidade mental. Eu ainda mais que os outros, pois tinha dois assassinatos que estava ansiosa por cometer, o que era quase impossível com tantos criados por perto.

Como não tinha nada além de tempo nas mãos, considerei com cuidado minhas opções. A irmã Arnette acreditava que me armar era seu maior desafio, pois muito poucas servas da Morte tiveram de se manter infiltradas por tanto tempo. Ela tinha me dado quase doze facas, a maioria delas compridas e finas, fáceis de esconder. Eu já havia perdido quatro delas desde então, tendo sido forçada a deixá-las com suas vítimas. Também possuía um bracelete grosso de ouro que continha um garrote, mas não tinha besta nem *rondelles* para arremessar, pois eram difíceis demais de ocultar ou de justificar sua posse.

Como os barões eram aliados de meu pai, eu tinha de ser sutil. Se deixasse uma trilha de homens assassinados atrás de mim, D'Albret iria virar sua casa de cabeça para baixo à procura do responsável. Uma facada podia ser atribuída a alguma disputa entre soldados ou a um ladrão na noite, mas um enforcamento por garrote, nunca. E dois desses incidentes deixariam D'Albret desconfiado e cauteloso.

Apesar de veneno ser a arma de que menos gostava, costumava ser a melhor escolha quando a sutileza era necessária. Além disso, com a praga tendo passado tão recentemente por Nantes, seria bem fácil fazer parecer que aqueles homens tinham simplesmente adoecido e morrido.

Fazê-los tomar o veneno seria mais difícil do que deveria. Eu não podia simplesmente botá-lo na comida deles, pois comiam com as outras pessoas e, por mais que eu não gostasse de ninguém ali, não estava disposta a envenenar todos. Pelo menos, ainda não.

Podia botar uma vela cheia de Murmúrio da Noite no quarto de cada um, mas havia uma boa chance de que um coitado de um criado as acendesse para eles e respirasse sua fumaça mortal, e eu não tinha nenhum desejo de ver mais inocentes morrerem.

Talvez fosse possível visitar um deles com um jarro de vinho

envenenado, fingindo seduzi-los, mas isso não iria funcionar com os dois. Também seria difícil de armar, pois Jamette vivia grudada em mim como um espinho em carne macia. Julian também estava me vigiando mais de perto que o normal, desde que havia me descoberto na torre norte.

Talvez o Laço de Saint Arduinna, mas eu teria de tomar cuidado na escolha de qual de seus objetos pessoais envenenar. Precisava ter certeza de que apenas as vítimas certas iriam tocá-los.

No fim, foi Julliers quem forneceu a solução para meu problema. Ele era exigente em relação a suas mãos e tinha mais luvas do que eu tinha vestidos. Achei bem fácil deixar o grande salão cedo, uma noite, entrar no quarto dos dois barões enquanto eles e seus escudeiros estavam jantando, e aplicar o veneno no interior de suas luvas de caça. Mesmo assim, foi por pouco, pois encontrei Jamette quando estava voltando para o salão.

– Onde você estava? – perguntou ela.

– Fui à latrina – disse a ela bruscamente. – Devo convidá-la para vir comigo na próxima vez?

Ela torceu o nariz e me seguiu para dentro do salão. O pequeno recipiente de veneno parecia pesado em meu bolso, e gostaria de tê-lo levado de volta para meu quarto assim que possível. Em vez disso, ao ser descoberta por Jamette, não tive escolha além de voltar ao salão com a prova de meu crime ainda comigo.



Dois dias depois, a chuva finalmente parou, e todos estávamos ansiosos para sair do palácio, que tinha começado a parecer demais com uma prisão. Julian, Pierre e alguns barões, Julliers e Vienne entre eles, organizaram uma caçada, e não foi muito difícil conseguir que eu e minhas damas de companhia fôssemos convidadas a acompanhá-los. Claro que eu não precisava estar na caçada para que o veneno funcionasse, mas preferia acompanhar um serviço até o fim.

Além disso, temia enlouquecer de novo se não saísse do castelo, mesmo que por apenas algumas horas.

O batedor ia na frente, seguido pelos tratadores e seus cães, que estavam fazendo barulho, rosnando e latindo em sua avidez para se soltar das guias. Certifiquei-me de me posicionar perto de Julliers e Vienne, mas tomei o cuidado de não prestar nenhuma atenção neles, para que ninguém me percebesse fazendo isso.

Pierre estava torcendo por um veado, mas o batedor não conseguiu encontrar uma trilha. O que talvez tenha sido bom, já que o solo

estava espesso e enlameado após uma semana de chuva, e os cavalos podiam facilmente atolar e quebrar uma pata se fôssemos perseguir um veado. Em vez disso, fomos atrás de caça pequena, por isso levamos nossos falcões.

O meu estava pousado em meu pulso, seu pequeno capuz de couro com suas penas coloridas azuis e vermelhas cobrindo seus olhos e mantendo-o calmo em meio à confusão. Ele fora presente de Julian em meu aniversário de doze anos. Quando fugi para o convento, ele cuidou dele pelos três anos em que eu estive ausente, como se soubesse que eu voltaria. Quando eu retornei, ele tinha se acostumado tanto a Julian que, no início, só ia no braço dele, não no meu.

Assim que deixamos os muros da cidade, meu falcão ficou agitado, virando a cabeça de um lado para o outro, fazendo tilintar os pequenos guizos presos à tira de couro atada à sua pata. Tínhamos chegado ao ponto exato onde os homens da duquesa haviam encontrado sua morte poucos dias antes, e me perguntei se a criatura sensível podia sentir a presença persistente da morte. O grito pungente do último cavaleiro a morrer ecoava em meu coração, deixando-me nervosa.

– Está tudo bem?

Ergui os olhos e vi que Julian tinha aproximado sua montaria da minha.

Olhei de relance para ele, com cuidado para ocultar minha agitação e assumir uma expressão irritada.

– Além de metade de nosso grupo ser de tolos? Sim, tirando isso, está tudo bem.

Ele sorriu.

– Ainda bem que você decidiu vir, eu teria morrido de tédio sem você. Talvez tivesse até de atirar em um dos barões só por diversão. Eles ficariam agradecidos se soubessem que sua presença os poupou de tal destino.

Suas palavras me deixaram desconfiada. Será que ele estava jogando verde? Será que desconfiava que eu era responsável por várias mortes em nosso lado nos últimos meses? Retorci a boca em um sorriso cruel.

– Não pense que deve resistir a atirar neles por minha causa. Eu também gostaria de alguma diversão.

Julian riu, um som gostoso e fácil que ajudou muito a aliviar minhas preocupações.

– Ver Pierre seduzir a esposa do barão Vienne debaixo do nariz dele devia ser diversão suficiente.

Virei o olhar para Pierre. Ele estava flertando abertamente com uma dama de seios fartos vestindo veludo vermelho-escuro. Fiquei me perguntando o que ela via nele. Ele era musculoso e tinha um tronco

em forma de barril como nosso pai, seu cabelo negro, comprido e escorrido. Tinha a boca grossa e vermelha, como a de uma garota.

Havia muito ódio entre Pierre e mim. Quando ele tinha doze anos, quis provar que não era apenas um menino, mas um homem crescido, e fez isso me obrigando a dar nele meu primeiro beijo, quando eu tinha apenas nove anos.

Eu fiquei tão assustada pelo beijo, tão surpresa e afrontada com aquela violação de minha pessoa, que reagiu do único jeito que sabia: o beijei de volta. Não simplesmente quando seus lábios estavam grudados nos meus. Em vez disso, esperei até que ele estivesse ocupado polindo a armadura de nosso pai, saltei em cima dele como tinha visto Marie, a criada dos andares de cima, fazer com um dos soldados, agarrei suas bochechas macias com as mãos e lhe dei um sonoro beijo nos lábios.

A cicatriz que enfeitava sua sobrelanceira esquerda ficava onde eu o acertara com a bainha da espada de nosso pai quando ele tentou forçar um segundo beijo.

Mas, se eu raramente tinha oportunidade de me sentir grata a Pierre, naquele dia, eu tinha. Se Pierre estava cortejando a mulher de Vienne, qualquer desconfiança sobre a morte do seu marido iria cair sobre os ombros dele, não sobre os meus.

Virei-me para Julian com um sorriso malicioso.

– Quanto tempo vai levar até o barão Vienne perceber que está sendo chifrado?

Julian devolveu o sorriso.

– Não muito, pois Pierre não vai se divertir de verdade até poder esfregar isso no nariz do barão.

Como estávamos falando do barão, permiti que meu olhar se desviasse para ele e Julliers. Pude sentir as batidas aceleradas do coração de ambos, como dois cavalos galopando rápido ao longe, logo além da audição. Gotas de suor tinham começado a se formar na testa de Julliers, mas Vienne não mostrava sinais de sofrimento. Ele era mais pesado que Julliers, por isso sem dúvida precisaria absorver mais veneno antes que os sintomas ganhassem força.

Antes que Julian ou eu pudéssemos dizer mais alguma coisa, o batedor soou sua trompa. Era hora de caçar.

Removi o capuz de meu falcão, que agitou as asas. Pronto, seus olhos aguçados e precisos examinaram o campo. Eu o lancei de meu braço, invejando dolorosamente sua liberdade quando ele se ergueu no céu, voando em círculos uma, duas vezes, à procura de sua presa.

Mas eu tinha minha própria presa. Os dois barões haviam ficado pálidos, e o braço esquerdo de Julliers pendia inútil ao lado de seu corpo. Se ele estava sentindo dormência nos membros, então não iria demorar muito.

Então o batedor tocou outra vez sua trompa, e os cães foram soltos das guias. A matilha saiu correndo na direção dos arbustos para assustar a caça. Seguiu-se um farfalhar frenético de asas quando perdizes assustadas voaram para longe.

Como pedras pesadas lançadas por uma catapulta, os falcões mergulharam do céu e se lançaram sobre suas presas. Seguiu-se uma série de ruídos surdos.

Mas um falcão, o meu, ainda estava se movendo; um coelho solitário também tinha sido espantado das moitas. O grito de morte da pobre criatura foi pungente no silêncio da floresta, e todos os nervos em meu corpo se agitaram, pois o ruído feito por um coelho morrendo era assustadoramente parecido com o produzido por um homem morrendo. Quando o falcão voltou, estendi o braço e preendi a respiração, esperando para ver a qual pulso ele iria retornar. Quando pousou no meu, decidi considerar um bom presságio.

Olhei mais uma vez para os dois barões e me perguntei novamente por que Mortain os havia marcado para morrer, mas não D'Albret. Seus pecados e traições eram pequenos em comparação aos dele.

Isso teria me feito questionar a própria existência de Mortain se eu não precisasse tão desesperadamente acreditar n'Ele. Pois, se Ele não era meu pai, então D'Albret era, e isso eu não poderia suportar.



Tomados pelo prazer de nossa caçada matinal, voltamos para o castelo. Julliers tinha dado seu falcão para o cavaleiro, e Vienne cambaleava como bêbado em sua sela. Embora estivesse satisfeita por ver o veneno funcionando, senti uma pontada de arrependimento por não ter podido usar minhas facas. Elas ofereciam um fim muito mais rápido e limpo, e eu não tinha apetite pela morte lenta de barões moles e mimados.

Todos estavam felizes pela manhã, menos Jamette, cujo pequeno milhafre pegara apenas um arganaz.

– Ainda bem que não temos de comer apenas o que apanhamos – provoquei-a.

Estávamos quase chegando aos muros da cidade quando senti alguém me observando. Não era Julian, pois Jamette estava tentando puxar conversa com ele. Nem Pierre, que, aproveitando-se do estado de saúde de Vienne, estava praticamente fazendo amor com a mulher do outro em plena vista de todos nós. Olhei por cima do ombro, mas não havia ninguém ali.

Virei-me para trás em minha sela. Será que as tropas francesas

estavam tão próximas que podiam ter batedores por perto? Ou parte da guarnição de Rennes tinha ficado para trás para observar os movimentos de D'Albret?

Ou talvez não fosse algo vivo que eu sentia, mas a alma de algum daqueles homens que tinham morrido de maneira tão violenta no campo de batalha.

Olhei mais uma vez para trás. Quando fiz isso, um corvo voou de uma árvore distante para outra mais próxima. Sua asa esquerda era torta, como se já tivesse sido quebrada.

Merde.

Virei-me de volta bruscamente. Era meu próprio corvo. O que a irmã Widona resgatara e mantivera em uma gaiola logo que eu tinha chegado. Ela usara a criatura assustada e ferida para me tirar do lodaçal em que minha mente tinha mergulhado. Sem aquele corvo, talvez eu ainda estivesse lá.

O convento tinha me mandado uma mensagem. Fazia quatro longos meses desde que eu tivera notícias de lá, e quase havia perdido a esperança de voltar a recebê-las. Mas agora havia uma mensagem. Meu espírito se elevou, como o falcão tinha feito momentos antes. Talvez a velha irmã Vereda tivesse Visto o que eu não havia conseguido: a morte de D'Albret.

– Você parece nervosa. – A voz de Julian arrancou minha mente de seu devaneio. O momento da chegada do corvo não podia ter sido pior.

– Nem um pouco – disse eu.

Sempre com ciúmes da atenção que Julian dava a mim, Jamette meteu seu nariz comprido na conversa.

– Por que aquele corvo está seguindo você? – perguntou ela.

– Você está vendo coisas – disse eu, com escárnio. – Ele não está atrás de mim. Acho que está atrás do arganaz que você pegou.

– Não, não – disse ela, e minha mão coçou para dar um tapa em sua cara idiota. – Ele *está* seguindo você. Veja!

O corvo voou para outra árvore mais próxima.

– *Tsk*. Esse corvo inferior não percebe que está muito abaixo do interesse de minha irmã? Aqui. – Julian fez menção de soltar a tira de couro na pata de seu falcão. – Vou despachar essa criatura grosseira para você.

– Não! – disse eu, com veemência demais.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim, e abri um sorriso tranquilo.

– O que vou fazer com um corvo? Botar em uma torta com o arganaz de Jamette? Além disso – acrescentei, parecendo entediada –, ele está ferido ou doente. Nenhum corvo saudável chegaria tão perto de falcões. E veja como ele move a asa? Deixe para lá. Ou... – disse eu, sorrindo em desafio aberto. – Melhor ainda: tente pegá-lo, sim.

Desse modo chego antes de você ao castelo.

Com esse desafio lançado, golpeei meu cavalo com os calcanhares e parti em velocidade. Uma fração de segundo depois, os outros seguiram.

Eu até deixei Julian vencer.



Quando chegamos ao castelo, entreguei o falcão ao falcoeiro à espera, então desmontei. Meu olhar examinou o horizonte à procura do corvo, temendo um pouco que ele pousasse em meu ombro na frente de todos. Tinha de pensar em um modo de pegar a mensagem sem que metade do castelo visse.

Jamette permaneceu perto do estábulo, ainda tentando flertar com Julian, e Tephannie não podia ser vista em lugar nenhum. Talvez eu pudesse roubar alguns momentos em meu quarto sozinha e atrair a pobre criatura para a janela por tempo suficiente para remover a mensagem que ela trazia. Deixando os outros com suas diversões, saí do pátio, entrei no palácio e rumei para as escadas.

Ninguém me seguiu. A sorte estava do meu lado e, quando cheguei a meus aposentos, eles estavam vazios. Fui direto para a janela e abri os postigos, mas não havia sinal do corvo. Esperei alguns momentos, torcendo para que ele me encontrasse, depois dei um suspiro de frustração. Quando estava prestes a fechar a janela, ouvi um crocitar e vi um adejar de asas negras. Mas era tarde demais. Eu podia ouvir Jamette e Tephannie à porta do quarto. Fechei a janela rapidamente e puxei as cortinas grossas de veludo.

– O que está fazendo? – perguntou Jamette ao entrar no quarto. – Agora está escuro demais aqui.

Levei a mão à têmpora.

– Estou com dor de cabeça – disse, mal-humorada.

Uma expressão de verdadeira preocupação tomou o rosto redondo de Tephannie, que correu para meu lado.

– Quer que eu vá buscar uma tisana? Ou água de lavanda?

Eu *podia* mandá-las buscar uma tisana ou vinho quente, mas isso exigiria apenas uma delas. Além disso, Jamette iria simplesmente permanecer no corredor com sua orelha grande grudada à parede.

– Você estava bem há poucos minutos – observou ela.

Perfurei-a com um olhar maldoso.

– Estava mesmo, Jamette? Você estava prestando tanta atenção assim para saber isso?

Ela enrubesceu ao ser lembrada de como tinha me servido mal.

Então tomei uma decisão.

– Vou sair.

Jamette me olhou boquiaberta.

– Mas a senhorita está com dor de cabeça.

– Estou, mesmo. Acho que é sua voz esganiçada e o perfume horrórico que você usa, e é por isso que preciso de ar fresco.

Ela fechou bruscamente a boca, e senti uma leve pontada na consciência, pois não havia nada de errado com o perfume dela. Então lembrei que ela relatava todos os meus movimentos para meu pai, e meu arrependimento evaporou.

Lá fora, o dia tinha ficado tempestuoso, o vento provando que fevereiro era, de fato, o mês dos turbilhões. Como as folhas e os gravetos que dançavam em remoinhos pelo pátio, a esperança dançava nas profundezas de meu ser. Talvez D’Albret estivesse marcado de um modo que eu não pudesse ver, mas a irmã Vereda, com suas habilidades de vidente, *pudesse*. A ideia de finalmente poder agir contra ele me encheu com uma alegria sombria. Se eu pudesse matá-lo, a duquesa e o reino estariam protegidos de sua ambição gananciosa e seus modos brutais. Talvez eu até pudesse arranjar um modo de minhas irmãs terminarem seus estudos no convento. Não treiná-las nas artes da morte, mas a maior parte do que as freiras nos ensinavam parecia muito com a educação que qualquer mulher da nobreza recebia. Ali elas ficariam protegidas até de Pierre e Julian. Embora eu achasse que Julian não faria nada de mal contra elas. Pelo menos, não intencionalmente.

Os jardins estavam desertos, já que ninguém era tolo o suficiente para ir àquele lugar desolado e árido. Respirei lentamente e aproveitei a solidão. Eu sempre estava acompanhada de alguém, minhas damas de companhia, meus irmãos, os vários agregados interesseiros da corte de meu pai, e ansiava por solidão. Isso e liberdade. Olhei para o alto e tentei reaver aquela elevação que sentira quando meu falcão levantou voo de meu pulso, mas não consegui.

Em vez disso, um crocitar irritado me trouxe de volta à terra quando Monsieur Corvo pousou em um galho à minha frente, inclinando a cabeça, como se perguntando por que eu tinha demorado tanto.

– Olha quem está falando – repreendi-o, mas ele sabia que eu não estava falando sério, e saltou para mais perto. Quando me movi na direção do galho, vi que o bilhete estava bem amarrado em volta de sua pata e coberto de cera negra, de modo que era preciso estar bem perto para ver que ele portava uma mensagem.

Tirei minha faca da bainha e o pássaro crocitou em objeção.

– Não tenho outro jeito de tirar isso, criatura boba. – Um talho rápido e um corte e a cera se desfez, e consegui desenrolar o bilhete

de sua perna. Enquanto o enfiava na bainha da faca em meu pulso, o corvo olhava para mim à espera de uma recompensa. – Hoje não tenho nada para você... desculpe. Agora vá. Depressa! Antes que você faça com que nós dois sejamos mortos. – Agitei as mãos em sua direção, e ele saltou, mas para um arbusto próximo. – Xôôô! – disse eu, e, com um crocitar de reprovação, ele se lançou ao céu e desapareceu além da muralha do castelo.

– Conversando com corvos, *milady*?

A voz grave de Bertrand de Lur quase me fez pular de susto. Em vez disso, aproveitei o movimento para me virar com graça e ficar de frente para ele.

– Você vai ficar com reputação de feiticeira – disse ele.

Inclinei a cabeça e sorri zombeteiramente para ele.

– Já não dizem que sou?

Ele faz um aceno, concordando com a observação.

– Mesmo assim, não é seguro ficar aqui fora sozinha, *milady*. – Embora sua voz fosse refinada e culta, havia algo no modo como ele dizia *milady* que fazia as palavras soarem como uma difamação. Ou talvez apenas tenha parecido assim porque sua luxúria era tão forte que se projetou e me envolveu como uma manta. Há quanto tempo ele se sentia daquele jeito?

– Onde estão suas damas de companhia? – perguntou ele, com voz dura.

Apesar de não me importar com Jamette, não podia entregá-la para a ameaça que via à espreita nos olhos dele.

– Ordenei que me deixassem. Estou com dor de cabeça e precisava de ar fresco.

Ele olhou ao redor da área restrita do jardim, seus olhos não deixando passar nada.

– Achei que a beleza de *milady* iria atrair um rouxinol ou um milheiro, não um corvo desgrenhado. – Então ele se aproximou e, pela primeira vez, fiquei desconfiada. Será que ele considerava minha reputação tão arruinada que podia tomar liberdades comigo sem medo de represálias de meu pai?

– Não é seguro estar sozinha aqui fora, não com tantos soldados a postos. Qualquer um deles poderia avançar sobre a senhorita e ser levado a tirar proveito de sua solidão. – Ele deu outro passo em minha direção.

Como queria me afastar dele, forcei-me a avançar até não haver nada além da distância de um dedo entre nós. Olhei com firmeza em seus olhos.

– O senhor acha mesmo que algum homem seria tão tolo a ponto de arriscar a ira de meu pai desse jeito? Sem dúvida eles não desejariam ver suas tripas penduradas nos muros do castelo.

Houve um longo momento de silêncio, então ele finalmente concordou com a cabeça.

– A senhorita está certa, *milady*. Vamos, deixe-me acompanhá-la até o senhor seu pai.

Senti uma pontada gelada no estômago.

– O senhor meu pai disse o que desejava de mim? – Eu me odiei por perguntar, pois isso demonstrava minha fraqueza, mas não pude evitar. Nunca era sábio entrar no covil de D’Albret despreparada.

– Ele não compartilhou seu propósito comigo, não.

Mas ele sabia. Eu podia ver isso em seus olhos, que exibiam uma satisfação perversa. Lembrei-me da ordem do convento escondida em minha bainha e me permiti um sorriso secreto quando ele tomou meu braço e voltamos para o palácio.

O caminho até os aposentos de D’Albret durou uma eternidade, e me fez pensar em como um homem rumo ao cadafalso devia se sentir. Por quanto tempo De Lur estivera me observando antes de anunciar sua presença? Tinha pensado que eu estava apenas enxotando o corvo, ou o alimentando, talvez? Ou tinha me visto tirar a mensagem da pata da criatura?

E quanto a D’Albret? Será que ele tinha descoberto alguma razão para me ligar à fuga da duquesa? Eu tinha sido cuidadosa. Muito, muito cuidadosa. Eu precisava continuar fazendo tudo em meu poder para assegurá-lo de que estava dedicada à sua causa, de modo que ele não estivesse alerta quando eu finalmente tivesse permissão de agir. Para afastar minha mente dessas preocupações sem fim, pensei em todas as maneiras como poderia matar D’Albret. Seria tão agradável estrangulá-lo e arrancar sua vida com um garrote em volta de seu pescoço gordo. Ou abrir sua barriga grande e branca como um peixe. Mas havia perigo nesses métodos, pois eles exigiam que eu me aproximasse, e ele tinha uma força prodigiosa e talvez pudesse me derrotar. Veneno ou uma besta seriam mais seguros.

Antes que me desse conta, chegamos a nosso destino, e o capitão De Lur anunciou minha presença. Com a cabeça erguida e desejando que meu coração batesse mais regular e lentamente, entrei no gabinete.

Capítulo Seis

TAMANHA ERA A FORÇA DA PRESENÇA de D'Albret que ele conseguiu macular até a rica opulência do elegante palácio do duque Francisco II. Tudo, dos afrescos nas paredes às cabeças de veado em relevo entalhadas no lintel da lareira, parecia mórbido e levemente ameaçador.

Curvei-me em uma grande reverência.

– Meu senhor, como posso servi-lo? – Como demonstrar humildade demais e obediência cega soaria falso, ergui os olhos e permiti que assumissem um leve toque de escárnio ao cruzarem com seu olhar inexpressivo e frio.

– Minha filha pródiga se dignou a me fazer uma visita. Onde ela estava? – perguntou D'Albret ao capitão, sem tirar os olhos dos meus.

– No jardim, conversando com um corvo.

D'Albret ergueu uma pesada sobancelha negra, e dei de ombros como se estivesse levemente constrangida.

– O tempo que passei no convento de St. Brigantia me ensinou a apreciar as coisas da natureza, milorde. – Pois esta fora a mentira que eu e a abadessa criamos para justificar minha longa ausência da casa de D'Albret: que eu tinha me retirado para junto das irmãs de Brigantia a fim de me curar e aprender.

D'Albret emitiu uma exclamação de desagrado.

– Elas a deixaram mole. – Ele se virou para um dos guardas à porta. – Veja se consegue encontrar esse corvo e o apanhe. Talvez eu o sirva para ela no jantar. – Senti uma leve pontada de preocupação em meu peito, mas com sorte aquele pássaro tolo já estaria bem longe àquela altura. Se fosse obrigada a comer meu corvo, com certeza iria vomitar tudo, e procuraria fazer isso bem em cima das elegantes botas de cordovão de D'Albret. Essa ideia me deu um pouco de coragem e consegui encarar seu olhar com algum humor.

O guarda fez uma reverência e se retirou.

– Reviste-a – ordenou D'Albret a De Lur.

O capitão olhou hesitante para D'Albret. Quando o conde assentiu com a cabeça, De Lur sorriu lentamente, depois se aproximou até estar diante de mim. O porco convencido e irritante pôs as mãos em meus ombros e as desceu por meus braços, sentindo cada centímetro de

minha pele sob o tecido de minhas mangas.

Recusei-me a lhe dar a satisfação de estremecer a seu toque. Em vez disso, me diverti imaginando se De Lur iria tentar me impedir de cumprir as ordens do convento de matar D'Albret. Se ele fizesse isso, talvez eu tivesse de matá-lo também.

Quando sua mão encontrou a bainha presa a meu pulso esquerdo, suas sobranceiras se ergueram em surpresa.

– O que é isso?

– Apenas minha faca, milorde. O senhor não esperaria que uma D'Albret andasse por aí desarmada...

Ele começou a puxar minha manga para trás.

– Cuidado – alertei-o. – A ponta é muito afiada.

Isso o fez hesitar por um instante. Ele ainda estava tentando decidir se eu o havia ameaçado quando peguei a faca. Enquanto meus dedos se fechavam em torno do cabo, cuidadosamente coloquei o bilhete na palma da mão antes de tirar a faca da bainha.

Ele olhou desconfiado para a lâmina afiada, depois enfiou dois dedos na bainha em meu pulso e começou a me apalpar. Lancei um olhar aborrecido para D'Albret.

– Era para ele estar se divertindo tanto assim?

– Eu o mandei revistá-la, não fazer amor com ela – disse D'Albret. – O que você acharia se eu fizesse isso com sua filha, hein? – A ameaça foi inconfundível, e os movimentos de De Lur se tornaram bem mais circunspectos.

Entretanto, quando chegou às minhas nádegas, não pôde resistir a me dar um leve beliscão. Foi quando percebi que ainda estava com a faca na mão, e tive de me segurar para não enfiá-la em sua barriga. Em vez disso, movi a mão como se fosse devolvê-la à bainha, mas não a puxei para trás o suficiente. Sua ponta riscou o rosto dele.

Ele xingou e me empurrou para longe enquanto levava a mão ao rosto.

– Eu *avisei* que era afiada.

Suas narinas se dilataram de fúria, e ele olhou para D'Albret.

– Ela não tem nada – disse ele. – Apenas um punhal pequeno, e um coração ainda menor.

Sorri como se suas palavras tivessem me agradado muito. D'Albret gesticulou para que ele se afastasse.

– Você vai gostar de saber que finalmente descobri uma utilidade para você, filha.

Meu coração pulsou lentamente de medo, pois eu sabia que, para D'Albret, mulheres tinham apenas dois propósitos: lhe dar filhos e saciar sua luxúria. Com suas próprias filhas, a contragosto, ele permitia um terceiro: ser usadas como objeto de barganha em casamentos que aumentariam sua fortuna e poder.

O bilhete do convento me deu coragem para empinar o nariz e dar um sorriso afável para ele.

– Não consigo pensar em nada que me desse mais prazer, milorde, do que servi-lo.

– Ainda preciso descobrir quem traiu nossos planos para a duquesa e a alertou. Gostaria de observar os barões de Nantes mais de perto. Talvez um deles finja ser leal a mim, mas esteja contando todos os meus planos para ela. Com essa suspeita em mente, você vai se relacionar intimamente com o barão Mathurin.

Mantive a expressão absolutamente neutra. Aquilo era uma nova baixeza, até para ele: prostituir a própria filha por ganho político.

– O gordo com queixo duplo? Não tenho certeza de que precisamos ficar íntimos para que eu arranque segredos dele – disse eu, bem-humorada.

D’Albret se debruçou, sua barba negra eriçada.

– Você está se recusando?

– É claro que não. – Meu coração começou a bater mais rápido, pois eu sabia muito bem o que acontecia com aqueles que se opunham a suas ordens.

D’Albret inclinou a cabeça para o lado.

– Não me diga que está protegendo sua virgindade, pois sabemos que isso é mentira.

Suas palavras foram como um tapa em meu rosto e me fizeram percorrer um corredor longo e doloroso de lembranças. Lembranças tão assustadoras que minha visão se turvou antes que minha mente conseguisse se afastar delas.

– Estou apenas observando que há muitos métodos disponíveis para conseguir a informação que o senhor deseja.

Satisfeito com minha resposta, ele se encostou em sua cadeira.

– Você vai sentar ao lado dele no jantar.

Antes que pudesse me dar mais instruções, seu mordomo chegou, acompanhando um mensageiro cansado de viagem e sujo da estrada. D’Albret acenou para dispensar o capitão e a mim.

– Deixem-nos – ordenou, e o capitão De Lur me acompanhou até a saída.

Desespero e frustração ameaçavam tomar conta de mim, mas consegui controlá-los. Apesar de D’Albret ter praticamente anunciado para seus homens e vassalos que eu era tão suja que não tinha a garantia de sua proteção, eu ainda não precisava entrar em pânico. Pus a mão sobre a bainha em meu pulso, obtendo conforto do que havia em seu interior, e corri para meus aposentos.



Cheguei ao meu quarto, onde Tephanie e Jamette começaram a tagarelar, parecendo horrivelmente aliviadas ao me ver. De um modo irracional, culpei as duas pelo que havia me acontecido naquela tarde.

– Preparem um banho imediatamente – ordenei, minha voz brusca.

Enquanto começavam a executar a tarefa, entrei na latrina e tirei o bilhete de seu esconderijo. Minha mão tremia enquanto desenrolava a mensagem, com cuidado para segurá-la sobre o buraco para que nenhum traço de cera negra pudesse ser encontrado e usado como prova contra mim. Esperava que aquelas fossem as instruções pelas quais eu ansiava. Claro que o bilhete estava cifrado. Contendo a impaciência, rapidamente desvendei a sequência necessária, mas não tinha tinta nem pergaminho, por isso levei tempo demais para descobrir a mensagem.

– *Milady*? Seu banho está pronto. A senhorita está passando bem?

– Estou bem – respondi bruscamente à pergunta preocupada de Tephanie. – Só não consigo obter privacidade.

– Sinto muito, *milady* – disse ela, submissa, e voltei minha atenção para o bilhete.

Caríssima filha,

Acreditamos que lorde D’Albret aprisionou o barão de Waroch. A duquesa necessita muito da Fera de Waroch por ter esperança de levantar um exército contra D’Albret ou os franceses. Portanto, ordenamos que determine se ele está realmente vivo e, se estiver, que encontre um meio para assegurar sua libertação e providencie para que ele seja trazido a Rennes imediatamente.

Abadessa Etienne de Froissard

A descrença era um turbilhão dentro de mim, e meu corpo inteiro ficou quente, depois frio, depois outra vez quente. Virei a nota, na esperança de ter deixado passar alguma coisa, depois repassei o código. A mensagem era a mesma. E não era uma ordem para matar D’Albret.

Fui tomada de uma raiva tão grande que queimava o ar em meus pulmões. Ela *tinha prometido* que eu seria um instrumento de vingança divina, que a retaliação contra D’Albret viria pelas mãos de sua própria filha.

Foi exatamente essa promessa o que evitara que eu risse na cara da abadessa quando ela me contou suas intenções de me mandar de volta para a residência dele. Foi essa promessa que me fizera dobrar meus esforços para aprender o maior número de habilidades mortais que pudesse em minhas últimas semanas de treinamento antes de deixar o

convento.

Mas, acima de tudo, a promessa dela dera significado a tudo o que eu sofrera e pelo que passara. Sem esse propósito divino para moldar minha vida, eu não era nada, apenas uma vítima infeliz. A raiva tomou meu corpo por dentro mais uma vez, tão sombria e avassaladora que eu temia sufocar sob seu peso.

Eu ia deixar o convento. Ela não podia me obrigar a ficar ali. Enfurnada em sua ilhota distante, ela nem saberia que eu tinha ido embora.

Mas D'Albret saberia.

E não haveria lugar onde eu estaria em segurança dele, pois seu braço era longo, e ele poderia me alcançar em qualquer posto na Bretanha ou na França. Nenhum lugar era seguro, exceto, talvez, atrás das muralhas de Rennes, e nem mesmo lá se D'Albret decidisse atacar a cidade.

Por isso tinha de ficar quieta como um coelho descerebrado. Meu futuro se estendia diante de mim, lúgubre e sem fim. Eu tinha sido enganada pelo convento, e agora seria prostituída por D'Albret enquanto ele preparava suas armadilhas malignas para seus inimigos.

Não. Cerrei os punhos, amassei o bilhete e depois joguei-o na latrina. *Não.*

Quando saí do reservado, ignorei os olhares preocupados de minhas damas de companhia e arranquei minhas roupas antes que elas pudessem me ajudar. Passei a hora seguinte esfregando de minha pele os esquemas imundos de meu pai e da abadessa.



Não sabia como iria suportar o jantar até o fim. Não conseguia não me perguntar quantas pessoas sabiam do papel que D'Albret me dera. Tampouco podia evitar imaginar de quem ele me incumbiria em seguida. Aquele tolo, o marechal Rieux? O calado e tranquilo Rogier Blaine?

Assim que entrei no salão de jantar, os olhos de D'Albret caíram sobre mim, tão frios e mortos quanto a carne em seu prato. Eu mantive a cabeça erguida e conversei frivolidades com Tephane enquanto me aproximava da plataforma elevada, depois fiz uma reverência. Meu sorriso era cortante como vidro, e igualmente frágil. Mas, perdido em seu próprio humor sombrio, ele apenas gesticulou para que me aproximasse do barão Mathurin.

Enquanto me encaminhava para a mesa, eu me perguntei: como se mata um monstro como D'Albret, alguém com força e astúcia quase

sobre-humanas? Será que isso podia ser feito sem ser por desejo do próprio Deus da Morte?

Como eu poderia me aproximar dele? Será que conseguiria fazê-lo baixar a guarda? Especialmente quando não podia, não *iria* usar a sedução, uma de minhas armas mais eficientes.

Quando tomei meu lugar ao lado do barão, seus olhos se iluminaram.

– A sorte sorri para mim, *demoiselle*. A que devo a honra de sua companhia encantadora?

Quis sacudi-lo e alertá-lo de que aquilo não era uma honra, mas uma vigília de morte. Em vez disso, dei-lhe um sorriso timidamente sedutor.

– Sou eu quem tenho sorte, milorde – disse, em seguida ergui meu cálice de vinho e sorvi metade dele, com esperança de que sua atenção permanecesse tão concentrada em meus seios que ele não percebesse que eu precisava beber muito para suportar sua companhia.

– A senhorita se recuperou da caçada de hoje? – perguntou ele.

A pergunta quase me fez cuspir o vinho.

– Recuperar, milorde? – Foi necessária toda a minha força de vontade para não deixar transparecer desprezo em minha voz. – Uma caçada não é algo tão exigente assim.

Ele deu de ombros.

– Foi para os barões Vienne e Julliers. Eles pediram dispensa do jantar desta noite e se recolheram a seus leitos.

– Bem, eu não sou tão fraca quanto eles.

– Nem eu – disse ele. – Na verdade, esta tarde deixou meu sangue agitado – acrescentou, e não havia dúvidas sobre o que ele queria dizer. Pelo menos eu não teria que fazer muito esforço para capturar aquele ganso tolo.

Uma risada chamou minha atenção do outro lado da mesa, onde Jamette estava grudada em Julian como uma mosca em um cachorro. Ao sentir meu olhar sobre ele, Julian ergueu a cabeça, e nossos olhos se cruzaram. Ele me deu um sorriso divertido e ergueu o cálice para mim. *Será que ele sabia?*, eu me perguntei. Será que ele sabia o que nosso pai tinha me pedido para fazer? Devia desconfiar de alguma coisa, pois sabia que eu não tinha gosto por bufões gordos nem pessoas impertinentes como Mathurin.

Jamette percebeu que ele não estava mais prestando atenção nela e seguiu seu olhar. Seus olhos se estreitaram e nesse momento percebi que ela estava usando um broche novo em forma de sol com um rubi no centro, e me perguntei qual dos meus segredos ela tinha revelado para ganhá-lo.

Capítulo Sete

TINHA DECIDIDO MANTER MEU ENCONTRO com Mathurin. Iria inclusive interpretar o papel que me havia sido dado, até certo ponto. Então, quando descobrisse tudo o que podia, poria um fim naquilo. Se ele protestasse demasiadamente ou pensasse em me obrigar a ir além, melhor ainda, pois então eu poderia matá-lo em legítima defesa. Eu estava sentindo uma necessidade desesperada de matar *alguma coisa*.

Quando cheguei ao quarto indicado, parei por tempo suficiente para puxar mais para baixo o corpete do vestido e soltar o cabelo. O ávido barão Mathurin já estava lá dentro, com o coração batendo tão forte de luxúria que eu mal conseguia ouvir meus pensamentos.

– Alguém viu você? – perguntou quando entrei no quarto.

– Não – garanti a ele, em seguida me aproximei, soltando meu cabelo sobre o ombro. Ele estendeu a mão para pegar um dos cachos.

– Como seda cor de ébano – murmurou, esfregando-o entre os dedos.

Seu desejo era um perfume potente, pois eu sabia exatamente o que fazer com aquilo. Passei um dedo de leve pela frente de seu gibão, e seus lábios se entreabriram, sua respiração foi ficando superficial. Então eu o envolvi em meus braços e comecei a brincar com os pelos de sua nuca.

– Aposto que diz isso para todas as suas conquistas.

Ele piscou, surpreso, como se ninguém nunca o tivesse acusado de ter uma série de conquistas antes. Eu me inclinei para trás e comecei a brincar com sua grande papada branca.

– Sabe o que deixou o senhor meu pai tão mal-humorado esta noite? – perguntei. – Ele estava tão animado quando eu o vi esta tarde.

Apesar de eu e o barão estarmos sozinhos, seus olhos se moveram ao redor do quarto antes de responder. Ele não era tão tolo quanto parecia.

– Ele recebeu a notícia de que a duquesa foi coroada hoje em Rennes.

Apesar de ser boa notícia para a duquesa, temi que a coroa não a salvasse do ataque de D'Albret. A única coisa que o faria era um marido forte com um exército de milhares para defender seu direito à

mão dela. Perguntei-me se o mensageiro que trouxera aquela informação ainda vivia, pois o senhor meu pai não costumava poupar mensageiros.

– O senhor confia em D’Albret para governar a Bretanha? – perguntei, estremecendo. – Pois ele já me assusta bastante com o poder que tem. Não consigo imaginá-lo no governo de todo o ducado.

Quando pronunciei essas palavras, pude sentir o desejo de Mathurin começar a encolher, por isso mudei de assunto para distraí-lo.

– Não temos muito tempo antes que minhas damas de companhia venham à minha procura.

Isso o fez entrar em ação, e ele desamarrou o gibão, depois a camisa fina de linho que vestia por baixo. Quando vi uma sombra escura cobrindo seu peito, meu coração se encheu de alegria. Ele estava marcado! Isso tornava tudo tão mais simples. Então sorri, o primeiro sorriso verdadeiro a tocar meus lábios em todo o dia, e me aproximei, empurrando-o contra a parede para não ter de sustentar todo o peso de seu corpo quando o matasse.

Mas, antes que pudesse fazer mais que remover a faca escondida em minha manga, ele deu um suspiro abrupto, com uma expressão intrigada, quase magoada, no rosto.

– O que foi? Qual o problema? – murmurei, sem desejar quebrar o clima.

Ele não respondeu. Em vez disso, levou a mão ao peito como se estivesse sentindo dor, depois sangue surgiu em seus lábios. Doce Mortain, ele estava tendo algum tipo de ataque?

Como um homem enforcado cuja corda é cortada, ele desabou, e todo o seu peso caiu sobre mim, de modo que quase tombei para trás. Uma coisa grande, negra e esvoaçante se ergueu dele.

Era a parte que eu mais odiava em matar: suportar a intimidade forçada quando a alma da vítima me tocava ao deixar o corpo. Era tão chocante e indesejável como meu primeiro beijo. Eu me firmei e permiti que a torrente de imagens passasse por mim: o braço forte de D’Albret em volta do ombro do barão, convencendo-o de uma falsa sensação de segurança. Um sentimento de orgulho, por eu tê-lo escolhido em vez de Julliers ou Vienne. E oculta, mais profundamente que todo o resto, uma pontada de consciência por ter traído a jovem duquesa, bem enterrada sob falsas garantias de que D’Albret seria um bom marido para ela.

De repente, o corpo sem vida do barão foi empurrado para o lado, e fiquei cara a cara com uma figura alta e escura segurando uma espada que ainda estava pingando sangue.

– Julian! – sussurrei, completamente chocada.

Ele deu um passo à frente, sua boca tensa, o rosto mergulhado em

sombras.

– Você esqueceu, irmã? Você é *minha*.

Suas palavras me gelaram até os ossos. Cruzei os braços em frente ao corpo e segurei os cotovelos para evitar que minhas mãos tremessem.

– Só minha – disse ele com delicadeza, como se sussurrasse uma declaração de amor. – Ninguém vai botar a boca babada nem as mãos gulosas em você. – Ele olhou para o corpo e o empurrou com a bota. – Sem dúvida, não essa criatura covarde.

Naquele momento entendi o olhar que ele tinha me lançado no jantar. Era uma promessa de represália.

Entrei rapidamente e com facilidade no papel que devia interpretar. Na verdade, eu era tão habilidosa quanto qualquer alquimista, mas, em vez de transformar chumbo em ouro, transformava meu medo em coragem e, com certeza, esse era um truque muito maior. O sorriso que dei a ele estava duro de irritação, e joguei o cabelo para aumentar o efeito.

– Era isso o que você achava que estava acontecendo, Julian? Tem certeza de que me conhece tão bem como diz conhecer?

A fúria contida dentro dele, de algum modo, esfriou.

– Então por que você está aqui?

Ele não sabia? Inclinei a cabeça.

– Nosso pai me mandou usar meus dotes femininos para descobrir se Mathurin pretendia entregá-lo para os franceses.

Um músculo em seu queixo se contraiu.

– E você iria até o fim com isso?

Em resposta, ergui a faca que tinha na mão.

Seus olhos flamejaram enquanto olhavam atentamente dentro dos meus, como se ele pudesse arrancar a verdade de suas profundezas.

– Sério?

Eu ri. Não pude evitar.

– Você acha que eu *queria* ter um caso com esse ganso gordo e flácido? Julian, tenha um pouco de fé. Em meu gosto, se não em mim.

Ele deixou a espada cair no chão, passou por cima do corpo e me segurou pelos ombros. Meu coração batia forte dentro do peito quando ele me girou, me pressionou contra a parede e se aproximou bem de mim.

– Você jura?

Meu coração estava acelerado – eu não podia deixá-lo sentir o cheiro desse medo, que peguei e usei para atizar as chamas de minha raiva. Então o empurrei, com força.

– Você está agindo como um tolo. Juro por Deus e todos os Seus nove santos. Agora me solte, você está me machucando.

Como mercúrio, seu humor mudou rapidamente. Ele tomou minha

mão livre e a levou à boca.

– Eu não devia ter duvidado de você. – Seu hálito era quente sobre minha pele. Ele virou minha mão e comprimiu a boca contra meu pulso.

– Não, não devia. – Puxei a mão de volta, aliviada quando ele a soltou. Para me assegurar de que não iria segurá-la mais uma vez, comecei a enrolar o cabelo de novo no lugar.

– Como vou explicar isso a nosso pai?

Julian virou o olhar para o corpo de Mathurin.

– Vamos dizer que ele era culpado, como papai desconfiava, e você o pegou no ato. Não teve escolha além de matá-lo antes que ele passasse outra mensagem para a duquesa.

– *Outra* mensagem?

Era impossível interpretar os olhos de Julian.

– É claro, pois você descobriu que foi ele quem alertou a duquesa de nossa armadilha fracassada.

Com relutância, admirei a rapidez com que Julian tinha usado aquilo em nosso proveito. Em *meu* proveito, pois mais uma vez ele havia encontrado um modo de me proteger da ira de D’Albret. Mas isso apresentava um novo risco também, pois eu devia supor, agora, que Julian desconfiava ter sido eu quem dera o alerta.

– Eu vou cuidar do corpo – ele acrescentou.

Ergui uma sobrancelha e funguei.

– É o mínimo que você me deve por sua falta de confiança em mim.

Ele segurou minhas mãos.

– Um beijo – implorou. – Para provar que você não está com raiva de mim.

Pensei em recusar, mas era uma covarde e não ousei, não quando ele podia saber tantos dos meus segredos mais perigosos. O medo pulsava forte por minhas veias quando ele se inclinou e pôs sua boca sobre a minha. Permiti que minha mente viajasse para longe de meu corpo, de modo parecido como a alma de Mathurin havia deixado o dele. Era a única maneira de suportar o toque de Julian.

Ele não é meu irmão, ele não é meu irmão.

Essa era outra razão pela qual eu me aferrava com tanta firmeza à minha crença fragilizada em Mortain. Se Ele fosse realmente meu pai, então Julian e eu não compartilhávamos sequer de uma gota de sangue.



Julian me mandou de volta ao meu quarto enquanto ficava para

limpar a sujeira. Caminhei rapidamente, como uma marionete presa a seus fios, sentindo-me tão vazia e estripada quanto o peixe que havíamos comido no jantar.

Quando finalmente cheguei a meu quarto, ele estava vazio, exceto por uma criada da cozinha, que estava acendendo a lareira para a noite. Ela me viu e foi embora apressada, com medo de que um olhar meu a transformasse em sapo, ou que eu a atacasse por ousar respirar o mesmo ar que eu.

Criados de meu pai tinham sido punidos por menos.

Fui imediatamente para o conforto das chamas fortes e amarelas e fiquei o mais perto de seu calor que ousei. Minhas mãos estavam tremendo, eu sentia calafrios nos ossos, e toda fibra de meu ser gritava para que eu fugisse.

Pensei na passagem da alma de Mathurin ao deixar seu corpo. Eu queria, ansiava por aquela libertação com um desejo tão profundo e afiado que cortava como uma faca. Lembrei de estar no alto das muralhas e sentir uma sensação estonteante de liberdade enquanto o vento prometia me carregar para longe, muito longe. Era isso o que as almas sentiam quando eram libertadas de seus corpos terrenos?

Tephanie entrou nesse exato momento, seus pés grandes e desajeitados se arrastando pelo chão. Ela fez uma reverência rápida, depois se apressou até meu lado.

– *Milady!* Sinto muito por deixá-la sozinha. Pensei que estivesse... – Ela acenou com a mão, sem graça.

Estava cansada e deprimida demais para sequer fingir brigar com ela.

– Que isso não se repita – disse eu, cansada.

Sua testa se franziu de preocupação.

– Sim, *milady* – disse ela. – A senhorita está passando mal?

– Não, apenas cansada.

– Mas a senhorita está tremendo! Espere, deixe-me buscar algo quente para beber.

Deixei que ela cuidasse de mim. Depois de me dar um cálice, ela puxou as cobertas da cama e aqueceu os lençóis.

Enquanto Tephanie andava em silêncio pelo quarto, parei junto da lareira e bebi meu vinho, esperando que a tremedeira passasse. Desejava desesperadamente tomar um banho, mas já era tarde, e isso chamaria muita atenção. Mesmo assim, depois do sangue de Mathurin e do beijo de Julian, eu me sentia insuportavelmente suja.

– *Milady?*

Quando ergui os olhos, Tephanie estava segurando meu robe.

– Quer que a ajude a se despir?

– Por favor.

As mãos dela foram gentis enquanto me ajudavam a tirar minhas

roupas. Ao contrário de Jamette, ela sabia ficar quieta, e achei o silêncio de sua companhia calmante. Enquanto ela guardava meu vestido, levei a taça de vinho até meu pequeno estojo cravejado de joias e o abri. Depois de pousar o cálice, tirei um pequeno frasco de cristal da caixa. Era uma poção do sono que a irmã Serafina tinha me dado como presente de despedida quando deixei o convento. Ela não dissera nada, mas eu havia percebido que não estava satisfeita com a abadessa por me mandar para o exterior tão cedo, e sabia que eu precisaria de ajuda se quisesse dormir.

Por um breve momento, considerei derramar todo o conteúdo em meu vinho. Se o tomasse inteiro, nunca acordaria. A ideia de dormir e nunca mais ter de lidar com D'Albret, a abadessa nem Julian outra vez era tão sedutora quanto um canto de sereia.

Mas e se a Morte me rejeitasse novamente? Então eu seria forçada a permanecer na cama, fraca e vulnerável, à mercê dos outros enquanto me recuperasse. Uma ideia extremamente assustadora.

Além disso, e se o cavaleiro realmente estivesse vivo? O que aconteceria com ele se eu estivesse morta? Pinguei duas gotas em meu vinho, devolvi o frasco à caixa e a tranquei.

Mais importante ainda: se eu estivesse morta, quem iria matar D'Albret? Pois ele devia morrer, com ou sem marca.

Tephanie tinha terminado de aquecer a cama e veio soltar meu cabelo. Ela começou a penteá-lo com um toque surpreendentemente delicado, considerando como era desajeitada e atrapalhada. Fechei os olhos e deixei que seus movimentos suaves acalmassem parte do medo que havia em mim. O modo como fazia aquilo me lembrou de como Ismae, Annith e eu costumávamos nos revezar para pentear e arrumar os cabelos umas das outras no convento. Doce Mortain, como sentia saudades delas.

De repente, eu me virei.

– Você vai dormir aqui esta noite – disse a ela.

Ela parou o que estava fazendo e me olhou, surpresa.

– *Milady?*

Não podia lhe dizer que precisava dela, que desejava sua companhia, então, em vez disso, falei:

– Não estou me sentindo bem e posso precisar de ajuda durante a noite.

Ela pareceu surpresa, mas satisfeita. A tolinha achava que aquilo era uma grande honra, não um ato desesperado de uma covarde, e eu não a convenci do contrário.



Naquela noite, quando Julian veio arranhar minha porta, Tephannie levantou para ver quem era. Não ouvi o que ela disse, pois minha cabeça estava grogue da poção da irmã Serafina, mas sua presença foi suficiente para que ele fosse embora. Ela voltou para a cama e para debaixo das cobertas.

– Seu irmão queria saber como você está. Ele disse que você estava com dor de cabeça no jantar e queria ter certeza de que tinha passado.

– Passou – disse eu, e me movi para o lado para que ela ficasse com o lugar mais quente. Ela merecia isso, pelo menos, por expulsar os monstros.

Capítulo Oito

QUANDO ACORDEI NA MANHÃ SEGUINTE, a primeira coisa em que pensei foi no cavaleiro que a abadessa desejava que eu libertasse. Seu grito angustiado de derrota ao ser derrubado havia assombrado meus sonhos.

Mesmo no convento, tínhamos ouvido falar no poderoso Fera de Waroch e em como sua habilidade de convocar seus compatriotas, tanto camponeses como nobres, para a causa do duque havia nos permitido vencer nossas últimas três batalhas.

Enquanto eu ouvia o ronco suave de Tephannie, eu me perguntei por que o cavaleiro caído tinha capturado minha imaginação de tal maneira. Seria porque ele tinha lutado com tamanha valentia contra forças tão superiores? Devido a sua dedicação à jovem duquesa? Ou simplesmente porque eu tinha olhado em seus olhos pouco antes de ele morrer?

Pois ele *estava* morto. Eu o vira ser abatido com meus próprios... ah, mas Julian tinha surgido bem naquele momento. Eu nunca cheguei a ver o corpo sem vida do cavaleiro. E dizia-se que homens no auge do fervor da batalha podiam sofrer muitos danos, e ainda assim sobreviver.

Quando tinha ido para a cama na noite anterior, jurara ignorar a mensagem da abadessa. Mas, agora, tudo em que podia pensar era naquele cavaleiro nobre apodrecendo – ou pior – nas masmorras de D’Albret.

Pus um de meus pés frios sobre Tephannie, e ela finalmente se mexeu, a grande lesma. Piscou duas vezes para tirar o sono dos olhos, depois lembrou-se de onde estava e com quem.

– *Milady!* Imploro seu perdão. Dormi demais.

– Sabia que você ronca? – disse eu, divertida com os pontos vermelho-escuros que surgiram em seu rosto.

Ela afastou o olhar.

– Sinto muito... a senhorita devia ter me expulsado da cama, ou me despertado de algum modo.

– Não disse que me incomodou, só que você ronca.

Ela não soube o que responder, por isso saltou da cama, fez uma reverência, então correu para buscar meu robe.

Enquanto estava me ajudando a vesti-lo, Jamette entrou no quarto, falante e agitada.

– Os barões Vienne e Julliers foram encontrados mortos em seus quartos esta manhã... – Sua boca se fechou bruscamente ao nos ver de pé vestindo apenas nossas combinações.

Ela piscou. Sua boca se abriu e fechou enquanto ela procurava algo a dizer. Como me incomodava tanto, estendi a mão e pus um dedo no queixo de Tephannie, virando sua cabeça delicadamente em minha direção.

– Obrigada, Tephannie – disse eu. – Por tudo. – O rosto de Tephannie ficou de um vermelho sem brilho, e eu quase ri e estraguei o efeito que tinha criado com tanto cuidado.

A pobre Jamette não conseguia decidir se ficava chocada ou com ciúmes.

– Então, quem são esses barões cujos quartos você visitou ontem à noite? – perguntei languidamente.

– Eu não – retrucou ela. – Foram os criados que disseram que eles morreram de praga durante o sono.

– Você poderia me trazer a água? Eu gostaria de me lavar agora – disse com um bocejo sonolento.

– Você acha que vamos pegar? – perguntou Tephannie. – Quero dizer, a praga?

O olhar que Jamette deu para Tephannie era tão cheio de veneno que fiquei surpresa por a outra garota não cair dura. Ela pareceu, porém, extremamente embaraçada, e saiu correndo para terminar de se vestir na privacidade do reservado.

O temperamento de Jamette a deixou descuidada, e ela derramou água por toda parte.

– Cuidado com o que está fazendo – repreendi-a. – Ou vou obrigá-la a limpar tudo com essa sua língua afiada.

Nossos olhares se cruzaram, e vi todos os insultos e acusações que ela queria jogar sobre mim. Em vez de dizê-los, ela murmurou consigo mesma:

– Pelo menos agora eu sei por que ela ignora os poucos homens que lançam sua atenção sobre ela.

Passei o indicador no braço de Jamette.

– Não me diga que está com ciúmes, pequena? – Eu tinha descoberto um novo jeito de implicar com Jamette, e antecipei horas de boa diversão.

Ela afastou o braço.

– Claro que não! – Ela se virou e caminhou pelo quarto até o guarda-roupa. – Que vestido a senhorita quer hoje?

– O cinza-escuro de cetim, com a anágua preta.

Jamette me ajudou a me vestir, mas seus movimentos estavam

rígidos, e ela me tocava o mínimo possível. Quando amarrou meu corpete, puxou com tanta força que quase quebrou minhas costelas.

Eu me afastei e segurei sua mão.

– Cuidado. Seu dever é cuidar de mim, não me causar ferimentos corporais.

Ela olhou para mim e pude sentir a irritação fervilhar em suas veias. Tephannie escolheu esse momento para voltar aos tropeções para o quarto, enfiando o cinto no lugar e prendendo a ele a pequena faca que eu havia lhe dado.

– Chega disso – disse eu. – Tenho algo mais divertido em mente para fazermos esta manhã. – D’Albret e a maior parte da guarnição planejavam ir naquele dia a Ancenis para recuperar o domínio do marechal Rieux dos franceses. O que significava que era um dia perfeito para investigar segredos. – De onde você disse que vinham os sons de fantasmas? Eu também queria ouvi-los.

Pois, embora fantasmas não fizessem barulho, prisioneiros faziam.



Os rumores diziam que os fantasmas assombravam a torre antiga, exatamente o mesmo lugar de onde eu tinha assistido à batalha. Também era o lugar mais lógico para se manter um prisioneiro, pois ficava bem longe de quaisquer aposentos e das áreas de maior movimento do castelo.

Nenhuma de minhas damas de companhia queria ficar cara a cara com fantasmas, e as duas resolveram esperar por mim na capela bem ao lado da torre e rezar pelos barões que haviam morrido recentemente. Isso se adequava perfeitamente aos meus objetivos, pois eu preferia fazer minha espionagem longe de seus olhos curiosos.

A torre velha tinha sido construída quase duzentos anos antes. As pedras estavam desgastadas pela idade, e o telhado precisava de conserto. Tentei a porta de madeira pesada e vi que estava trancada.

Meu coração se acelerou de entusiasmo, pois ela não estava trancada da última vez que eu passei ali.

Não havia nenhum guarda de vigia, por isso espiei por uma das seteiras abertas nas paredes grossas. A torre *era* assombrada; eu podia sentir a presença fria dos fantasmas emanando da janela, mas fantasmas não fazem ruídos de metal, nem qualquer outro som.

Olhei para trás, para o pátio. Havia criados e soldados suficientes para eu não ousar arrombar a fechadura.

Ignorando o frio fantasmagórico, procurei por alguma pulsação no interior, mas, por mais que me esforçasse, meu poder de detectar tais

coisas não podia penetrar quatro metros de rocha espessa. Subi a escada externa em curva até o passadiço, depois fiquei na ponta dos pés para espiar através de outra seteira.

O pequeno facho de luz mal tocava a escuridão. Não vi ninguém. Nenhum guarda. Nenhum prisioneiro, nenhum sinal de vida.

Mas, de repente, ouvi um ruído muito baixo e suave, como se viesse das próprias entranhas da terra, seguido por um gemido. Ou um sussurro. Ou talvez fosse o vento. Mas como aquilo era tudo o que eu tinha para ir em frente, chamei de gemido, e apesar de ser tão baixo, ele me animou. Eu teria de encontrar um modo de arrombar a fechadura ou roubar a chave quando meus atos pudessem ser escondidos pela escuridão. A tarefa ainda era impossível, mas se eu tivesse de ficar ali sentada sem fazer nada enquanto esperava por ordens que não vinham, eu, sem dúvida, iria enlouquecer. De novo.

Além disso, preferia acreditar que era capaz de fazer algo além de matar e me passar por puta.



Quando voltei à capela para buscar as outras, encontrei Tephanie sozinha, ajoelhada diante do altar. Embaixo do crucifixo à frente da igreja, havia nove pequenos nichos, cada um com a imagem de um dos nove santos antigos: Saint Mortain; Dea Matrona e suas filhas, Amourna e Arduinna; Saint Mer; Saint Camulos; Saint Brigantia; Saint Cissonius; e, um de meus favoritos pessoais, Saint Salonius, santo padroeiro dos erros.

Eu me perguntei brevemente se deveria deixar uma oferenda para Mortain. Será que ele desconfiava que minha crença não era profunda? Uma proteção pequena, insignificante contra a ideia mais assustadora de que Ele não existisse? E o que eu pediria d'Ele, afinal?

Libertação. Era isso que eu pediria.

Querido Mortain, por favor, liberte-me deste pesadelo sombrio do qual eu não consigo escapar.

Então soltei uma expressão de escárnio, assustando a pobre Tephanie. Eu tinha entoado essa mesma oração por seis longos meses, e aonde ela tinha me levado? Não, a verdade era que Mortain tinha me abandonado. Ou isso, ou Ele não existia.

Mas se esse fosse o caso, então D'Albret era meu pai. Era mais reconfortante pensar que Mortain tinha me abandonado.

Capítulo Nove

COM TODOS OS HOMENS FORA para atacar os franceses em Ancenis, as mulheres da casa de D'Albret jantaram no salão de inverno e não no grande salão. Era um aposento menor e mais íntimo. E consideravelmente mais quente.

Madame Dinan demonstrava grande prazer em seu papel de castelã, sentada à cabeceira da mesa e esperando que todas chegassem. O fato de eu quase chegar atrasada me valeu um olhar feio de reprovação, mas não dei atenção. Em vez disso, atentei para o grosso chaveiro que ela carregava na cintura.

As chaves de D'Albret.

Afastei o olhar antes que ela pudesse perceber meu interesse e passei o resto do jantar fofocando com as outras damas. Mas, durante toda a refeição, meus pensamentos não pararam de voltar àquelas chaves e como seria muito mais fácil realizar minha busca na torre antes do retorno de D'Albret.



Esperei uma hora inteira para que todos estivessem dormindo. Enquanto aguardava, abri meu baú cravejado, onde guardava os poucos objetos trazidos comigo do convento. A irmã Serafina se assegurara de que eu tivesse um suprimento decente de veneno, todo ele habilmente disfarçado. Havia um frasco de cristal que continha o que parecia a beladona usada pelas mulheres para tornar seus olhos brilhantes, mas a minha era muito mais potente. Havia uma caixinha de ouro cheia de arsênico em pó e um pote de Laço de Saint Arduinna disfarçado de sálvia para queimaduras. Também havia uma rede de cabelo feita de ouro e decorada com uma dúzia de pérolas brancas, todas cheias de um veneno chamado Vingança.

Peguei um pacotinho de papel cheio de um pó branco que a irmã Serafina chamava de Murmúrio da Noite. Um pacote inteiro era suficiente para matar um homem grande. Metade dele derrubava uma

mulher. Só uma pitada era necessária para garantir que madame Dinan dormisse a noite inteira.

Enfiei o pacotinho na bainha da faca que usava em meu pulso, depois procurei as botas feitas especialmente para mim pelo convento. Eram do couro mais macio e permitiam que me locomovesse tão silenciosamente quanto uma sombra. Deixei a segurança de meu quarto e segui para os aposentos de madame Dinan.

Uma vez, quando eu tinha dez anos, D'Albret ficou com tanta raiva de seu cão de caça favorito por não derrubar um veado com galhada de doze pontas que atirou na criatura com sua besta. Após um breve ganido de dor, o animal começou a se arrastar na direção de D'Albret, com a seta cravada em seu traseiro, gemendo baixo e implorando perdão. D'Albret finalmente cedeu e deu um segundo disparo, que acabou com seu sofrimento.

Percebi, enojada, que eu era exatamente como aquele cachorro: mesmo depois de o convento ter me ferido profundamente, ainda cumpria obedientemente as ordens das irmãs.

Não, lembrei a mim mesma. Eu não estava fazendo aquilo pelo convento, mas pelo cavaleiro. A lealdade e a determinação do homem diante de forças tão superiores foram a coisa mais nobre que eu já tinha visto. Se ele estivesse vivo, merecia um destino muito melhor do que encontraria nas masmorras de D'Albret.

Quando cheguei aos aposentos de Dinan, parei e encostei o ouvido na porta, aliviada por ouvir apenas uma pulsação no interior.

As dobradiças estavam bem lubrificadas e não fizeram barulho quando abri a porta. Depois de entrar, caminhei silenciosamente até a cama e, com cuidado, afastei as cortinas grossas de veludo. Como madame Dinan sequer se moveu, tirei o pacotinho de papel de seu esconderijo, peguei uma pitada de Murmúrio da Noite e, silenciosamente, soprei-a sobre seu rosto. Agindo rápido para não respirar nem um pouco do pó mortífero, puxei e fechei as cortinas da cama.

Os momentos seguintes se arrastaram, pois não havia nada a fazer além de ficar ali parada esperando que o veneno agisse. Depois de algum tempo, sua respiração ficou mais profunda. Quando ela começou a roncar baixo, soube que o pó tinha feito seu trabalho.

Em seguida, fui até a janela e afastei as cortinas grossas para deixar entrar apenas luz da lua suficiente para iluminar minha busca. Por sorte, as chaves de D'Albret não estavam escondidas, mas jaziam em plena vista sobre uma mesinha entalhada perto da cama. Seria mais rápido pegar o chaveiro inteiro, mas não sabia o que iria encontrar nem quanto tempo iria demorar. Era mais inteligente levar apenas a chave de que iria precisar caso ela despertasse antes do meu retorno.

Mantendo as chaves apertadas em minha mão para que não

chacoalhassem nem tilintassem, procurei a mais provável. Quase todas eram reluzentes e novas, como o próprio palácio, mas havia uma velha, feita de ferro. Era maior que as outras e estava coberta de ferrugem, que parecia sangue escuro ao luar. Certa de que era a chave que buscava, eu a removi, depois botei as outras de volta na mesa. Voltei até a janela, fechei as cortinas para que o quarto retornasse à escuridão completa e deixei o local.

Caminhei em silêncio, quase prendendo a respiração, enquanto seguia pelo corredor e descia as escadas até o andar principal. Não me permiti um suspiro de alívio até chegar à porta que dava para o pátio. Mesmo então, obriguei-me a esperar um bom tempo, minutos preciosos para me assegurar de que não havia guardas patrulhando a intervalos regulares. Só então saí.

O silêncio enchia o pátio como um vinho encorpado enchia uma taça, e as pedras brancas das paredes do palácio tinham um brilho assustador ao luar. Saí correndo, bordejando a grande escadaria e amaldiçoando toda aquela brancura que projetava minha figura escura em relevo destacado. Meu sangue pulsava em minhas veias, e o nervosismo deixava todos os músculos de meu corpo tensos. A necessidade urgente de cautela formigava no fundo de minha língua, como se eu tivesse bebido alguma poção de prata borbulhante.

Mas, no fim, não havia nada a temer. Quase todos os soldados tinham ido com D'Albret para Ancenis, e os criados estavam tão aterrorizados que havia pouca necessidade de guardas ou sentinelas.

Quando cheguei à porta da torre, fui atingida por uma sensação fria e esvoaçante, como se eu tivesse perturbado um ninho de morcegos invisíveis – mas o adejar era grande demais, e frio demais, para algo tão vivo quanto morcegos, e silencioso demais para corujas. Seu frio penetrou em mim e fez minha mão tremer tanto que precisei tentar três vezes antes de conseguir encaixar a chave na fechadura.

As dobradiças, que deveriam ranger devido à idade e à ferrugem, eram tão silenciosas quanto asas de mariposa. Entrei e fechei a porta.

Sob a luz suave do luar que penetrava por uma seteira, as sombras escuras adejavam e esvoaçavam delicadamente pelo ar. As que não estavam se aconchegando a mim desciam suavemente. Para baixo, pois fantasmas sempre eram atraídos pelo calor e o conforto da vida.

As escadas desciam em uma espiral apertada, e apoiei as mãos na parede para me guiar. Não queria cair e quebrar o pescoço. As pedras ali eram mais ásperas e molhadas devido à umidade do rio próximo, os degraus um pouco desgastados e lascados pela idade.

Ao pé da escada, havia outra porta trancada. *Merde! Eu devia ter levado todas as chaves comigo!* Mas não. Aquela chave se encaixava na segunda porta também. Meus dentes ameaçaram bater, e fingi ser de frio e não de medo quando girei a chave e lentamente abri a porta. O

que me atingiu primeiro foi o cheiro. Uma mistura rançosa de mofo e umidade, sangue velho e excrementos humanos. Eu me preparei para o pior, mas encontrei apenas uma antecâmara. Na extremidade oposta, havia mais uma porta, esta com uma janela alta protegida por barras estreitas de ferro. Uma luz fraca tremeluzia no interior do recinto. Tão silenciosa quanto um dos fantasmas que me seguia, atravessei o pequeno espaço.

Quando alcancei a terceira porta, apertei-me contra a parede para não poder ser vista através das barras. Esperei meu coração bater uma dúzia de vezes, mas ninguém apareceu.

Lentamente, com o coração pulsando contra meu peito, me aproximei aos poucos da grade e espiei o interior.

Uma tocha solitária projetava uma luz fraca na câmara escura, e sombras saltavam e tremeluziam sobre a parede de pedra. Havia alguém se movendo e fazendo ruídos estranhos e disformes para si mesmo. Parecia um pequeno gnomo ou anão de um conto de fada, mas então vi que era simplesmente um homem contorcido e curvado. Primeiro, pensei que ele estava rindo e dançando, depois percebi que ele mancava de uma perna e que aquele era apenas o modo como se movia pela câmara. E o ruído era de mastigação: ele estava roendo um pedaço velho de pão. Enojada, afastei os olhos dele e examinei o resto do aposento. Um jarro de cerveja, um penico, uma plataforma de madeira para dormir e sentar. E outra maldita porta na parede oposta.

Eu me afastei, apertando-me outra vez contra a parede. Aquilo era tudo o que mantinha aquele cavaleiro preso? Quatro portas trancadas, pelo menos duas das quais com a mesma chave, e um homem decrepito? *Será que o prisioneiro ainda está vivo?*, eu me perguntei, então ri da estupidez de minha própria pergunta. Claro que ele ainda estava vivo, pois não colocariam um guarda, nem mesmo um como aquela pequena gárgula ali, para vigiar um cadáver.

A menos que quisessem se assegurar de que ninguém descobrisse que ele estava morto.

Prendi a respiração e deixei que meus sentidos explorassem o local. Senti o coração do homenzinho deformado batendo firme e forte. Do outro lado da porta, mais fraca e lenta, havia uma segunda pulsação. O cavaleiro estava vivo, pelo menos por enquanto.

Quase como se tivesse sentido minha mente à sua procura, o prisioneiro deu um gemido.

O pequeno guarda se arrastou até a porta do prisioneiro e fez um ruído gutural através da grade. O prisioneiro gemeu mais alto, e o som foi seguido pelo clangor de correntes pesadas. Então ele estava acorrentado e suas correntes eram a origem dos rumores de fantasmas.

Fiquei e observei por mais algum tempo, tentando descobrir os ritmos do guarda: quando dormia e quão profundamente, e se ele saía

dali em algum momento. Mas ele não saía. Mijava em um penico no canto oposto. Havia uma pequena pilha de provisões contra a parede leste, um barril de cerveja.

Ele fazia uma pausa para resmungar com o prisioneiro de vez em quando, mas se era para encorajá-lo ou provocá-lo, não pude dizer. Quando havia me demorado o máximo que ousava, comecei a me afastar lentamente da porta. Não podia ser descuidada naquele momento e chutar uma pedra ou arrastar os pés. Quando comecei a subir a escada de volta, cheguei à conclusão de que tinha sido uma noite de trabalho decente. Sabia onde estava o cavaleiro, que ele estava vivo e como era vigiado.

O que eu não sabia era como tirá-lo de lá sem que nós dois fôssemos mortos no processo.

Capítulo Dez

QUANDO VOLTEI AO MEU QUARTO, em vez de entrar na cama, fui até a mesa e tirei duas velas grossas de seus castiçais. Enfiei uma delas no atizador ao lado da lareira. Em seguida, aproximei o atizador das chamas. Foi difícil, pois não queria que a vela derretesse, só amolecesse um pouco para que eu pudesse amassá-la e modelá-la. Quando achei que estava pronta, eu a tirei do calor. Trabalhando rápido antes que esfriasse, apertei a chave da torre no interior da cera macia, enfiando-a de modo a deixar uma impressão profunda. Amaciei a segunda vela da mesma maneira. Depois, pressionei-a sobre a primeira.

Após fazer isso, usei minha faca para raspar toda a cera que sobrou, de modo a reduzir ao máximo o tamanho de meu molde. Joguei as raspas no fogo e o escondi em uma de minhas bolsinhas de joias de veludo.

Foi uma caminhada longa e tensa de volta aos aposentos de madame Dinan, mas enquanto andava, um plano começou a se formar, tão frágil e delicado como uma teia de aranha.

Até então, tinha seguido as vontades do convento e de Mortain, e isso não trouxera nada além de tragédia. Pior ainda: D'Albret ainda estava vivo e espalhando seu mal pela terra. Já havia passado muito da hora de representar o papel que me fora planejado pela abadessa, com ou sem ordens. Eu iria matá-lo, tivesse ele a marca ou não.

Mas, primeiro, tentaria libertar o prisioneiro. Se, como eu desconfiava, ele estivesse demasiado ferido e alquebrado para fazer a viagem até Rennes, eu lhe garantiria um pouco de misericórdia e acabaria com seu sofrimento, pois certamente era o que eu desejaria se estivesse no seu lugar. Eu nem o faria implorar.



De manhã, convenci Tephanie e Jamette de que devíamos ir à cidade. Não podia ir direto a um ferreiro e pedir a ele que fizesse uma

chave sem levantar uma série de perguntas. Então, em vez disso, disse a minhas damas de companhia que precisava encontrar um joelheiro que trabalhasse com prata para consertar um de meus cintos favoritos. Jamette quis saber por que, se era um de meus favoritos, ela nunca o havia visto antes. Tephanie veio em meu resgate.

– Porque está quebrado, sua tonta! – Ela estava animada como uma criança com a ideia de uma saída e começou a falar sem parar sobre o macaco que um dos soldados tinha visto na cidade.

Embora a impaciência me deixasse com vontade de correr por causa de Jamette e de nossa guarda de escolta, eu me obriguei a olhar as barracas. Parei para esfregar um reluzente cetim vermelho entre os dedos e admirar a maciez opulenta de uma peça de veludo verde. Sentindo o cheiro de dinheiro, os lojistas nos cercaram como moscas sobre uma gota de mel. Fui coquete e fingi estar seriamente interessada em um corte de damasco azul. Durante todo esse tempo, Jamette me observava extremamente de perto, como se para decorar cada um de meus movimentos, cada palavra que saísse de meus lábios. Quase esperei que ela sacasse um pedaço de pergaminho da manga e começasse a tomar notas, e não duvidava que teria feito isso, se soubesse escrever.

Finalmente chegamos à rua dos ourives, o som suave da batida rápida de seus martelos era tão distinto quanto uma tempestade de granizo. Fingi estar à procura de um enfeite de prata, mas na verdade estava em busca de um artesão que parecesse corajoso e de confiança, e sem inclinações para ir correndo ao castelo contar tudo na esperança de obter favores do novo senhor. Encontrei exatamente esse homem ou, pelo menos, era o que esperava, na terceira oficina que visitamos.

O artesão largou seu martelo quando nos aproximamos e nos cumprimentou com uma reverência. Era um homem de meia-idade com um rosto confiável e mãos fortes, endurecidas por uma vida de cicatrizes dos metais quentes com os quais trabalhava, com rachaduras na pele preenchidas por pó de prata. Uma mulher que estava varrendo a oficina – sua esposa, sem dúvida – correu para se juntar a ele.

À medida que o artesão se aproximava, olhou para os homens às nossas costas. Seu olhar satisfeito se transformou em um de desconfiança reservada ao reconhecer as cores do estandarte da casa D’Albret gravadas nos tabardos de nossa escolta. Sua esposa o cutucou com o cotovelo e manteve o sorriso agradável firme no lugar.

– Como podemos servi-la, *milady*? – A voz fria e distante do ourives não combinava com suas palavras.

– Eu tenho um cinto que rompeu um elo. Ele é de ouro. O senhor pode consertar?

– Claro – ele respondeu lentamente, como se relutante em admitir, se isso fizesse com que eu medemorasse em sua oficina.

A mulher foi menos relutante.

– O ouro é valioso demais para ficar em exibição, *milady*, mas a habilidade de meu marido é igual à de qualquer ourives da cidade. – O orgulho seguro e tranquilo com que ela disse isso me emocionou de um modo que não pude explicar.

O ourives, entretanto, deu um olhar irritado para ela, e foi quando percebi que ele desejava que fôssemos para outro lugar. O que imediatamente provou que era adequado para o serviço que eu tinha em mente.

– Então posso ver o trabalho? – perguntei.

– Sem dúvida, *milady*. Vou trazer uma bandeja. Eu ergui a mão.

– Espere. Desejo ver a área de trabalho antes de decidir. Não vou deixar meus bens em um chiqueiro.

A boa esposa se irritou com isso, mas abriu a meia porta que levava à oficina e fez uma reverência.

– Já volto – disse eu aos outros.

O ourives e eu seguimos até a bancada mais distante, e a esposa pediu licença para buscar uma bandeja com o melhor trabalho do marido. Entreguei o cinto ao homem. Enquanto seus olhos experientes e suas mãos seguras examinavam a peça, testando elos fracos ou rompidos, me movi de modo que meu corpo bloqueasse o que estávamos fazendo. O artesão franziu o cenho para mim.

– Não há nada errado com...

– Psiu – disse eu, baixinho. – Aproximei-me dele, como se para olhar alguma coisa que ele estivesse me mostrando. – Este não é meu verdadeiro serviço para você. Eu tenho uma chave que precisa ser copiada. – Tirei o saquinho de veludo da bolsa maior e entreguei os pequenos blocos de cera para ele. Sem tirar um dos olhos de mim, ele abriu a bolsinha e viu as impressões da chave.

– *Milady*, eu não sou ferreiro... Eu sorri e disse bruscamente:

– Você não acha que sei ler o letreiro acima de sua oficina? Essa chave é um presente para alguém. Alguém... *especial*. – Dei um sorriso ao mesmo tempo tímido e sedutor, e sua mente foi exatamente para onde eu queria que fosse. Ele franziu o cenho em desaprovação e abriu a boca para recusar, mas puxei um segundo saquinho menor de minha bolsa. – Vou fazer o serviço e seu silêncio valerem a pena.

Naquele instante, sua mulher voltou com uma bandeja de cintos de ouro ricamente trabalhados, tiaras, taças com ornamentações intrincadas e rosários. Quando viu o saquinho, seu rosto se iluminou. Entreguei a bolsa a ela antes que o artesão pudesse recusar o trabalho, sabendo que, assim que fechasse a mão em torno das moedas, ela, como qualquer boa dona de casa, não as soltaria mais.

– Ah, e mais uma coisa – disse eu, como se tivesse acabado de lembrar. – O ourives olhou paramim, sem dúvida envergonhado e

desejando que eu me afastasse dele e de sua oficina. – Volto em três horas para buscar o... cinto.

– *Milady!* – protestou ele. – Isso não é nem de perto tempo suficiente.

– Ah, mas você vai arranjar o tempo, não vai? – Nossos olhares se encontraram.– Mas é claro, *milady*. Vou arranjar o tempo.



Passamos o resto do dia circulando pelas lojas e oficinas de Nantes. Jamette comprou uma fita cor-de-rosa e um cordão trançado a ouro para o cabelo. Não pude evitar sonhar acordada em estrangulá-la com ele. Tephania olhava para tudo com olhos ávidos, como uma criança faminta, e acabei comprando para ela um pente bonito para o cabelo. Eu disse a mim mesma que era apenas para deixar Jamette com ciúme.

Três horas mais tarde, os sinos da catedral de Nantes chamaram todo mundo para as orações da tarde. Até Jamette tinha cansado das compras, e os olhos dos guardas estavam se revirando de tédio em suas órbitas, por isso voltamos ao ourives.

Ele e a mulher estavam a nossa espera e a expressão que ela me deu dessa vez foi de completa censura e reserva. O artesão nada disse, sem dúvida contando os minutos para se livrar de mim. Mais uma vez, tomei cuidado para bloquear a visão de sua bancada com o corpo.

– Meu cinto está pronto? – perguntei, animada.

– Como pediu, *milady*. – Ele me deu o pequeno saco de veludo ao mesmo tempo que me entregou o cinto. O saco ainda estava aquecido pelo metal quente da chave recém-feita. Ao tomá-lo de sua mão, meus dedos seguraram os dele. Eu fiz uma pausa.

– Se falar sobre isso com qualquer pessoa, minha vida e a sua não vão valer nem as cinzas em sua areira.

Seu olhar cruzou com o meu, então se afastou.

– Eu sei disso muito bem – murmurou ele. – Pois isso não é nenhuma chave de quarto. – Ele começou a afastar a mão, mas eu a apertei com mais força.

Não sei por quê, mas fui tomada por uma necessidade urgente de fazer aquele homem simples e honesto saber que eu era capaz de agir com decência.

– Nem todos no palácio apoiam o barão. – Deixei que todo meu artifício caísse para que ele pudesse ver a verdade por trás de minhas palavras.

Ele me estudou com cuidado por um momento, então balançou a

cabeça uma vez, em compreensão.

– Obrigada. – Dei a ele um sorriso verdadeiro dessa vez e apertei sua mão. Ele piscou. – Não vou pôr você nem sua família em risco outra vez, eu juro.

Seu rosto foi tomado de alívio. Guardei a chave na bolsa em minha cintura e saí.

Capítulo Onze

D'ALBRET E SEUS HOMENS AINDA não tinham chegado de Ancenis quando nos retiramos para dormir. Esperei pelo que pareceu uma eternidade enquanto Jamette e Tephanie me despiam e me preparavam para a cama. O fato de Jamette tagarelar como um passarinho nervoso não ajudava o tempo a passar mais rápido. Depois de muito, elas terminaram seus afazeres e foram embora.

Quando finalmente fiquei sozinha, fui até meu baú e procurei entre meus venenos um que fosse ao mesmo tempo rápido e piedoso, mas não tinha nenhum. Alguns eram delicados, mas agiam lentamente, e os que atuavam com rapidez causavam demasiado sofrimento e desconforto para serem usados em uma morte piedosa.

Em vez disso, peguei minha faca favorita e uma pedra de amolar, então fui me sentar junto ao fogo e comecei a afiar a lâmina. Ainda não sabia se o prisioneiro conseguiria subir em um cavalo, ou cavalgar, ou sequer se estava consciente. Caso não estivesse, não teria utilidade para a duquesa. Não a menos que ela pudesse usar seu corpo morto e martirizado para incitar legalistas a pegar em armas.

Ele não teria a marca, mas eu não ligava mais.

Isso costumava me amedrontar, a ideia de matar sem a marca de Mortain para guiar minha mão, mas, agora, sair de Suas graças não me provocava mais medo. Especialmente porque o pouco que eu conhecera dessa graça fora muito cruel. Meu maior medo sempre tinha sido que, depois que começasse a matar por minha própria vontade em vez de pela vontade de Mortain, eu não seria melhor que D'Albret. Mas, nos últimos dias, eu tinha começado a me perguntar se ser filha da Morte era de algum modo diferente de ser filha de um assassino sádico e cruel. Havia pouca diferença que eu pudesse ver, por isso era melhor que eu fizesse minha própria escolha naquela situação, a que eu achasse que fosse trazer mais bem.

Os alertas das freiras sobre o destino de minha alma surgiram novamente em minha mente, mas o que as irmãs tolas não percebiam era que minha vida já era um inferno na terra, então trocar uma forma por outra não era um impedimento muito grande.

Após uma hora inteira se passar, eu me vesti e recolhi os suprimentos que tinha selecionado. Além do Murmúrio da Noite e da

faca recém-afiada, armei-me com duas outras facas e um bracelete de garrote, além de meu crucifixo letal. Se o cavaleiro tivesse de morrer naquela noite, então eu iria diretamente do calabouço para o quarto de D'Albret, onde seria bastante fácil ganhar acesso sem sua presença. Chegando lá, eu simplesmente esperaria por ele. Até D'Albret devia dormir em algum momento. E quando fizesse isso, eu iria agir.

Provavelmente não sobreviveria à tentativa, mas pelo menos teria tentado, e sem dúvida isso iria provar que a escuridão que vivia dentro dele não vivia em mim.

Não era o tipo de saída pela qual eu tinha rezado, mas *era* uma saída.

Quando cheguei à minha porta, parei por tempo suficiente apenas para sentir a leve batida de um coração pulsando ritmadamente do outro lado. Seria Jamette com sua espionagem constante? Ou algum guarda novo que meu pai havia postado?

Rapidamente preparei meia dúzia de desculpas, então abri a porta.

Era Tephanie. Ela estava enrolada em sua capa, como uma salsicha em seu invólucro, dormindo diante de minha porta.

Olhei feio para a garota tola, mas embora sua presença fosse um mistério, seria bem fácil lidar com ela se me descobrisse. Fechei a porta com delicadeza ao sair, então passei por cima dela e desci pelas escadas até o pavimento principal. Sem sentir nenhum guarda ou sentinela, saí para a noite.

A lua estava quase cheia e brilhava sobre o pátio do palácio com a luz de mil velas. Meu coração bateu forte dentro de meu peito quando uma sombra passou acima de mim e adentrou as árvores no pátio externo. Uma coruja. Era apenas uma coruja caçando seu jantar.

Esperei por mais um momento para ter certeza de que o movimento não tinha chamado a atenção de ninguém, depois me esgueirei, acompanhando a parede do palácio, na direção da torre velha. Estava tomada por uma calma estranha. Sabia, em meu coração, que o que estava planejando era a coisa certa a fazer. A sensação era tão bem-vinda quanto desconhecida. Dessa vez, minhas mãos estavam bem firmes quando removi a chave do saquinho em minha cintura e a encaixei na fechadura.

Ouvi um estalido satisfatório quando ela girou, e enviei agradecimentos sinceros ao ourives cuidadoso e à sua habilidade. Assim que entrei, fui envolvida pelos espíritos da torre, sua presença gélida penetrando em meus ossos.

Agarrei-me à parede em ruínas para me apoiar e desci até chegar à segunda porta. A chave também funcionou ali, então eu me vi parada diante da porta final. Afastei-me para o lado, fora da linha de visão do carcereiro. Podia ouvi-lo se arrastar pelo chão, murmurando palavras incompreensíveis para si mesmo.

Quando tive certeza de que ele não estava perto da porta, lentamente aproximei meu rosto da grade e olhei para o interior. Se pudesse me aproximar o suficiente de seu jarro de cerveja, poderia jogar ali dentro um pouco de minha própria poção para dormir, mas estava distante demais da porta. Minha única opção era chamá-lo e usar o pó do Murmúrio da Noite. Com meu capuz bem abaixado, ele não conseguiria reconhecer meu rosto quando despertasse. Perguntei-me se não estaria lhe fazendo um favor matando-o ali, no ato. Havia uma boa chance de que a ira de D'Albret caísse sobre ele se o prisioneiro fosse encontrado morto, e a punição seria rápida e brutal.

A menos que o prisioneiro estivesse bem o suficiente para viajar. Então, tudo o que o carcereiro teria era uma cabeça grogue. Pelo menos, até minha próxima visita para tirar o cavaleiro dali.

Quando tirei o pacotinho de Murmúrio da Noite da bainha em meu pulso, ouvi o ruído de uma bota na escada atrás de mim. Olhei ao redor da antecâmara, mas não havia lugar para se esconder. Enfiei o pacote de volta em seu esconderijo, segurei o cabo de minha faca e me virei para ficar de frente para as escadas.

A figura alta e escura franziu o cenho, sem acreditar.

– Sybella?

Merde! Não era um mero guarda ou sentinela, mas Julian. Ele deu três passos em silêncio em minha direção e segurou meu braço.

– O que está fazendo aqui? – Por trás da raiva, via medo verdadeiro em seus olhos.

– Você voltou. – O tom de alegria em minha voz era tão convincente que até eu quase acreditei nele. Dei um sorriso coquete. – Como soube onde me encontrar?

– Procurei até pensar em conferir no único lugar onde você não deveria estar. – Ele deu umasacudida em meu braço. – Você não pode imaginar o perigo em que se meteu.

– Não conseguia dormir por causa do barulho das correntes dos fantasmas. Você sabia que estatorre é assombrada?

– Você conseguia ouvir os sons de assombração lá dos seus aposentos? – Os olhos dele estavam arregalados de descrença.

– Claro que não. – Eu o olhei timidamente, de baixo para cima. – Vim à capela rezar para que você voltasse em segurança. Foi quando ouvi os barulhos.

As linhas duras de seu rosto relaxaram um pouco.

– Por mais que aprecie suas orações, você correu um grande risco ao se meter onde não devia.

– Como eu podia imaginar que minhas orações seriam atendidas tão rapidamente? – Sorri, como se estivesse realmente agradecida. Então tornei a ficar séria. – *Fantasmas*, Julian. Você consegue sentilos? – Permiti que meu corpo fosse percorrido por um calafrio, o que foi

bem fácil com o frio de todos os mortos irrequietos que se aferravam a mim como uma manta e com o medo que me tomava. Assegurei-me de pôr um brilho de excitação nos olhos. – Fantasmas de todos os prisioneiros que morreram aqui, sem o perdão de seus pecados. – Naquele instante, houve um chacoalhar suave de correntes, o primeiro que escutei do prisioneiro durante toda a noite. – Aí! Ouviu? Eles podem entrar em nossos quartos à noite e sugar a alma de nosso corpo. – Eu fiz o sinal da cruz por garantia.

Ele me estudou por algum tempo, em silêncio, depois pareceu tomar uma decisão.

– Venha, deixe-me mostrar esses fantasmas a você. – Ele soltou meu braço, em seguida bateu umavez na porta com grade. Enquanto passos se arrastavam em nossa direção, ele olhou para mim.

– Como você entrou?

Pisquei, como se não tivesse entendido a pergunta. – Abrindo a porta.

– Impossível – chiou ele. Um olho escuro espiou pela grade. Ele ergueu a cabeça para que seu rosto pudesse ser visto. Em seguida, houve o som alto de uma tranca sendo erguida.

Foi interessante que o carcereiro abrisse a porta com tamanha facilidade para meu irmão. Até que ponto Julian tinha a confiança de D’Albret? Eu achava que ele estivesse envolvido apenas de modo periférico nos esquemas de nosso pai, apenas o suficiente para evitar chamar atenção para si mesmo, mas agora eu precisava repensar isso.

A porta se abriu e o homenzinho estranho fez uma reverência distorcida.

– Isso – disse eu, olhando para a criatura – não é nenhum fantasma, mas um velho aleijado. Ou umagárgula.

Julian me lançou um olhar desesperado, pegou-me pelo braço e quase me arrastou pelo pequeno aposento. Cobri o nariz com a mão.

– E este, sem dúvida, não é nenhum fedor de outro mundo – disse eu.

– Espere. – Julian me empurrou até uma segunda porta que também tinha uma janela com grades no alto. – Seu fantasma. – Julian pegou uma tocha na parede e a enfiou pelas barras.

– Meu Jesu – murmurei. O homem gemeu e tentou se afastar das chamas brilhantes. Seu rosto tinha sido surrado e estava disforme, inchado e coberto de sangue seco. Ele estava seminu, com nada além de trapos cobrindo seu corpo, e duas feridas em seu braço esquerdo escorriam de modo sinistro. Não podia acreditar que aquela era a mesma criatura que havia lutado de forma tão valente contra os homens que haviam atacado a duquesa duas semanas antes. D’Albret tinha pegado mais uma coisa nobre e a destruído. – Quem é ele? – Não foi um grande truque inserir repulsa e nojo em minha voz, pois o

prisioneiro tinha sido tratado como o mais vil dos criminosos, uma violação de todos os padrões decentes para se cobrar resgate. Nós não devíamos tratar nem os nossos cães mais velhos tão mal.

– Só um prisioneiro do campo de batalha. Agora venha. Se alguém souber que você esteve aqui, acho que nem eu poderei salvá-la da fúria de nosso pai. – Com isso, Julian devolveu a tocha à parede, depois me arrastou para fora do calabouço.

Depois de sairmos da cela, respirei fundo o ar fresco e frio.

– O senhor nosso pai está pensando em pedir resgate por ele?

– Não.

– Então por que simplesmente não o mata, e acaba logo com isso?

– Acho que há um problema antigo entre os dois, e nosso pai planejou alguma vingança especial. Acredito que ele pretende usar o homem como uma mensagem especial para a duquesa.

Mantive a voz tranquila.

– O homem não parece capaz de mandar uma mensagem da própria cela, muito menos ir até Rennes.

– Você não entendeu. O cavaleiro vai ser a mensagem. Quando seu corpo enforcado e esquartejado for enviado à duquesa, vai servir como alerta de que até os homens mais fortes e leais não podem resistir ao nome D’Albret.

A vileza daquele plano embrulhou meu estômago. Sorri e cutuquei Julian nas costelas, divertida.

– Nossa, mas você realmente conquistou toda a confiança de papai. Subiu tanto assim em seus favores?

Chegamos no topo da escada. Julian ignorou minha pergunta e virou para me encarar.

– Como você entrou, Sybella? – Era sua voz mais séria, a que ele sempre usava quando ficava preocupado que estivéssemos em perigo.

– A porta estava destrancada – respondi. – Devia estar trancada? Se sim, é melhor você ver com os guardas quem foi o último que estava de serviço, pois não estava quando eu cheguei.

Ele ainda não parecia convencido. Aproximei-me dele e ignorei a forte onda de nojo que começou se formar em meu interior. Joguei os braços em volta de seu pescoço e me ergui de modo que meus lábios tocassem seu ouvido.

– Estou lhe dizendo a verdade, mas você pode me revistar se quiser. Seria uma brincadeira gostosa. – Meu coração batia com tanta força em meu peito que foi uma surpresa ele não ter escutado. Com medo de que isso acontecesse, fiz a única coisa em que pude pensar para distraí-lo. Pus minha boca sobre a dele.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, então ele me envolveu em seus braços, apertando-me de modo que nossos corações bateram um contra o outro, e pude sentir toda a extensão de seu corpo contra o

meu. Ele se afastou por tempo o bastante para suspirar meu nome.

Ele não é meu irmão, ele não é meu irmão.

Quando ele se moveu para me beijar de novo, eu me afastei bruscamente, golpeei-o no peito com o punho e franzi a testa.

– Na próxima vez, não me deixe por tanto tempo – disse, fazendo bico. Se ele achasse que euestava jogando um jogo, iria jogar também. Se achasse que eu o estava rejeitando, iria me atacar.

Esperei, segurando a respiração, perguntando-me o que ele decidiria.

Quando piscou, levemente surpreendido, eu soube que o momento de perigo havia passado.

– Como foram as coisas com Mathurin? – perguntei para distraí-lo ainda mais. – Nosso pai ficou satisfeito com a explicação que você deu?

– Sim. Na verdade, ele ficou satisfeito por você ter cuidado dos interesses dele com tamanha rapidez. – Julian quase sorriu, pois sabia como aquilo pouco me agradava.

– E os outros? Eles já retornaram?

– Não. Eu vim na frente. Corri de volta para você. – Sua voz tinha um tom acusador, e seus olhos não passavam de poços de escuridão naquele lugar sem luz. Eu me perguntei se ele estava dizendo a verdade ou se estaria mais envolvido nos jogos de meu pai do que eu havia imaginado.

Mas não, não Julian. Ele era o único em toda a minha família que odiava meu pai tanto quanto eu. Mas ele também havia mudado nos três anos que passei longe, no convento, e isso me preocupava, pois eu não o conhecia mais tão bem quanto antes.

Além disso, ele havia me traído antes. Nada garantia que não tornaria a fazê-lo.

Capítulo Doze

NOSSO CAMINHO DE VOLTA a meu quarto foi longo e tenso, e não falamos nada. Olhei de relance para ele, mas seu rosto estava obscurecido pelas sombras.

Será que ele havia acreditado em minhas explicações? Será que tinha percebido que meu verdadeiro propósito era ir às masmorras? Não, não podia ter percebido, pois nem *eu* tinha certeza de meu verdadeiro propósito. Agora que vira como o prisioneiro estava fraco e ferido, eu tinha ainda mais dúvidas de que ele pudesse ser salvo, muito menos cavalgar as vinte e seis léguas até Rennes, onde a duquesa o esperava.

Quando chegamos à ala residencial do palácio, Julian deu um aceno para a sentinela recém-postada à porta. Enquanto subíamos as escadas até o piso superior, meu beijo desesperado para afastar as suas desconfianças pairava denso no ar entre nós. Temi que ele o tivesse tomado como um convite ousado. O que ele faria quando chegássemos a meus aposentos?

Paramos à porta de meu quarto, e embora eu soubesse que Julian estava esperando que eu a abrisse, virei-me como se fosse lhe dar boa-noite.

– Ainda bem que você voltou bem e em segurança – murmurei.

Ele se aproximou de mim e se inclinou para esfregar o rosto em meu cabelo.

– Você sabe que odeio ficar longe de você. Voltei o mais rápido que pude.

Pus a mão em seu peito e brinquei com o cordão dourado em seu gibão para evitar que ele se aproximasse mais.

Não funcionou. Ele ignorou minhas mãos entre nós e desceu os lábios de meu cabelo até minha boca. Fiquei desesperada e tentei rapidamente pensar em algum jeito de virar seu próprio desejo contra ele, mas não consegui. Não agora, quando estava cansada e com frio e o choque amedrontador de ter sido descoberta ainda corria por minhas veias.

Então, graças a Mortain, a porta atrás de mim se abriu e eu quase caí de costas dentro do quarto. A cabeça de Julian se ergueu, uma fúria negra em seus olhos. Girei para ver quem tinha nos

interrompido, querendo pôr o corpo firmemente na frente de Julian até que ele conseguisse controlar seu mau humor.

Era Tephanie. A querida, desajeitada e *doce* Tephanie! Seus olhos pausaram brevemente sobre Julian, depois se voltaram para mim, sem jamais vacilar.

– A senhorita me pediu para esperá-la, *milady*.

– Verdade. Obrigada, Tephanie. – Minha voz estava calma, firme, e tinha o leve tom de desprezo que Julian esperaria.

Olhei para Julian como se para me desculpar por aquela criada excessivamente zelosa. O mau humor dele tinha se dissipado, e em seu lugar havia uma leve expressão de zombaria.

– É tarde e tenho certeza de que sua acompanhante gostaria de dormir um pouco antes que a noite termine. – Ele se virou para Tephanie. – Você pode ir – disse para ela.

Escondida atrás de minha saia, minha mão se estendeu e segurou o braço dela, um aperto de ferro que a prendeu no lugar. Ela fez uma reverência e murmurou:

– Não é nenhuma inconveniência, milorde, mas uma grande honra poder servir *milady* de todos os modos que ela desejar.

Eu inclinei a cabeça para Julian.

– Ouviu isso, milorde meu irmão? Ela se sente honrada por me servir de todos os modos que puder.

Ele olhou para mim, depois para Tephanie, e vi em seus olhos o momento exato em que reconheceu a derrota na batalha.

– Não posso discutir com tal devoção. Desejo boa noite a vocês duas.

Depois que Julian foi embora, entrei cambaleante em meu quarto e quase desabei no chão. Meus joelhos estavam fracos; os intestinos, frouxos; e eu não conseguia parar de tremer.

– *Milady*? – O rosto simples de Tephanie estava turvo de preocupação. – A senhorita está bem?

– Estou bem. – Incerta quanto a minha habilidade de controlar minha expressão naquele momento, não levantei o rosto.

Ignorando minhas palavras, ela correu para o meu lado. Eu me preparei para uma enxurrada de perguntas, mas ela me surpreendeu ao não dizer nada. Simplesmente tomou minhas mãos congeladas nas suas e começou a esfregar um pouco de calor de volta nelas.

Algo em seu toque, em sua natureza simples, altruísta, me deu vontade de chorar. Ou talvez ainda fossem os efeitos do medo que eu sentira.

Mais uma vez, Julian tinha interferido, arruinando meus planos e destruindo minha resolução conquistada com dificuldade. Pior ainda: eu desconfiava que ele tinha mais a confiança de D'Albret do que eu imaginava. Até que ponto iria a lealdade dele? Qual era seu maior

desejo, manter-me segura ou servir nosso pai?

E o cavaleiro! Meu Jesu, o que eles tinham planejado para ele! Ser enforcado e esquartejado era o pior tormento que eu podia imaginar. Ele seria enforcado, mas não por tempo suficiente para morrer. Não, eles o tirariam de lá antes que ele escapasse para o doce vazio. Então iriam abrir sua barriga, remover suas entranhas enquanto ele assistia, e descobrir maneiras infinitas de mantê-lo consciente e vivo enquanto faziam isso. Quando terminassem, iriam jogá-lo no chão, prender cada um de seus membros a um cavalo e mandá-los galopando em direções diferentes até que ele fosse rasgado em pedaços.

Temendo passar mal, afastei a imagem de minha mente. Sentindo meus tremores, Tephannie se afastou para buscar minha camisola, depois me ajudou rapidamente a me despir junto ao fogo. Ela vestiu a roupa limpa por cima de minha cabeça, pôs uma taça de vinho quente em minha mão e foi aquecer a cama.

Quando terminou, fez uma reverência, ainda sem me olhar nos olhos.

– Isso é tudo, *milady*?

Estudei sua cabeça flexionada e seu rosto corado e me perguntei o que a tornava tão leal a mim quando todos os outros queriam me ver cair em desgraça. Mas ela era leal, e determinada também, com sua insistência teimosa em me servir diante da insatisfação nada insignificante de Julian.

– Fique. – A intenção era que fosse uma ordem, mas temi que tivesse parecido mais um apelo.

Ela piscou, surpresa, depois fez uma reverência para demonstrar concordância. Enquanto se preparava para dormir, entrei embaixo das cobertas. Nem o calor dos tijolos aquecidos conseguia remover o tremor de meus membros.

O prisioneiro sentiria frio em seu calabouço? Ou estaria inconsciente e alquebrado demais para sentir qualquer coisa?

A cama afundou quando Tephannie subiu nela. Dei-lhe um momento para se instalar, depois me movi na direção de seu calor, com tanta fome de seu calor vital quanto um fantasma.

Quando finalmente parei de tremer e comecei meu mergulho rumo ao sono, senti um par de lábios macios e delicados em meus cabelos. Ou talvez tivesse sido apenas um sonho. De qualquer modo, pareceu uma promessa de absolvição.

Capítulo Treze

MEU PAI E O RESTO de seus homens voltaram a tempo da refeição do meio-dia. Não se deram ao trabalho de se lavar, e fediam a cavalos, suor e sangue velho, mas não foi por isso que meu apetite se evaporou imediatamente, foi a visão de D'Albret animado, pois ele só ficava alegre daquele jeito quando estava planejando alguma coisa realmente terrível. Enquanto ocupava meu lugar à mesa, Julian me lançou um olhar de alerta: vá com cuidado.

Depois que Julian me descobriu no calabouço da torre, todos os meus belos planos se transformaram em cinzas. Não tinha nenhuma possibilidade de tirar a Fera de lá agora, nem de salvá-lo do que haviam planejado para ele. Provavelmente haviam dobrado a guarda na torre. Além disso, Julian saberia exatamente a quem culpar.

Se bem que, como eu provavelmente não sobreviveria à tentativa, imaginei que essa parte não tivesse tanta importância. Meus dedos tocaram o anel que eu usava na mão direita, a obsidiana negra lapidada que ocultava uma dose única de veneno. Uma dose preparada exclusivamente para mim.

Como se tivesse pressentido alguma coisa, D'Albret virou seu olhar duro em minha direção, seus olhos dançando com um brilho predatório.

– O que você andou armando enquanto estive fora?

Tive de me segurar para não olhar para Julian. Teria ele contado a D'Albret sobre minha ida ao calabouço?

Não, claro que não, pois se tivesse, a barba de D'Albret não estaria se eriçando de boa vontade.

Decidi que o melhor era uma abordagem humilde, pelo menos até saber do que aquilo se tratava.

– Eu me diverti com as damas do castelo e fui à cidade ver que diversões ela oferecia.

Ele tomou um gole de vinho, estudando-me o tempo inteiro, deixando que o silêncio e minha apreensão crescessem até que eu temesse que meus nervos fossem arrebentar.

– Eu também tinha um cinto que precisava de conserto – disse a ele, sem saber ao certo se era um teste para ver se minha resposta batia com a de Jamette.

– Então – perguntou ele, gesticulando com seu cálice –, o que achou da cidade? Eles a trataram bem? Como sua posição merece?

Sua expressão era ilegível, e eu não sabia dizer se estava entrando em uma armadilha ou se ele estava realmente curioso.

– As pessoas na cidade estavam circunspectas, e a habilidade dos ourives não é a mesma à que estamos acostumados.

Ele assentiu, como se não esperasse nada de diferente.

– E como estava o estado de ânimo da cidade? Eles sempre ficam carrancudos quando meus soldados circulam, mas os moradores das cidades são sempre assim com soldados. Como receberam vocês é uma indicação melhor de sua verdadeira lealdade.

Tornei a pensar no artesão e em sua relutância em nos atender. Nos olhares nervosos dos vendedores e em como os comerciantes nos examinavam com desconfiança. Dei de ombros. – Foram receptivos o suficiente.

Jamette virou e olhou para mim, surpresa. Foi então que vi sua nova joia, uma pérola rosa redonda que pendia de uma delicada corrente de ouro no centro de sua testa.

– O ourives quase não se recusou a atendê-la? – disse ela.

Não consegui decidir o que gostaria de arrancar primeiro, sua língua solta ou seus olhos observadores. Não achava que ela tivesse estado perto o suficiente do artesão e de mim para ouvir as palavras ditas entre nós.

– Temo que esteja enganada. Ele apenas não tinha certeza se conseguiria fazer o trabalho no tempo que exige.

– Ah – disse ela, parecendo levemente envergonhada.

Voltei-me para meu pai, querendo me certificar de que o ourives não tivesse problemas com ele. – Ele foi cortês, apesar de um pouco provinciano. E sua mulher foi extremamente solícita.

– Que pena – disse meu pai.

O marechal Rieux olhou para ele, surpreso.

– Isso não é uma coisa boa?

Meu pai sorriu, sem dúvida uma de suas expressões mais horrendas.

– Eu estava querendo fazer dele um exemplo de sua falta de respeito.

Senti um calafrio subir pela espinha e tentei pensar em algo para desviar sua atenção do ourives.

Recebi ajuda de um lugar inesperado.

Pierre, que tinha bebido vinho demais, ergueu o copo.

– Em vez disso devemos seguir o exemplo da duquesa e atacar Rennes! – A esposa do barão Vienne estava sentada ao seu lado, ignorada e esquecida. Ela parecia ter envelhecido dez anos nos últimos dias, mas eu não sabia se era pela morte recente do marido ou pelas atenções de Pierre.

Julian olhou para ele com desaprovação.

– Eles estão com muitas provisões e podem sustentar um cerco com facilidade. Vamos ficar parados no campo de batalha com cara de bobos.

– Não com a *nossa* força – disse Pierre, com um tom arrogante.

Julian acenou para afastar o pajem que estava esperando ordens de encher o cálice de Pierre.

– Força não servirá para nada se não conseguirmos penetrar nas muralhas da cidade. A expressão de D’Albret ficou arguta, e ele começou a brincar com o pé de sua taça.

– Ah, mas e se *tivéssemos* ajuda de dentro? – disse ele, e fiquei apavorada. A duquesa não tinha eliminado todos os traidores de seu conselho? Pelo que eu sabia, não restava nenhum. Todos estavam sentados ali, naquela mesa.

– Ajuda? – perguntou Rieux, nitidamente intrigado.

D’Albret prolongou o momento, bebendo sua taça de vinho até o fim e esperando que o mordomo tornasse a enchê-la antes de prosseguir.

– Mandei homens se infiltrarem nos quadros dos mercenários que o capitão Dunois contratou para aumentar as tropas da duquesa. Eles receberam ordens de serem designados para as partes vulneráveis da cidade, os portões, as pontes, os esgotos, qualquer lugar que possa servir como ponto de entrada.

– Quando estiverem em posição, teremos várias fissuras na armadura dela para usar a nosso favor. No momento certo, eles vão poder abrir os portões da cidade para nós. Quando nossas forças estiverem lá dentro, será bem fácil superar os guardas dela e tomar as defesas com nossos homens. O santuário da duquesa rapidamente vai virar sua prisão. – Ele sorriu, seus dentes brilhantemente brancos contra o negrume de sua barba.

Estava claro que a ambição incontrolável de D’Albret não iria se curvar a nada além de morte. A ideia de suas forças caindo sobre Rennes e invadindo a cidade fez meu estômago se revirar em um nó azedo.

Pierre ergueu seu cálice em um brinde.

– Agora é hora de mandar nossa mensagem para ela, milorde?

D’Albret ficou imóvel por um bom tempo. Temi que ele fosse arremessar seu cálice em Pierre. Em vez disso, ele sorriu.

– Amanhã, rapazote. Vamos mandar nossa mensagem para ela amanhã.

Parecia que o cavaleiro ferido tinha ficado sem tempo.

Capítulo Catorze

DEIXEI JULIAN LARGADO SOBRE uma cadeira junto do fogo. Estava com a cabeça jogada para trás e a boca aberta. Quase parecia morto. Na verdade, considerei brevemente matá-lo, mas no fim não consegui. Nem mesmo depois de tudo o que ele havia feito. Nós tínhamos sobrevivido a muitas coisas juntos, tínhamos sido aliados um do outro quando ninguém mais ficara do nosso lado.

Além disso, ele era uma das poucas coisas que havia me amado e sobrevivido.

Ele iria se sentir grogue e enjoado da overdose de poção do sono que eu tinha lhe dado, mas bem que merecia por ter ido a meus aposentos sem ser convidado. Só pensar que eu jamais teria de suportar seu arranhar noturno à minha porta outra vez era suficiente para deixar meus passos mais leves.

Após me munir com todas as armas que tinha – facas, punhais e garrotes –, saí de meu quarto. Eu me sentia como um mascate, com todas aquelas poções, armas e ferramentas que levava comigo. Tive sorte de não tilintar ao descer as escadas.

Havia poucas opções sobrando para mim, e não havia espaço para erro. Eu finalmente iria realizar meu desejo de matar D'Albret, ou, pelo menos, tentaria. Se falhasse, e havia uma boa chance de que isso acontecesse, então era ainda mais importante que o cavaleiro sobrevivesse, pois ele devia escapar do destino planejado para ele por D'Albret e alertar a duquesa o mais rápido possível.

Eu era a única pessoa em posição de deter D'Albret. E até minhas chances eram reduzidas, pois meu plano dependia de um cavaleiro gravemente ferido e de minhas próprias habilidades limitadas.

Quase todos os criados e soldados do palácio estavam dormindo quando fui de meu quarto até o pátio. Não foi fácil conseguir isso, e consumiu até a última gota de veneno das pérolas de minha rede de cabelo e das contas de vidro da corrente de meu crucifixo. Eu tinha jogado tudo no jantar dos homens enquanto o ensopado ainda borbulhava no caldeirão pendurado acima do fogo. Uma dose tão diluída faria toda a guarnição dormir, mas apenas por algumas horas. Quando despertassem, se sentiriam como se tivessem sido pisoteados por um rebanho de bois, mas pelo menos estariam vivos.

Eu teria adorado envenenar todos, pois, se eram leais a meu pai, não tinham sequer um osso inocente no corpo. Mas matar tantos homens parecia demais com um dos esquemas de D'Albret. Então, me satisfiz em saber o tamanho da encrenca em que estariam pela manhã, quando todo o impacto de minhas atividades noturnas ficasse claro.

Só os guardas de serviço no portão leste iriam apresentar problemas, pois eles ainda não tinham jantado. Eu teria de lidar com eles para conseguir levar o prisioneiro para a carroça que estava à espera.

A carroça de excrementos me custara muito, pois o dono não queria perder sua fonte de renda. Mas, quando lhe apresentei joias o suficiente, ele finalmente concordou em esvaziá-la e levar sua carga misteriosa pelo portão leste. Claro, eu não o pagara com minhas próprias joias, mas com as de Jamette. Tinha sido bem fácil entrar em seu quarto e pegar um punhado das quinquilharias que ela ganhara por me trair.

À medida que me aproximava da torre, o peso dos segredos e da obrigação de mover-me com cautela, de preservar ilusões e sussurrar mentiras convincentemente caiu de meus ombros, deixandome tão leve que me perguntei o que fazer para não flutuar pelo pátio.

Cheguei à velha torre e enfiei a chave na fechadura. Meu sangue corria com tamanha fúria por minhas veias que quase não percebi os espíritos à espera quando vieram em minha direção, sua presença gelada mal penetrando o calor do momento.

Ao pé da escada, parei por tempo suficiente para baixar meu capuz e esconder o rosto de vista, então quase ri do gesto. Depois daquela noite, não importaria mais. Mesmo assim, velhos hábitos não morrem facilmente, e deixei o capuz no lugar.

Tinha pensado por muito tempo sobre o que fazer com o carcereiro. Estava surpreendentemente relutante em matá-lo, pois toda morte sem a bênção de Mortain era mais um passo que dava na direção do próprio mal que eu odiava em D'Albret. Mas não podia arriscar que ele arruinasse meus planos, pois, se o cavaleiro estivesse ferido demais para cavalgar até Rennes, eu não teria escolha além de acabar com seu sofrimento – sem dúvida ele já havia sofrido bastante.

Além disso, se eu falhasse e D'Albret sobrevivesse àquela noite, qualquer punição que ele impusesse ao carcereiro faria o homenzinho desejar ter morrido. Sob esse ponto de vista, estava claro que eu estaria lhe fazendo um favor se o matasse.

Quando espiei pela grade, pensei que talvez houvesse algum deus sorrindo para aquele plano afinal de contas, pois o velho carcereiro jazia no chão, dormindo profundamente. Se eu pudesse alcançá-lo sem despertá-lo, seria fácil o suficiente lidar com ele.

Entrei em silêncio na masmorra. Não vinha nenhum som da cela do

prisoneiro, e a gárgula não se mexia. Perfeito. Aproximei-me em silêncio e ergui minha faca, pronta para cortar a garganta do homem. Mas, antes que pudesse atacar, o diabinho saltou e me atacou com sua caneca de cerveja vazia.

Chiei e desviei do golpe. O carcereiro deu um grunhido, depois me encarou, e toda a chance que eu tinha de pegá-lo de surpresa tinha sumido.

– Renda-se e acabe com isso – disse a ele, com cuidado para deixar minha voz grave. – Você não pode me deter.

Saltei na direção dele, mas ele desviou. Como alguém tão desajeitado e estranho podia se mover com tamanha rapidez? Então se jogou diante da porta da cela.

Sem tirar os olhos de seu pequeno rosto distorcido, mudei de planos.

– Não vou matar você. Só vou botá-lo para dormir por um tempo. Só o suficiente para libertar o prisioneiro. Você vai ficar com um galo na testa e pode explicar aos outros que foi agredido e não teve condições de evitar a fuga.

Ao ouvir a palavra *fuga*, o homenzinho parou e inclinou a cabeça. Ficou um longo tempo imóvel, depois se afastou com cuidado da porta e gesticulou para que eu me aproximasse.

Eu franzi o cenho. Que truque era aquele?

O homenzinho gesticulou para que eu abrisse a porta enquanto balançava a cabeça e sorria. Pelo menos, eu achava que era um sorriso, pois era difícil dizer o que se passava em seu rosto deformado e enrugado.

– Você quer que eu o liberte? – perguntei.

Ele balançou a cabeça afirmativa e veementemente, então recuou mais um passo.

Não consegui nem começar a imaginar qual era seu propósito, mas o tempo não ia parar para que eu descobrisse. D’Albret deveria estar a caminho dos aposentos de madame Dinan, se já não estivesse lá, e isso me daria minha maior chance de pegá-lo desprevenido.

– Muito bem, venha comigo. – Fiz um gesto na direção da cela. Não ia arriscar que ele me trancasse em seu interior com o prisioneiro e depois fosse pedir ajuda. Ele balançou a cabeça, satisfeito, mas se afastou correndo como uma aranha.

Sem tirar um olho dele, tornei a pegar a chave e destranquei a porta da cela. O fedor forte me fez piscar, mas eu o ignorei e corri até o canto onde o prisioneiro estava deitado no chão.

Ele era do tamanho de um gigante. Qualquer esperança que eu tivesse de arrastá-lo para algum lugar, como um lance de escada acima, se evaporou. Ele não se moveu quando me aproximei, mas tampouco a pequena gárgula, por isso permaneci alerta. Quando ele

não se moveu após alguns momentos, estendi a perna e o cutuquei com a ponta de minha bota. Nada.

Ouvi um som às minhas costas. Girei, com o punhal em riste. Mas era apenas a gárgula parada ali, assistindo. Estreitei os olhos.

– Ele está morto?

Ele sacudiu a cabeça, com veemência, depois pôs as mãos contra a bochecha, como se estivesse dormindo. *Ah*, pensei.

– Ele consegue andar? – perguntei sem rodeios.

O homem hesitou, depois estendeu a mão e a balançou de um lado para o outro. *Um pouquinho. Talvez.* Fiquei arrasada. Eu não tinha como arrastá-lo. *Merde.* Como eu levaria o recado para a duquesa?

Ajoelhei-me ao lado do cavaleiro só para ver o quanto ele estava ferido. Um corte grande atravessava o lado esquerdo de seu rosto. Eu achava, mas não podia ter certeza, que era uma cicatriz antiga, não nova. O resto de seu rosto estava espancado, com cascas de sangue seco ainda presas em alguns pontos. Estava também de uma estranha coloração amarela e verde. No início, temi que fosse carne pútrida, depois percebi que seu rosto inteiro era um enorme hematoma. Havia uma ferida enorme infeccionando em sua perna esquerda, e outras duas no braço esquerdo. Respirei fundo, então pus a mão em seu ombro.

– Psiu! Acorde. Precisamos ir andando.

Ele se mexeu, depois grunhiu, mas foi só isso. Murmurei uma série de pragas, estendi a mão e tentei de novo, dessa vez segurando seu braço como uma pinça e puxando.

– Vamos lá, seu grande boi, não posso carregá-lo daqui.

Sua cabeça enorme girou para o lado, depois se ergueu alguns centímetros do chão. Os olhos se abriram e se estreitaram em minha direção. Eu não sabia se sua visão estava turva pela ferida na cabeça ou se ele nem sequer podia me ver. Olhei para trás, para o carcereiro que não era carcereiro.

– Venha aqui e me ajude.

Ele veio rapidamente para a frente, pulou para o outro lado do cavaleiro e o pegou pelo braço. Com muita reclamação, estímulo e palavrões, conseguimos botar o prisioneiro sentado, mas foi tudo. Comecei a ser tomada pelo desespero, mais gelado que o toque dos espíritos que esvoaçavam por perto. As feridas do homem estavam inflamadas e ele estava febril. Se eu conseguisse tirá-lo dali, não tinha certeza, nenhuma certeza, de que ele não morreria de febre podre a caminho de Rennes. Mesmo assim, eu precisava tentar. Gesticulei com a cabeça para a gárgula e nós dois nos levantamos, tentando botar o prisioneiro de pé conosco, mas não adiantou. Era como tentar mover o próprio calabouço.

Quase chorei de frustração. Se eu estivesse mais segura de minha

habilidade em matar D'Albret naquela noite, podia simplesmente acabar com o sofrimento do prisioneiro, mas não estava. O instinto de sobrevivência de D'Albret era assustador e, se eu falhasse, alguém precisava alertar a duquesa dos planos dele.

Além disso, que espécie de Deus cruel rouba uma morte gloriosa de um homem no campo de batalha e o deixa apodrecer em um calabouço? Se fechasse os olhos, ainda podia vê-lo em seu cavalo magnífico antes que eles o derrubassem. Ele havia lutado com bravura, sem jamais parar, nem mesmo quando estava em enorme inferioridade.

Era isso! Eu tinha de encontrar um modo de utilizar sua sede de batalha. Aquilo que o levava a realizar feitos inacreditáveis no campo de batalha era a única coisa que podia tirá-lo dali.

Olhei para o carcereiro, fiz um aceno de cabeça para tranquilizá-lo, depois voltei-me para o homem ferido.

– Levante – sussurrei. – A duquesa está em perigo. – A cabeça dele se ergueu. – Se não levantar agora, eles vão cair sobre ela em minutos. Levante. – Puxei seu braço e ele deu um grunhido. – O senhor vai ficar aí encolhido no chão como um bebê chorão enquanto sua duquesa corre perigo?

O carcereiro me olhou horrorizado, sacudindo a cabeça, pois Fera estava surgindo em nosso cavaleiro. Seu rosto ganhou cor, e chamas se acenderam em seus olhos.

– O senhor nunca teria sido escolhido para proteger a duquesa se eles soubessem como é fraco na verdade – murmurei em seu ouvido.

Então aconteceu: como uma onda enorme se erguendo do fundo do oceano, o cavaleiro se levantou e ficou de pé. Ele balançou um instante, recuperou o equilíbrio, depois soltou um grito poderoso e se lançou em minha direção.

Saí com agilidade de seu alcance. Assim que deixei seu lado, ele quase caiu de cara, mas o pequeno gnomo se enfiou por baixo do braço do cavaleiro e evitou que ele tombasse.

Furioso e confuso como um touro na arena, o prisioneiro virava a cabeça de um lado para o outro, sem saber quem atacar primeiro.

– Venha – disse eu, antes que ele conseguisse clarear seus pensamentos. – A duquesa está por aqui. Se corrermos, podemos alcançá-la a tempo. – E, na verdade, eu não estava lhe contando mentira nenhuma.

As palavras funcionaram como uma lança em suas costas. Ele deu um passo à frente, depois grunhiu, e seu rosto empalideceu de dor. Enquanto suas pernas cediam sob seu peso, percebi que não tinha opção além de ajudá-lo outra vez e torcer para que ele não me matasse no ato. Voltei para seu lado e me meti embaixo de seu braço para levantá-lo. Mas ele era enorme e pesava pelo menos cento e vinte

quilos, e quase me derrubou no chão. Firmei os joelhos e as costas e, entre mim e o carcereiro, conseguimos mantê-lo ereto. Enquanto ele se apoiava em nós, soube que não conseguiríamos carregá-lo por todo o caminho. Era como se toda a luta tivesse se esvaído dele. Meus próprios ombros e braços estavam dormentes devido a seu peso. Todos poderíamos morrer ali, como ratos em uma ratoeira, se não conseguíssemos fazê-lo se mover.

O medo e a raiva deram urgência a minha voz.

– Você deixaria sua duquesa ser levada enquanto descansa seus ossos preguiçosos e essa cabeça dura? *Ande!*

Com um urro do fundo de sua garganta, o homem se moveu para a frente, um grande passo arrastado que nos levou quase até a porta. Peguei a tocha comprida na parede com a mão livre e rezei para não atear fogo a mim mesma, nem ao prisioneiro. Mas precisávamos dela, pois a escada estava escura como breu, e não havia como conduzi-lo para cima apenas pelo tato. Na verdade, quando paramos no primeiro degrau, não tive certeza se sequer conseguiríamos movê-lo.

A gárgula murmurou, grunhiu e gesticulou para que eu fosse para a frente. Enquanto eu dava a volta neles e segurava a tocha para que pudessem enxergar onde botar os pés, vi que o carcereiro tinha se enfiado embaixo do braço da Fera, uma muleta humana na qual o prisioneiro podia se apoiar. Sua perna direita era forte, e ele conseguia subir a escada com ela, apesar de o braço esquerdo permanecer imóvel e inútil ao lado do corpo. Ele apoiava o braço direito na parede e saltava para o degrau seguinte, e o peso que o braço não aguentava era sustentado pelo carcereiro. O rosto do prisioneiro se contorcia de dor e eu rezei para que ele não desmaiasse antes de chegarmos à carroça.

– Depressa – sussurrei com urgência. – Eles a estão cercando neste exato momento. – A agonia denão conseguir alcançar a duquesa estava clara em seu rosto, e meu coração sofreu por ele, mas eu o endureci. Naquele momento, emoções não serviriam de nada para nenhum de nós.

Ele fez uma pausa. Gotas de suor se formavam em seu rosto. Seus pulmões funcionavam como os foles de um ferreiro.

Só mais quatro degraus.

– Como você vai matá-los – perguntei suavemente –, esses homens que ameaçaram sua duquesa? –Ele se lançou para a frente e subiu mais um degrau. – Com as próprias mãos, é minha sugestão, para que possa ver seus olhos saltarem ao arrancar o ar de seus pulmões. – Debaixo do braço do gigante, o pequeno carcereiro olhou para mim levemente horrorizado, mas não me importei, pois eu tinha ganhado outro degrau, e podia sentir o frescor do ar da noite em minhas costas. – Talvez despedaçá-los, membro a membro.

Com um leve grunhido, ele conseguiu subir o último degrau. Eu ergui a mão para deter os dois, com medo de que a Fera saísse de repente pela porta e topasse com uma sentinela de passagem.

Mas ele se apoiou na parede e fechou os olhos enquanto o carcereiro dava tapinhas em seu braço.

Examinei o pátio. Não havia nada lá além de escuridão.

– Precisamos chegar ao portão leste. Há apenas duas sentinelas postadas ali. Depois que eu despachá-las, poderemos passar pela ponte sem sermos vistos. Há uma carroça com cavalos lá a nossa espera para levá-lo até a duquesa. – Os olhos da gárgula se arregalaram de surpresa, depois ela sorriu. Pelo menos achei que fosse um sorriso. Parecia demais com uma careta para que eu tivesse certeza. – Consegue fazer isso? – perguntei, odiando ter de confiar naquele carcereiro misterioso em uma questão como aquela. – Consegue levá-lo a Rennes?

Ele balançou a cabeça com tanta força que temi que seu pescoço se quebrassem.

Foi mais fácil seguir pelo pátio. Por um lado, ali não havia mais escadas; por outro, havia uma parede sólida e grossa na qual o cavaleiro podia se apoiar. Fazíamos um progresso lento e arrastado. A pele em torno de meu pescoço suplicava para que eu me apressasse, mas não podíamos. Na verdade, era um milagre termos chegado tão longe.

Olhei uma vez para trás. Uma luz brilhava em um dos aposentos superiores. Bom. D'Albret ainda devia estar na companhia de madame Dinan. Eu me perguntei quem ele teria deixado vigiando a porta naquela noite, pois sempre postava duas sentinelas quando visitava os aposentos dela. Eu me vi na esperança de que um deles fosse o capitão De Lur, pois adoraria ter uma desculpa para matá-lo.

Quando chegamos ao fim da parede, vi a pequena guarita e os dois guardas postados ali. Eles não estavam parados em posição de atenção; em vez disso, conversavam em voz baixa.

– Aqui. – Entreguei um pequeno pedaço de tecido amarelo e negro para a gárgula. – Você vai precisar disso para sair da cidade. Há alguns suprimentos na carroça, e também algumas joias que você pode usar para comprar o que precisar. Ponha a bandeira da praga na carroça e ninguém vai parar para revistá-los. Entendeu?

Quando ele balançou a cabeça afirmativamente, gesticulei para que esperasse meu sinal, então segui adiante.

As sentinelas estavam resmungando que ninguém tinha aparecido para a troca da guarda e tentavam decidir se deviam ficar ali ou ir procurar o capitão.

Agarrada à parede como uma sombra, eu me movi até chegar atrás do primeiro guarda. Eu tinha de matá-los – não podia arriscar que eles

dessem o alarme, e não tinha ideia de quanto tempo a poção do sono iria durar nem de quão profundamente os outros estavam dormindo.

Lembrei a mim mesma que aquelas mortes eram necessárias. Não havia como fazer o cavaleiro passar pelas sentinelas e, se eles eram homens de D'Albret, sem dúvida eram culpados de algum crime terrível.

O elo fraco em meu plano era matar o primeiro guarda sem alertar o segundo de minha presença. Rapidez e discrição eram minhas maiores armas, pois, se o segundo guarda me visse, haveria boa chance de ele soar um alerta antes que eu pudesse silenciá-lo.

Uma coisa de cada vez, lembrei a mim mesma, deslizando em silêncio de meu esconderijo. Peguei o cordão em minha cintura e o enrolei nos punhos enquanto seguia furtivamente na direção da primeira sentinela, dando duas voltas, para garantir que não escorregasse. Quando estava exatamente atrás dele, eu agi. Ao me notar, o guarda começou a virar em minha direção, mas avancei e rapidamente passei o cordão em torno de seu pescoço, então puxei com toda a minha força.

O homem se sacudiu inteiro com o susto, e sua arma caiu com um som alto no chão enquanto ele tentava arrancar a corda em sua garganta. Puxei com mais força e enfiei o joelho em suas costas para fazer uma alavanca, desviando de seu cotovelo quando tentou acertar minhas costelas.

Mas o clangor da arma havia chamado a atenção do segundo guarda. Seus olhos se arregalaram ao me ver, e ele levou a mão à espada enquanto dava um passo à frente. Xinguei, pois o primeiro homem ainda estava lutando e demorando demais para morrer. Não podia nem soltá-lo para pegar uma de minhas facas de arremessar e me defender. O sentinela alerta sacou sua espada e correu em minha direção. Pus o guarda moribundo entre nós dois para que me fornecesse alguma proteção. Houve uma leve pancada surda, e o guarda me atacando parou onde estava, depois tombou como uma árvore cortada. Ergui os olhos e vi a gárgula com uma funda pendurada na mão esquerda e uma expressão de satisfação em seu rostinho disforme. Finalmente minha vítima caiu morta. Fiz o possível para bloquear minha mente de sua alma enquanto ela deixava seu corpo, e soltei o cordão de seu pescoço.

O carcereiro acenou para mim com a cabeça, como quem dizia *de nada*, apesar de eu não ter dito obrigada. Depois gesticulou para que eu me adiantasse, como se fosse ele quem estivesse comandando aquele resgate.

Contive minha irritação, e voltamos correndo até onde o cavaleiro estava apoiado na parede. Seus olhos estavam fechados, e seu rosto completamente branco após o esforço de chegar até ali. Eu não sabia

dizer se sua sede de batalha tinha passado ou se ela ainda fervilhava em silêncio em suas veias. Rezei a Mortain para que fosse o primeiro caso, ou nunca conseguiríamos fazer com que atravessasse a ponte.

Mesmo assim, agora que sua mente estava desanuviada, era a melhor hora para lhe dar minha mensagem.

– Escute o que tenho a dizer, pois é importante. Quando chegar a Rennes, o senhor precisa falar com a duquesa. D’Albret tem homens no interior das muralhas, homens que vão abrir os portões para ele quando chegar a hora. O senhor vai se lembrar de dizer isso a ela?

Merde! Não sabia dizer se ele estava balançando a cabeça afirmativamente ou se ela estava apenas tombando de lado. Frustrada, virei-me para a gárgula.

– Você entendeu isso tudo? – Ele assentiu, e eu suspirei. Teria de servir.

Ajuste o braço maciço em torno de meus ombros, depois comecei a jornada longa e tortuosa através do pátio. Na ponte, o cavaleiro afastou o braço de mim e usou a amurada como muleta. Não discuti com ele; em vez disso, corri na frente para me assegurar de que a carroça prometida estaria ali e para dar ao carroceiro as instruções e o resto do pagamento que lhe fora prometido.

Primeiro, não vi a carroça, e senti uma pontada de medo em meu coração, pois não poderíamos conduzir aquele homem até muito mais longe. Mas, quando olhei de novo, lá estava ela, oculta nas sombras das muralhas da cidade, duas mulas de aparência decrepita cochilando em seus arreios. O cocheiro, entretanto, não estava ali. Ele devia ter decidido que metade do pagamento era melhor do que a quantia inteira, pois pelo menos viveria o suficiente para gastá-lo.

Virei-me para examinar o progresso do homem pela ponte, mas eles tinham parado no meio do caminho. Será que não tinham percebido como estávamos escapando por pouco? Não tínhamos tempo de parar e admirar a paisagem. Olhei de volta para as janelas do palácio e vi que a luz nos aposentos de madame Dinan estava apagada, e fui tomada por uma urgência renovada. Eu precisava chegar lá em breve, enquanto D’Albret ainda estaria enrolado em seus lençóis e distraído.

Corri de volta até os outros.

– Depressa! Precisamos chegar à carroça antes de sermos vistos. Novas sentinelas podem chegar a qualquer momento.

O carcereiro olhou para mim com seu rosto pequeno e triste e sacudiu a cabeça. Ele não achava que o prisioneiro aguentaria dar mais nenhum passo. Olhei para ele, desejando que falasse para que fosse ele, e não eu, que incentivava o cavaleiro. Eu não achava possível odiar a mim mesma mais do que estava me odiando, mas as coisas terríveis de que chamei aquele cavaleiro torturado mostraram que eu estava errada.

– Você, acorde! Como ousa dormir enquanto sua duquesa está em perigo? – Suas pálpebras piscaram, mas foi tudo. Fui tomada por verdadeira preocupação, e tive que usar a arma mais cruel em meu arsenal. – Aqueles homens estão se aproximando dela. Os homens de D’Albret. O senhor sabe o que eles dizem de D’Albret? Como ele trata suas mulheres?

O carcereiro se virou para mim, apontando para o meu rosto. Havia uma delicadeza em seu olhar que não entendi. Ele repetiu o gesto e levei a mão à minha face. Estava molhada. Olhei para ele e limpei a umidade.

– Se o senhor não pode se dar ao trabalho de se mexer em nome dela, eles vão agredi-la com suas mãos brucas e peludas e violar a carne dela...

Com um rugido que provocou um zurro de um dos animais à espera, o cavaleiro se afastou da parede e se lançou à frente. O pequeno carcereiro tentou desviar seu movimento lento e pesado na direção da carroça, mas o cavaleiro resistiu e, em vez disso, se lançou em minha direção. Assustada, ergui o rosto e nossos olhares se cruzaram. O dele estava pálido, de um azul prateado, percebi pouco antes de seu punho acertar meu queixo e tudo mergulhar em escuridão.

Capítulo Quinze

LENTAMENTE TOMEI CONSCIÊNCIA DE QUE ESTAVA sonhando, pois me sentia segura e aconchegada como um bebê em um berço. Ou talvez um bebê em um barco, balançando no mar.

Um mar muito agitado, completei, quando uma pancada surda e forte sacudiu meu corpo inteiro. Tentei abrir os olhos, mas era como se eles tivessem sido costurados. Quando finalmente consegui abri-los, com esforço, tudo o que consegui ver foi um céu escuro cheio de estrelas se apagando.

Onde, em nome dos nove santos, eu estava?

Tentei pensar, repassando minhas memórias como um banqueiro recontava pilhas de moedas. O cavaleiro. Eu o estava levando para a carroça e então... o quê? Tomada por um mau pressentimento, lutei para me sentar. O movimento fez meu estômago se agitar como um ninho de enguias. Bem a tempo, debrucei-me para fora da carroça e vomitei terrivelmente.

Quando terminei, o latejar em minha cabeça havia diminuído o suficiente para que eu comesse a perceber onde estava. Um cheiro forte de fezes encheu meu nariz, dando-me vontade de vomitar outra vez, e vi uma bandeira amarela berrante tremulando à brisa da noite.

Nervosa, olhei ao redor. O cavaleiro estava deitado imóvel e sem vida ao meu lado enquanto saltávamos e chacoalhávamos pela estrada. Não havia casas, nem lojas, nem muros de cidade em parte alguma. Não havia nada além de campinas suaves e plantações que se estendiam até onde meus olhos alcançavam.

Eu estava na maldita carroça! O cavaleiro... ele tinha me batido. Tinha me apagado com seu grande punho em forma de presunto e, por alguma razão, ele e o carcereiro tinham me levado com eles.

Não. *Não!* Olhei ao redor mais uma vez para tentar me situar. Por quanto tempo tinha ficado apagada? Momentos? Horas? Mais importante: a que distância estávamos de Nantes? Talvez não fosse tarde demais para voltar.

Mas, por mais que eu estreitasse os olhos, não conseguia enxergar as muralhas da cidade. O que significava que todos os meus planos, e minha resolução duramente conquistada, tinham se transformado em cinzas. O ogro gigante ao meu lado tinha feito a roda da fortuna dar

uma volta tão forte que ela saía completamente de meu controle.

O prisioneiro ao meu lado nem se mexeu diante do xingamento terrível que saiu de minha boca, mas o carcereiro, que estava conduzindo, olhou para trás e tocou o chapéu. Esse gesto simpático me deixou ainda mais furiosa e fiquei de pé, ignorando a onda de náusea que se seguiu. Quando atingimos uma elevação na estrada, quase caí. Segurei o encosto do banco e subi de modo desajeitado para a frente, ao lado do carcereiro, depois esperei que a tontura passasse antes de começar a discutir com ele.

– O que você fez? – finalmente consegui dizer. – Eu não devia ter vindo com vocês! Você estragou tudo!

O pequeno gnomo deu de ombros e apontou o polegar para o cavaleiro inconsciente.

Olhei para a forma enorme estendida na parte de trás da carroça. Como ele tinha ousado? Que pensamento idiota tinha passado por sua mente febril e o feito me trazer com eles? Eu queria pular para a traseira da carroça e descarregar minha frustração em seu couro duro e deformado. Em vez disso, fechei as mãos em punhos, cravei as unhas nas palmas e torci para que a dor ajudasse a desanuviar minha cabeça. Ter meu desejo de vingança de D’Albret negado após tanto tempo, tê-lo tirado de mim quando estava finalmente ao meu alcance era quase insuportável. Foi difícil não jogar minha cabeça para trás e gritar minha fúria para Deus e todos os Seus santos.

Então, de repente, como uma chaleira fervendo, minha raiva se esvaiu, e eu me senti vazia e oca, como um tambor. Minha única chance, aquela pela qual eu havia esperado por meses – não, anos! – estava irremediavelmente perdida. Nunca mais eu estaria em posição de obter minha vingança contra D’Albret.

Nunca mais. As palavras chacoalharam em minha cabeça como duas pedras em um balde.

Mas isso também significava que eu não podia voltar, não podia ser *mandada* de volta, pois mesmo a abadessa com seu coração frio iria reconhecer que seria impossível para mim reconquistar a confiança de D’Albret.

O que significava que... eu havia escapado.

Tentei pensar. Em todos os meus dezessete anos, será que eu soubera de algo, de alguém, que havia escapado de D’Albret? Não suas esposas, seus filhos nem seus inimigos. Só a duquesa, e ela tinha conseguido isso duas vezes, uma em Guérande, e a segunda umas duas semanas antes.

Embora fizesse sentido que os deuses ajudassem a duquesa, eu não acreditava que fossem fazer algo por mim. Nunca tinham feito nada por mim antes.

Escapar. A palavra era tão madura e sedutora quanto a primeira

fruta de verão, tanto que me obriguei a afastá-la de meus pensamentos, e lembrei a mim mesma de que a esperança não passava de uma forma de os deuses zombarem de nós, mais nada.

Eu me dei um momento, depois mais um, para me recompor, em seguida voltei-me para o carcereiro ao meu lado. Fingi não ter bufado, chiado e reclamado pelo último quilômetro e perguntei, com calma: – Como está nossa carga?

Seu rosto pequeno e enrugado foi tomado de alívio, e ele deu um aceno com entusiasmo. Olhei para trás, sem muita certeza de que a condição do cavaleiro merecesse tal entusiasmo, mas nada disse. Com todas as minhas outras opções eliminadas, a melhor atitude a tomar parecia ser levar o cavaleiro até Rennes – se possível, vivo.

E isso lembrou-me de algo. Nada daquilo importaria se D’Albret nos descobrisse, e naquele exato momento ele devia estar reunindo forças para a perseguição. Com sorte, todos os seus soldados estariam grogues e passando mal ainda por algumas horas, e eu não achava que ele mesmo sairia na busca.

Um galo cantou em algum lugar ao longe. Em pouco tempo, fazendeiros sonolentos saíam de suas casinhas e começariam a trabalhar em seus campos. E nos veriam. Não podíamos arriscar que isso acontecesse.

– Precisamos encontrar abrigo – disse ao carcereiro.

Ele balançou a cabeça com sabedoria, como se já tivesse pensado nisso.

– *Vai haver* uma perseguição – alertei-o. – Por isso nosso abrigo precisa ser bem escondido da estrada. – A distância que havíamos levado uma noite para percorrer poderia ser coberta em questão de horas por um dos homens de meu pai em um cavalo rápido e forte.

O carcereiro tornou a balançar a cabeça afirmativamente, apontou para um grupo de árvores a distância, em seguida dirigiu a carroça naquela direção.

Estudei seu rosto distorcido e enrugado. Será que podia confiar nele? Pela centésima vez, perguntei-me sobre a relação estranha entre o cavaleiro e seu carcereiro. Será que a Fera de Waroch despertava coragem e lealdade até naqueles que o vigiavam? Pois sem dúvida meu pai havia encarregado apenas seus homens mais leais para cuidar de seu prisioneiro valioso, e mesmo assim o carcereiro não apenas não havia tentado evitar nossa fuga, mas se juntara a nós.

Eu tinha esperança de que ele não tivesse arriscado tanto e chegado tão longe só para nos entregar agora.

Quando finalmente amanheceu, avistamos uma cabana de pedra. Estava longe da estrada principal – na verdade, de qualquer estrada, percebi quando a carroça passou por cima de uma pedra – e bem escondida em meio a uma mata. A gárgula parou a carroça e esperou

no interior das árvores. Era uma pequena casa de fazenda construída de pedras cinza e, aparentemente, deserta. Não havia atividade no pátio, nenhuma galinha ciscando nem bodes berrando, tampouco fumaça se erguendo da chaminé. Era quase bom demais para ser verdade, aquele esconderijo vazio à nossa espera. Ainda sem estar totalmente segura dos motivos do carcereiro, apontei a cabeça na direção da casa.

– Vá ver se há alguém lá dentro.

Ele deu um aceno curto, que de algum modo me assegurou de que aquilo não era nenhuma armadilha. Mesmo assim, alguém devia revistar o lugar para se assegurar de que estava vazio. Até aquele velho se provar inteiramente de confiança, ele podia muito bem fazer aquilo.

Enquanto ele olhava ao redor, levei a carroça para os fundos da casa e refleti mais uma vez sobre nossa situação. *Será* que eu devia voltar a Nantes e terminar a tarefa que eu mesmo me designara?

Após estabelecer um objetivo para mim mesma, não era fácil para mim abandoná-lo.

Eu podia dizer que a Fera tinha me sequestrado.

Só que eles sabiam como ele estava fraco e ferido, e meu envolvimento era a única explicação para os guardas drogados. Temia que meu papel na fuga fosse demasiado evidente.

Talvez, sussurrou uma voz baixa dentro de mim, *Mortain tenha simplesmente atendido a suas preces*. Será que não podia ser simples assim? Mas claro, nada, nada, jamais foi tão simples.



Nosso abrigo era uma das cabanas de caça menores do falecido duque, o tipo no qual ele se recolheria com poucos de seus homens de mais confiança ou uma de suas amantes menos favoritas. Perfeita para nossos objetivos: sólida e oculta de um passante eventual. Mais importante: eu nunca tinha ouvido D’Albret nem qualquer de seus homens falar dela, o que me dava alguma esperança de que não soubessem de sua existência.

Assim que o carcereiro surgiu correndo do interior, indicando que não havia ninguém na casa, as nuvens densas liberaram sua carga e começou a chover. Entretanto, mesmo ferido, doente e desmaiado, o cavaleiro ainda era um homem gigantesco.

– Não podemos carregá-lo – disse eu ao carcereiro.

Ele estendeu o braço e sacudiu o cavaleiro, mas nem suas pálpebras se agitaram em resposta. Preocupada que ele tivesse morrido no

caminho até ali, olhei para seu peito, aliviada ao ver que ainda se erguia e descia com sua respiração. O carcereiro começou a sacudi-lo com mais força, mas eu o detive. Olhei para cima, para a chuva que caía do céu, grandes gotas pesadas estourando em meu rosto. Limpar o prisioneiro seria uma tarefa árdua, envolvendo baldes e baldes de água.

– Vamos deixar a chuva fazer o trabalho duro por nós. Não está gelada, deixemos que ela lave um pouco da sujeira da prisão antes de o levarmos para dentro.

O carcereiro franziu o cenho como se eu tivesse cometido um grande insulto ou ofensa contra seu mestre, mas eu o ignorei, peguei dois dos fardos enfiados na lateral da carroça e segui para a cabana. Ele podia vir ou não, era indiferente para mim.

Enquanto o carcereiro permaneceu para cuidar do cavaleiro, eu explorei a cabana de caça rapidamente para ver com meus próprios olhos que não havia ninguém ali. A porta dos fundos abria direto para uma cozinha grande com lareira. Havia um salão depois dela, e três quartos no segundo andar. Todos estavam vazios, exceto por alguns móveis básicos, e não havia nada além de cinzas frias nas lareiras.

Como subir as escadas com o cavaleiro não era uma opção, teríamos de montar uma mesa improvisada sobre cavaletes na cozinha. Fui até a porta e vi o carcereiro encharcado ao lado da carroça, como se o fato de ele se molhar de algum modo fosse diminuir o desconforto do prisioneiro.

Gesticulei para que ele se aproximasse.

– Preciso armar uma mesa aqui, mas não consigo fazer isso sozinha.

Juntos, com muitos resmungos e xingamentos murmurados, montamos uma mesa na cozinha e a cobrimos com dois lençóis velhos que encontramos. O esforço expulsou todo o frio que restava em meus ossos.

– Vamos ver se conseguimos trazê-lo até aqui – disse eu com um suspiro de resignação, pois aquilo seria tão fácil quanto tentar mover um boi ensebado.

Lá fora, a chuva não tinha apenas limpado parte da sujeira do paciente, mas também o havia despertado de seu sono. Enquanto o carcereiro e eu olhávamos para ele por cima das laterais da carroça, ele piscou para nós, a água caindo sobre seus cortes profundos. Quando me viu, seus olhos se turvaram, confusos, e de repente me senti outra vez tomada por raiva, uma fúria fervilhante por ele ter me roubado de meu prêmio, a única coisa que teria justificado tudo o que eu suportei nos seis meses anteriores. Abaixei-me e aproximei meu rosto do dele.

– Fui enviada por ordens da própria duquesa para ajudá-lo, e como você me recompensa?

Arruinando os planos que eu fiz com tanto cuidado.

Seus olhos se arregalaram de surpresa.

– De agora em diante, até eu levá-lo em segurança a Rennes, você vai fazer exatamente o que eudisser e mais nada, entendeu? Ou vou deixá-lo aqui para apodrecer na chuva.

– O que eu arruinei? – Sua voz estava rouca, como uma chuva de rochas desabando por uma encosta.

– Planos que levei seis meses para organizar. Por quê? Por que você fez isso? – perguntei. – Fiz o quê?

Ergui a mão e toquei meu queixo dolorido.

– Trouxe-me com você.

Ele sacudiu a cabeça, como se estivesse tentando desanuviá-la.

– A última coisa de que me lembro era uma voz insistente e desalmada despejando veneno e mentiras.

– Essa era eu – disse, sem rodeios.

– Você? – Ele pareceu totalmente confuso, como se não pudesse conciliar a voz com a pessoa quevia à sua frente.

– Sim, seu grande idiota. Foi a única maneira que encontrei para fazê-lo subir a escada e entrar nacarroça.

– Você tentou despertar em mim o fogo da batalha? Tem penas no lugar dos miolos?

– Ninguém teve uma ideia melhor para tirá-lo daquele calabouço. Simplesmente usei as ferramentasque tinha à mão.

– Não. Você teve sorte de receber apenas um soco no queixo. – Ele apertou os olhos outra vez emminha direção, como se estivesse tentando entender algo. – Além disso, você parecia com medo – murmurou.

Eu olhei para ele boquiaberta.

– Agora, quem tem penas no lugar dos miolos? Eu tinha uma missão... medo não tinha nada a vercom isso. – Mas isso era mentira. Eu estivera apavorada, e odiei o fato de ele ter percebido.

Capítulo Dezesseis

PÁLIDO COMO UM CADÁVER e respirando com dificuldade, o cavaleiro se apoiou na mesa improvisada, enquanto o carcereiro o ajudava a se deitar. Ele fechou os olhos e ficou claro que mesmo aquela atividade leve havia lhe custado muito. Merde. Ainda bem que eu não ia voltar para Nantes, porque aquele homem precisaria de cada grama de minhas poucas habilidades de cura, e um pouco da sorte dos próprios deuses, para conseguir chegar a Rennes. Se ele morresse na estrada, eu não teria absolutamente nada como resultado de meu trabalho e sacrifício. Peguei um balde pendurado em um gancho na parede e o dei ao carcereiro.

– Tome. Vamos precisar de água para terminar de lavá-lo. E pegue os dois fardos deixados nacarroça.

Sem me questionar, ele apanhou o balde e saiu de volta para a chuva. Peguei uma pederneira em um dos fardos que eu trouxera para dentro e fui até a lareira acender o fogo. As nuvens provavelmente iriam ocultar qualquer fumaça que conseguisse ultrapassar o topo das árvores. Mesmo assim, fiz apenas um fogo pequeno, suficiente só para aquecer um pouco de água que usaria nos emplastros para as feridas do cavaleiro.

Quando o carcereiro voltou, botou os dois fardos ao lado dos outros, depois se ocupou derramando água de um balde em uma velha panela de metal. Botei um pedaço de pano em sua mão.

– Termine de lavá-lo para que eu possa cuidar de seus ferimentos. Se precisar, corte as roupas dele. – Mais uma vez, o carcereiro fez o que mandei, e comecei a relaxar um pouco.

Durante algum tempo, trabalhamos em silêncio completo: o carcereiro lavando o prisioneiro; o prisioneiro reunindo forças para fazer todas as perguntas que eu sentia que rodavam sua cabeça; e eu misturando pó de casca de olmo e mostarda com água fervente e rezando para que o dano a seu corpo não estivesse muito além de minhas habilidades.

Quando meus preparativos estavam terminados, levantei-me lentamente. Era hora de ver a gravidade da situação.

Os pés do homem se projetavam para fora da beira da mesa, e seu rosto, ainda pálido sob manchas verdes e roxas, estava tão

alegremente feio quanto qualquer outro que eu já tivesse visto. Suas bochechas tinham marcas de varíola e uma cicatriz comprida marcava um lado de sua face. Seu nariz havia sido quebrado – mais de uma vez – e ele tinha um corte em uma das orelhas. Nada disso iria melhorar quando os inchaços e as manchas se reduzissem.

O corpo dele era pesado como o de um javali, seus músculos e tendões parecendo cordas volumosas. Se um escultor quisesse dar vida à força bruta, esculpiria um corpo como aquele. Quase todo ele era coberto por algum tipo de cicatriz, as vermelhas raivosas e recentes misturadas com as brancas e prateadas antigas.

Para minha surpresa, fiquei fascinada – talvez até impressionada – com os ferimentos que aquele homem havia suportado.

E aos quais sobrevivera.

Aproximei-me e, por vontade própria, minha mão estendeu-se em sua direção. Meus dedos deslizaram de modo extremamente delicado por sua carne surrada e destrocada.

– Como o senhor ainda está vivo? – eu me perguntei.

– Sou quase impossível de matar. – O ronco profundo de sua voz encheu o ambiente até as vigas dotelhado. Meu olhar virou-se abruptamente para seu rosto; eu não havia percebido que tinha falado em voz alta. Os olhos dele, apesar de cheios de dor, eram terrivelmente inteligentes e me lembraram os de um lobo, com sua cor clara assustadora.

– Ah – disse eu. – É bom saber. Agora não preciso me preocupar tanto enquanto cuido de seus ferimentos.

As sobranceiras dele se ergueram.

– Você? – Aqueles olhos azuis ardentes percorreram meu corpo de cima a baixo, não com interesse lascivo, mas em uma avaliação imparcial.

Olhei de modo exagerado ao redor da cozinha vazia.

– O senhor tem outra pessoa em mente? Seu carcereiro, talvez? Sem dúvida, se ele pudesse, já teria cuidado do senhor.

Estendi a mão para o carcereiro, que estava observando nossa conversa com olhos nervosos. Após um momento de incerteza, ele me entregou o pano e, apesar de minha ameaça de ser brusca, comecei a limpar com delicadeza o rosto do paciente, removendo mais uma camada de sujeira. Isso não melhorou em nada sua aparência, mas fiquei aliviada ao ver que não havia nenhum corte sério ou osso quebrado sob a sujeira.

Voltei minha atenção para o corte longo aberto na carne de seu antebraço. Não chegava ao osso, e os tendões e ligamentos não haviam sido atingidos, mas precisava de uma limpeza profunda, algo que não seria agradável para nenhum de nós. As duas perfurações – os ferimentos de flechas em seu ombro esquerdo – estavam infeccionadas

e inflamadas. Envolvi meus dedos no pano e os apertei com delicadeza, à procura de alguma lasca de madeira ou ferro que houvesse restado. O paciente inspirou bruscamente, mas foi tudo.

– Bom, sem lascas, então vai ser fácil lidar com essas. E parece que as flechas não acertaram nenhum ligamento vital.

Ele assentiu, mas não disse nada.

Havia mais manchas escuras e inchaços em seu tronco. Estendi a mão e os pressionei com delicadeza. Ele fez uma expressão de dor e segurou meu braço com a mão que estava boa, surpreendendo-me pela gentileza de seu toque, incongruente com seu tamanho e força.

– Não precisa ficar apertando e cutucando minhas costelas para que eu lhe diga que estão quebradas.

– Muito bem. Não resta nada a examinar além de sua perna, e esse é o ferimento que mais me assusta.

O carcereiro tinha sido preguiçoso demais – ou recatado – para retirar as calças de montaria do homem, por isso peguei a faca pequena na corrente em minha cintura e rapidamente cortei o couro úmido e imundo. Quando fiz menção de retirá-la, ele afastou minha mão. Intrigada, olhei para seu rosto e vi que ele estava corado. Não consegui evitar um sorriso. A Fera de Waroch estava com vergonha.

– Tsc – disse a ele. – Não é nada que eu já não tenha visto antes. – Seus olhos se arregalaram de surpresa, mas estendi a mão e retirei o couro de sua coxa.

O carcereiro engasgou com o ar – talvez chocado – e eu perdi o fôlego.

– Tão ruim assim? – perguntou o cavaleiro.

A coxa inteira estava vermelha e inchada e quente ao toque. Um líquido repugnante escorria da ferida, e linhas vermelhas haviam começado a se estender para todos os lados da perna. Ergui os olhos e vi um leve sorriso em seu rosto. Não pela primeira vez me perguntei se aquilo a que sobrevivera o fizera perder o juízo. Então voltei a olhar para o corte.

– Está feio – concordei. – Felizmente para o senhor, não sou cirurgiã, por isso não posso amputar a perna, como estaria inclinada a fazer.

– Nem eu a deixaria fazer isso.

– Não sei se está em condições de me impedir – murmurei, erguendo a mão antes que ele pudesse começar a discutir. – Não vou amputá-la, mas o que preciso fazer também não vai ser agradável.

Fera me estudou.

– Quem é a senhorita para saber tanto sobre ferimentos de batalhas? Nunca conheci uma mulher danobreza que cuidasse de ferimentos como um médico de campo.

Para dar a mim mesma algum tempo para pensar, voltei até o fogo

e peguei a mistura quente no caldeirão borbulhante. *O que eu digo ao homem?*, perguntei-me enquanto começava a despejar com uma colher ervas e lama nos panos de linho que havia preparado. *Sou filha de D'Albret, seu idiota, e você acabou de garantir que ele vai nos seguir até o fim do mundo.* Mas percebi que não estava disposta a alardear minha verdadeira identidade. Na verdade, eu queria deixá-la muito, muito para trás, enterrá-la como um cadáver, e nunca tornar a falar dela. Além disso, se ele soubesse quem eu era, nunca iria confiar em mim para levá-lo em segurança a Rennes. Mesmo assim, eu precisava lhe dizer alguma coisa.

Pensei na primeira vez que o vi, lá embaixo no campo com a duquesa e seu grupo.

– Sou amiga de Ismae.

– Ismae! – Ele tentou se levantar sobre um cotovelo, então fez uma expressão de dor e tornou adeitar na mesa. – Como você conhece Ismae?

Podia sentir seus olhos sobre mim, avaliando-me, estudando-me, mas me concentrei em dobrar o quadrado de linho macio em volta das ervas fervidas com extremo cuidado.

– Fomos treinadas no mesmo convento.

Houve um momento de silêncio no qual achei que ele fosse esquecer o assunto, mas não.

– Se é uma assassina treinada, por que está aqui cuidando de mim?

Sem conseguir me segurar, retorci a boca em um sorriso amargo enquanto voltava para seu lado.

– Essa é uma pergunta que já fiz a mim mesma várias vezes, pode estar certo disso. Minhas ordens eram garantir que o senhor chegasse em segurança a Rennes para que pudesse continuar servindo a duquesa. – Ergui o rosto e nossos olhares se cruzaram. – Essa parte de minha provocação era verdade, pelo menos.

Ficamos nos encarando, olhos nos olhos, por um longo momento, até que o cavaleiro balançou levemente a cabeça – se de compreensão ou perdão, não tive certeza.

– Bem, então. – Ele sorriu, um sorriso absolutamente charmoso e devastador que me deu vontade de sorrir de volta. Em vez disso, botei o cataplasma quente em sua perna.

Ele inspirou com tanta força que temi que tivesse engolido a língua. Seu rosto ficou vermelho devido ao calor, à dor e ao esforço para não gritar.

– Achei que você tinha dito que não estava aqui para me matar – disse ele, arfando.

– Sinto muito – disse. – É o único jeito de extrair o veneno para que o senhor não morra de febre podre.

– Só me avise da próxima vez.

– Muito bem. Agora vou pôr um em seu ombro.

Ele chiou de dor novamente, mas não com tanta força quanto antes. Bom. A ferida estava menos sensível, então, e com sorte, iria se curar mais rapidamente. Olhei para ele para ver como estava passando.

– O senhor devia ter morrido desses ferimentos.

Um rápido brilho de dentes brancos.

– Uma dádiva de Saint Camulos. Nós nos curamos rapidamente.

Enquanto os cataplasmas extraíam os humores malignos de seu corpo, voltei minha atenção para seu braço.

– Temos de limpar isso – alertei-o. – Com força.

Meu paciente fez uma careta.

– Faça o que precisar para que eu tenha total uso do braço.

A hora seguinte não foi agradável. Pus um tecido molhado sobre o corte para amaciá-lo, depois substituí os cataplasmas por novos.

– O senhor gostaria de vinho ou aguardente para aliviar a dor? – perguntei, mas ele sacudiu bruscamente a cabeça.

Quando a casca estava macia o suficiente, retirei o tecido e comecei a esfregar lentamente a terra, a sujeira e a lama ressecada que cobriam o ferimento.

– Você não disse como aprendeu tanto sobre tratar de ferimentos – disse o cavaleiro.

Olhei para ele, irritada.

– Por que o senhor ainda não desmaiou de dor?

– Eu abraço a dor, ela me faz saber que estou vivo.

Embora não pudesse deixar de admirar seu espírito, lembrei a mim mesma que era um desperdício de esforço gostar de um homem que, provavelmente, iria acabar morrendo de seus ferimentos. – O senhor é tão louco quanto sugere sua reputação.

Ele sorriu.

– Você já ouviu falar de mim?

Revirei os olhos.

– Já ouvi falar de um homem que veste o fervor da batalha como a maioria dos homens vestearmaduras e mata centenas de almas quando ataca no campo.

Ele se ajeitou de modo mais confortável sobre o cobertor.

– Você *ouviu* falar de mim – disse, com satisfação evidente na voz. – Ai!

– Perdão, mas o cascalho e a lama estão muito profundos. – Trabalhei em um silêncio abençoado por um tempo, maravilhada com o fato de um homem tão feio ter um sorriso tão charmoso. Incomodada por estar pensando em tais coisas, levantei para buscar uma faca. A ferida estava infeccionada e precisaria ser drenada.

– Você não me disse como aprendeu tanto sobre cuidar de ferimentos.

– O senhor fala demais. Fique quieto e tente se curar rápido, está bem? – disse eu, voltando para seu lado com a faca. – Temos um longo caminho a percorrer, e sua condição vai nos atrasar consideravelmente. Na verdade, se o senhor não melhorar logo, provavelmente seremos capturados.

A Fera de Waroch franziu o cenho, e pude sentir que o carcereiro me estudava. Eu me perguntei o quanto ele estava entendendo o que aconteceu depois de minha visita às masmorras com Julian. – Talvez você esteja escondendo algo.

Só a verdade sobre quem sou.

– Não, só prefiro trabalhar em silêncio. Mas, já que o senhor insiste, eu fui treinada no convento em remédios simples como este.

A incredulidade estava clara em seu rosto.

– Isso não é um remédio simples.

Pus a lâmina afiada de minha faca junto da casca, de onde escorria um líquido. Ela se rompeu com facilidade, como uma flor se abrindo para o sol.

– Meus irmãos também eram cavaleiros. Eles sempre tinham ferimentos como estes e precisavam de cuidados.

– Pela irmã? – perguntou ele entre dentes cerrados.

– Nós éramos próximos. – Além disso, meu pai não mantinha um médico entre seus serviçais, e meus irmãos ficavam envergonhados demais para procurar o cirurgião dos soldados para cuidar das surras e chicotadas que meu pai dava neles. – Entretanto, agora que respondi à sua pergunta... Ele fez uma expressão de escárnio.

– Isso não foi resposta.

– O senhor precisa responder uma minha. – Ele me olhou com desconfiança. – Quem é essa suagárgula de estimação e por que o carcereiro do conde D’Albret é mais leal ao senhor que ao conde?

Por que ele não apenas permitiu que o senhor escapasse... ele me ajudou.

De repente, toda a leveza e bom humor desapareceram do rosto da Fera.

– Talvez ele não quisesse ficar para trás e receber a punição de D’Albret.

– Talvez, não – disse eu, decepcionada, pois sabia que essa não era a razão, ou, pelo menos, que era apenas parte dela.

– O que você sabe de D’Albret? – perguntou a Fera.

– Mais do que gostaria – murmurei, colocando outro cataplasma em seu braço para extrair a infecção.

– Você faz bem em temê-lo. Mesmo para alguém com suas habilidades, não é seguro estar perto desse homem.

Eu me segurei para não rir na cara dele por ousar *me* alertar do perigo que D’Albret representava.

– O senhor não precisa se preocupar. Sei tudo sobre o conde D’Albret. Histórias circulavam por seu salão mais rápido que a praga anual. Na verdade, era um dos passatempos favoritos das mulheres, nos aterrorizar com a história da primeira esposa de D’Albret. Você já ouviu? – Ergui o rosto, meus olhos arregalados e inocentes.

Ele sacudiu brevemente a cabeça.

– Ah, sim, todo mundo conhece a história de sua primeira esposa. Na verdade, quase virou uma lenda, contada por maridos aborrecidos e amassecas cansadas quando querem que suas mulheres ou as crianças sob seus cuidados sejam mais dóceis. “Eu já lhe contei a história da primeira esposa de D’Albret, Jeanne?”, perguntam eles. “Ela pensou em escapar de seus deveres de esposa e fugiu para a casa de sua família, onde implorou ao irmão por santuário. Bem, o tolo do irmão devia saber que não era boa ideia se meter entre marido e mulher, mas ele tinha coração mole e concordou protegê-la da crueldade da qual ela acusava o próprio marido.

“Mas aquele D’Albret’, dizem, normalmente com admiração na voz. Ele não deixava nenhum homem lhe tomar o que era seu por direito, com certeza, não um barão de Morbihan qualquer. Ele partiu com um batalhão completo para os domínios do barão, onde atravessou o portão e matou todos os soldados enquanto eles corriam para pegar suas armas. Então entrou com seu cavalo no salão principal e matou o barão à sua mesa, e depois matou a própria esposa enquanto ela implorava perdão.”

Contando a história, senti aqueles fiapos iniciais de esperança começarem a se desfazer. O que eu estivera pensando? Não podia haver escapatória de D’Albret. Tudo o que eu tinha feito era adiar o inevitável.

– Para ter certeza de que seu ponto de vista ficasse claro – prossegui –, D’Albret matou a mulher do barão, seus dois filhos pequenos e o bebê recém-nascido que ela amamentava. – Meu coração se apertou de dor ao pensar naquele bebê. – As esposas normalmente fazem o que seus maridos pedem depois que eles contam essa história. – Levantei os olhos e vi que a expressão da Fera estava dura como pedra. – Então, sim, eu sei do que D’Albret é capaz.

Removi o cataplasma, aliviada ao ver que o inchaço já tinha diminuído. Em seguida, fui pegar o vidro de aguardente.

– Isso vai arder um pouco – disse a ele. Era mentira, pois iria queimar como fogo, mas eu não podia falar mais com aquele homem. Sabia por longa experiência que a esperança não passava de uma provocação dos deuses, e odiava que de algum modo ele me fizesse senti-la.

Fera abriu a boca no momento em que virei o vidro.

– Minha irmã foi sua sexta esposa... – A aguardente tocou sua carne

viva, e ele se arqueou paratrás sobre a mesa, urrando de dor, antes de finalmente apagar.

Capítulo Dezessete

CHOCADA, ENCAREI O GIGANTE DEITADO à minha frente. Sua irmã tinha sido mulher de D'Albret? Como isso era possível? Que teia louca e emaranhada os deuses tinham tecido ao nosso redor?

Estudei o rosto machucado e inchado, à procura de sinais de Alyse, a sexta esposa de D'Albret. Ela dizia que tinha um irmão, mas era difícil imaginar que tinham sido gerados pelo mesmo útero.

Sabendo que não conseguiria dormir com a revelação da Fera me atormentando como os mosquitos do alto verão, disse à gárgula que assumiria o primeiro turno de vigia. Apesar de aquela cabana de caça ser bem escondida, não ousávamos baixar a guarda.

Ele não discutiu e se encolheu perto do fogo quase apagado, dormindo com uma facilidade que invejei. Só então, quando ninguém podia ver, eu me permiti pensar em Alyse.

Seu cabelo era louro avermelhado como a pele de um filhote de raposa e seu rosto, coberto de sardas que meus irmãos diziam ser varíola, mas que eu achava serem apenas simpáticas. Ela sempre levava flores para casa, não apenas de nosso jardim, mas dos campos também. Mesmo flores de árvores frutíferas de nosso pomar, o que fazia os criados acharem que ela era idiota.

O mais revigorante era que ela levava sorrisos e risos. Era como se o sol finalmente nascesse dentre as nuvens em nossa casa. Pelo menos no início. Meus irmãos mais velhos sentiam um prazer cruel em atormentá-la e provocá-la. E Julian, bem, acho que ele tinha ciúmes de minha afeição por ela, pois cada minuto que eu passava com Alyse era um minuto que não passava com ele. E, apesar de tudo isso, ela foi boa comigo até o fim.

O fato de que a Fera era seu irmão... bem, sem dúvida os deuses estavam se divertindo muito à minha custa.

Ou – o pensamento me veio lentamente – talvez eles estivessem me dando uma oportunidade de equilibrar a balança da justiça. Pois se eu fosse capaz de salvar aquele homem das masmorras de D'Albret e entregá-lo em segurança a Rennes, pagaria uma pequena parte da dívida que tinha com sua família.

Desesperada para me distrair da verdade que havia acabado de descobrir, afastei-me do cavaleiro adormecido e peguei as roupas

imundas descartadas e os trapos sujos. Teríamos de enterrar aquilo. Ou talvez eu mandasse a gárgula enterrá-los. Se ele conseguisse acender um fogo distante o suficiente, poderia até desviar a busca de D'Albret para longe de nós.

Depois de arrumar as coisas o melhor possível, peguei uma pedra de amolar de um de nossos fardos e saí. A chuva tinha parado, o que nos ajudaria a ouvir a aproximação de cavalos. Tirei uma de minhas facas da bainha e passei a pedra por seu gume. O leve som de arranhar era tão calmante quanto uma canção de ninar para meus nervos em frangalhos. Tal como um carnicheiro ávido por atacar uma carcaça, minha mente acelerada insistia em voltar para a única coisa em que eu não queria pensar. Sem dúvida os deuses tinham se superado daquela vez, pois havia poucas pessoas nesse mundo a quem eu devia mais que Alyse. Havia poucas pessoas a quem minha família tinha prejudicado de maneira tão horrível.

Seria possível que eu tivesse recebido a chance de consertar esses erros?

Não que isso fizesse diferença, pois levar a Fera a Rennes vivo e inteiro, e sem sermos descobertos pelos batedores de D'Albret, não seria mais fácil simplesmente porque ele era irmão de Alyse.

Entretanto, era vital que eu conseguisse, pois havia mais que o futuro do reino na balança: havia também minha pequena chance de redenção.



Quando fiquei sem tarefas que me mantivessem do lado de fora, tive de voltar à cozinha. Havia muito a fazer, novos cataplasmas para preparar, ataduras para cortar, fogos para acender. Essas tarefas não se importavam nem um pouco com a nova afeição que eu passara a sentir pela Fera. Será que ele iria levantar o assunto da irmã quando despertasse? E, se fizesse isso, como eu poderia evitar fazer todas as perguntas que queria?

Lá dentro, vi que os olhos da Fera estavam abertos e que ele estava olhando fixamente para o teto. – O senhor ainda está vivo – disse. – Isso é mais do que eu ousava esperar.

Ele virou a cabeça para mim.

– Eu lhe disse que sou duro de matar.

– O senhor me avisou, verdade. – Pude sentir seus olhos em mim enquanto me ocupava em botarmais água para ferver. Será que ele lembrava de ter falado sobre Alyse? E o que uma simples assassina iria querer saber sobre essa ligação? Provavelmente, nada. – É por isso que

não foi morto no campo de batalha? – perguntei. – Algum dom de Saint Camulos? Ou foi porque D’Albret tinha outros planos para o senhor?

– Saint Camulos não nos protege da morte. – A voz da Fera estava seca. – Nem os homens perceberam quem tinham derrubado do cavalo. Entretanto, quando D’Albret viu quem eu era... digamos apenas que ele não é homem de desperdiçar uma oportunidade como essa. – Ele ficou quieto por um instante, depois tornou a falar. – Você sabe o que ele tinha planejado para mim? Sem conseguir me segurar, ergui o rosto e o olhei nos olhos. – Sei.

Ele assentiu.

– Então entende a dívida que tenho com você.

Desconfortável com a gratidão que via em seus olhos, voltei-me para a panela de água.

– Não fique tão agradecido. Se eu não tivesse conseguido fazer sua carcaça pesada subir as escadas, eu mesma o teria matado e poupado D’Albret do trabalho.

– Nesse caso, eu teria uma dívida ainda maior com você, pois nem todo mundo reconhece a misericórdia de uma morte rápida e limpa. – Ele fez uma pausa enquanto me estudava. – Como teria feito?

Sua pergunta me surpreendeu.

– Quer dizer, como eu o teria matado?

– Isso. Você tem um método favorito para essas coisas?

Como ele sabia que eu era uma assassina, não havia necessidade de ser tímida.

– Prefiro o garrote. Gosto da intimidade que me dá enquanto murmuro lembranças de vingança nos ouvidos dos homens quando eles morrem. Mas, em seu caso, eu tinha afiado minha faca favorita especialmente para a ocasião.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Por que não o garrote para mim?

Olhei diretamente para o seu pescoço, inchado de músculos e tendões.

– Não tenho um grande o suficiente – murmurei. – Além disso, a sua deveria ser uma morte piedosa. Uma faca é mais rápida e menos dolorosa. – Se eu achava que minha confissão iria chocá-lo e criar alguma distância entre nós, eu estava completamente enganada, pois o brutamontes riu.

Frustrada por sua candura, coisa que eu não merecia, pus o novo cataplasma em sua coxa, e seu riso logo se transformou em urros de dor.



Pouco depois, cutuquei delicadamente a gárgula para despertá-la, pois, se eu não descansasse um pouco, e logo, temia agarrar a Fera pelos ombros e obrigá-lo a responder a todas as perguntas que estavam na ponta da minha língua. Não ia demorar para que ele me ligasse a D'Albret se eu fizesse isso.

O carcereiro pulou rapidamente de pé, examinou uma vez seu prisioneiro, agora seu paciente, depois foi sentar perto da porta. Eu me estiquei perto do fogo e rezei para não sonhar com Alyse. Na verdade, não queria sonhar com nada.



Acordei assustada, surpresa por ter adormecido. Estava quase escuro lá fora, e as cinzas estavam frias na lareira. Tinha dormido praticamente o dia inteiro. Enquanto me sentava, percebi que estava silencioso demais. Teria sido aquilo o que me havia acordado? Então escutei – o tilintar distante de arreios e o relincho suave de um cavalo.

Meu peito se encheu de pânico e saltei de pé. A gárgula olhou pela porta e examinou o pátio. Ela mostrou três dedos em uma das mãos, e na outra segurava sua funda e uma pedra redonda do tamanho de um ovo de codorna.

Houve um farfalhar quando a Fera se mexeu. Corri até ele, desesperada para mantê-lo em silêncio. Ele abriu os olhos, mas quando me viu levar o dedo aos lábios, balançou de leve a cabeça e gesticulou para que eu me aproximasse.

– Dê-me uma arma – sussurrou com voz rouca.

– Você está ferido demais – sussurrei em resposta.

Ele segurou meu braço, os olhos brilhando de determinação.

– Não vou voltar para lá vivo. – Um momento de compreensão total se passou entre nós. Balancei a cabeça, em seguida peguei uma das facas presas a meu tornozelo e a entreguei a ele. Quando a pegou, sua mão envolveu rapidamente a minha e deu um aperto firme.

– Quantos? – perguntou.

– Três – eu disse. – A cavalo.

Seus olhos se iluminaram e ele sorriu.

– Cavalos?

Corri de volta até a porta e olhei para fora. Os homens tinham chegado ao pátio e eu podia ouvir suas vozes.

– Ainda acho que devíamos ir direto para Nantes. Chegaríamos lá logo depois de escurecer.

– De mãos vazias – observou outro. – E não quero ser eu a dizer para D'Albret que eles escaparam, e nós não temos nada a relatar.

O pequeno carcereiro me lançou um olhar malicioso.

– Diabos, nós nem sabemos o que estamos procurando. A garota? O prisioneiro? Até onde eles podem ter chegado?

– Digo que devemos continuar em frente e não voltar – murmurou um de modo sombrio. – Quem sabe onde vai cair sua ira?

Enquanto os homens desmontavam, fiquei irritada com a teologia do convento. Ela não era nem um pouco adequada ao mundo real para o meu gosto. Eu tinha permissão de matar em legítima defesa, mas o perigo apresentado por aqueles homens era suficiente para ser considerado legítima defesa? Por mais que eu tivesse decidido não me importar mais com o que o convento ou Mortain pensavam, seus ensinamentos não eram tão fáceis de descartar como um vestido velho.

Mas aqueles eram homens de D’Albret, não inocentes. E se eu não os matasse, a Fera não chegaria a Rennes. O que significava que a morte deles era necessária para que eu seguisse as ordens mais recentes do convento. Se Mortain não gostasse, Ele podia discutir com a própria abadessa.

– Cuidem dos cavalos – disse o líder, pegando os alforjes de sua montaria. – Vou acender a lareira.

– Não beba todo o vinho.

O sorriso do líder reluziu branco à luz do crepúsculo. Os outros desmontaram e seguiram para os estábulos. A gárgula e eu trocamos um olhar. Nossa presença seria conhecida assim que vissem as mulas e a carroça. No minuto seguinte, ouvimos um grito, e um dos homens pôs a cabeça para fora da porta do estábulo. O capitão parou.

– Tem alguém aqui.

O capitão assentiu com a cabeça.

– Vamos dizer a eles que precisamos de alojamentos para a noite. – Sua mão foi para o cabo de sua espada. – E vamos desencorajá-los a negar o pedido.

Captei o olhar da gárgula e ergui meu garrote, para que ela soubesse que eu pegaria o capitão. Ela balançou a cabeça para mostrar que havia compreendido e apontou para o estábulo. Ela pegaria o primeiro a sair. O terceiro era de quem o alcançasse antes. Minha faca seria mais rápida, mas no escuro eu não poderia ter certeza de um golpe mortal, e não queria arriscar que ele gritasse um alerta.

Envolvi as extremidades do garrote com firmeza em torno das mãos e esperei. O capitão se aproximou, gritando uma saudação.

– Olá? Tem alguém em casa? Estamos precisando de sua hospitalidade.

Como não houve resposta, sua mão se afastou da espada. Conforme ele se aproximava, uma calma baixou sobre mim. Quando ele chegou ao alcance de meus braços, saí rapidamente das sombras, enrolei o

arama ao redor de seu pescoço, enfiei o joelho em seus rins e rezei por força. Meus movimentos foram tão rápidos e precisos que não houve sequer um murmúrio ou gorgolejar. Mas o homem era forte e se debateu contra mim, tentando agarrar a espada. Apoiei o peso de meu corpo contra ele e empurrei sua mão contra a parede de pedra da cabana de caça.

O segundo homem surgiu do estábulo. Seus olhos se arregalaram quando viu seu capitão em um abraço mortal comigo. Porém, antes que pudesse pegar sua espada, ouviu-se um barulho baixo quando a pedra da gárgula rachou sua testa.

O terceiro guarda deve ter ouvido alguma coisa, pois saiu do estábulo com sua besta armada e carregada. Girei o capitão que ainda lutava para usar seu corpo como escudo, preparando-me para o golpe violento do dardo da besta. Houve, em vez disso, um leve sussurro, como se um pássaro veloz tivesse acabado de passar, depois uma faca, minha própria faca, estava se projetando da garganta do homem.

Olhei e vi Fera debruçado na janela. Estava pálido como leite e apoiado pesadamente no batente, mas me lançou um sorriso.

– Vou ficar com o castanho – disse antes de seus olhos girarem e ele cair no chão. *Merde*. Torci para que ele não tivesse arrebitado os pontos.



Quando voltamos para o interior, o carcereiro se dirigiu à Fera, que estava caído. Falei para que o deixasse ali, depois peguei um lençol na cama improvisada e cobri o gigante desmaiado. Exceto pela palidez de seu rosto, ele parecia estar dormindo pacificamente. Eu não conseguia decidir se o agradecia ou chutava. Seria impossível mantê-lo vivo se ele não cuidasse de seu corpo ferido.

Levantei o rosto e vi a pequena gárgula me observando, a cabeça inclinada para o lado como se estivesse intrigada com alguma coisa.

– Vá buscar novas roupas para seu mestre com os homens mortos – eu disse para ele. – E armas. Pegue todas as armas que eles carregarem. Logo vamos precisar delas.

O rosto do homenzinho se iluminou e ele saiu.

– E procure por provisões em seus alforjes! – gritei para ele em seguida. Eu tinha embalado o suficiente apenas para duas pessoas, e somente por três dias. Achava que precisaríamos do dobro disso para chegar a Rennes, agora. Se Ismae estivesse ali, diria que o abençoado Mortain tinha enviado uma solução para nossas mãos servis, mas eu achava que tinha apenas me tornado adepta de arrancar providência

das mandíbulas do desastre.

Voltei até a lareira e reavivei o fogo para que pudesse preparar mais uma batelada de cataplasmas. Por mais que fossem dolorosas para a Fera, também não eram divertidas para mim. Minhas mãos estavam vermelhas e esfoladas pelo calor e pela lama. Ao menos não iam se parecer com as de uma nobre por muito mais tempo.

O homenzinho retornou carregando uma pilha de roupas, e remexi à procura das que chegassem mais perto de caber na Fera. O soldado que levava a facada no pescoço era de longe o maior, mas agora havia manchas de sangue em seu gibão. Mesmo assim, usamos a maior parte de suas roupas, e tirei o gibão do segundo maior soldado. O resto usaria para ataduras.

– Vamos levar os cavalos deles conosco quando sairmos – disse à gárgula. – Aí podemos trocar aparelha da carroça, o que deve permitir que façamos um tempo melhor.

– Eu não vou ser puxado por aí como uma saca de nabos indo para o mercado – trovejou a voz da Fera às nossas costas. – Vou montar um dos cavalos.

Eu me virei lentamente.

– O senhor acordou.

– Sim.

Todas as minhas perguntas sobre Alyse correram para a ponta de minha língua e quase saíram de minha boca. Em vez disso, disse:

– Como o senhor planeja permanecer na sela quando não consegue nem olhar pela janela semdesmaiar? São vinte léguas daqui até Rennes.

– Não desmaiei. E andar nessa carroça é como ser empurrado pela estrada dentro de um saco cheio de pedras. Vou chegar a Rennes com os ossos moídos em pó. Amarre-me, em vez disso, a um dos cavalos. Assim, mesmo que eu perca a consciência, não vou cair.

Foi aí que vi uma leve semelhança entre ele e a irmã: na disposição teimosa do queixo.

– O senhor não está bem o suficiente nem para sentar, muito menos montar a cavalo pelos próximos dias.

– Estou melhor – disse ele obstinadamente, dessa vez lembrando-me demais de minha irmã Louise quando teve febre pneumática e não queria perder as celebrações do Natal. – Está vendo? – Ele mexeu o braço machucado com mais liberdade que antes. Eu me ajoelhei a seu lado, para examinar seus ferimentos de perto, disse a mim mesma. Mas assim que levei as costas da mão à sua testa, meus olhos procuraram os dele, em busca de ecos de Alyse. Os cílios dela não eram tão escuros nem densos, mas os olhos eram de um azul quase tão claro.

– O senhor ainda está com febre – disse a ele.

– Mas não está tão alta.
– Verdade. – Em seguida, examinei seu braço. A vermelhidão e a infecção tinham diminuído pelametade. – Mas seus outros ferimentos, suas costelas...

– Você vai amarrar e apertar bem minhas costelas para que elas não se movam. Posso montar comapenas uma mão nas rédeas.

Olhei para seus frios olhos azuis que nada tinham de frios.

– E o ferimento de lança?

Ergui o cobertor para poder observá-lo. A ferida ainda estava vermelha, a carne feia, inchada e escorrendo.

– Isso vai doer como o diabo – ele reconheceu. – Mas a dor vai ajudar a me manter alerta.

O homem era realmente louco, possuído pelo desejo da batalha mesmo sem haver batalha.

– Tudo o que sei sobre envenenamento de sangue diz que o paciente precisa descansar para ficarforte o suficiente para combater a infecção.

– Ponha outro saco de lama nisso – disse ele, como se de algum modo aquilo tornasse tudo maisrazoável.

– Esse é meu plano – disse eu, irritada pelo fato de que a pessoa por quem eu tinha me arriscadotanto para resgatar agora estava me dando ordens como se eu fosse uma criada.

Ele se inclinou para perto de mim, para defender seu caso.

– Sei que tenho razão. Se andarmos a passo de caracol em uma carroça, vamos ser alvo fácil paraqualquer um que esteja nos perseguindo. Ou bandidos e foras da lei quaisquer, por falar nisso.

E, é claro, ele *estava* certo. Olhei para trás, para a porta que dava para o pátio, onde os três soldados jaziam mortos e senti um calafrio nos ombros ao perceber como D’Albret tinha chegado perto de nos descobrir.

– Muito bem – cedi.

D’Albret tinha lançado sua rede, e se não começássemos a nos mover, ele iria nos encontrar.



Passamos a hora seguinte fazendo planos. Dormiríamos mais uma noite ali, depois partiríamos assim que houvesse luz suficiente para enxergar. Acendi outro fogo pequeno na lareira e separei as ervas e a lama para preparar mais um cataplasma. Quando a mistura estava quase quente o suficiente para criar bolhas na pele, enchi um pedaço quadrado de linho com a lama e as ervas e embalei-o rapidamente

para que o calor não escapasse, quase queimando os dedos no processo.

Enquanto me afastava da lareira, o carcereiro chegou do pátio, onde havia recolhido todas as armas que os homens de D'Albret carregavam. Ele as botou ao lado da Fera, depois seguiu em sua vez de revirar as chamas, para tentar preparar algo para nosso estômago vazio.

Fera chiou quando pus um cataplasma em seu ombro.

– Fique quieto – disse a ele.

– Estou – ele respondeu entre dentes cerrados, depois chiou de novo quando botei o segundo cataplasma na ferida infeccionada em sua perna.

Ele olhou para mim.

– Você não precisa sentir tanto prazer com isso.

Dei um olhar de desprezo para ele.

– O senhor é louco se acha que estou gostando de ficar presa em uma cabana abandonada com umogro e uma gárgula como meus únicos companheiros. – Dei as costas para ele para recolher as faixas de pano feitas com as camisas não usadas dos soldados, surpresa ao perceber que *estava gostando* daquilo. Não havia víboras rastejando em nossos pés nem pesadelos à espreita nas sombras.

Quando me virei para ele, assegurei-me de que nenhum desses pensamentos transparecesse em meu rosto.

– O senhor pode sentar para que eu possa amarrar suas costelas? – Se ele não conseguisse sentar, era melhor saber naquele instante para que pudéssemos mudar de planos. Ele resmungou em concordância. Os músculos de seu abdômen se moveram e agitaram como ondas quando ele se ergueu e sentou. Seus olhos se fecharam por um instante.

– Vai desmaiar de novo? – Corri para trás dele para impedir que caísse, tombando no chão. Embora, provavelmente, ele fosse me levar junto com ele se isso acontecesse.

– Não – grunhiu ele.

Esperei um minuto para me assegurar de que ele não estava se enganando, depois voltei e peguei a faixa de linho e comecei a envolvê-la em torno de seu corpo. Mesmo depois de ficar trancado por mais de quinze dias, ele ainda era grosso como um tronco de árvore.

– Para uma mulher de língua afiada, você tem mãos surpreendentemente delicadas – disse ele.

– Acho que seus ferimentos o fizeram perder as sensações, pois posso ser muitas coisas, menos delicada.

Ele não disse nada, mas me observou, como se estivesse tentando ver minha própria alma por baixo de minha pele e meus ossos. Sob seu escrutínio, meus movimentos tornaram-se desajeitados.

– Aqui – disse eu, ríspida. – Segure isso no lugar. – Vireime e peguei outro pedaço de linho.

– Esses seus irmãos sempre tinham costelas quebradas? – perguntou ele.

– Uma ou duas vezes – murmurei, ocupando-me com a segunda faixa. – Eram rapazes desajeitados e estavam sempre caindo do cavalo. – Meu olhar não cruzou com o dele, pois claro que não eram.

As costelas de Pierre quebraram quando, aos doze anos de idade, ele foi derrubado de seu cavalo por um golpe de lança durante um treino para um torneio. Meu pai o chutou até ele se levantar do chão e tornar a montar em seu cavalo. Ele sofreu muito mais dos chutes do que da queda.

E Julian, ah, Julian. Suas costelas quebraram quando tentou me proteger da ira de meu pai.

– Qual o problema? – perguntou Fera delicadamente.

– Nada – disse, apertando a atadura tão firme que ele grunhiu em protesto. – Só me preocupo em como vamos botá-lo de volta em seu cavalo se o senhor cair.

Fera não disse nada até que a gárgula gesticulou para avisar que o jantar estava pronto. Prendi a última atadura e entreguei à Fera uma tigela do que parecia ser uma papa com algo de aspecto um tanto repugnante boiando nela.

– Então – disse, pegando minha própria tigela –, seu homem não sabe cuidar de ferimentos, nem mesmo lavar seu rosto direito, nem é um cozinheiro. O que, exatamente, ele é para você? – perguntei.

Fera me ignorou e devorou a papa o mais rápido possível. Era um bom sinal seu apetite voltar completamente. Ou talvez ele estivesse apenas com medo de que, se aquilo esfriasse, se tornasse intragável. Esse, sem dúvida, era o meu temor.

Quando terminou, largou a tigela e virou seu olhar firme para mim.

– Yannic já foi meu escudeiro. Quando minha irmã partiu para a casa de D’Albret, ordenei a ele que a acompanhasse e me enviasse relatórios regulares sobre seu bem-estar.

Olhei para ele boquiaberta, depois virei-me para encarar Yannic. Tinha certeza de nunca o ter visto em nossa casa, mas isso não era muito estranho. Meu pai tinha centenas de criados e milhares de subordinados, muitos dos quais nunca conheci.

– Na época, ele podia falar? – Temi já saber a resposta.

– Podia – disse a Fera amargamente. – E escrever também.

Olhei para a mão direita de Yannic e vi que a parte superior dos três dedos do meio tinha sido removida para que ele não pudesse segurar uma pena. Sem querer encarar nenhum dos dois nos olhos, fingi estar ocupada pescando um pedaço de salsicha em minha tigela.

Será que D’Albret lembrava da ligação entre seu prisioneiro e o

criado de sua sexta esposa e a usou para esfregar sal na ferida? Ou Yannic era o único disponível sem o poder da fala, o que fazia dele o carcereiro ideal? Nunca se podia saber ao certo com D'Albret.

– Isso significa que Yannic não se importaria se pedíssemos a ele para empilhar os soldados mortos na carroça e pôr fogo neles? Seria melhor não deixar traços de nossa estadia.

Os dois homens trocaram um olhar sombrio, em seguida a Fera respondeu:

– Não, ele não se importaria nem um pouco.

– Bom, porque não devíamos perder uma oportunidade para despistar nossos perseguidores parabem longe de nós. A fumaça de um fogo tão grande deve chamar sua atenção, e os cadáveres vão fazê-los questionar quantos há em nosso grupo. Se Yannic puder conduzir a carroça dois ou três quilômetros para leste daqui, o fogo também vai conduzi-los na direção errada.

Fera sorriu.

– Se você cansar de ser serva da Morte, tenho certeza de que Saint Camulos ficaria muito feliz em aceitar seus serviços.

Revirei os olhos só de pensar em uma coisa dessas, mas suas palavras me agradaram mesmo assim.

Capítulo Dezoito

TENTAMOS PARTIR CEDO NO DIA seguinte juntos, o pequeno gnomo carcereiro, o gigante ferido e – que papel daria a mim mesma? A cocheira? – parecíamos uma farsa de mascarados. Finalmente conseguimos aprontar os cavalos, arrumar a bagagem e, o mais difícil de tudo, botar a Fera, enorme e imóvel, montado em sua sela. Eu estava exausta antes mesmo de deixarmos o pátio, e quando finalmente conseguimos, soltei um suspiro de alívio.

Apesar do que a Fera dizia, ele não estava nada bem para viajar. Devíamos ter ficado na cabana de caça mais um ou dois dias para dar tempo a ele de se recuperar, mas não ousamos. Por mais que a cabana fosse bem afastada da estrada principal e pouco conhecida, não havia dúvida de que outros homens de D’Albret a descobririam em pouco tempo. Com sorte, não achava que seria o primeiro lugar onde iriam procurar, pois provavelmente pensariam que iríamos querer dar mais distância entre nós e nossos perseguidores. E tinham razão. Minha nuca formigava de apreensão.

Ventos agitados afastaram as nuvens de chuva, e o céu acima estava límpido e azul. Esse céu claro era o cenário perfeito para o fino fio de fumaça que se erguia dos restos em brasa da carroça de excrementos e seus habitantes a quase dois quilômetros de distância.

Por favor, Mortain. Que isso nos faça ganhar tempo.

Mas, caso não fizesse, cada um de nós estava equipado com armas recuperadas dos homens de D’Albret. Com ajuda de Yannic, a Fera tinha alterado uma bainha para poder levar uma espada nas costas e pegá-la com facilidade. Eu também tinha uma espada, mas estava presa a minha sela ao lado da besta ali pendurada. A Fera também tinha afanado um machado de cortar lenha que havia encontrado ao lado de uma pilha de madeira na cabana de caça. Ele estava pendurado do lado esquerdo de sua sela, perto de seu braço ferido. Eu só não sabia como ele esperava usar aquilo.

Saímos cavalcando em silêncio. A Fera estava sabiamente reservando energia, e eu tinha coisas demais em que pensar para desperdiçar tempo em conversa inútil. Se tudo corresse bem, deveríamos chegar lá em quatro dias. Se a febre não consumisse o corpo enfraquecido da Fera, e se ele conseguisse permanecer em sua

sela, e se os cavaleiros de D'Albret não nos encontrassem.

Minha mente não parava de lembrar o que eu conhecia da região, tentando pensar no melhor caminho para tomarmos. A área em torno da cabana de caça era uma floresta esparsa, o que nos servia muito bem, mas com o tempo acabaríamos por chegar a plantações ou a uma estrada, ou, pior de tudo, a uma cidade. Quantos homens D'Albret tinha mandado, e onde eles concentrariam suas buscas?

E por quanto tempo a Fera aguentaria ficar na sela? Sua cabeça já começava a balançar, e ele parecia estar cochilando. Ou talvez tivesse desmaiado outra vez. Levei meu cavalo até seu lado para verificar e me surpreendi quando sua cabeça se ergueu abruptamente, seus olhos fixos nas árvores à nossa frente.

– Ouviu isso?

Inclinei a cabeça.

– O quê?

Continuamos em frente, mas mais devagar.

– Isso – disse ele, com a cabeça inclinada. – Gritos.

Olhei para ele sem acreditar, pois minha audição era tão aguçada quanto a de qualquer um deles, e não tinha ouvido nem um pio.

– Talvez seja apenas um ruído em seus ouvidos devido aos ferimentos.

Ele sacudiu bruscamente a cabeça e avançou com seu cavalo.

– Espere! – Tentei segurar suas rédeas, mas não consegui. – Para evitar problemas – lembrei –, nós nos *afastamos* de barulho, não nos dirigimos a ele.

Sua cabeça girou para trás, e ele me prendeu no lugar com um olhar penetrante.

– E se forem mais homens de D'Albret? Deixaremos que inocentes paguem por nossa liberdade?

– Claro que não – respondi bruscamente. – Mas não estou acostumada com a ideia de um deus que permite matar a seu bel-prazer.

Os olhos da Fera se estreitaram de um jeito que parecia ver meus ossos através da pele.

– Meu deus me permite salvar inocentes – disse ele. – O seu não?

Fiquei envergonhada em admitir que meu deus não permitia tal coisa.

– No que tange a Morte, não há inocentes – disse a ele, assumindo a dianteira. Continuamos a nos aproximar, conduzindo nossos cavalos até termos uma noção clara de onde vinha o barulho. Era um moinho. Sua roda girava rapidamente em um riacho volumoso devido às chuvas recentes. Era tão pacífico quanto uma pintura.

– Viu? Não era nada. Podemos continuar nossa viagem como se nada tivesse acontecido.

Enquanto a Fera balançava a cabeça, concordando, um homem saiu do moinho e correu em nossa direção. Ao chegar a meia distância de um tiro de besta, ele parou.

– O moinho está fechado hoje – gritou. – Quebrado e precisando de conserto.

– Tem alguma coisa errada – disse a Fera em voz baixa. – O homem está branco como leite, e suatesta está toda suada.

– Meu trabalho é levá-lo até Rennes inteiro, não parar e oferecer ajuda a todo camponês em apurosque encontrarmos. Talvez ele tenha simplesmente trabalhado duro esta manhã. Além disso, se você desmontar, não sei se conseguimos botá-lo de volta em cima desse cavalo. – Mas alguma coisa *não estava* certa. O coração do homem batia a um ritmo frenético.

– Primeiro, ele é moleiro, não camponês. Segundo – a Fera me deu um sorriso tão contagiantequanto a praga –, posso matar sem descer de meu cavalo.

Tocando minha montaria adiante com passos pequenos e nada ameaçadores, eu me aproximei.

– Não temos necessidade do moinho – gritei para ele. – Estamos apenas de passagem e pensamosen encher nossos odres de água.

O moleiro esfregou as mãos.

– Aqui não é um bom lugar pra isso. A margem é íngreme demais. Tem um acesso muito mais rasologo adiante na estrada.

Fiz meu cavalo avançar mais um passo, depois outro, então senti mais quatro corações pulsando ali perto. Um deles era mais leve que os outros, mas estava tão acelerado quanto o do moleiro.

– Ah, mas estamos com sede agora. – Desci da sela para o chão. – E o som de toda essa água docetão perto é como tortura para nossa garganta seca. – Mantive a voz e os movimentos delicados ao virar e retirar um dos odres de água da sela.

Escondendo meus movimentos com o corpo, também carreguei e armei a besta, enfiei uma seta extra no meu vestido, depois soltei a besta. Dei um olhar penetrante para a Fera, e ele assentiu.

Escondi a besta na saia, me virei e segui na direção do moleiro.

Ele correu para a frente, quase dançando de preocupação.

– Não, não, vocês não devem...

Levei a mão ao estômago, como se estivesse doente, e caí em cima dele.

– Quem eles pegaram? – sussurrei. – Sua mulher? Sua filha?

Seus olhos se arregalaram de medo. Ele fez o sinal da cruz e então balançou a cabeça afirmativamente.

– Vai ficar tudo bem – disse eu, e torci para que não fosse mentira. Ali! Um brilho de aço na portado celeiro. Outro nos galhos da árvore no pátio.

– O celeiro! – gritei para a Fera enquanto puxava a besta e mirava no homem na árvore. Ouvi seugrunhido quando a seta o acertou. Antes que seu corpo atingisse o chão, encaixei a segunda seta no lugar. Uma menina gritou e saiu correndo do moinho para o pátio, seguida por um soldado. Ele ergueu uma besta em minha direção, mas a minha já estava apontada para ele, e minha seta o acertou no peito antes que ele pudesse disparar a sua. A garota tornou a gritar enquanto ele caía no chão, quase derrubando-a com ele. O homem da árvore não estava se mexendo, e não havia pulsação vinda do celeiro, então a mira da Fera devia ter sido tão boa quanto a minha. Só por garantia, saquei uma faca antes de correr até a menina e o soldado caído.

Fera conduziu o cavalo até o moleiro.

– Paz – disse ele. – Não vamos lhe fazer nenhum mal. Apenas queríamos cortar o mal pela raiz.

O alívio do moleiro estava misturado com desconfiança, e ele começou a falar depressa, proclamando a própria inocência, dizendo como aqueles soldados, aqueles malfetores, tinham surgido à sua porta e começado a surrál-os e a interrogá-los.

– Eles tinham acabado de entrar no moinho pra rasgar todos os sacos de grão quando ouviramvocê se aproximar.

Seria, eu tinha de admitir, um bom lugar para se esconder. Deixei que a Fera lidasse com o homem revoltado e me aproximei da filha. Sua blusa estava rasgada, e ela estava com a respiração acelerada – acelerada demais, como se tivesse corrido uma grande distância, e eu ainda podia sentir seu coração batendo freneticamente dentro de seu peito, como um passarinho assustado.

– Eles machucaram você? – perguntei baixinho.

Ela olhou para mim, seus olhos loucos de terror mal contido, depois sacudiu a cabeça.

Mas eu sabia que era mentira, mesmo que ela não soubesse. Aqueles homens tinham destruído sua sensação de segurança por meses, talvez anos, à frente. Sem conseguir me conter, estendi os braços e a segurei pelo ombro.

– Não foi sua culpa – murmurei com raiva. – Você e seu pai não fizeram nada para merecer isso,exceto estar no lugar errado na hora errada. Não foi um castigo de Deus nem de nenhum de Seus santos... foi simplesmente uma coisa brutal que aconteceu com vocês.

Algo em seus olhos assustados mudou levemente, e pude ver que ela se agarrava às minhas palavras como um homem se afogando se agarra a uma corda. Dei um aceno, depois virei-me para recuperar as setas de minha besta.

Não nos demoramos muito. Yannic, o moleiro e eu botamos os três cadáveres de volta em seus cavalos e levamos os animais conosco

quando partimos.

– Teremos de fazer um grande desvio para o oeste se quisermos evitar os homens de D’Albret –disse eu para a Fera enquanto nos afastávamos.

Ele balançou a cabeça concordando, depois sorriu.

– Nunca conheci uma mulher que gostasse tanto de seu trabalho quanto eu gosto do meu.– Meu trabalho?

– Matar. Assassinar.

– O que o senhor está sugerindo?

Ele pareceu intrigado com a raiva em minha voz.

– Que a senhorita é muito boa no que faz. Foi um elogio, mais nada.

Claro que para *ele* isso era um elogio.

– Quantas outras damas assassinas o senhor já conheceu?

– Além da senhorita? Só Ismae. E ela parecia dedicar-se a seus deveres com mais seriedade queverdadeira alegria, enquanto a senhorita ganha vida com uma faca nas mãos.

Envergonhada e desconfortável com essa afirmação, fiquei em silêncio.

Será que *gostava* de matar? Seria o ato em si que me dava alegria? Ou eu abraçava a sensação que ele me proporcionava, de servir um propósito mais elevado? Ou então apenas gostava de ter algo em que sobressaísse, pois possuía poucas habilidades? Entretanto, se eu gostava de matar, como isso me tornava diferente de D’Albret? Era apenas Mortain, sua orientação e bênção, que nos separava. E eu as havia rejeitado.

Mas a Fera também matava, com eficiência e habilidade, e não parecia maculado pelas mesmas sombras que marcavam D’Albret e a mim. Nunca tinha visto ninguém matar com tamanha alegria e avidez, e ainda assim ficar cheio de satisfação.

– Como o senhor veio a servir seu deus? – perguntei, rompendo um longo silêncio.

Ele ficou quieto, até carrancudo. Quando cheguei à conclusão de que não ia responder, ele falou.

– Dizem que quando um homem viola uma mulher enquanto ainda está tomado pela luxúria dabatalha, a criança resultante pertence a Saint Camulos. Eu fui um desses bebês. A senhora minha mãe foi atacada por um soldado enquanto seu próprio marido estava fora lutando contra o rei Carlos.

– E mesmo assim ela o amou e o criou como os seus outros filhos? – perguntei, um tanto surpresacom sua natureza caridosa.

Fera deu uma gargalhada alta.

– Pelos santos, não! Ela tentou me afogar duas vezes e me sufocar uma vez antes que eu fizesse umano de idade. – Ele ficou em silêncio.

– Foi Alyse quem me salvou, normalmente aparecendo bem no momento certo.

– Você tem lembranças tão antigas assim?

– Não, a senhora minha mãe tinha o hábito de jogar isso na minha cara em toda oportunidade. Elatemia ter de explicar minha presença para o senhor seu marido, mas no fim das contas ele nunca voltou. Foi morto nos campos da Gasconha, perfurado por uma lança.

“Nessa época, eu estava com quase dois anos, e a pequena Alyse tinha se afeiçoado a mim. Naqueles anos, ela raramente deixava o meu lado. Acho que temia o que poderia acontecer comigo se fizesse isso. – Ele ficou quieto por um bom tempo antes de voltar a falar. – Devo minha própria vida a Alyse, e falhei com ela.”

Ousei fazer a pergunta que me assombrava desde que descobri que Alyse era irmã dele.

– Por que sua mãe desejou esse casamento? E, por falar nisso, por que D’Albret o quis?

– D’Albret insistiu no casamento porque parte das terras do dote de Alyse ficava junto de um deseus domínios menores que ele desejava expandir. E ela era jovem e saudável e capaz de lhe dar muitos filhos. Ou pelo menos foi o que nossa mãe prometeu a ele.

E com isso havia assinado a sentença de morte da própria filha quando Alyse não conseguiu. Que tipo de mulher prometia essas coisas?

– Eu não queria que ela casasse com ele – prosseguiu Fera em voz baixa. – Não confiava nele, nemno fato de cinco mulheres terem precedido Alyse. Mas a senhora nossa mãe estava cega por seu título e sua riqueza, e a própria Alyse estava ansiosa por fazer nossa mãe feliz. – Ele se calou, e o silêncio que se seguiu estava tomado de tristeza. Eu não consegui rompê-lo.

Deixando a Fera com suas lembranças dolorosas, voltei meus pensamentos para nossa viagem. Que distância teríamos de viajar rumo a oeste para evitar os homens de D’Albret? E quando deveríamos liberar os cavalos com os soldados mortos? Tinha medo de ainda estarmos perto demais do moleiro e sua filha, e não queria que os mortos fossem encontrados em nenhum lugar nas proximidades deles.

Apesar de não conseguir enxegar através das árvores, vi que estávamos nos aproximando de um ribeirão grande que, pelo ruído que fazia, tinha enchido e se transformado em um verdadeiro rio com as chuvas recentes. As águas turbulentas correndo sobre as rochas eram quase ensurdecadoras, e precisei gritar para que a Fera me ouvisse.

– Precisamos procurar um lugar para atravessar!

Ele assentiu, e viramos os cavalos naquela direção, evitando os arbustos espinhentos até as árvores finalmente se abrirem e

conseguirmos chegar à margem do rio, onde soldados vestindo as cores de D'Albret estavam dando água para seus cavalos.

Capítulo Dezenove

HAVIA DOZE HOMENS NO TOTAL. Dois estavam ajoelhados à beira do rio enchendo seus odres de água. Outro dava de beber a três cavalos, e um quarto mijava em uma árvore. Foi a única coisa que nos salvou, com nossos números tão inferiores: o fato de parte deles estar desmontada e relaxada. Isso e os reflexos da Fera.

Antes que eu tivesse registrado totalmente minha surpresa, a Fera sacou sua espada e atacou o grupo assustado de homens antes que eles pudessem reagir. Ele foi direto para os três cavaleiros mais próximos. A margem avivou-se enquanto os soldados corriam para pegar suas armas.

Enquanto a Fera cavalgava para o meio da refrega, meu corpo reagiu sem pensamento consciente. Soltei as rédeas e puxei minhas facas dos pulsos. A primeira delas acertou um dos soldados montados mais perto de mim, atingindo-o na garganta. A segunda faca pegou o segundo soldado montado no olho, jogando-o para trás quando seu cavalo saltou para a frente. Em certos dias como aquele, o momento de meus disparos e minha pontaria eram tão precisos que me surpreendiam, e eu tinha certeza de que minha mão era guiada pelo próprio Mortain.

Quando fui pegar a besta, a Fera soltou um grito de guerra que quase gelou meu sangue. Sua espada fez um arco no ar, decapitando um soldado e depois quase cortando um homem ao meio no movimento seguinte. Antes que a Fera conseguisse voltar à posição, um terceiro ergueu a espada, depois cambaleou para a frente surpreso quando uma pedra da funda de Yannic atravessou seus dentes, dando tempo à Fera para acabar com ele.

Com a besta armada e carregada, virei-me para os cavaleiros perto do rio e escolhi e acertei um deles. O dois outros tentaram alcançar suas bestas, mas não rápido o suficiente. A seta acertou um deles e o fez tropeçar no segundo, o que me deu tempo para pegar outra faca e arremessá-la, a lâmina prateada girou veloz e precisamente pelo ar até se enterrar no globo ocular dele e afundar seu corpo cambaleante dentro do rio.

Usei o tempo que isso me deu para recarregar a besta, mas um dos homens montados escapou da Fera e veio em minha direção antes que

eu conseguisse armá-la. Larguei-a e saquei a espada da bainha, posicionando-a entre mim e meu agressor.

– Lady Sybel... – Quando ele hesitou por tempo suficiente para que eu me aproximasse e decepasse o resto de suas palavras, percebi que eles tinham recebido ordens de me levar viva. O que me dava uma pequena vantagem, pois eu não me importava em matá-los. Na verdade, rezava para conseguir fazer isso.

Um dos homens restantes estava recarregando sua besta, que estava apontada bem para mim. Eu estava sem facas, e a Fera estava longe demais para me ajudar. Ele gritou, atraindo a atenção do homem, então observei boquiaberta quando arremessou sua espada na direção dele.

Segurei a respiração enquanto ela girava pelo ar. O cabo acertou o soldado bem no rosto, atordoando-o em vez de matá-lo. Mas foi suficiente para dar tempo à Fera – ele sacou o machado, avançou e deu um golpe horrendo na cabeça do homem. Yannic eliminou os dois últimos com pedras bem atiradas.

A margem do riacho estava inundada de almas livres, chocantemente frias, como se o inverno tivesse voltado. Algumas subiam rapidamente, ávidas por escapar da carnificina, apesar de ela não poder mais atingi-las. Outras pairavam por ali, como crianças desoladas, perdidas, à deriva, sem saber ao certo se entendiam o que havia acabado de acontecer.

Eu fiquei aborrecida ao perceber que, de algum modo, conseguia sentir simpatia por elas. Para espantar a sensação indesejada, virei-me para brigar com a Fera.

– O que, em nome dos nove santos, foi isso? *Arremessar* sua espada? Isso é algum truque especial de Saint Camulos?

Ele sorriu e fiquei surpresa por ver como parecia feroz, com seus dentes brancos reluzentes e olhos claros em um rosto coberto de sangue. Na verdade, naquele momento eu não acreditava que ele fosse exatamente humano.

– Consegui retardá-lo, não consegui?

– Por pura sorte – observei. Foi o golpe mais ridículo e idiota que eu já tinha visto, mas estavaimpressionada, apesar disso.



Um pouco mais tarde, enquanto olhava para os seis homens que tinha acabado de matar, fui obrigada a me perguntar: eu *gostava* de matar? Uma coisa era certa: eu adorava a forma como meu corpo e minhas armas se moviam como se fossem uma coisa só; dava-me

prazer saber onde acertar para obter o máximo impacto. E tinha certeza de uma coisa: eu era boa nisso.

Mas a Fera também. Talvez fosse ainda melhor que eu, e apesar disso parecia tão alegre e radiante quanto um leão que rugia diante de seus inimigos e os atacava em plena luz do dia.

Já eu... eu era uma pantera negra, que me movia sem ser vista entre as sombras, silenciosa e mortal.

Mas nós dois éramos grandes felinos, não éramos? E até coisas luminosas projetavam sombras, não?

– Será que esperavam pelos homens que estavam no moleiro? – perguntei. – Ou são grupos debatedores completamente separados?

– Acho que é um grupo diferente. Está vendo? – Fera apontou para uma série de marcas de cascos na margem enlameada onde os homens haviam atravessado o rio. – Eles estavam voltando.

Eu fiquei arrasada.

– O que significa que todas as rotas para oeste estão vigiadas. Vamos ter de seguir direto para leste nos aproximar de Rennes nessa direção.

Corríamos o risco de cair nos braços dos franceses, mas pelo menos eles iriam simplesmente nos matar, em vez de nos levar de volta para D’Albret. Para falar a verdade, eu preferia me arriscar com os franceses.



Quando paramos à noite, a Fera estava pálido de exaustão e fadiga, e não conseguia fazer nada exceto grunhir. Enquanto montávamos acampamento, era difícil saber qual a maior ameaça: D’Albret e seus malditos batedores ou a maldita febre podre correndo pelas veias da Fera. No fim, decidi que devíamos arriscar acender uma pequena fogueira para os cataplasmas, mas, quando ficaram prontos, a Fera já estava dormindo pesadamente. Ele nem se mexeu quando eu os botei em suas feridas. Enquanto olhava para seu rosto feio, vi-me rezando para que não me restasse apenas seu corpo morto para apresentar diante da duquesa.



Por algum milagre ou teimosia de constituição, Fera estava melhor pela manhã. Mesmo assim, insisti para que viajássemos a um ritmo

tranquilo, bem distante das estradas. Quando fizemos uma pausa por volta do meio-dia, quase decidi montar acampamento e passar a noite ali mesmo para que ele pudesse descansar, pois estava exausto outra vez, e escorria sangue fresco do ferimento em sua coxa. Ele fez um gesto de desdém para minhas preocupações.

– Isso é bom, pois vai lavar os humores maléficos da ferida. – Então insisti para que continuássemos, pois quanto mais distante ficassemos de nossos perseguidores, melhor.

Pouco depois nos aproximamos da estrada principal para Rennes. Fui tomada de apreensão, pois tinha certeza de que D’Albret a vigiava, mas precisávamos atravessá-la. Entretanto, nem mesmo D’Albret tinha soldados suficientes para controlar toda a estrada. Nossa esperança era encontrar um trecho não vigiado.

Ficamos algum tempo à espreita, observando os viajantes de nosso esconderijo entre as árvores. Um fazendeiro carregando galinhas em uma vara no ombro passou por nós, seguido por um latoeiro sacolejando ruidosamente seus produtos. Nenhum deles ia devagar, demorava-se ou parecia vadiar, por isso duvidei que fossem espíões. Pouco tempo depois, um mensageiro coberto de suor passou correndo em um cavalo coberto de espuma, e só pudemos nos perguntar que notícias estaria levando e para quem.

Como ele não estava sendo seguido nem foi interpelado, achamos que era seguro atravessar. Golpeamos os cavalos com os calcanhares e corremos até o outro lado antes que alguma outra pessoa aparecesse. A Fera captou meu olhar e me lançou um sorriso, o primeiro que eu via naquele dia, depois nos conduziu para os arbustos e as árvores densas no lado leste da estrada, onde viramos para o norte.

Dei uma olhada para ver como ele estava se saindo e o encontrei me observando.

– O que foi? – perguntei, sentindo-me desconfortável sob o peso daquele olhar. O homem tinha um modo de olhar para mim como se pudesse ver sob todas as camadas de meus embustes. Era extremamente incômodo.

– Um dos soldados a reconheceu – disse ele.

Merde! Com tudo o que estivera acontecendo, como ele podia ter ouvido aquilo?

– Claro que me reconheceu – escarneci, como se ele tivesse capim no lugar do cérebro. – Estou hábastante tempo na casa de D’Albret. Como acha que estava em posição de resgatá-lo?

Foi só minha imaginação ou seu rosto relaxou um pouco? Ele franziu o cenho, como se estivesse tentando solucionar um problema.

– Como o convento obteve uma posição para você no séquito de D’Albret? Pelo que se sabe, ele émais desconfiado e receoso que a maioria.

– A abadesa tem muitas conexões políticas entre as famílias nobres da Bretanha. – Usei minha voz mais arrogante na esperança de que isso evitasse mais perguntas.

Não pareceu que fosse evitar, pois a Fera abriu a boca mais uma vez, mas, então, graças a Mortain, ele parou e inclinou a cabeça, com uma expressão alerta no rosto.

– O que foi agora? – perguntei.

Fera ergueu a mão para que todos parássemos. Quando freei minha montaria, ouvi: não era o som de luta, exatamente, mas gritos e vozes masculinas.

– Ah, não – murmurei para ele. – Não vamos brincar de resgate outra vez. O senhor mal tem forçashoje para permanecer na sela.

Ele me ignorou e deu alguma ordem silenciosa a seu cavalo, que começou a andar, pegando uma trilha entre as árvores e se aproximando do barulho. Na esperança de impedi-lo, eu o segui, enquanto Yannic ficou para trás com os outros animais.

Havia cinco homens a cavalo parados diante de uma casa de fazenda. Dois estavam sentados em suas montarias de batalha com grandes fardos brancos e felpudos à sua frente. Levei um momento para identificar os fardos como ovelhas. Dois outros estavam freneticamente tentando encurralar um ganso, que fazia o possível para escapar, grasnando irritado. Seria quase cômico, não fosse pelo fazendeiro e sua esposa parados no quintal sob a ameaça da lança do quinto homem.

– Franceses – disse Fera com desprezo.

– Eles não parecem estar ferindo nem o fazendeiro nem a mulher.

– Não, só roubando seus estoques de comida para alimentar suas próprias tropas. – Ele se virou para mim e sorriu. – Vamos detê-los.

Eu o encarei sem acreditar.

– Não vamos, não. Não podemos comprar briga com todo soldado que encontrarmos entre Nantes e Rennes!

– Não podemos simplesmente deixar essa pobre gente ser explorada por nossos inimigos. Além disso – ele lançou seu sorriso maníaco em minha direção –, serão cinco soldados franceses que não terei de matar depois.

– Não podemos arriscar que aconteça algo a você por causa de comida – reclamei em resposta.

Em um impasse, encaramos um ao outro. Então seu cavalo ergueu a pata e deu um passo para a frente, quebrando um pequeno galho sob o casco. Um estalido alto ecoou pelo ar, e os gritos pararam. – Quem está aí? – chamou uma voz.

Eu olhei para Fera.

– Você fez isso de propósito.

Ele me olhou feio, fingindo estar aborrecido.

– Foi o cavalo. Mas agora que sabem de nossa presença, não temos escolha. – Ele tirou a besta dogancho na sela e pegou três setas da aljava.

Eu me resignei a nosso destino e resolvi acabar com aquilo o mais depressa possível. – Preciso chegar mais perto. Quando estiver em posição, vou piar como uma coruja. Agora foi a vez da Fera se preocupar.

– Não tenho certeza se é seguro.

Revirei os olhos enquanto desmontava.

– O senhor não é minha ama. Lembre-se, *eu* o estou resgatando. – Enrolei as rédeas em um galho próximo e comecei a me mover silenciosamente através das árvores na direção da casa.

O líder estava mandando um dos homens que perseguia o ganso ver o que tinha sido o barulho que haviam acabado de ouvir. A mulher agitava as mãos e chorava por causa de seu travesseiro de plumas, mas bloqueei tudo isso enquanto escolhia um ponto perto de uma árvore parcialmente encoberta por um arbusto denso. Saquei minhas facas e mirei cuidadosamente o soldado mais perto do fazendeiro e que tinha mais possibilidade de feri-lo. Enquanto piava como uma coruja, arremessei a primeira faca.

Com facas e daquela distância, as duas melhores escolhas para um lançamento mortal eram a garganta ou o olho. Minha pontaria foi perfeita, e a faca o acertou na garganta. A esposa do fazendeiro era feita de material mais resistente que a filha do moleiro, pois não gritou, simplesmente saiu do caminho do jorro de sangue.

Minha segunda faca e as três setas de besta da Fera fizeram um trabalho rápido com o resto deles. Quando estavam todos mortos, surgimos do meio das árvores. O fazendeiro e a mulher se aproximaram de nós, com saudações efusivas.

– Louvada seja a Matrona! Ela os mandou para nos salvar do desastre certo.

– Bem, vocês não estavam em perigo *mortal* – observei.

A esposa do fazendeiro ficou aborrecida.

– Não estávamos em perigo mortal? Então o que é morrer de fome, senão perigo mortal?

O fazendeiro olhava irrequieto para a estrada.

– Vocês acham que vão aparecer mais deles?

Fera seguiu o olhar dele.

– Não imediatamente. Mas é melhor tirar os cavalos e os corpos de vista.

– O *senhor* não vai fazer isso. – Puxei meu cavalo para bloquear o dele. Quando ele ia começar a discutir, aproximei mais minha montaria e baixe a voz. – Se não se preocupa consigo mesmo, então pelo menos pense no que a duquesa e a abadessa farão comigo se eu

chegar a Rennes apenas com seu corpo sem vida.

Uma expressão estranha e angustiada passou pelo rosto da Fera, e pensei que finalmente ele tinha entendido o meu perigo, senão o dele.

– Além disso, vamos todos ter que trabalhar juntos para tirá-lo desse cavalo e deitá-lo em algum lugar onde eu possa cuidar de suas feridas.

As mãos da mulher do fazendeiro voaram para seu rosto.

– Ele foi ferido?

– É um ferimento antigo, mas feio. Há algum lugar onde possamos colocá-lo?

A mulher do fazendeiro assentiu. Deixei Yannic e o fazendeiro ajudando a Fera a desmontar do cavalo e a fazendeira me conduziu até o interior da casa. Quando entrei, olhei ao redor surpresa, pois, de fora, a casa parecia pobre e decrépita. Dentro, era totalmente o oposto. Os olhos da fazendeira se encontraram com os meus.

– Isso não é por acaso. Vivendo tão perto da fronteira, e com tantas guerras e escaramuças ao longos anos, aprendemos a esconder nossa prosperidade, quando temos sorte suficiente para alcançá-la.

Ela parou diante de uma pequena despensa, pegou uma chave em uma argola em torno da cintura e destrancou a porta. De lá saíram dois garotos com olhares furiosos.

– Na próxima vez, deixe a gente lutar – disse um deles. Ele estava próximo de se tornar um homem completo, com seus membros desengonçados, pés desajeitados e nariz grande demais.

– Olhem os modos, e cumprimentem os convidados.

Só então os dois perceberam minha presença. Apesar de eu estar usando sujeira de três dias de viagem em vez de minhas melhores joias, sua admiração boquiaberta fez maravilhas para meu estado de ânimo.

A fazendeira estalou a língua.

– Vão, ajudem seu pai e os outros a se livrar dos corpos.

– Corpos? – perguntaram curiosos. Então saíram da casa fazendo um estardalhaço.

– Meu marido é velho e nenhuma ameaça aos soldados, mas eu não podia confiar que esses cabeçasquentes não fizessem alguma tolice. – A fazendeira revirou os olhos, mas isso não disfarçou o orgulho que sentia dos filhos.

A fazenda tinha uma cozinha ampla e um salão com uma mesa grande e bancos. Enquanto procurava por um lugar onde a Fera pudesse descansar, também tentei observar as saídas. Podíamos precisar escapar de repente, pois não havia garantia de que os franceses não mandariam outros homens para verificar o que havia acontecido com seus camaradas. E se os franceses podiam encontrar aquele lugar, D’Albret e seus homens também podiam.

Além da porta, as três janelas com postigos de madeira eram as únicas maneiras de entrar e sair da casa. E sem dúvida não havia nenhum lugar grande o bastante para esconder a Fera.

Apontei com a cabeça para a área diante da lareira.

– Ali vai servir. O fogo vai mantê-lo aquecido e me permitir misturar o cataplasma para sua perna. Ela franziu o cenho de preocupação.

– Está muito ruim?

Encarei seus olhos castanhos inteligentes.

– Bem ruim. Se eu tivesse alguma habilidade de cirurgião, consideraria amputar a perna, mas, para sorte dele, não tenho. Uma oração ou duas em seu nome não seriam demais.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

– Toda esta família vai rezar por ele – disse ela, e eu soube que podia ter certeza disso.

Capítulo Vinte

A FAMÍLIA ficou TÃO AGRADECIDA por nossa intervenção e tão maravilhada por ter sido salva pelo poderoso Fera de Waroch em pessoa que, assim que as comportas de sua gratidão se abriram, foi impossível detê-los. Insistiram em matar o ganso para poder recompensar o cavaleiro com um banquete digno de um herói do reino. (“Posso muito bem começar a trabalhar naquele travesseiro agora”, observou a fazendeira.) Como todos nós precisávamos de uma noite decente de descanso e não recusaríamos uma boa refeição, aceitamos sua oferta gentil.

Em meio a muitos murmúrios e resmungos, ajudaram a Fera a entrar e o puseram deitado onde eu podia cuidar dele. Aborrecia-o terrivelmente ter de descansar enquanto outros homens se livravam dos soldados franceses.

– Deixe estar – disse eu. – Qualquer um pode esconder esses corpos ou se livrar deles, mas só o senhor pode ajudar a duquesa, e ela vai arrancar meu couro se eu não o entregar em segurança e o mais inteiro possível.

Felizmente para mim, ele estava tão exausto que, assim que o deitamos e o cataplasma foi posto em sua perna, ele pegou no sono. As manchas roxas haviam melhorado, e quase todo o inchaço no rosto diminuía. Ele ainda era tão grande e feio quanto um ogro.

– Não ganharia nenhum prêmio de beleza na feira, hein?

Olhei para a fazendeira parada de pé atrás de mim, observando a Fera.

– Ele tem outras habilidades – disse a ela bruscamente.

– Ei, não precisa ficar nervosa comigo. Eu não disse que ele não valia seu peso em ouro. Além disso, aposto que ele é muito habilidoso com a espada. – A leve malícia em sua voz deixou bem claro o que ela queria dizer, assim como suas suposições sobre o tipo de relação que eu tinha com a Fera.

Minha resposta ainda mais dura foi interrompida por um barulho alto quando seus dois filhos entraram na casa brandindo as espadas que pegaram dos soldados.

– Papai disse que podemos muito bem lucrar com os malditos franceses – disse o mais jovem, quase decapitando o irmão com uma

espada que era praticamente de seu tamanho.

– Lucrar, sim, causar ferimentos em seu irmão, não. Agora vão, guardem isso.

Os rapazes subiram correndo para seus quartos, e segui a mulher quando ela foi para a cozinha preparar a refeição, mas ela logo me enxotou dali.

– Foram suas facas que perfuraram dois daqueles brutos. Que agradecimento seria este se eu apusesse para cozinhar? Aqui. – Ela me deu um balde de água, depois pegou uma chaleira no aparador de metal dentro da lareira e derramou o conteúdo dela no balde. – Vá se lavar. Tenho certeza de que vai fazer você se sentir melhor depois de tanto tempo na estrada.

Eu devia ficar insultada, mas estava agradecida demais pela oportunidade de me limpar. Peguei o balde de água e subi para o andar de cima, onde poderia aproveitar aquela recompensa inesperada.



O jantar foi tão satisfatório quanto qualquer banquete que eu já tinha comido. Não só o ganso estava perfeitamente assado, com pele crocante e carne molhada e suculenta, mas havia um guisado farto de carneiro, alho-poró e repolho, tudo acompanhado de pão marrom-escuro e queijo fresco, vinho tinto leve e sidra de pera, além de maçãs assadas com creme.

O jantar teve clima de festa: o fazendeiro e a esposa, Guion e Bette, estavam cheios da alegria após um momento quase desastroso. Até Yannic sorria e balançava a cabeça satisfeito, apesar de talvez ser simplesmente porque sua barriga finalmente estivesse cheia. Os filhos do fazendeiro se dividiam entre adoração pasma por estarem jantando com a Fera de Waroch e tentativas atabalhoadas de impressioná-lo. Ou, pelo menos, de envergonhar um ao outro.

– Anton deu um gritinho quando os soldados apareceram – disse Jacques.

Corando, Anton deu uma cotovelada com força nas costelas do irmão. – Não foi isso. Minha voz está mudando, só isso.

Jacques riu.

– É, ficando mais fina.

– Bem, pelo menos não tentei usar um presunto como arma. Além disso – ele ergueu o braço e brandiu seu punhal indevidamente apropriado –, na próxima vez estarei armado, e os franceses não vão se safar tão fácil.

– Não sei se estar morto no meio de estrume de vaca no seu celeiro pode ser chamado de se safartão fácil – observei. Para minha surpresa, todo mundo riu.

– É bem verdade – disse Guion, erguendo seu copo. Então ele ficou sério. – O que está acontecendo com os franceses, sir Waroch? Estamos em guerra contra eles outra vez?

– A situação não está boa – disse Fera. – Metade do conselho da duquesa a abandonou. O marechal Rieux se uniu ao conde D’Albret, e eles tomaram Nantes.

"Os franceses estavam à procura de qualquer desculpa para invadir nosso reino, e atravessaram nossas fronteiras para tentar alcançar esse objetivo." – Ele se virou para mim. – Eles tomaram alguma outra cidade além de Ancenis?

– Não que eu saiba. Nem D’Albret desistiu de seu plano de forçar a duquesa a casar com ele. – Eume virei para Bette e Guion. – Ela só escapou por pouco de uma armadilha graças em grande parte a sir Waroch. Foi assim que ele conseguiu esses ferimentos.

O fazendeiro e sua esposa ergueram seus copos para ele, o que o fez baixar a cabeça, envergonhado.

O rosto do fazendeiro se vincou de preocupação.

– Então essas são nossas duas únicas opções agora? Seremos governados pelos franceses ou pelo conde D’Albret?

Bette deu de ombros.

– Acho que prefiro os franceses – disse ela, depois entornou o copo. Era interessante que as histórias sinistras de D’Albret tivessem viajado tão longe.

– Vamos saber mais quando chegarmos a Rennes – disse eu. – A duquesa está lá com seus conselheiros, e sem dúvidas eles estão montando um plano neste exato momento.

– E eu – disse Fera – vou recrutar as boas pessoas da Bretanha para a causa dela. Assim que pudercavalgar normalmente – acrescentou ele com um grunhido.

O jovem Anton, com o rosto iluminado por pensamentos de valor, ergueu a faca.

– Vou lutar pela duquesa – disse ele.

Precisei me segurar para não dar um suspiro. Fera não precisou nem pedir, e os camponeses já estavam se oferecendo para segui-lo.

– Pode ser preciso, rapaz, e caso necessário, a duquesa ficará agradecida por seu apoio. O seutambém – disse ele a Jacques.

Os dois garotos olharam para a mãe, que estava dividida entre o orgulho por eles estarem desejosos de lutar e o medo de que tivessem idade suficiente para ter de fazer isso. O fazendeiro deu um olhar para a mulher e disse:

– Basta desta conversa triste, hein? Sem dúvida um homem como o

senhor tem alguma história paranos distrair.

Passamos o resto do jantar contando histórias. Fera tinha mais que algumas histórias divertidas de campanhas e lutas que fizeram os olhos de Anton e Jacques brilhar com promessas de glória. Era fácil ver que eles se imaginavam no papel dele.

Quando todos os pratos tinham sido esvaziados e todos estávamos cheios, chegou a hora da última ronda de tarefas da noite antes de ir para a cama. Yannic tinha dormido à mesa, por isso simplesmente o deitamos sobre o banco para passar a noite. O bater de pratos e travessas não o fez sequer se mexer.

Descobri que estava especialmente relutante em terminar aquela noite. Eu fizera refeições mais sofisticadas, jantara em ambientes mais elegantes e me divertira em companhias bem mais requintadas. Apesar disso, havia um aconchego e uma alegria simples ali que eram mais inebriantes que o mais forte dos vinhos que eu já havia bebido. Dois anos antes, eu teria zombado daquela vida simples. Agora, eu a invejava.

– Aqui, eu pego estes – disse Bette. – Você vá cuidar de seu homem e dos ferimentos dele.

Quis protestar, dizer que ele não era meu homem, mas em vez disso a agradei e fui preparar uma última batelada de cataplasmas enquanto Anton ajudava a Fera a voltar para seu lugar perto do fogo.

Quando os cataplasmas estavam prontos, todo os outros já haviam subido para suas camas. Um dos irmãos murmurou uma última provocação para o outro, seguida de um *puf*, depois que a parte ofendida arremessou alguma coisa nele.

– Faça isso outra vez – disse a Fera.

Ergui os olhos, confusa.

– O quê?

– Sorria. Nunca a tinha visto sorrir antes.

– O senhor está louco. Claro que sorrio. – Desconfortável sob aquele olhar, virei-me e comecei aremover a atadura de sua perna.

– Por quanto tempo você se escondeu na casa de D’Albret?

Meu coração começou a pulsar forte e dolorosamente. Será que ele havia descoberto quem eu era? – Por que o senhor quer saber? – perguntei, adiando a resposta.

Ele afastou o olhar e cutucou a atadura do braço.

– Eu queria saber se você estava lá quando Alyse ainda era viva.

Com isso, ele me desmontou completamente. Suas palavras penetraram meu coração e demoliram as últimas defesas que eu tinha contra ele. Pus o cataplasma em sua perna e fiquei olhando para ele como se fosse a coisa mais fascinante do mundo.

– Você sabia das outras mulheres de D’Albret – apressou-se ele a observar. – Achei que também soubesse algo sobre Alyse.

Manter-se o mais perto possível da verdade, era isso que aprendíamos no convento sobre contar mentiras.

– Sim – disse eu, e torci para que minha relutância não se revelasse em minha voz. – Eu a conheci, mas não muito bem.

– Conte-me sobre ela. – Ele me encarou intensamente, como se pudesse arrancar as respostas desejadas de minha pele.

Virei-me para o outro lado. Meu olhar examinou o aposento, o fogo, qualquer coisa menos seu rosto devastado. O que podia contar a ele sobre Alyse? Que ela havia emagrecido de nervosismo e medo? Que aquela mulher calma e serena havia se transformado em uma que saltava ao menor toque e se assustava com qualquer barulho? Que Julian e Pierre a provocavam com crueldade por causa disso, fazendo todos os barulhos altos em que podiam pensar, surgindo de surpresa por trás dela nos corredores escuros? Que ela pouco comeu nos últimos meses antes de morrer?

Ou contaria a ele sobre os poucos momentos de felicidade roubada que ela encontrou? Nosso passeio para colher mirtilos e a doçura suculenta deles explodindo em nossa boca, de modo que seu suco escorria por nosso queixo e nos fazia rir? Ou como os peixinhos mordiscavam nossos pés quando os mergulhávamos no riacho?

– Ela era boa e piedosa – disse por fim. – Sempre lembrava de honrar a Deus e Seus santos. Jacinto era sua flor favorita, e certa primavera havia um campo inteiro delas atrás da fortaleza. O sabor de mel deixava seu nariz entupido.

Fera sorriu, um sorriso triste e cheio de saudade.

– Eu me lembro disso – disse ele com ternura.

Claro que ele sabia disso. Revirei meu cérebro em busca de algo para confortá-lo.

– Ela tinha uma personalidade vigorosa e ria muito. – Pelo menos no início, e foi isso que me fez baixar a guarda e fazer amizade com ela, apesar de todos os meus juramentos de nunca mais me aproximar de nenhuma das esposas de D’Albret.

Um silêncio profundo cresceu no ambiente, alimentado por nossas lembranças separadas.

– Eu voltei por ela.

– O quê? – perguntei, certa de que não o havia escutado corretamente.

– Eu voltei por ela. – Fera repetiu as palavras de modo natural, como se voltar por ela fosse coisa mais normal do mundo.

Mas não era. Pois, apesar de todas as esposas que D’Albret tinha maltratado e de todos os subordinados e inocentes dos quais abusara, ninguém, *ninguém* jamais ousou se levantar e defender algum deles ou pedir justiça em seu nome.

Meu mundo foi virado tão completamente por essa revelação que

levei um minuto inteiro para recuperar a fala. Mil perguntas encheram minha cabeça, mas nenhuma delas era algo que uma filha de Mortain estaria ávida por saber.

– O que aconteceu? – perguntei finalmente, com cuidado para manter a voz neutra e os olhos na expressão nova que estava preparando.

– Quando três de minhas cartas para ela ficaram sem resposta, soube que havia alguma coisa errada, por isso obtive uma licença para me ausentar e fui à sua procura. Quando cheguei a Tonquédec, impediram-me de entrar. E quando pensei em ficar por lá, fui encorajado a ir embora por um grupo de doze soldados armados. – A mão dele subiu até a cicatriz que dividia o lado esquerdo de seu rosto.

– Eles tentaram dar uma melhorada na minha aparência.

– Mas o deixaram viver?

Fera me lançou um olhar cheio de escárnio.

– Não foi uma questão de *deixar*. Eu lutei para me libertar.

– Contra doze homens de D’Albret?

Ele deu de ombros, então seu rosto se contraiu ao sentir a dor no ombro.

– Não levou muito tempo para que eu fosse tomado pela febre da batalha. – Ele deu um sorriso que era dois terços morte e um terço humor. – Matei oito deles e deixei que quatro voltassem feridos para explicar o desastre a D’Albret. – Então seu sorriso desapareceu, e a profundidade do sofrimento e do desespero que vi em seus olhos me deixou sem fôlego. – Assim que tivermos assegurado a coroa da duquesa, vou fazer outra visita a D’Albret para acertar as contas.

Cheguei à conclusão de que foi uma coisa muito boa eu não ter contado a ele que Alyse morreu tentando me ajudar.

Capítulo Vinte e Um

DE MANHÃ, NOS PREPARAMOS para partir. Anton e Jacques estavam desesperados para encilhar os cavalos dos franceses mortos, pegar suas armas novas e nos seguir para Rennes, mas recusamos a oferta. Havia pelo menos mais doze léguas, todas elas cheias de batedores de D'Albret. Precisaríamos da sorte dos próprios deuses para chegar lá. O que significava que era perigoso demais para eles viajar conosco.

– É melhor nos encontrar em Rennes em duas semanas – disse Fera.

Então eles se contentaram com o plano que elaboraram durante o café. Guion, Anton e Jacques iriam encilhar os cavalos dos franceses e botar os corpos dos mortos sobre os animais. Pegaram um tabardo que Yannic tirara de um batedor de D'Albret e amarraram em volta do braço de um dos soldados.

– Talvez isso leve os franceses a enfrentar os homens de D'Albret e dê a vocês algum tempo –disse Guion.

Era uma ideia agradável, mas, pela minha experiência, os deuses não eram tão solícitos.

Em seguida, Guion e os dois rapazes levaram seu séquito horripilante rumo ao sul, enquanto a Fera, Yannic e eu seguimos para o norte. Nossa rota para Rennes seria difícil como passar uma linha pelo buraco de uma agulha, tendo de costurar entre os homens de D'Albret a oeste, e Châteaubriant a leste, com todas as suas ligações com a família Dinan e, portanto, com D'Albret. Sem falar no tempero extra das incursões francesas espalhadas pela região. Mas não tínhamos escolha. Tínhamos que continuar nos movendo, especialmente se não quiséssemos arriscar que D'Albret esbarrasse com aquela família inocente.

Bem, talvez não tão inocente agora, depois de seu encontro com os franceses.

Senti como se o laço do caçador estivesse se fechando à nossa volta, e isso me deixou bastante irrequieta em minha sela. Como não queria assustar meu cavalo, forcei-me a ficar imóvel, uma arma que aprendera a dominar durante meus longos anos com D'Albret.

Olhei de relance para a Fera. Ele ainda estava pálido, e parecia que não estava sentado tão ereto na sela quanto antes. Não importava quão forte fosse, ele era apenas um homem. Ou, pelo menos, na maior

parte humano. Era impressionante como tinha chegado tão longe, e eu só podia torcer para que sua força aguentasse até chegarmos a Rennes. Guion tinha nos falado de uma pequena abadia controlada pelos irmãos de Saint Cissonius onde poderíamos conseguir abrigo para a noite.

A menos que D'Albret tivesse pensado em botar sentinelas em todos os lugares.

Com sorte, eles teriam suprimentos médicos também, pois meus estoques de ervas curativas estavam perigosamente baixos. E, embora a febre da Fera não houvesse piorado, também não havia melhorado nada. Para minha surpresa, ele estava sendo inteligente e não desperdiçando sua energia reduzida. Pelo menos, não naquele momento. Quem sabia o que ele faria se deparássemos com algum bode extraviado ou alguma criança perdida?

Eu voltei por ela. Suas palavras ainda ecoavam em minha cabeça. Não fazia sentido que quatro palavras simples mudassem tudo de forma tão brusca, mas tinham mudado. Era como se eu tivesse despertado em um mundo diferente daquele da véspera, tanto quanto a primavera era diferente do inverno. Era a diferença entre um mundo com esperança e um mundo sem ela. Desejei rastejar de volta para quando era mais jovem e transmitir a ela essa informação, essa pequena centelha de luz, e ver como isso mudaria sua percepção da escuridão ao seu redor. Ou isso teria sido mais cruel, esse lampejo de esperança fazendo-a esperar por um resgate que nunca chegaria?

Quanto mais nos afastávamos de Nantes, mais eu era tomada por dúvidas. Embora aquele gosto de liberdade fosse tão doce quanto eu sonhara que seria, fui obrigada a me perguntar sobre seu custo. Por muito tempo, estava convencida de que era meu destino matar D'Albret. Por mais aliviada que estivesse por ter escapado dele, temia ter fugido do meu propósito predeterminado.

Mas não tive escolha, lembrei a mim mesma. Ter voltado ousadamente para seus braços após drogar a guarnição inteira e libertar a Fera teria apenas me garantido uma morte lenta e dolorosa.

Também não pude não me preocupar com o convento e meu papel nele. Era um lugar onde eu me sentia segura contra D'Albret, a centenas de léguas de distância em uma ilha habitada por assassinas. Mas eu tinha agido contra seus ensinamentos, suas regras, desafiado a vontade de Mortain e a substituído por minha própria. Se elas me expulsassem, o que aconteceria?

Pouco antes do meio-dia, a trilha de cabras que estávamos seguindo se abriu em uma pequena campina. Do lado oposto ficava a estrada principal e, além dela, a floresta. Seria um avanço mais lento, porém os soldados de D'Albret não podiam varrer cada centímetro de floresta dali até Rennes. Com sorte, conseguiríamos evitar ser vistos.

Conforme nos aproximávamos da estrada, percebi o som de um grupo que se avizinhava. Parei para ouvir o ruído de cascos de cavalos distantes. Não eram poucos. E cavalgavam apressados. Não era um grupo de mercadores, então, nem viajantes ocasionais.

O momento não podia ter sido pior. Olhei para trás, mas tínhamos atravessado metade do descampado, e o abrigo das árvores estava distante demais.

– Precisamos atravessar a estrada. Depressa! – ordenei aos outros.

O cheiro de perigo despertou a Fera de sua sonolência e ele esporeou seu cavalo na direção da estrada e do aglomerado denso de árvores e galhos baixos do outro lado dela. Yannic saiu quicando atrás dele como uma saca de grãos do moleiro, e eu assumi a retaguarda, em seus calcanhares, forçando-os a ir mais rápido.

Estávamos com sorte, pois havia uma curva acentuada na estrada, e apesar de o tilintar de arreios e o chacoalhar de armas ficar mais alto, o grupo ainda estava fora de vista. O que significava que eles também não podiam nos ver. Atingimos a estrada a pleno galope e a atravessamos em poucos passos rápidos. Fera alcançou a cobertura das árvores primeiro, depois, Yannic. Assim que meu cavalo deixou a estrada, ouvi um grito às minhas costas. Tínhamos sido vistos.

– Mais rápido! – gritei para os outros, mas a floresta era um emaranhado de galhos caídos e raízes retorcidas que nos forçava a ir mais devagar. Fera ficou para trás para cavalgar do meu lado.

– Volte para a estrada e não pare de cavalgar. Yannic e eu vamos despistá-los.

– Que bobagem! – gritei, desviando de um galho baixo. – Não vou deixar um ferido e um aleijado para lutar contra tantos.

– Agora você está dizendo bobagem. Viu quantos homens eram?

– Vinte. Talvez mais. Aqui! – Tínhamos chegado a uma pequena clareira com um círculo de pedras antigas altas e irregulares, algumas altas e largas o suficiente para nos esconder de vista. Pelo menos até estarmos prontos para nos defender.

A boca da Fera virou uma linha sombria enquanto gesticulava com a cabeça para Yannic na direção de uma das rochas. Ele cerrou os dentes. Primeiro, achei que fosse de dor, depois percebi que estava furioso.

– Vá! – Ele pôs toda a força de comando em sua voz grave e urgente. – Eu vou segurá-los.

Olhei para ele sem acreditar.

– A febre devorou seu cérebro se acha que vou deixá-lo agora.

Ele se debruçou na sela como se fosse me agarrar, então parou ao sentir uma dor nas costelas.

– Isto não é uma luta.

– Eu sei. – Conduzi meu cavalo na direção de uma das pedras. A

espada não era minha arma favorita, mas seu alcance maior seria de grande valor ali. Depois que eu tivesse apanhado algumas de minhas facas de arremessar...

– Não! – Fera tentou segurar minhas rédeas, mas não conseguiu, e quase caiu do cavalo. – Não vou ficar parado e ver você ser morta diante de mim. – Seus olhos queimavam... de raiva, achei, até ver que ele também estava com medo. Com medo por mim.

Sua preocupação me deixou aborrecida, pois eu não merecia tal consideração, sem dúvida, não dele. Eu não ia abandonar o irmão de Alyse como a havia abandonado.

– E eu não vou ficar parada e vê-lo morrer uma segunda vez – disse a ele.

Então os homens de D’Albret chegaram com força sobre nós. Resignado, ele sacou a espada das costas com a mão direita enquanto a esquerda fechou-se em torno do cabo do machado.

– Não vou deixar que eles a levem viva.

De todas as coisas que podia ter dito, essa foi a que mais me confortou.

– Nem eu o senhor – disse eu, em torno de um nó estranho que havia se formado em minha garganta.

Então ele deu aquele seu grande sorriso maníaco assim que nossos perseguidores saíram das árvores, fazendo trepidar o chão da floresta com os cascos de seus cavalos.

Yannic fez o primeiro movimento, lançando uma de suas pedras com a habilidade usual e acertando um dos homens mais à frente na têmpora. Ergui a besta e acertei o líder entre os olhos. Enquanto ele ainda estava cambaleando pela força do dardo, peguei minhas facas de arremessar. Fera parou de costas para uma parede de rocha e ficou de pé nos estribos para enfrentar os quatro homens que o engolfaram.

Enquanto minhas três primeiras facas acertavam seus alvos, eu já sabia que eles eram numerosos demais. Peguei a espada presa à minha cela, mas antes que conseguisse soltá-la, um dos homens me atacou. Desviei para a esquerda quando ele golpeou e errou. Antes que pudesse golpear de novo, houve um barulho alto, e ele caiu para a frente em seu cavalo. Mandeí um *obrigada* silencioso para Yannic, até que vi a flecha nas costas do homem. Yannic não tinha um arco.

Não tive tempo de procurar o arqueiro enquanto lutava para saltar minha espada de sua bainha. Meia dúzia de homens tinha cercado a Fera perto de uma das pedras. Seu braço da espada movia-se com rapidez e energia, mas o esquerdo mal conseguia mexer o machado. Esporeei o cavalo em sua direção, avançando com a espada. Foi um ataque esquisito, desajeitado, mas alcançou o efeito desejado.

Só que o cavalo do soldado saltou para o lado, levando o morto e minha espada junto. *Merde*. Peguei minhas duas últimas adagas do

pulso. Olhei para a Fera. Será que devia poupá-las ou usá-las para atacar? Antes que pudesse decidir, choveram flechas das árvores. Enquanto me preparava para sua mordida penetrante, cinco dos homens de D'Albret deram meia-volta para enfrentar aquele novo ataque, e uma segunda saraivada foi disparada. De repente, a pequena clareira ganhou vida, despejando criaturas de antigas lendas, ou demônios saídos do inferno. Eles tinham pele escura e eram desfigurados. Um tinha nariz de couro, o braço de outro parecia feito de madeira, e um terceiro parecia ter metade do rosto derretido. Quaisquer que fossem suas doenças, eles acabaram com o resto dos homens de D'Albret com uma eficiência brutal, arrancando-os de seus cavalos e despachando-os com pequenas facas sinistras, ou giros rápidos do pescoço. No tempo de doze batidas do coração, todos os homens de D'Albret estavam mortos e nós estávamos cercados.

Capítulo Vinte e Dois

FERA ERGUEU SUA ESPADA SEM FORÇAS, mas um comando ríspido do homem com nariz de couro deteve sua mão. Ele ergueu a cabeça para os galhos acima de nós. Segui seu olhar e vi uns dez arqueiros escondidos ali, com as flechas apontadas para nós. Todos nos encaramos desconfiados.

O homem de nariz de couro deu um passo à frente. Ele era pequeno e magro e usava uma túnica negra e um colete de couro sobre calças remendadas. Enquanto saía das sombras, vi que não tinha a pele tão escura quanto pensei inicialmente – ele estava coberto de sujeira. Não, não sujeira, poeira. Ou cinzas, talvez. Quando se aproximou ainda mais, vi uma única bolota de carvalho pendurada em uma tira de couro em seu pescoço, então soube: aqueles eram os misteriosos carbonários, os queimadores de carvão que viviam nas profundezas da floresta e, segundo rumores, serviam a Mãe das Sombras.

Sem mais barulho que o de folhas farfalhando com uma brisa, o resto dos carbonários emergiu de seus esconderijos. Havia vinte deles, contando os arqueiros nas árvores. Olhei para a Fera. Não íamos conseguir sair daquela lutando.

Com algum esforço, ele se aprumou em sua sela.

– Não queremos lhes fazer nenhum mal. Em nome de Saint Cissonius e da graça de Dea Matrona, queremos apenas passar a noite na floresta. – Foi uma aposta ousada e inteligente, pois embora a Matrona das Sombras não fosse aceita pela Igreja, os nove eram seus deuses irmãos, e invocar Sua benção não podia fazer mal.

Um deles, um sujeito magro com queixo e nariz finos como facas, cuspiu nas folhas.

– Por que não passam a noite em uma estalagem, como a maior parte dos moradores das cidades?

– Porque há pessoas que nos desejam mal, como vocês acabaram de ver.

Enquanto a Fera falava, outro dos carbonários, um sujeito jovem, magro e alto, meio desengonçado, chegou ao lado do líder e sussurrou algo em seu ouvido. O líder assentiu, estreitando os olhos. – Quem é você?

– Sou Benebic de Waroch.

O homem que havia murmurado no ouvido do líder balançou a cabeça satisfeito, e murmúrios de *Fera* circulam entre os carbonários. Os feitos da *Fera* o haviam tornado famoso até entre os excluídos.

– E quem a poderosa *Fera* deseja evitar?

– Os franceses – disse *Fera*. – E aqueles que os apoiam. Pelo menos até que me recupere e possa enfrentá-los em uma luta justa.

Prendi a respiração. Os carbonários odiavam os franceses tanto quanto a maioria dos bretões, e eu só podia esperar que ter um inimigo comum nos deixasse do mesmo lado. Um dos homens mais velhos, o do braço de madeira, cutucou um corpo com o pé.

– Esses homens não são franceses.

– Não. Não são. Mas são traidores da duquesa e desejavam nos deter. – Então *Fera* deu um de seus sorrisos selvagens. – Há muito espaço para vocês na guerra contra os franceses se desejarem. Eu ficaria honrado de ter lutadores tão habilidosos do meu lado.

Houve uma pausa longa, que me fez pensar que os carbonários recebiam poucos convites como aquele.

– O que ganhamos com isso? – perguntou o homem de traços angulosos, mas o líder gesticulou para que ficasse em silêncio.

Fera sorriu.

– O prazer de derrotar os franceses. – Para ele, qualquer luta era sua própria justificativa.

O líder ergueu a mão e coçou o nariz de couro, o que sugeria ser uma substituição recente.

– Vocês podem passar a noite na floresta, mas sob nossa vigilância. Venham. Sigam-nos. – Ele gesticulou para os outros, e meia dúzia deles nos cercou.

Eles estavam assustadoramente silenciosos enquanto nos guiavam cada vez mais para as profundezas da floresta, e os cascos de nossos cavalos eram abafados pela camada grossa de folhas em decomposição sobre o solo. O jovem alto e magro não conseguia tirar os olhos de mim, e quando o peguei me encarando, ele corou até a raiz dos cabelos.

As árvores ali eram antigas, altas e grossas, e retorcidas como velhos curvados com a idade. Embora ainda restassem algumas horas de luz do dia, pouca luz passava pelo emaranhado denso da folhagem acima de nós.

Finalmente, chegamos a uma grande clareira rodeada por meia dúzia de montes de terra, cada um do tamanho de uma casa pequena. Fumaça borbulhava em buracos nos montes, que eram cuidados por homens próximos. Em meio aos montes havia pequenas barracas feitas de galhos limpos e peles costuradas. Mulheres maltrapilhas cuidavam de fogos para cozinhar, enquanto crianças morenas e sujas brincavam por perto. Quando entramos na clareira, todo mundo parou o que

estava fazendo e se virou para nos olhar. A criança mais nova, uma menina, correu para junto da mãe e enfiou os dedos na boca.

O líder, que se chamava Erwan, resmungou e apontou para uma área da clareira distante dos montes de terra.

– Montem seu acampamento ali.

Todos eles observaram enquanto eu e Yannic desmontamos, prendemos nossos cavalos, depois voltamos para ajudar a Fera a descer do dele.

Sua respiração estava acelerada e entrecortada.

– Você teve algum novo ferimento? – perguntei em voz baixa.

– Não. – Seu grunhido foi seguido de um grito curto de dor. Quando o tiramos do cavalo, todo o acampamento sabia de seu estado. Yannic e eu conseguimos conduzi-lo apenas alguns metros antes que ele parasse por completo.

– Acho que este é um bom lugar para acampar – disse ele, apoiando-se em uma árvore próxima para não cair no chão.

– Não tenho certeza se esse aí vai sobreviver a esta noite – murmurou o do braço de madeira, e eu encarei com raiva.

O sujeito magro e ossudo captou meu olhar.

– Ah, não ligue para Graelon, senhorita. Ele é assim mesmo. – Ele olhou com malícia para o velho, depois se inclinou para perto de mim.

– Ele já era assim antes de o fogo levar seu braço. – O charme do rapaz era contagiante. – Sou Winnog, *milady*. Aos seus serviços.

– Como se ela fosse aceitar – murmurou alguém.

Ignorei o murmúrio e abri meu sorriso mais largo para Winnog.

– Obrigada. – Quando me virei para a Fera, tive que me segurar para não começar a bater palmase gritar xô! para a nossa plateia. Mas sem dúvida eles considerariam isso uma reação rude à sua hospitalidade, por mais humilde que fosse.

Percebi um movimento às minhas costas e senti a pulsação de um único coração. Ainda sem confiar naqueles carbonários, girei, minha mão se dirigindo à faca escondida em meu crucifixo.

A mulher que vi parou e baixou os olhos em um gesto de submissão. Estava usando um vestido escuro e, como o resto das mulheres, tinha o cabelo apertado em uma espécie de touca. Ela trazia uma bolsinha.

– Para a ferida dele.

Após um instante, peguei a bolsinha e olhei em seu interior.

– O que é? – perguntei.

– Raspa de casca de carvalho para impedir a infecção. E cinzas de pele de cobra queimada para acelerar a cura.

– Qual o seu nome? – perguntei.

Ela olhou para mim, depois tornou a baixar os olhos.

– Malina.

– Obrigada – disse com sinceridade, pois eu estava ficando sem ideias para impedir que os ferimentos da Fera tomassem todo o seu corpo antes que chegássemos a Rennes.

– Precisa de ajuda? – perguntou ela timidamente.

Embora tivesse certeza de que a Fera odiaria ter suas fraquezas vistas por outros, parecia prudente aceitar qualquer ajuda que eles oferecessem, em uma tentativa de criar ao menos uma ligação tênue entre nós.

– Sim, obrigada. Você tem água quente? – Ela assentiu com a cabeça, então saiu para buscar. Enquanto ela não estava lá, cheirei rapidamente a casca de carvalho e as cinzas, depois pus uma pitada na língua para ter certeza de que não faria mal.

– Não foi por brincadeira que eu os convidei para lutar conosco. – A voz da Fera trovejou paramim. – Você viu como eles foram valentes? Como suas táticas eram inesperadas? – Ele estava entusiasmado como um escudeiro com a primeira espada. – Eles podem se revelar aliados valiosos.

– Se não nos esfaquearem pelas costas – murmurei. – Eles não são conhecidos por serem tribais não confiáveis?

Fera refletiu por um instante.

– Tribais, sim, mas isso não é a mesma coisa que não ser digno de confiança.

Malina retornou nesse instante, fazendo com que interrompêssemos nossa conversa. Nós duas cuidamos das feridas da Fera enquanto ele ficou deitado de costas fingindo dormir, mas seus dentes rangiam enquanto trabalhávamos nele. Quando terminamos, o jantar estava pronto e, para minha grande surpresa, fomos convidados a comer com eles. Parecia que íamos ser tratados como convidados, não como prisioneiros, então. Desejando aproveitar ainda mais a oportunidade, peguei um dos queijos e as duas galinhas assadas que Bette nos dera para contribuir com a refeição.

Os olhos dos carbonários se arregalaram de prazer com a recompensa inesperada e, quando sentei para comer, pude ver por quê. O jantar era uma espécie de pirão – de bolota de carvalho, acho. Quando comi um bocado, não consegui evitar a lembrança de como chamava a comida do convento de lavagem de porcos e como a irmã Thomine ameaçava forçá-la minha goela abaixo.

Um nó se formou em minha garganta, um que nada tinha a ver com o pirão e tudo com um grande sentimento de saudade, pois, por mais que tivesse me rebelado contra o convento, ele tinha sido o lugar mais seguro onde eu vivera. Sentia falta de Ismae e de Annith mais do que pensava ser possível.

Yannic jogava sem parar colheradas da papa em sua boca silenciosa, e, ao meu lado, Fera comia com grande prazer.

– Você está gostando? – perguntei baixinho.

– Não. Mas não quero insultar a hospitalidade. – Como essas palavras foram ditas com um olhar para minha porção quase intocada, dediquei-me a comê-la enquanto ainda estava quente.

Quando o jantar terminou, os carbonários permaneceram em torno do fogo. Alguns murmuravam entre si, mas a maioria apenas olhava para nós. Um dos garotos pegou um flautim de madeira e começou a tocar uma melodia suave e triste. Erwan se encostou em uma rocha, cruzou os braços e nos estudou sob a luz tremeluzente.

– Conte sobre essa guerra contra os franceses.

Fera bebeu um gole da bebida qualquer que nos tinham dado. Orvalho fermentado coletado das árvores, provavelmente.

– Nossa jovem duquesa está cercada por todos os lados. Após a morte de seu pai, os franceses tentaram declará-la sob sua tutela. Claro, ela riu em suas caras narigudas. – Ele tomou outro gole. – Mas eles não desistiram, aqueles franceses. Sabem que ela é jovem e inexperiente, e ainda solteira. Eles acham que nosso país está maduro para ser colhido, e estão à procura de qualquer oportunidade para fazer exatamente isso.

Erwan pareceu indiferente.

– O que ganhamos se lutarmos?

– Liberdade do domínio francês – disse Fera simplesmente. Mas estava claro que aqueles homens cautelosos iriam precisar de mais do que isso para se convencerem.

– Seu modo de vida – acrescentei, atraindo seus olhos para mim. – Nós, bretões, pelo menos respeitamos seu direito às florestas. Os franceses não respeitarão, e vão tomar para si todas as florestas e a madeira que há nelas. Vocês serão obrigados a pagar caro pelo que agora têm de graça.

Erwan nos estudou em silêncio por alguns segundos, depois soltou uma gargalhada rouca e se inclinou, apoiando os braços nos joelhos.

– Você disse liberdade? Liberdade para catar comida na floresta, insultados por todos? Liberdade para vender nossas mercadorias para pessoas que prefeririam fingir que não existimos e que o carvão é deixado em suas portas por algum duende de conto de fadas?

O olhar da Fera cruzou com o dele.

– Os franceses não vão honrar seu direito aos velhos modos, seu direito a usar a madeira e fazer cercados. Na França, os homens precisam pagar um bom dinheiro por essas coisas. E embora sua vida não seja fácil, sempre entendi que foi escolha de vocês, que decidiram seguir seu deus para este exílio.

Os outros homens sentados estavam irrequietos e não paravam de se remexer, e Erwan afastou os olhos da Fera para encarar profundamente as chamas.

– Escolha. Essa é uma palavra engraçada. O pai do pai de nosso pai escolheu por nós, não foi? E por quanto tempo devemos viver com essa escolha? – Ele se virou e olhou para a pilha de crianças dormindo sob cobertores. – E por quanto tempo *elas* devem fazer isso? – perguntou, a voz ficando mais terna.

– O que você gostaria que fosse diferente? – perguntei.

Ele pareceu surpreso pela questão, mas, antes que pudesse responder, Malina falou por ele:

– Que as pessoas não sussurrem quando passamos; que não façam o sinal contra o mal quando acham que não estamos vendo; não ser expulsos de aldeias nem de mercados quando tudo o que queremos fazer é comprar pentes para os cabelos de nossas filhas ou rodas novas para nossas carroças. – Ela me deu um olhar desafiador, com a cabeça erguida.

– Respeito. Vocês querem respeito e não serem insultados.

Nossos olhos se cruzaram por um instante de compreensão perfeita, então ela assentiu com a cabeça.

– Exatamente.

– Talvez, se as pessoas virem que vocês defenderam a causa da duquesa e do país, elas os vejam sob uma luz diferente – sugeriu Fera.

– Muito provavelmente, não – disse o circunspecto Graelon. – E teremos perdido nossa vida por nada.

– Toda ação tem algum grau de risco – observou Fera. – Vocês podem perder bons homens simplesmente por não fazer nada. – Ele gesticulou para os reunidos em torno do fogo com membros faltando e rostos arruinados, ferimentos recebidos ao cuidar das carroças.

– Conte-me sobre a Matrona das Sombras – disse eu com delicadeza, para dar à verdade das palavras da Fera tempo para ferver em silêncio e fazer seu trabalho. – Pois ouvi falar muito pouco sobre ela.

Erwan fez uma expressão de escárnio.

– Isso é porque a Igreja não a aceita.

Malina assumiu a história.

– Diz-se que quando Dea Matrona e o resto dos nove não estão fortes o suficiente para atender suas orações, é hora de se voltar para a Mãe das Sombras, pois ela é uma deusa feroz e amorosa que favorece especialmente os oprimidos, os feridos, os arruinados e os excluídos.

“Ela reina sobre lugares onde a vida se ergue da escuridão e da destruição. O primeiro broto verde em uma floresta devastada pelo fogo, a pilha de cinzas mortas que contém uma única brasa vermelha, as pequenas criaturas nascidas na pilha de lixo.

“E é por isso que a Igreja não a convidou para sua congregação. Os padres viram que Ela era concorrência para seu Cristo e Sua promessa de ressurreição.”

Malina ergueu o braço e esfregou a bolota de carvalho em seu pescoço.

– As horas mais escuras da noite, pouco antes do amanhecer, pertencem a Ela. O momento em que toda a esperança está perdida, e mesmo assim você ousa ainda ter alguma. Esse é o poder da Matrona das Sombras.

“Foi ela quem nos deu a dádiva do carvão. Antigamente, quando éramos simples moradores da floresta, fomos descuidados com nossas fogueiras e a floresta inteira se incendiou. O fogo queimou por dias, matando toda árvore, todo arbusto, toda moita e folha de capim, até não restar nada além de cinza e pó. Pelo menos foi o que pensamos.

“Mas havia pedaços de madeira escondidos nas cinzas apenas parcialmente queimados e que ainda mantinham o calor das chamas. Esse carvão foi Sua dádiva, que nos levou a um novo modo de vida.” Malina virou-se das chamas e me olhou nos olhos.

– Então, claro, nós a veneramos até hoje. Ela que nos salvou em nossa hora de necessidade e nos deu esperança quando quase tudo estava perdido.

No silêncio que se seguiu à história, tudo o que se podia ouvir eram os estalidos e o crepitar dos troncos em chamas no buraco do chão onde estava o fogo. Eu não sabia dizer por quê, mas fiquei emocionada pela ideia de que a esperança, a vida, podia surgir da escuridão e da destruição. Não era algo em que tinha pensado antes.

– E se esta for outra chance que ela está colocando diante de vocês? – perguntei.

Malina piscou, surpresa.

– Vocês desistiram de conquistar respeito e de viver em sociedade, e mesmo assim cá estamos nós, oferecendo a vocês exatamente essa chance.

Fera se inclinou.

– Não podemos fazer muita coisa para mudar a Igreja, mas as pessoas *podem* ser mudadas, e elas normalmente abraçam coisas que a Igreja desejaria que não abraçassem. Por isso pergunto: vocês vão se juntar a nós?

Os olhares deles permaneceram fixos do outro lado da fogueira. Fera os estava desafiando, mas o convite era tentador. Erwan estava com dúvidas e cheio de perguntas. Antes que qualquer um deles falasse, Malina disse:

– Vamos nos consultar com o Irmão Carvalho.

Houve um murmúrio de consenso em meio aos carbonários, então um ancião se levantou estalando as juntas e se aproximou do fogo. Suas mãos encarquilhadas e trêmulas desamarraram uma bolsa em sua cintura e ele extraiu dela uma bolota grande e disforme. No início, pensei que fosse um cogumelo enorme e escuro, mas, quando ele se

aproximou do fogo, vi que era uma galha de carvalho.

O velho a pôs com cuidado sobre uma das pedras que circundava o fogo, depois sacou uma machadinha pendurada na cintura. Ele fechou os olhos e estendeu a machadinha sobre o fogo enquanto os lábios murmuravam alguma língua antiga que eu não compreendia. O resto dos carbonários murmurava com ele. Quando terminaram, o velho pegou o machado e, com força surpreendente, golpeou a galha de carvalho. Como eu estava perto, pude ver uma grande larva branca se remexendo no meio dos destroços. Após um instante, a larva abriu suas asas – não era uma larva, afinal – e voou.

O velho olhou para os carbonários que estavam à espera.

– A Mãe das Sombras diz para lutarmos. Então ficou decidido.



Partimos com a luz do amanhecer, acompanhados por um quadro completo de carbonários. Para nossa sorte, eles tinham uma carga de carvão para levar a um ferreiro em Rennes. Eu me disfarcei como uma de suas mulheres, e a Fera sentou na traseira de uma de suas carroças e procurava se passar por tolo. Yannic se encaixou perfeitamente.

Nem mesmo D’Albret, com toda sua desconfiança e suspeitas, iria pensar em nos procurar ali.

Capítulo Vinte e Três

APESAR DE TODOS OS SEUS PROTESTOS iniciais de que seria esmagado e transformado em papa se viajasse em uma carroça, a Fera dormiu por todo o caminho até Rennes, estendido na traseira de uma das três carroças dos carbonários. Duas vezes batedores de D'Albret passaram por nós na estrada, e nas duas mal olharam para os carbonários, muito menos pensaram em nos procurar entre eles. E, o melhor de tudo, quando avistamos as muralhas da cidade, a Fera tinha melhorado. Eu só não tinha certeza se devido a todo o repouso ou às ervas fornecidas por Malina.

Os sinos da catedral tocavam, chamando para as orações de fim de tarde, enquanto nos aproximávamos do portão da cidade. Embora não conhecesse de vista todos os homens de D'Albret, estudei as sentinelas e todo mundo na multidão em frente aos portões da cidade. Ignorei o andar arrastado dos camponeses e os passos largos e confiantes dos guardas; olhei além das roupas que vestiam e examinei seus rostos, pois, se eu podia me disfarçar, eles também podiam.

Não conseguia acreditar que tínhamos feito o impossível. Não só havíamos fugido de D'Albret como também havíamos escapado de ser recapturados, e era difícil entender como.

Fera se recusou terminantemente a entrar na cidade junto com uma carga de carvão, por isso fizemos uma pausa longa o bastante para montá-lo em um cavalo. Um zunido de urgência vibrava em minha cabeça como um enxame de vespas, e havia uma coceira entre minhas omoplatas quase insuportável. Quatro homens e muitas reclamações depois, o grande brutamontes estava montado em seu cavalo. Logo, disse a mim mesma, ele não seria mais minha responsabilidade, mas de outra pessoa, alguém muito mais capaz do que eu. A ideia não me animou tanto quanto animava antes.

Conforme nosso pequeno grupo se aproximava das muralhas da cidade, tentei não me distrair. Estávamos cobertos pesadamente da poeira negra dos carbonários e de seus objetos, o que ajudava nosso disfarce, mas nada podia disfarçar o tamanho ou o porte da Fera.

– Encolha-se um pouco – eu disse para ele.

Ele olhou para mim intrigado, mas honrou meu pedido, movendo os ombros para a frente e inclinando a espinha de modo a curvar-se

sobre a sela. – Por quê? – perguntou.

– É difícil escondê-lo, e por quanto mais tempo mantivermos nossa chegada em segredo, melhor. Seria sábio evitar que D’Albret e suas forças saibam que estamos em Rennes pelo maior tempo possível.

Então chegamos ao portão.

Erwan informou os soldados de sua entrega de carvão e gesticularam para que ele passasse. Um dos soldados olhou para a Fera desconfiado, mas a verdade era que, após tanto tempo na estrada e depois de sua estadia nas masmorras, sem falar nos ferimentos terríveis que ainda tinha, não era difícil para ele se passar por um gigante tolo.

Soltei um grande suspiro de alívio quando chegamos ao interior da cidade. Na verdade, todos os meus músculos pareceram relaxar no momento em que finalmente havia muros de quatro metros de espessura, vinte léguas e toda a guarnição de uma cidade entre nós e D’Albret.

De maneira muito parecida com meu próprio humor, a cidade estava quase em júbilo, inebriada com sua própria importância por ser o local de refúgio da duquesa, assim como eu estava quase embriagada com a euforia de completar minha missão. Mas também havia cautela no modo como as pessoas que cuidavam de seu dia a dia olhavam para os recém-chegados, avaliando-os.

Ficamos o máximo possível com os carbonários. Passamos pelos curtumes e seu negócio fedorento, descemos o rio, depois subimos a rua que levava à seção da cidade onde ficavam os ferreiros. Eles consumiam carvão suficiente em suas fornalhas para garantir a sopa dos carbonários por todo o inverno. Despedimo-nos dos carbonários, e a Fera prometeu avisar quando tivesse conversado com a duquesa e seus conselheiros sobre seu plano de usar os carbonários contra os franceses.

Enquanto eu e ele nos dirigíamos para a parte mais bonita da cidade, desenrolei a característica touca dos carbonários da cabeça, passei os dedos pelo cabelo, e tirei o xale dos ombros. Usei um canto limpo dele para remover o carvão do rosto, de modo que não era mais uma desprezada carvoeira – apenas uma criada bonita, mesmo que suja.

Quando chegamos ao palácio, estava anoitecendo, e as sentinelas começavam a acender suas tochas. Não era como Guérande, onde as pessoas entravam e saíam livremente. Os guardas no portão falavam com todo mundo que desejava acesso.

– Isso é novidade – disse Fera.

– Pelo menos alguém está cuidando da segurança da duquesa. – Era mais uma barreira entre os espiões de D’Albret e a duquesa, e eles hesitariam se precisassem parar e se apresentar. – Entretanto, os

guardas provavelmente não vão nos dar uma audiência com a duquesa enquanto estamos com esta aparência, pelo menos não sem uma explicação completa de quem somos, e não quero anunciar sua chegada a esses homens.

Fera parou de limpar o carvão do rosto.

– Você não confia neles?

– Seria mais exato dizer que não confio em ninguém. Gostaria de saber se Ismae ainda está encarregada da duquesa. Talvez possa enviar uma mensagem para ela.

Fera deu uma olhada para as sentinelas.

– Não tenho certeza se eles vão lhe conceder uma audiência com Ismae mesmo que ela esteja aqui.

Fiz uma careta, pois provavelmente ele estava certo.

Fera pensou por um instante, depois enfiou a mão em algum bolso escondido e removeu algo.

– Aqui. – Ele me entregou um broche pequeno com as folhas de prata de Saint Camulos. – Ismae deve reconhecer isso, e, se não reconhecer, o capitão Dunois vai. Assim como os guardas. Eles vão respeitar qualquer um que leve esse símbolo.

Com o broche bem apertado na mão, desmontei e deixei a Fera e Yannic com os cavalos. Aproximei-me do palácio e esperei que o guarda terminasse de interrogar um cidadão que queria se encontrar com o chanceler e reclamar sobre os impostos recentes. Depois que lhe disseram que o chanceler estava ocupado com negócios muito mais importantes, como evitar que a cidade fosse atacada pelos franceses, ele foi mandado embora, e então me vi diante da sentinela. Ele olhou de cara feia para minhas roupas pobres e a sujeira com que eu que estava coberta. Mesmo assim, inclinei a cabeça e dei meu sorriso mais atraente. Ele piscou, e sua expressão se suavizou.

– O que você quer? – perguntou. – Se está procurando trabalho na cozinha, precisa dar a volta e entrar pelos fundos.

Olhei rapidamente para o punhado de pajens parados um pouco além do portão.

– Eu gostaria de enviar uma mensagem para uma das acompanhantes da duquesa.

A segunda sentinela se aproximou lentamente.

– Que negócios você poderia ter com uma das damas de companhia da duquesa? – perguntou ele, como se a simples ideia fosse uma grande piada.

Decidi que um pouco de mistério iria auxiliar minha causa.

– Ismae Rienne não é uma mera dama de companhia – disse a ele. – Entregue isso a ela e diga-lhe que venha o mais rápido possível.

Não sei se foi a menção a Ismae ou a visão das folhas prateadas da Fera que chamou a atenção do guarda. Qualquer que tenha sido o

caso, ele pegou o broche, o entregou a um pajem e murmurou algumas instruções. Quando o garoto saiu correndo, fui andando devagar para esperar junto da parede, tentando parecer importante, mas inofensiva, uma combinação surpreendentemente difícil. Após alguns instantes, a sentinela concluiu que eu não ia entrar correndo sozinha, por isso relaxou um pouco a guarda.

Apoiei a cabeça contra a pedra e permiti que uma sensação de alegria fluísse por meu corpo. Fera ainda estava vivo, e estávamos mais seguros ali que em qualquer outro lugar do reino. Com a abadessa enfiada no convento do outro lado do país, não saberia que eu tinha chegado a Rennes até receber uma mensagem. Ela não tinha como me mandar em uma nova missão. Pelo menos, não por enquanto. Isso me dava algum tempo para pensar no que eu queria fazer em seguida. De repente, o mundo pareceu enorme, cheio de possibilidades e liberdade.

E ninguém, *ninguém* ali em Rennes conhecia minha verdadeira identidade, por isso meus segredos ficariam em segurança.

Ao leve murmúrio da aproximação de vozes, reprimi cuidadosamente meu momento de triunfo e me aproximei do passadiço.

– Não, você não pode matá-lo. Ele é primo da própria duquesa – observou ironicamente uma voz masculina.

– Mais razão ainda para não confiar nele – disse uma mulher.

Era Ismae, e a alegria e o alívio que senti ao ouvir sua voz foi quase incontroláveis.

– Se alguma coisa acontecer com a duquesa – prosseguiu ela –, é ele quem herda o reino. Além disso, ele foi convidado da regente francesa durante o ano passado. Como sabemos a quem é realmente leal?

– Ele era prisioneiro! – A exasperação do homem era quase palpável.

Quando Ismae tornou a falar, parecia irritada.

– Por que você não ficou com o conselho? A mensagem era para mim, não para você. – Sem conseguir me segurar, sorri, pois aquilo era tão típico de Ismae.

– Porque a mensagem era o símbolo de Saint Camulos, a quem eu sirvo, não você.

Então ela e o cavaleiro surgiram no portão e correram na direção da sentinela.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou o nobre. Ele era alto, com cabelo preto e a graça musculosa de um soldado.

O guarda apontou para mim. A cabeça do homem virou bruscamente, e senti um olhar penetrante e desconfiado, tão frio e duro quanto a pedra às minhas costas.

Ele deu um passo em minha direção.

– Quem é você? – perguntou com uma voz baixa e furiosa.

Antes que eu pudesse responder, Ismae o afastou para o lado.

– A mensagem era para *mim*, Duval. Oh, Sybella! – Então ela se jogou em meus braços, e fui envolvida por um forte abraço. Eu a abracei de volta, surpresa ao perceber como queria chorar em seu ombro. Ela estava viva. E ali. Por um bom tempo, aquilo foi suficiente, e apenas saboreei a sensação de seus braços familiares ao meu redor.

Ela se afastou para me examinar com atenção.

– É você mesmo?

Sorri, mesmo sabendo que o resultado tinha saído torto.

– Em carne e osso.

– As folhas de carvalho? – A impaciência do nobre transbordava dele em ondas enquanto apertava o broche de prata. Ismae o chamara de Duval, o que significava que era o irmão bastardo da duquesa.

– Trouxe uma coisa para vocês – disse a eles. – Ali. – Apontei com a cabeça para onde a Fera e Yannic aguardavam em seus cavalos.

O rosto de Duval se iluminou do mesmo modo que o de Ismae quando me vira, mas, antes que pudesse correr até ele, segurei seu braço.

– Ele está gravemente ferido. Assim que tirá-lo daquele cavalo, vai precisar de homens e de um aliteira para carregá-lo. E o senhor deve fazer isso discretamente. Trago muitas notícias, nenhuma delas boa.

Duval franziu o cenho em compreensão e deu uma ordem aos guardas para buscar ajuda e ficar em silêncio sobre aquilo, então correu para cumprimentar o amigo.

– Você conseguiu! – sussurrou Ismae, empolgada. – Você o libertou. Sabia que conseguiria. Eu a encarei.

– Você sabia de minhas ordens?

Ela segurou minhas mãos.

– Foi minha ideia! A única maneira em que consegui pensar para tirá-la de lá. Sempre que a via em Guérande, temia por sua segurança e sua sanidade. Agora você está aqui, e aquele brilho assustado, enlouquecido, desapareceu de seus olhos.

Não sabia se a beijava por me tirar da casa de D’Albret ou se batia nela por todos os problemas que sua ideia tinha me causado. De qualquer modo, suas palavras soaram verdadeiras. Eu não sentia mais como se dançasse no limite da loucura.

Ismae me tomou pelo braço e começamos a caminhar na direção dos outros.

– Nunca vou perdoar a madre superiora por mandá-la para junto de D’Albret. Foi o mesmo quemandá-la para o próprio mundo inferior.

Uma onda de pânico ameaçou me dominar, mas logo me tranquilizei. Ismae não conhecia, nunca conhecera, minha verdadeira identidade. Exceto por isso, éramos como irmãs. Fui salva de mais

conversas quando ouvi o grito da Fera.

– Pelos ossos dos santos! Você está vivo? Como isso é possível?

Foi Duval quem respondeu.

– Pela mesma batelada de milagres que botou você montado nesse cavalo, seu grande boi.

Então Ismae e eu tivemos de nos afastar quando meia dúzia de homens chegou apressados trazendo uma maca vazia. Ismae apontou na direção de Duval e da Fera.

– Venha – disse eu, soltando seu braço e correndo atrás da liteira. – Preciso lhes dar instruções sobre os cuidados com a Fera.

Apesar dos protestos da Fera de que estava bem, alertei Duval que, além de ter febre, ele não conseguia sustentar peso nenhum sobre a perna.

Duval e os homens fizeram uma pequena conferência entre si.

– Vamos levá-lo para o convento das irmãs de St. Brigantia. Se alguém pode cuidar de seus ferimentos, são elas. – Ele me lançou um olhar que avisava que iria querer respostas em breve, em seguida ordenou que seus homens ajudassem a Fera.

Mas não era uma coisa fácil retirar um homem ferido de 130 quilos de seu cavalo, e isso não podia ser feito sem sacudi-lo e sacolejá-lo um pouco. Fera rangeu os dentes, e seu rosto ficou branco enquanto murmurava alguma coisa sobre ser jogado de um lado para o outro como uma saca de cebolas. Então um dos homens deixou a mão escorregar, e o cavalo se assustou, fazendo com que a perna da Fera batesse com força entre o flanco do cavalo e o guarda que o ajudava, e a Fera desmaiou.

Dei um suspiro.

– Infelizmente, acho que esse virou um novo hábito dele – murmurei para os outros. – Apesar de provavelmente ser melhor assim.

– Gesticulei para que Yannic desmontasse, para que ele e eu pudéssemos mostrar aos idiotas dos soldados como retirar a Fera do cavalo sem matá-lo.



Ficou claro que Duval estava dividido entre a preocupação com o amigo e seus deveres com a irmã. No fim, garanti a ele que Yannic era tão capaz quanto qualquer um de nós de cuidar da Fera. Então ele deu instruções sérias para os homens sobre o que dizer às irmãs de St. Brigantia, com promessas de que em breve iria até lá. Em seguida, virou-se para mim.

– Agora, venha. Queremos ouvir seu relato do que aconteceu.

– Mas é claro, milorde. – Na verdade, eu mal podia esperar para me livrar do que sabia. Era comose estivesse carregando uma brasa quente dentro de meu corpo que lentamente estava transformando minhas entranhas em cinzas. Não seria difícil me livrar desse fardo.

Ismae me deu o braço enquanto seguíamos Duval até a porta do palácio.

– Aonde ele está nos levando? – perguntei, em voz baixa.

– Aos aposentos da duquesa, onde ela está reunida com seus conselheiros.– A esta hora?

Ismae ficou séria.

– A toda hora, infelizmente.

– Esses conselheiros dela são de confiança? – Não fiquei impressionada com a firmeza de seusguardiões, o marechal Rieux e a madame Dinan.

Ela fez uma careta.

– É, por isso o grupo é tão pequeno.

Enquanto Duval nos conduzia pelo labirinto dos salões e corredores do palácio, tentei me ajustar à cacofonia de corações batendo e pulsos martelando. Era como se centenas de menestréis tivessem todos decidido bater seus tambores ao mesmo tempo.

Também estudei o rosto das pessoas por quem passava, criados, serventes, até os pajens, tentando absorver algo de seus caracteres.

Duval nos conduziu a um gabinete guardado por duas sentinelas, que deram um passo à frente para abrir a porta e nos deixar entrar. A duquesa estava de pé junto a uma mesa grande ladeada por três homens que olhavam fixamente para um mapa sobre ela. Um vestia roupas com marcas de viagem e estava claro que tinha acabado de chegar. O segundo homem estava vestido em um hábito de bispo e pairava junto da duquesa como um sapo gordo e vermelho. O terceiro era magro e sério, e tinha a testa franzida de preocupação. Com alívio, vi que não reconhecia nenhum dos conselheiros, o que significava que nenhum deles iria me reconhecer.

Era a primeira vez que eu via a duquesa tão de perto. Ela era jovem e pequena, com a pele delicada e uma fronte elevada e nobre. Apesar de não ter mais de treze anos, havia algo régio nela que exigia respeito. Ao som de nossa entrada, todos se viraram, com perguntas nos olhos. O sorriso de Duval transformou seu rosto.

– Fera está aqui. Em Rennes.

A duquesa juntou as mãos como se estivesse rezando e fechou os olhos, seu rosto jovem iluminado de alegria.

– Louvado seja Deus – disse ela.

– Eu diria que nós devíamos estar louvando Mortain – disse Duval secamente. – Pois foi a mão’Ele que o guiou até aqui. – Ele gesticulou em minha direção e todos os olhos se voltaram para mim.

– Então você e seu santo têm meus mais sinceros agradecimentos e minha mais profunda gratidão –disse ela.

Curvei-me em uma reverência profunda.

– O prazer foi meu, Sua Graça. Entretanto, não lhe trago apenas seu nobre cavaleiro, mas também informações vitais em relação ao conde D’Albret e seus planos.

– Você quer dizer que ele não está satisfeito em roubar minha cidade e sentar-se sobre ela como uma galinha choca?

– Não, sua graça. Neste exato momento ele está pondo em ação vários planos, e todos eles podem lhe render muitos frutos.

O homem do tamanho de um urso à direita da duquesa fez um gesto com a mão.

– Por favor, compartilhe conosco esses planos.

– O conde D’Albret, o marechal Rieux e madame Dinan dominam a cidade contra Sua Graça, embora restem muitos que ainda lhe são leais, D’Albret faz o máximo para tornar difícil para eles... permanecer assim.

– Espere, espere. Comece pelo princípio. Como eles conseguiram tomar a cidade das mãos dos funcionários e criados que ainda residiam lá?

Antes que eu pudesse responder, ouvi um farfalhar às minhas costas, um som que me lembrou o rastejar de uma serpente sobre capim seco. Nesse momento, percebi por que estava me sentindo desconfortável: sentia oito pulsações, mas via apenas sete corpos à minha frente.

Lentamente, como se estivesse em um sonho, virei-me e vi a abadessa de St. Mortain parada às minhas costas. Ela estava de cara amarrada, em um canto distante, como uma aranha, e por isso eu não a tinha visto ao entrar. Seus olhos azuis me estudavam friamente, e fiquei completamente devastada.

Eu não havia escapado de meu passado. Ele estivera ali à minha espera por todo aquele tempo.

Capítulo Vinte e Quatro

—SAUDAÇÕES, FILHA. — EMBORA suas palavras fossem amistosas, sua voz era fria, e o beijo de boasvindas que me deu era gélido e impessoal como a própria Morte. — Trabalho excelente. Estamos satisfeitos que você tenha conseguido desempenhar suas tarefas de modo tão admirável.

Fiz uma reverência profunda, enquanto a observava com desconfiança. Ismae e Annith sempre tinham se dado bem com a abadessa, e um carinho verdadeiro parecia existir entre elas. Na verdade, Annith era tratada como uma favorita da corte a maior parte do tempo, e Ismae sempre vira a mulher como sua salvadora, como se tivesse sido a mão da própria abadessa que a houvesse tirado de sua vida triste de camponesa.

A abadessa e eu tínhamos um relacionamento diferente. Uma relação construída sobre antipatia e desconfiança mútuas, estabelecida apenas por nossas necessidades comuns: a minha, de santuário; a dela, de uma arma bem afiada que pudesse usar conforme os desígnios de Mortain. Eu confiava nela tanto quanto em uma víbora.

Ela gesticulou para que eu me erguesse, depois virou-se para os outros na sala.

— Gostaria de lembrar aos senhores que Sybella viajou grande distância e sob grande desconforto erisco. Sem dúvida, ela gostaria de ficar apresentável antes de contar o resto de sua história.

Suas palavras de repente me fizeram tomar consciência de como devia parecer imunda e exausta da viagem, como alguma espécie de verme que tivesse saído debaixo de uma pedra.

A duquesa foi rápida em se desculpar por sua falta de hospitalidade e insistiu para que eu me refrescasse com calma antes de me apresentar ao conselho. Eu estivera tão preocupada em contar minhas notícias que sequer pensei em minha aparência até a abadessa apontá-la para todos. Aquela vaca do mal. Provavelmente tinha feito isso de propósito, para me deixar insegura.

Meu desconforto cresceu quando ela insistiu em me acompanhar pessoalmente até meus aposentos. Ismae me lançou um olhar nervoso enquanto eu fazia uma reverência para a duquesa, então saí do gabinete atrás da madre superiora.

Enquanto ela caminhava, não disse nada além de mandar um criado buscar coisas para um banho e preparar o quarto. Ela mantinha a cabeça erguida e a postura ereta e rígida enquanto seguia pelo corredor. Não sabia se mantinha silêncio porque temia ser ouvida ou se era apenas outra maneira de me enervar.

Chegamos a um aposento com uma lareira animadora. Haviam colocado uma banheira à frente dela, e duas criadas estavam esvaziando chaleiras de água quente para o banho. A abadessa rapidamente as dispensou. Assim que ficamos sozinhas, ela se virou para me encarar, seu rosto bonito retorcido de raiva.

– O que está fazendo aqui, Sybella? – sussurrou. – Você só devia libertá-lo, não escoltá-lo pessoalmente até Rennes.

Ergui a cabeça bruscamente diante de sua raiva, tanto para me dar forças como para irritá-la.

– E como ele teria chegado aqui? Pois tive praticamente de carregá-lo das masmorras. Só depois de passar dias cuidando de seus ferimentos ele conseguiu montar um cavalo, e mesmo assim, apenas amarrado.

As narinas da abadessa se dilataram de irritação, porque, por mais que ela quisesse, não podia discutir com minha lógica. Ela enfiou as mãos nas mangas e começou a andar de um lado para o outro.

– Mas agora não temos ninguém em Nantes.

– Não importa, madre superiora, pois nenhum dos traidores estava marcado. Nem o marechal Rieux, nem madame Dinan, nem D’Albret. – Eu a observei com cuidado para ver se ela reconhecia que sua promessa de que eu poderia matar D’Albret tinha sido quebrada.

Ela não fez isso.

– Ainda há muito valor em ter você lá. Alguém precisa manter a duquesa informada.

De repente, fiquei furiosa. Furiosa por ela nem se importar por ter me mandado de volta para o inferno na terra com uma falsa promessa, e pelo fato de que, por um período de tempo, a morte me foi mais convidativa do que a vida que eu era forçada a viver, a vida que *ela* tinha me forçado a viver, usando mentiras e uma isca que ela sabia que eu acharia irresistível.

Dei um passo na direção dela com as mãos cerradas em punhos para não lhe dar um tapa.

– Grande valor? Grande valor? Para quem? E a que custo? A senhora me prometeu que eu poderia matá-lo. Prometeu que Mortain o havia marcado e estava esperando, não nenhuma de Suas servas, mas a *mim*, que *eu* voltasse lá e o matasse. A senhora mentiu para mim.

Ela inclinou a cabeça coberta com a touca e me estudou.

– Algo tão insignificante como a ausência da permissão de Mortain não deteria a Sybella queconheço. Talvez, no fim, seus laços com

D'Albret sejam mais fortes do que seus laços com Mortain. Afinal, você o conhece e o serviu por muito mais tempo.

Suas palavras me fizeram perder o fôlego, e fiquei tão chocada pelo sentimento de violação que não consegui pensar em nada a dizer, e apenas olhei para ela boquiaberta como um peixe.

Ela me lançou um olhar cheio de desprezo.

– Fique apresentável para poder se encontrar com a duquesa – disse ela, depois ergueu a saia esaiu do quarto.



Parada no quarto vazio, as palavras da abadessa ecoaram em minha cabeça e criaram residência como um ninho de vermes em um corpo putrefato. Eu me sentia pequena e suja, como se não devesse estar naquele aposento, naquele palácio, naquela cidade. Comecei a esfregar os braços, mas então parei, pois minha pele estava sensível após a acusação.

Então, graças a Deus e a Seus santos, veio a raiva, uma onda doce e quente de fúria que queimou e transformou em cinzas a dor que eu estava sentindo. Fiz o que tinham me mandado fazer, o que eu havia prometido fazer. Havia arriscado muito e retornado aos meus piores pesadelos, tudo porque acreditava na abadessa – acreditava que, apesar de não gostar de mim, seu serviço a Mortain iria garantir que ela fosse sincera comigo, que me visse como uma ferramenta útil, no mínimo. Mas sem dúvida eu tinha sido enganada e me permitira ser usada como o pior tipo de peão.

Pior ainda, não fui capaz de realizar a única coisa que teria feito tudo valer a pena: matar D'Albret.

Meu corpo todo foi tomado por raiva, tão poderosa que me deixou trêmula. Olhei ao redor do quarto, desesperada por algo para quebrar, para jogar, para *destruir*, do mesmo modo que a abadessa havia me destruído. Mas não havia nada. Nenhum espelho, nenhum cristal, só velas, o que daria início a um incêndio se eu as jogasse – e podia estar com raiva, mas não com raiva suficiente para destruir o próprio castelo que nos abrigava.

O que já era alguma coisa, pensei.

Em vez disso, fui até a cama, peguei um bolo da cortina grossa de damasco cor de vinho, enrolei no punho, enfiei na boca e gritei. O alívio de toda a raiva e fúria deixando meu corpo foi tão agradável que fiz a mesma coisa outra vez, e outra vez. Só então soltei o tecido todo amarrotado, e virei-me para o quarto, um pouco mais calma.

Eu deixaria aquele lugar, deixaria o serviço de Mortain. Tinha

alertado a duquesa dos planos de D'Albret. Assim que tivesse contado a eles tudo o que sabia sobre sua intenção de se infiltrar em suas defesas, meu dever estaria cumprido. E meu dever com Mortain? Resfoleguei como os porcos de Guion. Aonde meu serviço a ele tinha me levado até agora?

Animada com essa decisão, levei as mãos às costas e comecei a desamarrar meu vestido, satisfeita por sair de sua imundície desmazelada. Caminhei nua até a banheira e fiquei satisfeita ao descobrir a água aromatizada com lavanda e alecrim. A duquesa, pelo menos, não era avarenta com sua hospitalidade. Lentamente e com um grande suspiro de satisfação, entrei na água.

As cortinas pesadas estavam puxadas contra os ventos frios de inverno, e o quarto estava iluminado apenas pelo fogo queimando na lareira e um candelabro com velas de cera de abelha. Enquanto estava sentada ali, imaginei toda minha raiva sendo extraída de mim e deixei que ela escorresse para a água quente e perfumada, pois eu não conseguiria fazer planos eficientes se minha visão estivesse turva por minha própria ira. Debrucei-me e afundei a cabeça inteira para poder lavá-la também. Quem sabia que bichos daninhos eu tinha apanhado durante os últimos dias de viagem.

Assim que levantei a cabeça e comecei a esfregar as gotas dos olhos, ouvi uma batida suave na porta.

– Sybella?

Ao som da voz de Ismae, respondi:

– Entre.

A porta abriu, depois fechou quando Ismae entrou correndo no quarto.

– Trouxe roupas limpas para você – disse ela, desviando intencionalmente os olhos de minha nudez na banheira.

Sua modéstia familiar me animou, e recostei-me na banheira, pondo os braços sobre as laterais e expondo os seios, só para deixá-la sem graça. Entretanto, ela me conhecia bem demais, e apenas revirou os olhos para mim.

– Você gostaria que eu lavasse seu cabelo?

Percebi que gostaria, surpresa com o quanto sentia falta do toque simpático e delicado da amizade. Porque queria tanto, apenas dei de ombros.

– Se você quiser. – Não achei que ela estava brincando, pois pegou um jarro vazio em uma das mesas e veio para trás de mim.

Nós duas ficamos em silêncio enquanto a água quente escorria pela minha cabeça e caía em minhas costas.

– Eu estava tão preocupada com você – sussurrou ela. – Annith checava os corvos todo dia paraver se havia mensagens sobre seu paradeiro e sua segurança, mas não havia nada. E não importava atrás

de quantas portas ela ouvisse, não conseguiu captar nem uma informação sobre para onde você tinha sido mandada ou qual sua missão. Quando você ficou ausente por meses, começamos a temer o pior.

– Agora você sabe. Fui mandada para D’Albret.

Atrás de mim, senti o corpo de Ismae ser atravessado por um tremor.

– Não entendo como a abadessa pode ter pedido isso a qualquer uma de nós.

Por um instante breve e irresponsável, pensei em contar a Ismae a verdade: que eu tinha sido mandada de volta para minha própria família. Mas não tinha certeza se estava disposta a correr esse risco, nem mesmo com ela.

– Preciso escrever para Annith. Ela vai ficar tão aliviada em saber que você está em segurança. Ela conferiu todas as mensagens que chegaram ao convento desde que você partiu, desesperada por notícias suas. Melhor ainda, assim que você estiver descansada, você mesma devia escrever para ela.

– Eu vou – disse não muito animada, pois na verdade tinha inveja de Annith segura e confortável atrás dos muros do convento. Nunca tinha invejado seu lugar especial no coração do convento mais do que agora.

– Ela já foi mandada para fora, ou ainda está esperando em vão pela primeira missão?

Ismae me entregou uma toalha de linho para eu me enxugar.

– Como você adivinhou que, neste tempo todo, elas nunca tiveram a intenção de deixá-la botar o pé fora do convento? Recebi uma mensagem dela logo depois que você partiu para Nantes. – Ela deu um passo em minha direção. – Sybella, eles pretendem torná-la a nova vidente do convento. A irmã Vereda está doente, e eles querem que Annith assumo seu lugar.

Seria por isso que não houvera ordem para matar D’Albret? Não só eu não pude vê-la, mas tampouco a irmã Vereda?

– Pelo menos ela estará em segurança – disse eu, pensando na frequência com que desejei estar devolta atrás daquelas muralhas grossas e enclausuradas.

– Segurança? – perguntou Ismae bruscamente. – Ou sufocada? Se eu bem me lembro, você mal podia aguentar ficar presa dentro daqueles muros por três anos, muito menos pelo resto de sua vida.

Fiz uma careta quando lembrei disso, e fiquei maravilhada com o esforço que fiz para escapar do convento logo ao chegar. Lembrei de Nantes, de D’Albret matando todos aqueles criados, da expressão de horror nos olhos de Tilde, e do arranhar em minha própria porta.

– Como fui tola – disse eu em voz baixa.

Enquanto me ajudava a botar um vestido limpo, a expressão no rosto de Ismae suavizou-se.

– Enviada para a residência de D’Albret, você enfrentou mais horrores do que qualquer uma de nós. Mas, honestamente, Sybella, não acho que você entenda como é difícil ficar para trás, sentindo que você nunca vai ter uma oportunidade de provar o seu valor ou fazer uma contribuição.

Especialmente para alguém como Annith, que treinou para isso a vida inteira.

– Ela não sobreviveria quinze dias fora daqueles muros – disse eu, ríspida.

Ismae me lançou um olhar desapontado.

– Agora, ela nunca vai saber, vai?

Como não tinha disposição de discutir com ela, mudei de assunto. – Tem alguma coisa acontecendo entre você e Duval?

Ela se ocupou servindo um cálice de vinho para cada uma de nós.

– O que faz você pensar que há alguma coisa entre nós?

– O modo como vocês se olham. Isso e o fato de você o escutar quando ele disse que não podiamatar alguém de quem estava falando. Então, você o ama?

Ismae quase deixou cair o cálice que estava me entregando.

– Sybella!

– Você *está* apaixonada. – Peguei o cálice e tomei um gole de vinho, tentando decidir o que pensar daquilo.

– O que faz você dizer uma coisa dessas? – perguntou ela.

– Primeiro, você *está* corando.

Ela mexeu na haste de seu cálice.

– Talvez eu esteja embaraçada por você fazer perguntas tão diretas.

– Ah, não seja tão estraga-prazeres. Além disso, lembre quem ensinou você a beijar. Duval tem muito a me agradecer.

Sem conseguir se segurar, Ismae pegou a toalha molhada e a jogou em mim.

– É complicado – disse ela.

Por alguma razão, pensei na Fera. Eu girei o vinho em meu cálice.

– Sempre é – disse, então entornei o resto do vinho.

– Ele me pediu para ser sua esposa.

Isso me surpreendeu, mas também me fez gostar mais do homem.

– Você não é casada ainda com o criador de porcos?

– Não, o casamento nunca foi consumado, e a madre superiora o anulou no segundo em que eu entrei no convento.

– O que você disse a ele?

– Que iria pensar no assunto. Por mais que eu o ame, e sempre vá amar, é muito difícil dar outra vez esse poder sobre mim a uma pessoa.

– E o que a madre superiora disse?

Ismae torceu o nariz e tornou a encher seu cálice.

– Essa é apenas uma das razões para eu ter perdido tanto seus favores.

– Você? Mas depois de Annith, você era a favorita dela.

– Não. – Ismae sacudiu a cabeça com firmeza. – Não era eu quem era sua favorita: ela amava aacólita que a adorava cegamente.

E foi então que percebi o quanto Ismae tinha mudado.

Antes que pudéssemos conversar mais, houve uma batida na porta. Ismae atendeu, e ocorreu uma conversa urgente em sussurros antes que ela fechasse a porta e se voltasse para mim.

– A reunião do conselho só vai recomeçar amanhã. A irmã da duquesa piorou, e a duquesa quer queeu prepare uma tisana para ela dormir.

Ergui uma sobancelha.

– Você é uma mestre dos venenos, não uma curandeira de aluguel.

Ismae me deu um sorriso triste.

– Em todos os casos, é uma dança com a Morte.

Capítulo Vinte e Cinco

COMO ESTAVA USANDO UM dos hábitos de Ismae, o guarda na porta do palácio me cumprimentou com respeito e nada fez para evitar que eu saísse. Emergi no ar frio da noite e segui na direção de uma ponte iluminada por uma fileira esparsa de tochas cuja luz se refletia na água escura abaixo.

Ela também levava ao convento onde estavam mantendo a Fera. Eu precisava me assegurar de que não o havia levado por todo aquele caminho só para que ele expirasse sob os cuidados das irmãs de St. Brigantia.

Cheguei ao portão principal do convento e o encontrei fechado. Logo ao lado do portão havia um monte grande do que pareciam ser trapos. Levei um momento para perceber que era Yannic dormindo, tão leal quanto o cachorro mais fiel e sem dúvida banido do convento por ser um homem razoavelmente saudável. Só homens doentes ou feridos tinham permissão para cruzar aquelas portas. Considerei tocar o sino que havia ali e anunciar minha presença para todo o convento, mas rejeitei a ideia. E se elas não me deixassem entrar? Ou pior: e se perguntassem por que eu estava ali? Por um instante, fui tomada de incerteza. Sem dúvida, a Fera não precisava de mim. Não agora, quando estava cercado pelas curandeiras mais habilidosas em nossa terra.

Eu parei por um instante. Por que estava ali?

Ele estava em segurança. E logo estaria em posição de ajudar a duquesa. Meu papel em sua vida havia terminado. Eu o salvara de D'Albret, como não pudera salvar Alyse. Isso devia ser suficiente.

Então por que sentia aquela necessidade de ficar por perto? Por que aquela relutância em me afastar?

Se fosse qualquer outra pessoa sentindo aquilo, eu diria que era amor, mas eu era inteligente demais para entregar meu coração outra vez. Especialmente quando fazer isso era uma sentença de morte para aqueles que eu amava.

Uma velha onda familiar de pânico ameaçou ressurgir. Em vez de combatê-la, tentei me abrir para ela, deixá-la me tomar.

Lembro dos gritos. E do sangue.

E aí foi o mais longe que cheguei antes que minha memória se

transformasse em sofrimento.

Frustrada, virei-me e segui os muros altos que cercavam o convento à procura de um ponto mais baixo ou de um portão dos fundos com uma tranca que eu pudesse arrombar.

Foi quando vislumbrei o galho solitário. Ele era fino, fino demais para sustentar o peso de um homem, e provavelmente por isso não tinha sido cortado pelas freiras. Mas não era fino demais para mim.

Joguei minha capa sobre o ombro, depois procurei um nó sólido no tronco que pudesse usar como apoio. Era uma distância grande até o galho seguinte, que ficava um pouco acima de meu alcance, por isso precisei escalar o tronco, provavelmente destruindo o hábito de Ismae.

Como ele pertencia ao convento, não me importei demais.

Minha mão se fechou em torno do galho, e senti a vitória em todo o corpo enquanto me puxava para cima. O ramo rangeu e vergou, mas não quebrou. Esticada sobre ele para distribuir meu peso, comecei a me arrastar, na esperança de que o galho não partisse, me jogasse direto no chão e quebrasse meu pescoço. Mortain não podia ter me levado tão longe para eu ter uma morte tão ignóbil.

Finalmente cheguei ao topo do muro. Desci os pés até ele e larguei o galho, que saltou de volta para seu lugar. Parei para examinar a área. A disposição daquele convento era muito parecida com a do convento de St. Mortain. Pude identificar o prédio longo onde ficava o dormitório das freiras e o refeitório maior. E, é claro, a própria capela. Mas onde elas manteriam os doentes e feridos?

Uma construção afastada das outras tinha uma luz fraca em uma das janelas. Era um lugar tão provável para começar minha busca quanto qualquer outro. Talvez uma vela solitária ou candeieiro a óleo estivesse aceso para que as freiras pudessem cuidar de seus pacientes adormecidos.

Desci do muro em um jardim luxuriante. Minhas botas esmagaram as plantas, liberando o odor pungente de ervas – as ervas usadas pelas irmãs de St. Brigantia para fazer suas famosas poções e tinturas curativas.

As mesmas que nós, no convento de St. Mortain, usávamos para misturar nossas poções igualmente abomináveis.

Fui até a trilha, tentando esmagar o mínimo de plantas possível, depois segui as pedras lisas e redondas do calçamento até o que esperava ser a enfermaria. Perto da porta, parei e me encostei no prédio, usando as sombras para ocultar minha presença. Fechei os olhos e tentei sentir quantas pessoas havia no interior.

Senti imediatamente uma pulsação forte e trovejante e quase sorri ao perceber como a Fera era facilmente reconhecível. Havia outros pulsos, fracos e tênues, talvez de pacientes. A segunda pulsação lenta e firme era provavelmente da irmã que cuidava deles.

Eu esperava entrar sem ser notada, ver como a Fera estava, depois simplesmente sair de novo. Entretanto, meu plano foi frustrado pela freira velha sentada perto da porta, misturando em silêncio alguma coisa com seu almofariz. Tinha certeza de que não havia feito barulho e de que a grande quantidade de sombras perto da parede escondia minha presença. Mas alguma coisa a alertou, pois ela se assustou e ergueu os olhos. Como não havia sentido em fingir, afastei-me da parede, preparada para explicar por que estava ali.

Seus olhos se arregalaram ao perceber o hábito que eu estava usando, e a mão que segurava o almofariz ficou branca.

– Por quem? – murmurou. – Por quem você veio?

Não consegui decidir o que me incomodou mais, seu medo ou a suposição de que eu tinha sido enviada para matar um de seus pacientes.

– Ninguém, senhora. Eu vim apenas ver como aquele a quem chamam de Fera está. Eu o acompanhei até aqui desde Nantes e gostaria de ver com meus próprios olhos que não fiz isso apenas para ele perecer sob seus cuidados.

Ela ficou furiosa, esquecendo de seu medo.

– É claro que ele não vai perecer sob nossos cuidados. – Então seu rosto se tranquilizou. – Você é Alyse? Pois ele chama esse nome em seu sono.

– Não, essa é sua irmã amada, morta há três anos. – A profundidade de minha decepção por ele não chamar meu nome me pegou completamente de surpresa.

– Ah – disse a velha freira com simpatia, como se de algum modo ela soubesse o que eu estava sentindo. – Então talvez você seja Sybella. Esse é o nome pelo qual ele pergunta quando está acordado.

Uma palpação de alegria acelerou meu pulso. Fiz uma carranca para que ela não percebesse.

– Entretanto, agora ele está dormindo – prosseguiu ela. – Na verdade, tivemos de dar uma tintura de ópio e valeriana para acalmá-lo. Ele estava insistindo que podia sair andando daqui e ser útil para a duquesa, apesar de seu corpo dizer o contrário e ele mal conseguir manter os olhos abertos, muito menos sentar.

– Não vou despertá-lo – prometo. – Só queria me assegurar de que está bem.

A freira balançou a cabeça, dando permissão, e comecei a me afastar quando ela me interrompeu.

– Por falar nisso, quem quer que tenha cuidado de suas feridas na estrada fez um trabalho excelente. O homem deve não só a vida, mas também a perna a essa pessoa.

Suas palavras me agradaram muito mais do que deveriam, com o conhecimento de que minhas mãos podiam curar tanto quanto matar,

e foi necessário todo o meu autocontrole para ocultar meu prazer. Vireime e comecei a caminhar na direção do local onde Fera estava deitado.

Um terço dos leitos na enfermaria estava ocupado, a maioria com idosos e casos delicados. Mesmo assim, era assustador. Nenhuma agitação, gemidos nem gritos fracos por ajuda. Talvez ela tivesse sedado todos eles.

Foi bem fácil identificar a forma enorme da Fera. Mesmo envolto em lençóis de linho branco, ele era facilmente duas vezes maior que qualquer outro paciente ali. Fiquei satisfeita ao ver que as camas dos dois lados dele estavam vazias. Isso devia me dar algum grau de privacidade.

Ele estava deitado tão imóvel quanto se tivesse sido esculpido em mármore, a cor viva que normalmente exibia havia sido sugada de seu rosto pela luz mortífera e a fadiga. Seu rosto estava ainda mais feio devido aos planos e sombras duros revelados pela luz tremeluzente dos poucos candeeiros a óleo no aposento. Seus cílios, grossos e eriçados enquanto repousavam sobre suas bochechas, eram talvez a única coisa bonita nele.

Fiquei maravilhada diante daquele homem que me tirara de meu pesadelo vivo, determinando que eu não caísse vítima da vingança terrível de D'Albret. Mesmo quando eu não tinha feito nada além de despejar acusações vis contra ele para despertar suas energias, ele não me deixou para trás. O que ele via quando olhava para mim? Uma mulher rabugenta? Uma megera? Uma nobre mimada brincando de ajudar seu país?

Olhei de volta para a freira de plantão e vi que ela tinha diminuído a chama do candeeiro e agora estava deitada em sua cama descansando até que um dos pacientes precisasse dela. Sem que ninguém visse, eu me sentei no chão e me encostei na armação da cama. Estava silencioso. Muito silencioso. Eu podia ouvir a respiração entrando e saindo dos pulmões da Fera, ouvir o sangue correndo por suas veias, ouvir seu pulso, forte e firme e vivo. Lentamente, um pouco do terror da perseguição de D'Albret começou a se esvaír. Fera se moveu no sono nesse instante: sua mão boa saiu debaixo das cobertas e caiu para fora da cama.

Fiquei olhando fixamente para a mão. Era grande, com dedos grossos e uma multidão de cicatrizes e cortes. Incapaz de resistir, me aproximei dela, perguntando-me qual seria a sensação de tê-la repousando em meu ombro.

– Sabia que você ia sentir minha falta.

Só uma vida inteira de treinamento impediu que eu pulasse de pé ao som da voz da Fera. Dei um riso de desdém para mascarar o ruído de surpresa que escapou de minha garganta.

– Não senti sua falta. Apenas queria ter certeza de que meu esforço para trazê-lo até aqui não tinha sido em vão.

– Elas me drogaram – disse ele, levemente ultrajado.

– Porque você foi burro demais para ficar quieto e deixar seu corpo se curar.

– Você não me drogou.

– Porque eu tinha que levar sua carcaça podre de um lado do país até o outro. Assim que chegássemos, acredite, eu também o teria drogado.

– Hum. – Nós dois ficamos em silêncio por um momento. Em seguida ele perguntou: – E a duquesa?

– Sem dúvida virá visitá-lo pessoalmente. Assim como Duval e, provavelmente, todo o conselho privado.

Ele se remexeu desconfortável e puxou as cobertas.

– Não quero recebê-los assim. Todo enrolado como um bebê em cueiros.

– Para eles, você é um herói. Querem lhe agradecer por seu sacrifício.

Ele fez outro ruído rude.

– Você tem certeza de que não é um boi disfarçado? – perguntei.

Em resposta, ele apenas tornou a grunhir.

– Estou surpreso que eles não a tenham mandado resgatar outro cavaleiro tolo enquanto eu dormia.

– Ainda não.

– Se não tomarem cuidado, logo terão homens se trancando em masmorras só para que você possa resgatá-los.

– Então sem dúvida vão morrer, pois eu não passaria por tudo aquilo de novo.

– Onde está Yannic?

– Acampado diante dos muros do convento. Fora os pacientes, não se permite nenhum homem aquidentro. – Esperei para ver qual seria sua pergunta seguinte, então ouvi um leve ronco vindo de seu peito. Ele tinha dormido. Eu me permiti um leve sorriso, pois se ele estava bem o suficiente para discutir comigo, então estava bem o suficiente para viver. Ajeitei-me mais confortavelmente no chão e prometi a mim mesma ficar só mais alguns momentos.



Despertei algum tempo depois de um sono sem sonhos. Enquanto piscava, vi que as chamas nos candeeiros estavam tremeluzindo, e o óleo estava perigosamente baixo. Ainda não havia amanhecido. Senti

o grande peso da mão da Fera em meu ombro, então aos poucos saí debaixo dela, sem querer despertá-lo. Sem querer que ele soubesse exatamente onde e como eu tinha passado a noite.

Parei em frente ao convento e virei na direção do portão da cidade. Eu podia ir embora naquele momento. Podia simplesmente caminhar pela rua até o portão da cidade, atravessar a ponte e sumir daquele lugar para sempre. Nada mais de abadessa. Nada mais de ameaças de D'Albret.

Mas a pura verdade era que eu não tinha para onde ir. Nenhum lar para o qual voltar, nenhuma família para me oferecer abrigo, e o convento, agora, sem dúvida estaria fechado para mim.

Eu podia trabalhar como criada em uma taverna se me contratassem. Em tempos confusos como aqueles, as pessoas ficavam relutantes em confiar em desconhecidos.

Eu podia até procurar Erwan e arriscar a sorte com os carbonários. Ou voltar para Bette e casar com um de seus filhos ávidos e doces. Eu poderia controlar qualquer um deles muito bem.

Exceto que eles tinham jurado lutar ao lado da Fera na guerra que se aproximava.

A triste realidade de minha situação quase me fez rir. Eu era bonita e educada e tinha todos os tipos de habilidades úteis – e mortais –, mas isso tudo junto valia menos que um balde de excrementos.

Apertei a capa ao meu redor para me proteger do vento frio e continuei a atravessar a ponte. Ao me aproximar do portão, rapidamente rearrumei minhas armas, assegurando-me de que o punhal em minha cintura ficasse claramente visível e que as bainhas em meu pulso aparecessem por baixo das mangas do hábito. Melhor acharem que eu estava em uma missão para Mortain do que desconfiarem que eu havia passado a noite enroscada aos pés da Fera como um cachorro triste.

O guarda em serviço me cumprimentou com a cabeça, seus olhos estudando meu hábito e minhas armas, e acenou para que eu entrasse. Os conventos dos santos antigos pareciam receber o respeito apropriado ali em Rennes.

Cheguei aos meus aposentos e fiquei aliviada ao encontrá-los vazios. Cansada demais para retirar a roupa, apenas afrouxei os laços, subi na cama e fechei as cortinas para bloquear a luz da manhã. Rezei para que ninguém precisasse de mim nas horas seguintes, pois eu seria inútil até conseguir dormir um pouco.

Capítulo Vinte e Seis

POUCO TEMPO DEPOIS, FUI DESPERTADA por uma batida na porta. Uma pequena criada entrou carregando água fresca para eu me lavar e trazendo a notícia de que minha presença era esperada na reunião do conselho da duquesa.

Essa convocação tirou-me da cama e fez com que me vestisse rápido como poucos outros pedidos fariam, pois a verdade era que estava extremamente ansiosa para despejar tudo o que sabia e me livrar daquilo.

Quando uma segunda batida soou na porta, corri para abri-la e encontrei Ismae e Duval esperando do lado de fora. Não sabia se ficava lisonjeada ou preocupada com a natureza daquela escolta, mas Ismae me cumprimentou calorosamente, e os olhos de Duval estavam bastante amistosos, o que me fez relaxar um pouco.

Duval fez uma reverência formal para mim.

– Nós gostaríamos de ouvir um relatório completo de tudo o que transpirou em Nantes, se a senhorita conseguir contar.

– Mas é claro, milorde – respondi, saindo para o corredor. Ismae me deu uma piscadela tranquilizadora.

Duval nos conduziu para uma sala mais formal do que aquela onde eu estive na noite anterior. Ao vê-lo, as duas sentinelas o saudaram com um aceno de cabeça e se adiantaram para abrir a porta.

Apesar de ter tomado banho e agora vestir roupas limpas, ainda me sentia suja de um modo que não conseguia descrever, como se a mancha de ser uma D’Albret nunca fosse me deixar. Os mapas tinham sido guardados, e em seu lugar havia jarros de vinho sobre a mesa, assim como belos cálices de prata.

Meus olhos foram atraídos imediatamente para um canto da sala perto da cabeceira da mesa do conselho. Fera estava lá. Eles o haviam trazido em uma liteira e preparado uma espécie de cadeira com banco para ele, de modo que podia ficar sentado com a perna erguida. Ele não estava muito satisfeito com isso e ficava tentando se levantar.

– Eu não devia estar sentado na presença da duquesa.

Uma freira com o hábito azul de St. Brigantia mencionou pacientemente que todos os outros conselheiros e assessores estavam.

– Mas eu sou um mero cavaleiro, não um conselheiro.

– Bem – disse a própria duquesa, para encerrar a questão –, agora o senhor é. Eu o nomeio, sirBenebic de Waroch, para meu alto conselho, para que possa me orientar sobre a melhor maneira de vencer esta guerra. O que tem a dizer?

A expressão de surpresa em seu rosto era quase cômica.

– Aceito humildemente, Sua Graça. – Ele fez menção de se levantar e fazer uma reverência, mas a freira o empurrou de volta para a cadeira.

A duquesa virou-se para mim.

– Creio que agora você está mais confortável – disse ela com simpatia.

– Sim, Sua Graça. Obrigada pela consideração.

– É o mínimo que posso fazer por alguém que me serviu tão bem. – Ela fez um gesto para Duval, que indicou uma cadeira para mim e me entregou um cálice de vinho. Eu o peguei, satisfeita por ter algo para segurar, e olhei desconfortável para os outros na sala, alguns dos quais eu sequer conhecia.

Captando o rumo de meus pensamentos, Duval disse:

– Talvez seja necessário fazer algumas apresentações. – Sua boca se retorceu com charme. – Aabadessa e a Fera a senhorita já conhece. Esse é o chanceler Montauban, que lutou ao lado de meu pai em muitas batalhas. Jean de Chalon, primo da duquesa, recentemente libertado após ser preso pela regente francesa. O capitão Dunois, que eu acredito que a senhorita viu levar a duquesa para a segurança em seu cavalo, e o bispo de Rennes, que pôs a coroa do ducado oficialmente em sua cabeça com as próprias mãos. O resto, creio, você conhece. Então, agora, gostaríamos de ouvir os planos de D’Albret, *milady*.

Respirei fundo.

– D’Albret não desistiu de seu plano de se casar com a duquesa, e fará isso à força, se necessário.

O capitão Dunois soltou uma expressão de desprezo.

– Ele deixou isso claro quando preparou a armadilha diante de Nantes. Ele não pode imaginar quesomos tolos o bastante para lhe dar uma segunda chance de nos enganar.

Sua indiferença me incomodou, mas Ismae apressou-se a intervir.

– Foi Sybella que nos alertou daquela armadilha – observou ela, com delicadeza.

Pelo canto do olho, vi que a abadessa ergueu as sobrancelhas de surpresa.

O capitão Dunois inclinou a cabeça em uma reverência para mim.

– Então parece que devemos mais agradecimentos a você, *milady*, pois a senhorita salvou a todos nós do desastre certo. Porém, sem dúvida, a duquesa está protegida dele agora.

Sacudi a cabeça.

– Não. Não está. Pois isso não foi o fim de tudo. Neste momento, ele faz planos para marchar sobre Rennes.

Um momento de silêncio encheu a sala, então o capitão Dunois franziu o cenho.

– Ele não seria tão tolo.

– Sem falar que é impossível – observou o chanceler Montauban. – Os muros têm quatro metros de espessura, mais que o suficiente para proteger a cidade contra qualquer ataque que ele possa fazer. Eu me inclinei.

– A menos que o ataque venha de dentro.

Outro silêncio de surpresa encheu a sala. Eu tinha toda a atenção deles agora.

– O conde D’Albret não é apenas brutal, mas também astuto. Ele já começou a enviar pequenos grupos de seus próprios homens para se infiltrar na cidade. Então, quando estiver pronto, vai marchar sobre Rennes e avisá-los para abrir os portões e permitir que suas tropas rompam o cerco.

– Mas, sabendo disso, nós podemos detê-lo. Temos mais de oito mil homens aquartelados aqui em Rennes, mais que páreo para um punhado dos dele – disse Dunois.

– Tem certeza? O senhor conhece todos os seus homens de vista, capitão? Será que não é exatamente dentro desses números que muitos dos sabotadores de D’Albret podem se esconder despercebidos?

O capitão cerrou a mandíbula, mas não disse nada, por isso fui em frente.

– Não acho que os senhores entendam a verdadeira natureza de sua brutalidade. Ele não vai mostrar nenhuma misericórdia. A guerra que vai provocar tem a intenção de minar a coragem no coração dos homens. Ele não fará prisioneiros, não poupará ninguém, não pedirá resgates.

– Isso vai contra todas as regras da guerra e de comportamento honrado, *demoiselle*, e é uma acusação extremamente grave – disse o chanceler Montauban. – Suponho que a senhorita tenha uma boa razão para fazê-la.

Uma decepção amarga como ácido encheu meu estômago. Por que eu achava que eles iam acreditar em mim?

– Ela tem. – Foi a duquesa quem falou, e todos na sala se voltaram para ela. – Não se esqueçam de que esse homem tentou me prender quando negociávamos de boa-fé com o marechal Rieux. Essa não é a marca de um homem que respeita as regras de combate. Além disso, ele tentou me violar nos corredores de Guérande... e teria obtido sucesso se Ismae não o tivesse detido.

Isso chocou quase todos na sala, todos menos Ismae, Duval e a

Fera.

– Você tem certeza de que não interpretou mal suas intenções, Sua Graça? – perguntou o bispo, etive vontade de dar um tapa em sua papada branca e mole.

– Tenho certeza – disse ela, ríspida.

Enquanto todos estavam se recuperando dessa revelação, decidi tentar uma nova abordagem.

– Posso lhes contar como ele tomou Nantes? – perguntei, com uma voz falsamente doce.

– Mas é claro, *demoiselle* – disse o capitão Dunois. – Eu adoraria ouvir.

– Muito bem. – Tomei um gole fortificante de vinho e comecei. – Com o marechal Rieux à frente denossa coluna, fomos recebidos pela cidade de braços abertos. No início, eles pensaram que a duquesa tinha voltado e, ao mesmo tempo que ficaram decepcionados por ela não estar no grupo, não entenderam toda a traição que estava acontecendo.

“Assim que D’Albret e Rieux entraram no castelo, eles trancaram as portas e deram uma escolha aos vassalos e criados. Sob fio de espada. Eles podiam renunciar à duquesa e viver. Essa era sua única escolha.”

Olhei para as chamas que queimavam na lareira.

– Os lordes Roscoff e Vitre morreram naquela noite. Os lordes Mathurin, Julliers, Vienne e Blainerenunciaram à duquesa e juraram lealdade a D’Albret e ao marechal Rieux. – Ergui os olhos, que cruzaram com o olhar aflito da duquesa. – Seus criados humildes foram mais leais, Sua Graça.

Metade deles perdeu a vida naquele dia.

“Quando um grupo de cidadãos chegou da cidade exigindo saber o que estava acontecendo, foram enviadas tropas para violar suas esposas e filhas, e assim assegurar sua cooperação. Não demorou muito para que D’Albret impusesse sua vontade e seu terror particular sobre toda a cidade.”

A duquesa tinha ficado branca como um cadáver. Quando levou a mão à têmpora, vi que estava tremendo.

– Meu pobre povo – murmurou. – Todas essas mortes estão em minha consciência.

– Não – interveio Duval bruscamente. – Elas estão na consciência de D’Albret, não na sua.

Jean de Chalon falou pela primeira vez.

– Tamanha brutalidade pode ser uma grande vantagem quando usada em proveito próprio. Considerando a brutalidade de D’Albret e o quanto os franceses temem uma aliança entre Sua Graça e o conde, talvez essa aliança seja sua melhor esperança de manter a independência do ducado.

A duquesa deu a impressão de encolher em si mesma, parecendo menor e mais nova.

– É muito errado de minha parte esperar que meu povo sofra para que eu não tenha de sofrer? Não posso deixar que essa violência e morte se espalhem por todo o reino só para evitar um casamento desagradável.

– Não! – Duval, Fera e eu gritamos ao mesmo tempo. Houve um estranho momento de silêncio, eolhei para minhas mãos enquanto Duval continuou. – Você não vai se casar com esse homem brutal.

– Você está falando como um irmão amoroso, Duval, não como um conselheiro esclarecido – observou o bispo. – Talvez essa seja a melhor atitude a tomar.

Quis pegar todos aqueles homens pelo ombro, sacudi-los até fazer seus dentes bater, e perguntar a eles como podiam ser tão malditamente cegos. Um turbilhão começou a se formar profundamente dentro de mim; ultraje por aqueles homens estarem dispostos a entregar aquela garota tão facilmente a um homem como D’Albret. Era como sempre: homens poderosos não queriam acreditar em nada ruim sobre seus próprios pares.

De repente, o peso de meus próprios segredos quase me sufocou. Se alguma vez houve uma razão para romper os longos anos de silêncio, era esta – evitar que aquela garota inocente se tornasse a mais nova vítima de D’Albret. Para evitar que tal monstro se tornasse governante do reino inteiro.

Estava tão desesperada para que eles entendessem a natureza maligna daquele homem que fiz o impensável: abri a boca e despejei os segredos que havia mantido por anos.

– Vocês já se perguntaram o que aconteceu com as mulheres do conde? – Minha garganta se apertou, como se meu corpo estivesse se recusando a pronunciar as palavras que ele tinha mantido guardadas e trancadas por tanto tempo. O conhecimento que compartilhava também ia levantar questões, perguntas que eu preferia não responder diante da Fera. Mas eu não podia manter meus segredos se o custo fosse aquela jovem à minha frente. – D’Albret não é apenas um homem bruto na batalha e impiedoso na vitória. Ele é um verdadeiro monstro. – Precisei buscar as palavras seguintes bem no fundo, pois estavam enterradas muito abaixo da superfície dos pensamentos diários. Na verdade, algumas lembranças permaneciam trancadas até mesmo de mim. – D’Albret assassinou todas as suas seis ex-mulheres. Com certeza vocês não vão entregar sua própria duquesa a um destino desses.

No longo momento de silêncio que se seguiu, o choque pelo que eu tinha acabado de falar atravessou meu corpo. Fiquei quente, depois fria, depois quente de novo. Quase acreditei que, de algum modo,

D'Albret soubesse o que eu tinha acabado de dizer, e tive de lembrar a mim mesma que ele estava a vinte léguas de distância.

Pela expressão amarga no rosto de Duval, vi que ele, pelo menos, acreditava em mim. Mas não os outros. Seus rostos mostravam incredulidade. O chanceler Montauban falou:

– É possível que as ações de D'Albret tenham sido mal interpretadas ou mal compreendidas e que esses sejam apenas rumores maldosos iniciados por aqueles que foram derrotados pelas suas mãos.

Quando respondi, minha voz estava mais fria que o mar de inverno.

– Sou uma assassina treinada, milorde chanceler. Não uma criada coquete que se encolhe ao ouvir falar de guerra. – Pensei em dizer para perguntarem à Fera, pois ele iria confirmar a veracidade do que eu tinha dito, mas não era meu segredo para revelar. Arrisquei uma olhada para ele e vi que estava com os olhos baixos, encarando seus punhos cerrados.

– Acredito que o que ela contou é verdade – disse ele por fim. – O conde, sem dúvida, tencionava infligir danos pessoais graves à duquesa, se não imediatamente, então logo que estiverem casados.

Dunois se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

– É difícil para mim acreditar em acusações tão desprezíveis contra um homem que defendeu minhas costas e lutou bravamente ao meu lado. Ele sempre combateu com honra.

Chalon balançou a cabeça em concordância.

– Isso de que você o está acusando vai contra todos os códigos de honra e cavalheirismo que nós tanto respeitamos.

– Que os *senhores* respeitem, não D'Albret – observei. – Além disso, os senhores têm realmente tanta certeza de sua honra em batalha? Nunca se questionaram por que ele e suas tropas chegaram tarde demais à batalha de Saint-Aubin-du-Cormier? Porque aquilo não foi acidente, posso garantir.

– Eu sabia! – murmurou Duval. A duquesa pôs a mão sobre seu braço para acalmá-lo. Ou talvez ela estivesse se agarrando a ele em busca de apoio. Eu não sabia ao certo.

Mas foi o bispo quem eu mais ofendi com minhas acusações.

– Se é verdade, por que nunca ouvimos falar disso? Por que devemos acreditar em você? Você tem alguma prova? Em nome de Cristo, menina, o irmão dele é um cardeal!

Nesse momento, olhei de relance para a abadessa.

– Eu estou em sua casa há muito tempo e conheço muito bem a natureza do homem. O bispo insistiu.

– Então por que não contou isso antes?

Fui banhada por uma onda de desamparo e futilidade, mas antes que pudesse começar uma nova rodada de argumentação, a voz calma da abadessa caiu na sala como uma bênção.

– Cavalheiros, os senhores podem ter certeza de que lady Sybella disse a verdade.

Fiquei ao mesmo tempo surpresa e grata por essa defesa inesperada. Quando o alívio começou a se desenrolar dentro de mim, ela se dirigiu a todos eles outra vez.

– Sybella é filha do próprio D’Albret e sabe do que está falando.

Capítulo Vinte e Sete

FIQUEI TÃO ATORDOADA QUE MAL conseguia respirar. Não ficaria tão surpresa, ou chocada, se a abadessa tivesse estendido os braços e arrancado a pele de meus ossos.

E sem dúvida me sentiria igualmente ferida e exposta. Na verdade, tive de me segurar para não pular de pé e sair correndo da sala quando todos os olhos se voltaram para mim. Seria aquele um novo brilho de cautela que vi no olhar do capitão Dunois? Uma leve expressão de repulsa no do chanceler Montauban? O bispo pareceu meramente ultrajado, como se alguém tivesse desorganizado seu mundo cuidadosamente construído apenas para ofendê-lo. O rosto de Chalon também estava interessante, pois era uma máscara de olhos semicerrados, e ficou claro que seu interesse havia aumentado.

Mas foi o olhar da Fera que mais senti como um golpe.

Não olhe, não olhe, não olhe. Se eu não tivesse olhado, não teria visto a aversão e o ódio que ele exalava como vapor de uma chaleira fervendo.

E Ismae. O que ela estaria sentindo exatamente naquele momento? Pois era quem eu conhecia havia mais tempo ali e nunca tinha lhe contado nem uma palavra sobre minha linhagem. Fiquei olhando para a frente e batendo o pé, como se estivesse entediada.

A primeira a falar foi Ismae.

– Desculpe, madre superiora, mas Sybella não é filha de Mortain, em vez de D’Albret?

Eu precisei me segurar para não pular da cadeira e abraçá-la.

– Mas é claro, filha. Ela foi concebida por Mortain, e foi por isso que acabou no serviço do convento. Mas foi criada por D’Albret em sua casa pelos primeiros catorze anos de sua vida. Com certeza, D’Albret a considera sua filha.

Duval mudou de posição em sua cadeira e lançou um olhar indecifrável para a abadessa. Foi então que percebi que ele não confiava nela.

– Em minha opinião, a questão mais importante é de quem Sybella se considera filha. *Milady?*

Ergui os olhos até encontrar os seus. Ele estava me dando uma oportunidade de responder àquela acusação, e comecei a entender por

que Ismae gostava tanto dele.

– O momento mais feliz de minha vida foi quando soube que não tinha sido concebida por D’Albret, milorde. Pois, por mais sombrio que seja Mortain, ele é um farol de luz divina em comparação com o barão. Então, sim. Eu me considero filha de Mortain.

Fera estava irrequieto em sua cadeira, e cada partícula de meu ser gritava para que eu não fosse tão covarde e *olhasse* para ele. Mas eu ainda não tinha feito isso, certa de que o que veria partiria até meu coração duro e ressequido.

– Então a questão está fechada – disse a duquesa. – E me parece que, se o que lady Sybella disse é sequer remotamente exequível, não temos nada a perder em incluir essa possibilidade em nossos planos. Por mais que esperemos um ataque do norte, vamos preparar uma estratégia no sul, caso estejamos enganados.

O capitão Dunois acariciou a barba e lentamente balançou a cabeça em aprovação.

– Isso me parece sábio.

– Não vai fazer nenhum mal – admitiu o chanceler.

Mas o bispo ainda estava relutante.

– Acho que isso vai desviar nossas energias e recursos de necessidades mais desesperadas.

– Mesmo assim – disse a duquesa. – Vamos agir como se cada palavra que ela disse seja verdade.– Ela se virou do bispo para mim. – Conte-me, *demoiselle*, você tem alguma sugestão que devamos levar em consideração?

– Nós conseguimos um acordo de compromisso de casamento com o Sacro Imperador Romano –acrescentou Duval. – Podemos torná-lo público se achar que pode ajudar a deter D’Albret. Mas se fizermos o anúncio, os franceses vão usá-lo como desculpa para lançar um ataque total.

Sacudi a cabeça.

– Acho que essa notícia só faria D’Albret agir com maior rapidez para impedir o casamento, emvez de deter sua mão. Mas concordo que a duquesa só estará em segurança após se casar. Vocês precisam encontrar um modo para que esse casamento seja realizado agora.

Duval deu um sorriso irônico.

– Isso vai ser difícil, pois o Sacro Imperador Romano está na Hungria, lutando.Sem tropas e sem um marido forte a seu lado, ela estava perdida.

– *Demoiselle*.

Ao ouvir a voz delicada da duquesa, ergui a cabeça para olhá-la nos olhos.

– Você parece absolutamente exausta, e nós ordenamos que vá repousar para que possamos retomaresta conversa amanhã. Obrigada,

mais uma vez, pelo grande serviço prestado em nosso favor.

Levantei-me e curvei-me em uma reverência.

– Foi uma honra, Sua Graça. – E, para minha surpresa, vi que as palavras eram verdadeiras. Eustava contente por apresentar diante dela algo além de mais mortes. Mesmo que esse algo agora me encarasse com olhos fervilhantes e furiosos.



Com o adiamento da reunião, segui a abadessa para o corredor, com os dentes cerrados. Quando não podiam mais nos ouvir, surpreendi a nós duas agarrando seu braço. Ela parou imediatamente e baixou os olhos até meus dedos pousados sobre sua manga. Apesar de meu coração estar batendo forte por minha própria ousadia, esperei um instante antes de remover a mão. Quando fiz isso, a abadessa levantou os olhos azuis e frios até os meus e ergueu as sobrancelhas.

– Por quê? – perguntei. – Por que a senhora contou a eles quem eu sou?

Ela franziu levemente o cenho.

– Para que soubessem que deviam acreditar em você.

Eu a estudei com atenção. A resposta seria tão simples? Será que ela estava apenas tentando apoiar minhas afirmações?

– Se por um lado é verdade que conhecer minha linhagem afastou suas dúvidas, não consigo deixar de pensar que a senhora podia simplesmente ter confirmado minhas informações sem revelar minha verdadeira identidade. – Sem revelar que eu vinha de uma família famosa por sua crueldade e depravação, sem falar que agora eu tinha traído essa mesma família, que era apenas o que muitos veriam em minhas ações.

Ela moveu a mão em um gesto de impaciência.

– Não importa que eles saibam. Na verdade, é bom que eles percebam que ferramentas poderosas o convento tem à sua disposição e como é grande o seu alcance. – Ela deu um aceno curto, então se retirou do corredor, e fui deixada ali, um cordeiro sacrificado para a elevação do convento.

Sem pensar, segui na direção da porta do castelo. Não tinha desejo nenhum de ir para meus aposentos e esperar que Ismae fosse me procurar com uma expressão magoada e intrigada.

O ar fresco da noite pouco adiantou para acalmar minha fúria. Todo meu corpo ardia de raiva, como se minha pele fosse virar pelo avesso. Fiz a única coisa em que podia pensar, que foi começar a

andar. Para longe do palácio, para longe da abadessa, e para longe da Fera, para quem meus segredos tinham sido traídos. Mesmo com meu talento para estragar as coisas, estava impressionada com a velocidade com que eu havia destruído aquela nova e florescente amizade.

Ele sabia. Ele *sabia* que eu era filha do homem que havia matado sua irmã amada. Ele sabia que eu quase sempre abri a boca para mentir para ele. Naquele exato momento, provavelmente estava relembrando todas as perguntas que havia feito, e recordando todas as mentiras que eu tinha lhe contado.

Ele sabia que eu era feita do mesmo material sombrio, com igualmente pouco valor de salvação. Seria mais fácil se eu tivesse sido marcada como puta, ou exilada, ou como leprosa.

Minha respiração pareceu ficar presa em minha garganta, e apertei a base das palmas sobre os olhos. Sentia como se tivesse arruinado uma das poucas coisas boas que importaram de verdade.

A princípio, eu simplesmente não estava disposta a admitir para ninguém, especialmente um prisioneiro que D'Albret tinha tratado tão mal, que eu era uma D'Albret. Depois, quando eu soube da conexão da Fera com a minha família, nada na Terra teria me forçado a contar a ele a verdade sobre quem eu era.

O que mais eu *podia* ter contado a ele senão mentiras? A primeira vez que ele perguntou estávamos a cerca de meia légua de Nantes sem qualquer razão para confiar um no outro. Como eu teria conseguido levá-lo até a segurança?

Minha única verdadeira oportunidade surgiu na fazenda de Guion, quando a Fera me pediu para contar a ele sobre a irmã. Mas, embora eu fosse forte o suficiente para matar um homem a sanguefrio, entrar nos jogos perigosos de Julian e me rebelar contra a abadessa, eu não era forte o bastante para matar aquele *algo* misterioso e doce que havia surgido entre nós naquele momento.

E aquela fraqueza havia me custado tudo com a Fera.

Não. Nunca poderia haver nada entre nós. Eu tive uma chance de alterar a balança da justiça, só um pouco, e isso era tudo. Por mais que fosse bom ter alguém que me visse sob uma luz lisonjeira, eu nunca tinha sido merecedora de sua admiração verdadeira. E agora... agora ele sabia que a pessoa que via quando olhava para mim não era real.

Como se uma pequena parte minha procurasse me acalmar, meus pés me levaram pelas ruas escurecidas da cidade na direção do rio. Passei pelas casas elegantes de madeira e pedra, depois pela praça da cidade até chegar a ruas mais estreitas, onde as casas se inclinavam como soldados bêbados. As ruas ali eram mais movimentadas, enquanto a escória da cidade cuidava de seus negócios sob o manto da noite. Pequenos grupos de mendigos dividindo os espólios do dia;

soldados bêbados evitando os vigias noturnos; ladrões à espreita nas sombras, esperando para tirar proveito daqueles fracos ou bêbados demais para perceber a remoção silenciosa de seus bens.

As tavernas ali faziam um negócio rentável, e vozes jorravam para as ruas. Havia uma energia selvagem e frenética naquela parte da cidade que combinava perfeitamente com meu estado de espírito. Ergui a cabeça e desafiei qualquer dos perigos à espreita nas sombras a tentar comparar suas habilidades com as minhas. Até reduzi o passo para parecer hesitante, temerosa, mas não atraí ninguém. Talvez aqueles que caçassem os outros pudessem sentir meu desejo de caçá-los.

Frustrada, continuei sem parar até o rio, onde a pior escória da cidade se ocultava. Enquanto estava parada sobre a ponte, olhando para as águas escuras, a verdade da qual eu estava fugindo por dias veio à tona como um tronco podre do fundo de um lago. Não era apenas a boa opinião e o respeito da Fera que eu desejava. O pedaço de músculo enrugado e ressequido que habitava onde costumava ficar meu coração tinha conseguido se apaixonar por ele.

A dor e a humilhação foram como um soco no estômago. Agarrei a murada de pedra da ponte e olhei para o rio abaixo. *Qual seria sua profundidade?*, perguntei-me. Eu sabia nadar, mas meu vestido e capa eram pesados e me arrastariam rapidamente para o fundo.

– *Milady*.

Irritada pela intromissão, ergui bruscamente a cabeça.

Um soldado bêbado caminhava animado em minha direção. Ali estava o alívio que eu procurava. Ele era um sujeito de expressão dura, um mercenário, achei, pois seu gibão era de couro cozido, e nem sua capa nem seu broche tinham algum emblema. Ele tinha bebido vinho suficiente para ser amistoso, mas não o bastante para ficar incapacitado. Eu me virei para encará-lo.

– *Milady* está perdida? – perguntou. – Pois esta não é uma parte da cidade para uma pessoa tão bonita quanto a senhorita estar andando.

– Acha que não estou em segurança?

– Não, acho que está correndo um grave risco, *milady*. Há vários bandidos e rufiões que podem se aproveitar da senhorita.

– Mas não você.

Então ele sorriu, um esgar de lobo.

– Eu tenho em mente apenas seu prazer.

– Verdade? – No início, não sabia ao certo se queria matá-lo ou levá-lo para a cama, mas quando ele pôs a mão grande e enluvada em meu braço para me puxar para perto e senti seu hálito azedo de vinho, me dei conta de que minha fome não era por sua luxúria, mas por seu sangue. Queria afogar minha raiva e traição em seu pescoço grosso e carnudo, e ver seu sangue jorrar sobre mim em uma fúria quente e

vermelha que iria apaziguar a minha.

Eu podia até chamar aquilo de uma oferenda a Mortain, ou à Matrona das Sombras, ou a qualquer Deus que escutasse minhas preces e me salvasse daquele pesadelo que eu estava vivendo.

Ele se inclinou para me beijar, mas deu um grito curto de surpresa quando, em vez disso, quase beijou a ponta de minha faca. Ele ficou imóvel e me observou com cuidado. Senti seu coração pulsar no pescoço, podia ver suas artérias latejando com o sangue que passava por elas. Lentamente aproximei a faca. Estava tentada, tentada demais, mas ele não tinha feito nada de errado e não tinha nenhuma marca. Não havia invadido nosso país, não servia D'Albret. Nem havia tentado fazer mal a um inocente, pois eu não era inocente. De todos os limites que eu estava disposta a atravessar na vida, aquele não era um deles.

No instante em que a ponta de minha faca tocou a pele macia de sua garganta, ouvi um grito. Pensei que alguém devia ter me visto e dado um alerta, mas o grito foi seguido do som de golpes. Meu coração ficou acelerado com a promessa de uma luta verdadeira, e me contentei em fazer apenas um pequeno corte no queixo do sujeito à minha frente.

Uma gota grande e densa de sangue se formou, depois pingou nas pedras imundas do calçamento a nossos pés.

– Vá embora daqui – disse a ele.

Os olhos dele se encheram de raiva, e por um momento achei que ele fosse pegar a espada.

– Cuidado com os jogos que joga, *milady* – disse ele. – Nem todos serão tão complacentes quanto eu.

Não respondi nada. Quando ele virou e voltou por onde tinha vindo, corri na direção do grito.

Vinha da beira do rio, de perto de uma das pontes de pedra. Conforme me aproximei, os sons de uma luta chegaram a meus ouvidos, e apertei minha faca com mais firmeza. Avancei, agora com cautela. À sombra das fundações de uma ponte de pedra, dois soldados lutavam com um homem. A boca estreita do homem estava cortada e inchada, e seu nariz comprido e fino estava sangrando. Uma mulher estava pressionada contra a ponte, e um dos soldados estava desamarrando as calças.

Não precisei de mais de um segundo para reconhecer que as vítimas eram carbonários, o que só aumentou minha fúria. Movendo-me em silêncio, aproximei-me discretamente. Tive uma sensação familiar em relação aos dois soldados, e quando o que estava segurando o homem virou para olhar para o amigo, senti uma pontada de reconhecimento. Era Berthelot, o Monge, assim chamado porque nunca tocava em uma mulher. O que significava que o segundo

homem devia ser Gallmau, o Lobo, assim chamado por não deixá-las em paz. Os dois eram homens de D'Albret, e senti nos ossos que não podia ser acidente tê-los encontrado.

Matar dois dos homens de D'Albret ajudaria muito a diminuir a dor do meu coração sofrido.

Gallmau ainda estava olhando lascivamente para a mulher, sem pressa, por isso decidi atacar Berthelot primeiro. Sem sair das sombras, fiz a volta no pilar da ponte até ficar atrás do Monge. Seria complicado cortar sua garganta enquanto ele segurava o carbonário, mas o carbonário podia dar um mergulho rápido no rio para lavar o sangue se fosse necessário.

Mais rápida que o bote de uma serpente, dei um passo à frente, segurei o homem pelo cabelo e puxei sua cabeça para trás, então passei minha faca por sua garganta, cortando suas cordas vocais junto com suas principais artérias. Enquanto Berthelot caía no chão, o carbonário cambaleou para trás e conseguiu liberar os braços bem a tempo para não cair também. Eu o vi me olhar de relance, senti o momento em que me reconheceu, mas estava fascinada pela marca que vi na testa de Berthelot. Então sorri e me virei para Gallmau, que estava tão envolvido em suas atividades lascivas que não tinha ideia de que a Morte estava indo buscá-lo. Quando estava perto o suficiente para abraçá-lo, a mulher olhou por cima do ombro dele e me viu, e seus olhos se arregalaram. Levei o indicador aos lábios, depois enfiei a faca na base do crânio de Gallmau. Na verdade, não era o melhor tipo de faca para aquela espécie de trabalho. Uma lâmina mais fina deslizaria com muito mais facilidade entre os ossos de seu pescoço, mas consegui fazer com que ela funcionasse. E evitei que o sangue arruinasse o vestido da mulher.

A moça segurou o grito quando Gallmau caiu em seus braços, então empurrou o corpo para longe, derrubando-o no chão. Olhei para baixo, mais contente do que podia dizer quando vi uma segunda marca surgir, pois isso tinha de significar que eu não me afastei tanto da graça de Mortain a ponto de ele não mais revelar a mim seus desígnios.

Limpei a faca na capa de Gallmau, depois tornei a guardá-la na bainha e me endireitei.

– Vocês estão bem? – Reconheci o homem magro de cabelo preto como Lazare, o mais raivoso dos carbonários. Duvidava que aquele incidente tivesse melhorado seu humor.

– Era eu quem devia ter matado os porcos – resmungou.

– Você pode matá-los da próxima vez – tranquilizei-o, então perguntei à mulher se estava tudo bem. Trêmula, ela balançou a cabeça afirmativamente. Voltei-me para Lazare. – Vá lavar o sangue no rio antes que alguém veja. Se vocês cruzarem com algum soldado

da guarda noturna, diga simplesmente que bebeu vinho demais e caiu na água.

Ele me encarou por um bom tempo. Coisas não ditas passaram por seu olhar. Raiva por ter sido apanhado, desconforto por ter sido salvo por uma mera mulher, frustração por não ter sido ele a vingar sua honra. Mas também havia gratidão, mesmo que com relutância. Ele me deu um breve aceno com a cabeça e foi fazer o que eu havia instruído. Enquanto estava se limpando, perguntei à mulher:

– O que aconteceu?

– Estávamos voltando de uma última entrega, pois Erwan queria partir com as primeiras luzes, quando aqueles dois nos atacaram. Eles pegaram nosso dinheiro e iam... iam... e quando Lazare tentou impedi-los, eles o espancaram. Obrigada, *milady*. Obrigada por chegar justo quando a senhorita chegou. A Mãe das Sombras estava cuidando de nós.

– Ou Mortain – eu disse. – Pois esse é o Deus que sirvo, e foi Ele que me trouxe aqui até esses dois.

A excitação da caçada estava começando a assentar, e me dei conta de que estava cansada. Muito, muito cansada. Mesmo assim, não me apressei. Ajoelhei-me ao lado dos corpos e revistei-os em busca de qualquer dinheiro que tivessem com eles, entregando tudo o que encontrei à mulher.

– Agora vão. Pegue Lazare e voltem para junto dos outros.

Assim que os vi partir, comecei a longa caminhada de volta ao palácio, vazia e oca, nada além de uma brasa queimada agora que minha raiva havia passado.

Capítulo Vinte e Oito

QUANDO CHEGUEI À PORTA de meu quarto, pude sentir alguém à espera no interior. Fui tomada por uma onda de pânico. Estaria Fera querendo me confrontar? Furiosa por me importar, saquei uma lâmina do pulso e abri a porta.

Era apenas Ismae, encolhida em uma cadeira perto do fogo quase apagado, e não soube dizer se o que senti foi alívio ou decepção. Ao leve estalido da porta se fechando às minhas costas, ela estremeceu, piscou e despertou.

– Sybella! – Ela ficou de pé e deu dois passos em minha direção. – Aonde você foi?

Não podia dizer a ela que estava chorando por amor quando havia me esforçado tanto para convencê-la de que eu não tinha coração, portanto, em vez disso, ergui uma sobrancelha para ela.

– Você vai brigar comigo por não ter lhe contado antes?

– Não! Não estou surpresa que a abadessa tenha obrigado você a segurar a língua. – O amor e a compaixão que vi no rosto de Ismae quase me destruíram.

– Não foi a abadessa – disse eu. A verdade começou a sair borbulhando de mim como humorespútridos de uma ferida. – Ela nunca me proibiu de contar a você. Eu simplesmente... não consegui fazer isso. Especialmente depois que você conheceu D’Albret em Guérande.

Ismae percorreu a distância entre nós, tomou minhas mãos nas suas e as apertou. Não sabia dizer se era para demonstrar segurança ou desespero. Talvez os dois.

– Todos nós temos nossos segredos. E nossas cicatrizes. Annith me disse isso na minha primeiramanhã no convento. Eu também não lhe contei tudo sobre meu passado.

– Não contou?

Ismae sacudiu a cabeça, e eu a estudei para ver se aquilo não era apenas um estratagema para me confortar.

– Sei que você foi casada e que seu pai a espancava. Ela fez uma leve careta.

– Essas duas coisas são verdade, mas há mais em minha história que isso. Nunca lhe contei sobre o veneno que minha mãe buscou com

uma curandeira para me expulsar de seu útero nem da cicatriz longa e feia em minhas costas onde ela queimou minha carne. Nunca falei de minha irmã, que tinha medo de mim, nem dos meninos da aldeia, que me provocavam e me chamavam de coisas cruéis. Como você, eu estava tão grata por ter escapado que não tinha desejo de falar disso e macular minha vida no convento com essas memórias.

E, fácil assim, ela tinha me concedido a absolvição, declarado que meus crimes contra nossa amizade não eram crimes. Fiquei sem palavras para dizer a ela o quanto aquilo significava para mim. Em vez disso, sorri.

– Que tipo de provocações eles faziam com você?

Ismae torceu o nariz e soltou minhas mãos.

– Nenhuma que tenha vontade de mencionar.

– Então – disse eu, mudando de assunto –, por que estava aqui, esperando por mim?

– Estava com medo, por você.

– Com medo? O que você temia?

Ela deu de ombros, embaraçada.

– Que a abadessa a tivesse mandado para algum lugar outra vez. Que você tivesse fugido. As possibilidades pareciam infinitas enquanto eu passava a noite inteira aqui sentada.

Alguma coisa em meu coração amoleceu.

– Você esperou por mim a noite inteira?

– Depois que cheguei aqui, não pareceu fazer sentido ir embora até descobrir o que tinha acontecido com você. – Ela se virou e pegou um atizador para remexer as brasas na lareira. – Aonde você foi?

– Precisava sair do palácio, me afastar da abadessa e de todas as suas manipulações.

– Não ajuda você estar exausta. Aqui, venha para a cama. Você precisa dormir. Conhecendo você, não deve ter dormido mais de seis horas nos últimos seis dias.

Sorri por ela ter feito um cálculo tão preciso.

– Mesmo assim, não vou conseguir dormir. Não aqui, não agora.

– Vai, sim. Essa é outra razão pela qual vim para cá. Para lhe trazer uma poção do sono.

Senti lágrimas brotarem em meus olhos. *Merde*, como eu estava me tornando uma coisa mole, chorona! Para que ela não visse, virei de costas e gesticulei para que me ajudasse a desamarrar o vestido.

– Mas e a duquesa? Você não precisa cuidar dela?

– Não por algumas horas, ainda.

Um pouco da tensão me deixou enquanto permiti que Ismae me ajudasse a me despir, como se eu fosse uma criança pequena, e depois me pusesse na cama e me cobrisse. Esperei enquanto ela derramava a poção do sono em um cálice, então a bebi. Nossos olhares se

cruzaram. Nem sabia como começar a agradecê-la. E como era Ismae, ela simplesmente disse:

– Não há de quê.

Sorri de volta para ela, e a estudei enquanto ela terminava de guardar minhas coisas. Quando começávamos a sair em missões para o convento, éramos proibidas de falar sobre elas umas com as outras. Mas Ismae não era mais tão obediente ao convento quanto antes, e eu estava faminta para ouvir sobre suas experiências, pois havia percebido que ela tinha chegado às mesmas dúvidas e aos mesmos questionamentos que eu. Comecei a puxar um fio solto nos cobertores.

– Conte-me – disse eu naturalmente –, você sabe se as Lágrimas de Mortain perdem o efeito? Ela parou de alisar o vestido que estava segurando.

– Não sei. As minhas não.

– Então você ainda vê a marca?

– Eu consigo ver a marca desde criança. Só não sabia o que era.

– Então por que elas precisaram dar as Lágrimas a você?

– Isso ampliou meus outros sentidos. De repente, eu me tornei capaz de... isso vai parecer loucura... sentir a centelha de vida das pessoas. Tenho mais consciência de seus corpos vivos e respirando, mesmo que não possa vê-los.

– Isso é um dom que *eu* tenho desde criança – disse eu. E mais de uma vez ele havia me salvado. Percebi como o dom de Ismae de ver as marcas seria inútil para mim; eu não tinha necessidade de identificar quem ia morrer, mas toda a necessidade de evitar os vivos, o que sentir seus pulsos me permitia fazer. – Imagino que você deixou aquela velha cega quase arrancar seus olhos com sua tampa de cristal perversa.

– Você não?

– Não, eu o peguei dela e fiz eu mesma.

Ismae ficou boquiaberta. Por um instante, foi como se a velha Ismae, a que venerava tudo sobre o convento e seguia todas as suas regras, estivesse de volta. Então ela riu.

– Oh, Sybella! Como eu teria gostado de ser uma aranha na parede e ter visto *isso*.

– Ela ficou muito afrontada.

– Por que você queria saber se as Lágrimas perdem o efeito? – perguntou ela com delicadeza.

Respirei fundo.

– Porque há homens que são culpados de traição, e sei pois vi com meus próprios olhos, e mesmo assim eles não têm marcas. – Ergui a cabeça e nossos olhares se cruzaram. – Se Mortain concede piedade a D’Albret e ao marechal Rieux, então acho difícil querer servi-Lo. – Não queria confessar isso a ela, mas as palavras simplesmente saíram.

Ela me estudou por um momento, então se ajoelhou ao lado de minha cama.

– Sybella – disse ela, seus olhos brilhando com uma luz misteriosa.
– Eu conheci Mortain cara acara, e a abadessa, e talvez até o convento, estão errados sobre muitas coisas.

Eu a encarei atônita, e meu coração se acelerou.

– Você O viu? Ele é real? – perguntei.

– Eu O vi, e Ele é mais bondoso e misericordioso do que você pode imaginar. E Ele nos deu esses dons! – Ela olhou para as mãos. – Não só sou imune aos efeitos de venenos como posso usar minha própria pele para extraí-los dos outros.

– Verdade?

Não houve vestígio de hesitação nem dúvida. – Sim.

Virei o rosto na direção da parede e fingi estar me encolhendo para dormir, para que ela não visse a avidez em meus olhos.

– Conte-me – sussurrei. – Conte-me sobre o nosso pai.

– Com prazer. – Ela fez uma pausa como se precisasse organizar os pensamentos. Quando voltou a falar, era como se sua voz estivesse cheia de luz. – Ele é tão cheio de bondade. E misericórdia. Não havia nada de todo o julgamento e a vingança que fomos ensinadas a esperar d’Ele. Em Sua presença, eu me senti inteira, completa de um modo que nunca havia me sentido antes.

Havia tamanha certeza em sua voz que fui tomada de inveja.

– Nós não somos simplesmente Suas servas, geradas para realizar Seus desígnios. Ele nos ama –disse ela.

A ideia era tão estranha para mim que soltei uma expressão de escárnio.

– É verdade! Pois Ele está preso nos domínios da Morte e sente grande alegria em saber que nósque nascemos de Sua semente somos capazes de abraçar a vida.

– Se é assim, então por que Ele nos faz espreitar as sombras e nos envolve em Sua escuridão?

Ela não respondeu de imediato. Dei uma olhada rápida para trás, e vi que ela estava de frente para a janela, de cenho franzido, como se procurasse ali a resposta para sua pergunta.

– Acredito que esses não são os desejos d’Ele, mas do convento.

As palavras foram como uma chuva de granizo de inverno em minhas costas. Sentei-me e olhei para ela.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que... – Ela escolhia as palavras com cuidado, como se procurasse o caminho para atravessar um córrego. – Acredito que o convento interpreta Mortain e Seus desígnios de modo equivocado. Se por ignorância ou intencionalmente, não sei.

A magnitude daquilo fez o coração se apertar em meu peito.

– Explique – disse, afastando o cabelo dos olhos para utilizar todos os sentidos que possuía e tentarentender aquela enorme revelação que Ismae havia acabado de compartilhar.

– Primeiro, Ele não insiste para que nós atuemos com vingança ou julgamento em nosso coração. Para Ele, trazer a morte é um ato de grande misericórdia e graça, pois sem ela as pessoas seriam forçadas a seguir em frente em corpos frágeis e velhos, cheias de dor, enfraquecidas. É por isso que ele nos deu a *misericorde*.

– O quê?

Ismae olhou para mim intrigada.

– Você não tem uma?

– Nunca nem ouvi falar de uma coisa dessas.

Ismae enfiou a mão nas dobras de sua saia e sacou uma faca de aparência antiga com cabo de osso trabalhado com prata.

– É um instrumento de piedade – disse ela com delicadeza. – Apenas um arranhão faz a alma deixaro corpo de maneira rápida, segura e indolor. Mas não entendo por que a abadessa não lhe deu uma.

– Talvez ela soubesse que ninguém na casa de D’Albret fosse merecedor de misericórdia. – Umacoisa era certa: ela sabia que eu não estaria interessada em oferecê-la.

Ela afastou o assunto momentaneamente.

– Mas, Sybella, descobri que Ele não nos ama pelas *ações* que desempenhamos em Seu nome. Ele nos ama porque nós somos *d’Ele*. O que decidimos fazer ou não, como decidimos servi-Lo ou não, isso jamais vai afetar esse amor.

– Ele lhe contou isso?

– Não em palavras como eu e você falamos, mas eu senti. Senti Sua graça e Seu amor me cercareme me envolverem como um rio, e Ele arrancou a ignorância de meus olhos.

– De maneira muito parecida como as Lágrimas de Mortain permitem que vejamos melhor.

– Exatamente. Só que cem vezes mais.

Estendi a mão e segurei seu braço.

– Então estávamos erradas este tempo todo? Quando assassinamos ao ver Sua marca?

– Não erradas, exatamente – disse ela devagar. – Mas eu diria que não é algo *exigido* de nós. Os que devem encontrar a Morte trazem a marca, não importa se devem morrer por nossas mãos ou por outros meios.

– Como você sabe disso? Eu matei homens este tempo todo achando estar realizando os desígniosd’Ele, quando na verdade estava seguindo algum impulso pessoal sombrio?

– Depois que fomos atacados em Nantes, voltei ao campo para

procurar sobreviventes entre oscaídos.

– Não havia nenhum – disse eu secamente. – D’Albret não deixa sobreviventes.

– Não, mas cada um daqueles soldados tinha alguma forma da marca. E os homens que eu via com amarka quando era criança... nenhum foi morto pela mão de outra pessoa. Acredito que a marca surja quando a morte de um homem está próxima, e que isso inclui a morte por nossas mãos. Acho que o erro que o convento cometeu foi sobre a natureza dessas marcas. Elas são apenas *reflexos* do que vai acontecer, não *ordens* para agir.

– A abadessa sabe disso?

– Não sei – disse Ismae lentamente. – Não sei dizer. Mas ela ficou com muita raiva quando lhesugeri a ideia. Agora durma. A manhã logo chegará. – Ela se aproximou da cama, debruçou-se sobre mim e beijou-me na testa. – Tudo o que contei a você sobre Mortain é verdade. Não duvide disso. – Então ela foi embora, e fui deixada com meu mundo virado de cabeça para baixo.

Capítulo Vinte e Nove

MESMO COM A POÇÃO PREPARADA por Ismae, meu sono foi irrequieto e irregular. Não conseguia parar de lembrar tudo o que ela acabara de me contar, e minha mente se esforçava para reformular o mundo – e meu papel nele.

Não tinha certeza se acreditava nela, pois Ismae sempre era propensa a ver Mortain e o convento sob a melhor das luzes. Mesmo assim, aquilo tinha me dado muito em que pensar.

Quando acordei, minha cabeça estava tão pesada e confusa que levei um instante para me dar conta de que havia alguém batendo. Lutei para escapar do emaranhado de cobertas, levantar e cambalear até a porta. Eu a abri um centímetro e olhei para fora. Um pajem de libré aguardava. Para ser justa com ele, seus olhos relancearam minha aparência desmazelada apenas uma vez antes de voltar a meu rosto e ali permanecer.

– A duquesa a convida cordialmente a se juntar a ela em seu solário assim que lhe for conveniente, *demoiselle*.

O rapaz fez uma reverência jovial. Antes que pudesse ir embora, pedi a ele que enviasse uma criada para me ajudar.

A convocação tinha afastado as últimas teias de sono de minha mente, e eu estava preocupada com o que a duquesa desejava de mim. Será que iria me banir de sua corte, agora que conhecia minha origem? Ou tentaria arrancar mais segredos de mim?

Se fosse isso, o que eu diria a ela? Pois ela, mais que qualquer um, tinha todo o direito de conhecer tanto os atos de seu súdito mais traiçoeiro como a natureza do homem com quem muitos gostariam que ela se casasse.

O que quer que ela desejasse, provavelmente haveria apenas ela e suas damas de companhia no solário, por isso eu ainda não teria de encarar a Fera. Ismae havia me perdoado com facilidade; entretanto, minha família nada tinha feito contra ela ou aqueles a quem amava. A traição da Fera por minhas mãos ia muito mais fundo que um segredo não compartilhado entre amigas de infância.

Quando a criada chegou, eu já havia me lavado com a água que restava no jarro, sua frieza ajudando a recompor meu raciocínio. Vesti o segundo vestido que Ismae me emprestara: um simples, de seda

negra com linhas severas. Pus minha granada pesada e meu crucifixo de ouro na corrente grossa em torno da cintura e me considerei pronta. Pelo menos, o mais pronta que poderia ficar.

A própria criada me conduziu ao solário da duquesa, que ficava dois andares acima de meus aposentos. Ela murmurou meu nome para a sentinela de serviço, que deu um aceno e abriu a porta, me anunciando.

– Entre! – chamou a voz jovem da duquesa. Com cautela, entrei no aposento, piscando contra toda aquela luz dourada do sol que entrava pelas barras das janelas.

A duquesa estava sentada perto de um sofá, cercada por três damas de companhia. Enquanto elas me olhavam discretamente, fiquei me perguntando se a notícia de meu parentesco já tinha viajado até seus ouvidos delicados. Ou o conselho estava tratando aquilo como um segredo a ser guardado?

Uma menina, com não mais de dez anos, estava recostada no sofá, parecendo frágil e pálida.

– Lady Sybella! – A duquesa acenou para mim. Entrei mais no aposento, satisfeita por ela não ter usado meu sobrenome. Enquanto me abaixava em uma reverência profunda, reforcei-me por ela provavelmente não ter me levado até ali para me censurar diante da irmã mais nova.

– Venha. Sente-se conosco. – Ela pôs a cadeira vazia entre si mesma e o sofá, e percebi que aquela convocação tinha sido um convite. Uma declaração aberta de aceitação. Fiquei mortificada diante da grande bondade que ela estava demonstrando por mim.

– Mas é claro, Sua Graça.

Ignorei os olhares de suas damas e fui até a cadeira indicada pela duquesa. Quando sentei, ela tornou a sorrir para mim.

– Pensei em convidá-la para costurar conosco, então lembrei que provavelmente você não pensou em trazer suas sedas de bordar ao deixar Nantes.

Sorri de sua piada delicada.

– Não, Sua Graça, não trouxe.

Uma das damas se debruçou, com o cenho franzido.

– O que achou de Nantes, *milady*?

A duquesa olhou para sua acompanhante e sacudiu a cabeça, com um olhar na direção da irmã. A moça assentiu em compreensão.

– Está tão magnífica como nunca, faz jus à casa de Monfort – eu disse, e a duquesa relaxou um pouco.

– *Demoiselle*, não acho que já tenha conhecido minha irmã. Isabeau, querida, essa é lady Sybella, uma grande aliada nossa.

Suas palavras fizeram um rubor subir até minha face – eu, que nunca corava! – e virei-me para cumprimentar sua irmã de maneira

adequada. A pele da menina parecia quase translúcida, e seus olhos grandes espiavam de um rosto pálido e magro. E seu coração, ah, seu coração batia lentamente, fraco, como se pudesse parar a qualquer momento. Ela me lembrava demais minha irmã mais nova, Louise, que sempre lutara contra uma saúde frágil. Novamente fiquei grata por minhas duas irmãs estarem enfiadas nas propriedades mais remotas de meu pai, longe de suas armações políticas e influência.

Não gostando de todas as memórias dolorosas que a jovem princesa despertou, endureci o coração contra ela, mas, no fim, ela era tão pequena, fraca e encantadora que não pude evitar gostar dela. Seu bordado jazia esquecido em seu colo, e ela puxava o corpete como se achasse difícil respirar. Para distraí-la, pedi um pedaço de seda de bordar vermelha da duquesa, então ocupei meus dedos.

O gesto captou imediatamente a atenção de Isabeau.

– O que está fazendo, *milady*? – Ela esticou o rosto para a frente para ver melhor.

– Estou fazendo uma cama de gato, um quebra-cabeça de linha. – Com mais alguns giros de meus dedos, o fio vermelho tomou a forma de um cavalete. O rosto da princesa se iluminou, e sua boca fez um biquinho de prazer.

– Agora, aperte com os dedos onde os fios se cruzam de cada lado – disse a ela.

Ela olhou de relance para a duquesa, que balançou a cabeça dando permissão, então estendeu dois dedos magros e apertou hesitantemente os fios cruzados.

– Pronto? – perguntei.

Ela olhou para mim, depois de volta para os fios. Então, assentiu com a cabeça.

– Aperte com força – disse eu. – Puxe as mãos para o lado, depois passe-as de volta por baixo das minhas.

Mordendo os lábios em concentração, Isabeau fez como eu instruí. Foi desajeitada, mas, quando terminou, tinha transferido a cama de gato para suas próprias mãozinhas, e seu rosto se iluminou com triunfo e prazer.

– Ah, muito bem – murmurou a duquesa.

Eu sorri para Isabeau, que sorriu de volta. Ela não estava mais repuxando o corpete, e seu coração estava batendo com um pouco mais de firmeza. Isso também acontecia com Louise. Sua própria doença a deixava ansiosa, o que por sua vez a fazia se sentir pior. Com a força do martelo de um ferreiro, passou por minha mente o pensamento de que eu poderia jamais tornar a ver Louise ou Charlotte. Não depois de trair D’Albret.

– *Demoiselle*? – perguntou a duquesa, debruçando-se para a frente com o cenho franzido de preocupação. – Você está bem?

– Sim, Sua Graça. Só tentando lembrar outro truque com a linha. – Forcei todos os pensamentos sobre minhas irmãs de volta para a pequena caixa apertada no fundo de meu coração, a amarrei outra vez com correntes e a tranquei bem.

Passei a hora seguinte ensinando Isabeau a fazer o truque enquanto a duquesa conversava baixo com suas damas. Sem ser observada, tentei lembrar e formar uma opinião sobre cada uma delas. Há quanto tempo a duquesa as conhecia? Quão leais elas eram? Não reconheci nenhuma de Guérande, o que sugeria que elas deviam ter sido selecionadas entre as famílias nobres de Rennes. Precisávamos ter esperança de que fossem mais leais que as outras damas e criadas da duquesa haviam sido.

Elas, por sua vez, me observavam, seus olhares como insetos pequenos me picando. Eu não sabia dizer se era mera curiosidade ou se havia conhecimento e reprovação em seu olhar.

Quando chegou a hora do jantar, as damas guardaram suas costuras. Naquela noite, Isabeau teve permissão de comparecer, pois a duquesa havia concordado com uma apresentação de menestréis, que, ela achava, iria agradar à irmã.

Deixamos o solário, e a duquesa fez uma das outras damas acompanhar Isabeau enquanto ela seguia ao meu lado. Ela reduziu um pouco o passo, e eu também tive de alterar meu ritmo para não passar à frente e a deixar para trás. Quando não havia ninguém perto o bastante para ouvir, ela se inclinou levemente em minha direção.

– *Demoiselle*, gostaria que soubesse que eu lhe sou grata por seu sacrifício, pois enfrentar sua família, não importa com que justificativa, não é fácil. Também gostaria que soubesse que não duvido de uma palavra sequer que nos contou. Na verdade, tudo se encaixa perfeitamente com o que eu e meu irmão sentimos há muito tempo. Lamento apenas por você ter precisado descobrir tudo isso pessoalmente. – Com isso, ela apertou meu braço com delicadeza, depois voltou a conversa para os menestréis e o que tinha ouvido sobre seus talentos. Não escutei nada do que ela disse; estava ocupada demais me aferrando àquela pequena pepita de confiança que ela me dera.



O grande salão em Rennes podia ser menor que o de Nantes, mas era igualmente opulento. Os painéis de madeira ricamente entalhados eram decorados com tapeçarias grossas, refinadas e coloridas, e o local era iluminado pelo brilho de grande quantidade de velas. O aroma

misturado de rosa, almíscar, cravo e âmbar cinza pairava pesadamente no ar, e senti a batida de uma dezena de corações. Foi, em todos os significados da palavra, uma agressão aos meus sentidos. Pior ainda: todos no salão estavam contaminados pela euforia, e os modos alegres dos convivas fizeram com que eu me sentisse desconfortável. Não era sábio da parte deles ficarem tão felizes, pois os deuses sentiriam o desejo de nos humilhar.

A primeira coisa que fiz foi procurar pela Fera, mas o brutamontes feioso não estava ali. Meu corpo inteiro relaxou de alívio, pois eu não ansiava por passar uma noite inteira tentando ignorar sua ira. Sem falar que estava quase certa de que sua fúria contínua iria queimar minha pele.

Entretanto, o restante do conselho estava presente. A cabeça da abadessa e do bispo estavam juntas enquanto os dois sussurravam. Como se sentisse meu olhar, a abadessa ergueu os olhos e me cumprimentou com um aceno frio de cabeça. Fiz uma breve reverência, mas não fui até ela.

O sério capitão Dunois estava profundamente envolvido em uma conversa com o chanceler, suas sobranceiras pesadas e franzidas deixando-o ainda mais parecido com um urso. Com a intenção de testar sua reação a mim, agora que ele sabia quem eu era, eu me aproximei.

Quando me viu, ele me cumprimentou com um aceno de cabeça distraído. Ou talvez tenha sido um aceno frio, como o da abadessa, um modo de desestimular minha aproximação. Eu não o conhecia bem o suficiente para saber. Apesar de também não conhecer o chanceler Montauban, o desprazer em seu olhar era inconfundível. Ele não fez qualquer esforço para escondê-lo.

Quando virei o rosto, avistei uma figura pequena e encolhida bem do lado de fora da porta. Era Yannic, que a Fera, sem dúvida, havia enviado para espionar meus movimentos.

Furiosa, virei-me e procurei pelo salão por alguém com quem pudesse conversar, para provar que eu não estava me lastimando por sua causa. Nem era a pária que, sem dúvida, ele desejava que eu fosse.

O primo da duquesa, Jean de Chalon, estava a apenas alguns passos de mim. Quando nossos olhares se cruzaram, ele sorriu, o que me surpreendeu um pouco, pois, da última vez que havíamos nos encontrado, ele parecera mais distante e reservado. Mas ele era bonito e nobre, e daria uma boa história para Yannic levar de volta para seu mestre. Sorri para Chalon, um sorriso mais cheio de mistério que brilho, pois ele não era um homem para ser atraído com truques simples.

Ele se aproximou e fez uma reverência.

– A senhorita parece solitária, *demoiselle*.

– Ah, não solitária, milorde. Simplesmente escolho minhas companhias.

– Uma dama atrás de meu próprio coração. – Ele pegou um cálice de vinho de um pajem que passou e o deu para mim. Quando fui pegá-lo, deixei que meus dedos tocassem os dele, e senti seu pulso se acelerar de interesse.

Rezei para que Yannic estivesse vendo tudo aquilo, pois era sacrifício demais se não estivesse.

Chalon me lançou um olhar faminto. Ele não era um homem sem atributos: alto, com músculos flexíveis e a arrogância graciosa esperada em um príncipe. Mas, olhando para ele, flertando com ele, eu não sentia... nada. Era crueldade minha usá-lo daquele jeito, pois eu não desejava sua afeição, apenas sua atenção, e apenas por tempo suficiente para provocar uma impressão em Yannic. Murmurei coisas sem sentido por mais um momento, depois conferi para ver se o pequeno escudeiro da Fera estava observando. Mas ele tinha desaparecido, e finalmente pude encerrar aquele jogo, pois Chalon era muito cortês e enfadonho, e uma criatura bonita demais para cativar meu interesse.

O único outro prazer disponível naquela noite foi ver a jovem Isabeau e sua alegria cândida e descomplicada com a música. Ela estava com as mãos entrelaçadas, os olhos brilhando. Mas, enquanto a observava, novamente lembrei-me de Louise e Charlotte, e do quanto sentia saudade delas. Não as via fazia quase um ano, não desde que meu terror por sua segurança fizera com que as afastasse de meu coração, de minha mente.

Isabeau era uma lembrança dolorosa de tudo do que eu tive de abrir mão, tudo o que havia perdido. Apesar de o salão estar cheio de gente, sentime de repente cercada por um fosso de solidão. Olhei ao redor, à procura de Ismae, mas ela havia deixado o lado da duquesa e estava aproveitando um momento de tranquilidade com Duval. E, embora não sentisse raiva dela pelo amor que havia encontrado, enchi-me de inveja, pois sabia que essa chance estava perdida para mim.

Capítulo Trinta

NA MANHÃ SEGUINTE, FUI CONVOCADA para mais uma reunião do conselho, o que me deixou desconfortável, pois a única coisa que o conselho podia querer comigo era me interrogar mais sobre o tempo que passara na casa de D'Albret. Sem falar que ainda estava morrendo de medo de me encontrar com a Fera. Eu preferiria fazer qualquer coisa a enfrentar as acusações em seus olhos: sofrer uma das repreensões da abadessa, entrar em um dos jogos sórdidos de Julian, até me submeter a um dos castigos de D'Albret. Mas, embora eu fosse muitas coisas, covarde não era uma delas. Assim, com o coração batendo furiosamente em meu peito, aprumei os ombros, empinei o nariz e entrei no salão de cabeça erguida. Seria preciso menos coragem para saltar das muralhas de Nantes.

O rosto da Fera estava calmo, e seus lábios estavam tomados por um sorriso tranquilo, mas seus olhos queimavam com o azul-claro da chama mais quente, e o olhar que me lançou teve toda a força de um golpe físico. Sorri vagamente para ele, depois virei-me para os outros.

Eram os mesmos conselheiros de antes. Estavam até sentados nos mesmos lugares – menos a abadessa, que agora estava sentada à mesa em vez de escondida no canto da sala.

– E aqui está lady Sybella. – A voz da duquesa era quente e receptiva, e me deu uma dose decoragem enquanto eu me sentava.

– Infelizmente as últimas notícias são terríveis – disse Duval. – Os franceses estão em marcha. Elestomaram Guingamp e Moncontour.

A duquesa apertou os braços de sua cadeira. Seus dedos ficaram brancos.

– E as baixas?

– Até onde pude determinar, os franceses não enfrentaram muita resistência organizada. Os cidadãos locais, preocupados com as cidades, rapidamente as entregaram, e eles lidaram facilmente com os pequenos bolsões de protesto.

A duquesa encarou o vazio ao longe.

– Eles estão tão perto! – disse ela. – E as tropas inglesas? Estão perto também?

– Mais más notícias, infelizmente. – A voz de Duval estava amarga.

– Uma série de tempestades nacosta de Morlaix impediu os ingleses de

desembarcar. Esses seis mil homens chegarão atrasados.

– Quanto tempo vai levar para as tropas inglesas chegarem a Rennes depois de alcançarem a costa?

– Pelo menos uma semana, Sua Graça.

– Há algum sinal de que os franceses vão atacar antes disso?

Duval respondeu dando de ombros.

– É difícil dizer. Eles parecem estar parados um pouco depois de nossas fronteiras, fazendo incursões e enviando pequenos grupos de batedores, mais nada. Exceto pelo ataque a Ancenis e eventuais saques de provisões, não houve relatos de lutas.

O capitão Dunois tamborilou os dedos no queixo.

– Eu gostaria de saber o que eles estão esperando.

– Que nós rompamos o Tratado de Verger, é tudo o que posso imaginar – disse Duval. – Tivemos muita aspereza entre a regente francesa e nossa própria política, mas respeitamos as normas do Tratado. Pelo menos, por cima dos panos – acrescentou com um sorriso malicioso.

– Você acha que eles sabem de nossas negociações com o Sacro Imperador Romano? – A testa daduquesa estava vincada de preocupação.

Duval refletiu.

– Desconfiam, sim. Mas se eles *sabem*? Eu acho que não. Se tivessem certeza da existência desse acordo de casamento, a esta altura já teriam usado isso como desculpa para atacar.

– É verdade – concordou o capitão Dunois. – Acho que é demais esperar que, se o conde D’Albret resolver marchar sobre Rennes, ele encontre os franceses e eles eliminem uns aos outros.

Duval deu um sorriso triste.

– Quem dera tivéssemos essa sorte. – Ele fez uma pausa para olhar para as mãos, depois encarou airmã nos olhos. – Dizem que más notícias sempre chegam em três, Sua Graça. – Parecendo capaz de cometer um assassinato alegremente, Duval deu o golpe final. – Recebemos uma carta do conde D’Albret.

Todos os olhos no aposento se voltaram para mim. Ignorei o gume afiado de seus olhares e me concentrei totalmente em Duval e na duquesa, como se estivéssemos tendo uma conversa particular.

– Ele sabe que Fera está aqui? – perguntei.

– Ele não indica isso. O propósito da carta é pedir que a duquesa reconsidere honrar seu acordo de casamento, ou ele vai ser forçado a fazer algo de que ela não vai gostar.

– Cercar a cidade – murmurei.

Duval balançou a cabeça, concordando.

– Ele não diz isso abertamente, mas também é minha suposição.

A duquesa, que tinha ficado pálida com as notícias, se recompôs.

– E o Sacro Imperador Romano? Teve notícias de quão desesperada é a nossa situação?

– Teve. Ele vai mandar dois auxiliares para nos ajudar. – A voz de Duval estava mais seca que oauge do verão.

– Dois auxiliares? – perguntou o capitão Dunois. – Ele está falando sério? Tão poucos, e nemmesmo soldados profissionais?

– Infelizmente. Ele também sugere que realizemos a cerimônia de casamento por procuração pararesolver logo isso.

Jean de Chalon se remexeu desconfortavelmente em sua cadeira. Era de seu senhor que eles estavam falando, e talvez ele sentisse que suas lealdades estivessem ficando divididas.

– Tenho certeza de que ele está fazendo o possível. Ele está muito ocupado com a guerra contra aHungria.

Duval não se dignou a responder. A boca da duquesa se estreitou em desaprovação, mas ela não contradisse o primo, apesar de eu ter certeza de que teve vontade de fazê-lo.

– Um casamento por procuração por acaso vale aos olhos da Igreja? – perguntou ela ao bispo.

– Sim, se for feito corretamente.

– Mas ainda não teremos suas tropas para defender a aliança – observou o capitão Dunois.

– E mercenários? Seria muito difícil trazer companhias de mercenários até aqui?

– Não muito difícil. – A voz de Duval era gentil, como se quisesse retirar o gume das palavras que se seguiram. – O que se apresenta como problema, Sua Graça, é que não temos dinheiro para pagálos.

Ela olhou para ele por um instante, sem qualquer expressão.

– Nenhum? – murmurou. Então olhou para seu chanceler.

Ele confirmou a afirmação de Duval:

– Infelizmente, não, Sua Graça. Os cofres do ducado foram esvaziados pelas guerras contra osfranceses ao longo dos dois últimos anos. O tesouro está vazio.

A duquesa levantou de sua cadeira e começou a andar de um lado para o outro diante do fogo. Ela estava praticamente sem opções, e devia saber disso. – E minhas joias de família? A prataria? A coroa... O bispo levou um susto, horrorizado.

– Não a coroa, Sua Graça!

– Ela valeria dinheiro suficiente para pagálos?

– Sua Graça, algumas dessas joias estão em sua família há gerações – disse Chalon. Não conseguievar me perguntar se ele mantinha registro do que herdaria se alguma coisa acontecesse com a duquesa.

– Joias podem ser substituídas, primo. A independência, depois de perdida, não.

O salão ficou em silêncio enquanto o grupo digeriu suas palavras,

então a Fera inclinou-se para falar pela primeira vez.

– Há algumas pessoas que lutariam de graça do nosso lado – disse para eles.

– Quem? – perguntaram ao mesmo tempo o capitão Dunois e o chanceler Montauban.

– Os carbonários.

– Não temos tempo para brincadeiras – disse o chanceler em tom de reprovação.

Fera o encarou.

– Não estou brincando. Além do mais, eles já concordaram em lutar do nosso lado.

– Eles não passam de excluídos, rufiões que sobrevivem à míngua na floresta. Será que sequersabem segurar uma espada? – perguntou Montauban.

– Eles não lutam com táticas convencionais, mas com a arte da emboscada e da surpresa.

O chanceler Montauban abriu a boca para discutir, mas Duval o interrompeu.

– Não acho que estejamos em posição de recusar nenhuma oferta – disse ele. – Fera e eu vamos discutir isso depois.

A abadessa de St. Mortain rompeu o silêncio desconfortável que se seguiu.

– E os homens de D’Albret? – Foram apenas anos de prática que me impediram de demonstrar medo ao ouvir suas palavras, pois, embora ela tivesse feito a pergunta para o capitão Dunois, eu sabia em meus ossos que se dirigia a mim. – O senhor conseguiu encontrar algum dos sabotadores? – perguntou ela.

O capitão sacudiu a cabeça.

– Não. Há tantos soldados na cidade, vindos de tantos lugares do país, que não conheço todos eles. Comecei a avisar os comandantes de guarnição para ficarem atentos, mas há mais de oito mil homens, e mais de vinte lugares nos quais poderiam ajudar as forças principais de D’Albret a romper nossas defesas. Isso vai demorar.

Mais uma vez, pude sentir o peso imenso do olhar da Fera sobre mim. Não sabia se era o seu olhar, as farpas veladas da abadessa ou meu desejo de apagar um pouco a marca de D’Albret em mim mesma, mas, sem pensar direito, disse:

– Eu poderia identificá-los.

Todos os olhos se voltaram para mim. Senti um olhar em especial mais penetrante que vidro quebrado.

– Você? – perguntou a abadessa.

– Quem melhor?

A duquesa se inclinou, seus olhos sérios.

– Você não precisa fazer isso. Já se pôs em perigo demais.

– Minha irmã tem razão. Além disso, em termos práticos, se eles a vissem, poderiam revelar seu segredo – disse Duval.

Dei um aceno, concordando.

– Mas eles não precisam me ver para que eu os identifique. Não é uma coisa difícil vestir um disfarce.

Fera falou pela primeira vez. Sua voz trovejou na sala pequena.

– Não tenho certeza se isso seria aconselhável – disse ele.

Minha cabeça ergueu-se bruscamente. Sua discordância foi como um soco em meu estômago, pois embora eu soubesse que ele estava com raiva de mim, não tinha percebido que sua recém-descoberta desconfiança era tão profunda.

– Não vejo outra escolha se desejarmos ter a vantagem nessa situação.

– Há sempre uma escolha. – Fera afastou os olhos de mim e se dirigiu aos outros. – Acho uma ideia ruim.

– O senhor não me acha capaz, milorde?

Suas mãos agarraram os braços da cadeira com tanta força que foi uma surpresa a madeira não se partir.

– Sei muito bem que é extremamente capaz, *milady*. O que não sei é se o custo vai compensar os riscos.

– E que riscos seriam esses, milorde? – Minhas palavras escorreram com uma doçura tão falsa quanto educada.

Ele não disse nada, mas me encarou do outro lado da mesa. O ódio que demonstrava era tão doloroso quanto eu temia.

– Se o senhor não confia em mim...

– Claro que ele confia, *milady*! Não fosse pela senhorita, ele ainda estaria apodrecendo em uma masmorra, ou pior.

– Fico muito satisfeita por alguém lembrar – murmurei. Respirei fundo para me tranquilizar, quando tornei a falar, minha voz estava calma. – Se não confiam em mim, ou se estão preocupados demais com os *riscos*, o capitão pode mandar os homens que quiser para me acompanharem. Na verdade, o plano só vai funcionar se ele fizer isso, pois um homem pode ficar perto do traidor e seguir seus movimentos, enquanto eu não posso. – Meu olhar e o da Fera ficaram presos um no outro por um longo instante.

O capitão Dunois começou a esfregar o queixo outra vez, um sinal seguro de que estava pensando profundamente.

– Não vejo como pode fazer algum mal. E, embora odeie pedir isso a você, *é enervante saber* que os agentes dele estão à espreita pela cidade à espera de suas ordens. Podemos começar pelas companhias livres e os voluntários. Esses seriam os lugares mais fáceis para um homem entrar sem ser notado.

– Eu concordo, capitão. Então está decidido. Como vamos fazer isso? – Passamos quase uma hora estabelecendo um plano. O tempo

todo eu podia sentir a abadessa me observando. Sua insatisfação me intrigava um pouco. Afinal, eu não tinha feito exatamente o que ela desejava, mostrando como o convento podia ser de grande ajuda em momentos como aquele? Mas talvez apenas ela tivesse permissão de oferecer esse tipo de ajuda.

Quando o plano finalmente ficou pronto, a Fera estava pálido, eu não sabia se pelos ferimentos ou de raiva. Quando levantamos para sair, a abadessa deu dois passos em minha direção, os lábios apertados em uma linha reta. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a duquesa chamou: – Lady Sybella?

– Sim, Sua Graça?

– Pode me fazer companhia esta tarde? Tenho algumas coisas que gostaria de conversar com asenhorita.

Meu coração bateu mais leve com esse adiamento que ela me concedeu.

– Mas é claro, Sua Graça. – Sem olhar para a abadessa, saí do aposento atrás da duquesa.

Capítulo Trinta e Um

—EU ACHO QUE SUA ABADESSA não ficou satisfeita com o serviço que você nos ofereceu na reunião.

— Ela pareceu extremamente contrariada. Perdoe-me se me excedi, Sua Graça. Desejava apenas ajudar de alguma forma. É minha família, afinal de contas, que a está atormentando tanto.

Para minha grande surpresa, a duquesa parou de andar e me segurou pelo pulso.

— Não — disse ela com firmeza. — Eu não a considero responsável pelas ações do conde D’Albret.

Se a considerasse, não seria eu também responsável pelo que ele fez em meu nome?

Fiquei olhando para ela em silêncio, pois não tinha resposta a lhe dar.

— Conte-me — ela sussurrou, as mãos se retorcendo em um nó. — Conte-me sobre os que morreram em Nantes. Conte-me para que eu possa honrar sua memória e o sacrifício que fizeram.

Naquele momento, minha admiração crescente se transformou em respeito. Ela aceitava não apenas o poder e o privilégio de governar, mas também a dolorosa responsabilidade.

— Os nobres foram primeiro. Seu senescal, Jean Blanchet, tentou organizar uma defesa do palácioducal, mas foi traído por sir Ives Mathurin. Sir Robert Drouet caiu em batalha, assim como vinte e quatro homens cujos nomes desconheço. Os moradores da cidade ficaram confusos. Eles ficaram inclinados a confiar no marechal Rieux quando ele disse que falava em seu nome. Só quando os nobres agiram contra ele o povo percebeu seu erro, mas era tarde demais, pois já tinham aberto os portões da cidade e permitido a entrada deles. D’Albret mandou suas tropas saquearem e aterrorizarem os cidadãos importantes primeiro, para enfraquecer qualquer determinação que pudessem ainda ter e esmagar qualquer desejo de se erguer contra ele. Funcionou.

“Os criados foram os mais leais. Eles a conheciam e serviam desde que Sua Graça era bebê. Allixis Baron, seu contador; Guillaume Moulner, o ourives; Jehane le Troisne, o boticário; Pierre, o mensageiro; Thomas, o porteiro; uma lavadeira; mais de dez arqueiros

da guarda; seu mestre da despensa; a cozinheira; duas copeiras; metade da guarda palaciana. Todos morreram com seu nome nos lábios e honra no coração.”

Seus olhos estavam arregalados e cheios de lágrimas, e mais uma vez me espantei por ela ter apenas treze anos de idade. Mais nova que eu quando cheguei ao convento.

Não, eu nunca tinha sido tão jovem.

Disse a única coisa em que pude pensar para confortá-la, e, no fim, nem era um grande conforto.

– Os traidores Julliers, Vienne e Mathurin estão mortos, Sua Graça. Eles pagaram o preço final por seus crimes.

Ela ergueu o rosto, seus olhos brilhando de fúria.

– Bom – disse ela. – Se Mortain ordenasse você a matar todos os traidores, eu ficaria muito satisfeita.

Ela achava que eu tinha matado todos eles sob ordens de Mortain. Não expliquei que uma das mortes tinha sido cometida pelo ciúme distorcido de meu próprio irmão.



A abadessa sugeriu que eu me passasse por puta para procurar pelos sabotadores, mas o capitão Dunois, apesar de toda a sua rudeza exterior, tinha um coração cavalheiresco. Não concordou com a ideia. Sugeriu, em vez disso, que eu me disfarçasse de lavadeira, e observou, com bastante bom senso, que uma lavadeira tinha uma desculpa igualmente legítima para se misturar com os soldados. Além disso, muitas delas negociavam tanto a lavagem de roupa como favores, então, se houvesse necessidade, eu poderia facilmente me passar por prostituta.

A abadessa contou como uma nova coisa contra mim o capitão Dunois se opor a seu plano, mas não foi coisa minha.

Eu me aproximei do espelho prateado e apliquei traços pequenos e suaves de carvão em minhas sobrancelhas, tornando-as grossas e disformes. Em seguida, peguei um pedaço ainda menor e criei rugas de cansaço em meu rosto, e depois pus uma leve sombra de carvão sob os olhos para parecer exausta de meu trabalho. Terminei a transformação com uma mancha de cera preta nos dentes. Na verdade, mal podia esperar para ser outra pessoa por algum tempo, mesmo uma pobre lavadeira desmazelada. Alguém que não deixava sofrimento nem traição em seu rastro. Claro, a oportunidade de frustrar D’Albret era igualmente bem-vinda.

Peguei um punhado de cinzas na lareira e esfreguei-as no cabelo,

deixando-o um ou dois tons mais claro e com aspecto muito mais grosseiro. Mas eram minhas mãos que apresentavam o maior desafio, pois, mesmo com meu trabalho recente com os cataplasmas, elas eram mais delicadas e macias do que deveriam ser as de uma lavadeira. Para corrigir isso, eu as enfiei em uma solução forte de sabão de lixívia por quase duas horas. Elas ficaram vermelhas, esfoladas e rachadas, e doíam igualmente.

Eu estava muito satisfeita com meu disfarce.

– Ninguém nunca vai reconhecer você – disse Ismae de onde estava sentada na cama.

– É essa a ideia – respondi com ironia.

– Mesmo assim, a transformação foi mais completa do que qualquer um poderia ter imaginado. – Ela levantou e me trouxe uma touca de linho para o cabelo. Era velha e puída, mas limpa demais, por isso a sujei nas cinzas da lareira. Depois de terminar, ela a pôs em minha cabeça e me ajudou a prender o cabelo por baixo dela.

– Pronto. – Ela se afastou para ver o efeito completo. Sua fronte se franziu de preocupação. – Você vai tomar cuidado, não vai?

– Tenho quase meia dúzia de facas por baixo deste vestido de lavadeira. – Duas presas em minhacintura, uma em cada coxa e mais uma oculta em minhas costas. Eu me sentia quase nua sem as facas em meus pulsos, mas soldados podiam ser um tipo pegajoso e eu não podia arriscar que descobrissem o aço sólido e pesado. – Estou pronta – disse.

Ela deu um passo em minha direção, as mãos entrelaçadas à sua frente.

– Tome cuidado – implorou.

Tocada por sua preocupação, pois era uma das poucas pessoas que realmente se preocupavam comigo, dei um rápido abraço nela.

– Vou tomar, mas lembre-se. Esses são apenas homens de D’Albret, não o próprio D’Albret. Eles não são páreo para mim.

De algum modo tranquilizada, ela sorriu.

– Então muito bem. Vamos procurar o capitão Dunois.

Encontramos o capitão à minha espera no corredor principal. Duval e a abadessa estavam com ele. Fiquei dividida entre mostrar à abadessa como podia desempenhar bem aquela tarefa e entre não desejar expor meus talentos a mais nenhuma de suas tramas ou intrigas.

– Meu Jesu – balbuciou o jovem capitão. – Eu nunca a teria reconhecido.

Dunois queria me acompanhar pessoalmente em minha busca, mas isso teria chamado atenção demais para minha presença. Em vez disso, ele passou a tarefa para o comandante de Rennes, Michault Thabor, e alguns de seus homens de maior confiança.

Eu depositava menos confiança neles que Dunois, mas era o melhor que podíamos fazer sob aquelas circunstâncias.

Então chegou a hora de ir. Meu coração palpitava de antecipação, e a emoção de uma nova aventura formigava em meus membros. Sentindo-me atrevida, virei-me para a abadessa.

– A senhora não vai invocar a bênção de Mortain para nossa missão, madre superiora? – Apesar de ter perguntado para irritá-la, percebi que teria apreciado Sua bênção, apesar de Ele e eu estarmos em conflito naquele momento.

Suas narinas se dilataram de irritação, mas ela inclinou a cabeça e pôs a mão sobre meus cabelos cobertos pela touca.

– Que Mortain a guie e a mantenha em Seu abraço sombrio – recitou, removendo rapidamente a mão logo em seguida. Mesmo assim, me senti de algum modo mais calma, como se de certa forma Mortain a tivesse ouvido, apesar de sua má vontade.

Deixamos o palácio pelos alojamentos dos criados, mas, como era tarde, quase todos estavam na cama, e nossa saída passou despercebida.

Lá fora, um asno de aspecto horrível aguardava com dois cestos, um de cada lado. Até os tinham enchido de roupas.

O comandante Thabor falou comigo em voz baixa.

– Identificamos todos os pontos vulneráveis da cidade: as torres dos portões, as poternas, as pontes, a cisterna e os portões ao longo do rio.

– Excelente. E as patrulhas?

– Dobramos a vigilância ao longo das muralhas da cidade e aumentamos o número de patrulhas em sua base.

– Por onde sugere que comecemos? – perguntei.

– O portão leste, e de lá percorremos os outros portões.

– Muito bem. Pode ir na frente.

Thabor assentiu com a cabeça e saiu caminhando à frente com determinação enquanto seus homens se espalhavam para não parecer que estávamos juntos. Não seria bom para mim ser vista com eles, pois que negócio o capitão da cidade teria com uma lavadeira? Eu sabia que devia me tranquilizar ser acompanhada pelos guardas, mas a pele entre meus ombros se arrepiou, o que me esforcei para ignorar.

As ruas da cidade estavam quietas, pois todos os cidadãos inteligentes ou respeitáveis tinham fechado suas portas e janelas e ido para a cama havia muito tempo. Enquanto seguíamos pelas ruas cheias de casas inclinadas umas contra as outras como bêbados, o ruído dos cascos do burro ecoava pelas pedras do calçamento e soava alto em meus ouvidos. Entretanto, se as pessoas nos ouviram, apenas se encolheram mais em suas camas ou se asseguraram de que suas portas estavam trancadas.

As construções foram se tornando cada vez menores e mais

sórdidas à medida que nos afastávamos do palácio. Lojas pobres e tavernas apertadas se intercalavam com casas pequenas, e as ruas ali eram mais barulhentas. Finalmente chegamos à trilha militar que acompanhava a muralha da cidade.

Passamos por três pequenas torres de vigia antes de finalmente chegarmos à torre do portão leste. O comandante Thabor passou como se estivesse seguindo apressado para resolver algum assunto pessoal, mas ia encontrar uma sombra onde esperar por mim.

Ainda conduzindo o burro, caminhei até a torre e parei bem em frente à porta. Ouvi o som de vozes murmurantes enquanto os vigias se distraíam contando histórias. Ergui um dos cestos das costas do burro e o segurei nos braços, então me dirigi à porta. O guarda de serviço observou minha aproximação com olhos preguiçosos.

– O que você quer? – perguntou ele.

– Estou procurando Pierre de Foix. – Era o nome de um soldado que tinha ficado doente com diarreia e naquele momento estava de cama na enfermaria. Com certeza, não estaria em serviço.

– Ele não está aqui, então pode seguir seu caminho.

Meus olhos brilharam tanto de irritação que nem tive de fingir. E bati na cesta de roupa, aborrecida.

– Ele me deve quatro *sous* por lavar sua roupa. Não faço esse trabalho de matar por piedade. – Dei um passo na direção dele, estreitando os olhos, desconfiada. – Ah, talvez seja isso. Talvez Pierre tenha perdido todo seu dinheiro nos dados. Como posso saber que você não o está escondendo, hein? Acho que ele gastou todo o dinheiro dele no jogo e não quer me pagar por meu trabalho honesto.

– Trabalho honesto – escarneceu o guarda.

Como uma mulher grosseira, fui impiedosa.

– Ele me disse que estaria de serviço esta noite neste posto. Por que iria mentir? A menos que estivesse tentando me enganar? Vou dedurá-lo pro seu capitão.

Antes que eu pudesse continuar, o guarda estendeu a mão, segurou meu braço livre e me puxou para perto.

– Não me chame de mentiroso, vadia, ou vou ter de castigar você. Aqui, veja. – Ele me empurrou pela porta da torre e me segurou lá dentro. – Veja com seus próprios olhos que o homem que você procura não está aí, depois vá embora.

Rezando para que os homens de Thabor permanecessem em suas posições e não fizessem nenhuma tolice, olhei rapidamente para o pequeno grupo. Eles eram cinco, e nenhum me era familiar. Um sexto homem virou-se de um pequeno braseiro no aposento e agarrou a virilha em um gesto grosseiro.

– Aqui tem uma coisa que você pode lavar pra mim, hein?

Por um breve momento, tudo em meu interior ficou imóvel. O

cabelo do homem era castanho, mas sua barba era ruiva, e eu o reconheci como Reynaud, um dos homens de meu pai. Virei rapidamente a cabeça e voltei-me para a porta para que ele não conseguisse ver meu rosto.

– Não trabalho com peças pequenas, só grandes – disse por cima dos ombros. Isso fez o aposentocair na gargalhada, e aproveitei a oportunidade para sair do alcance da sentinela e voltar para a noite, na qual a proteção da escuridão iria obscurecer ainda mais minhas feições.

– Ele provavelmente está se escondendo em algum lugar – murmurei, mal-humorada.

A sentinela levou a mão à espada, mas me afastei rapidamente. Ao fazer isso, vi duas formas escuras – meus guardas – recuarem para as sombras.

Voltei para o burro, resmungando alto o suficiente para o guarda em serviço me ouvir, e recoloquei a cesta no animal. Só quando chegamos à rua seguinte o comandante Thabor surgiu ao meu lado.

– O que aconteceu lá? Por que ele segurou você?

– Ele achou que eu o estava chamando de mentiroso. O que eu estava – disse com um sorriso. – Mas me deixou entrar para ver, então valeu a pena.

– Tome cuidado – ele resmungou –, pois sou pessoalmente responsável por sua segurança.

– Reynaud. Não sei se esse é o nome que ele está usando aqui em Rennes, mas um dos homens de D’Albret está de guarda nesse portão. É o de cabelo castanho e barba ruiva. – Thabor mandou um de seus homens ficar para trás e segui-lo, então fomos em frente. Fiquei empolgada com essa primeira vitória, e a noite, de repente, pareceu cheia de promessas.

A torre da caixa-d’água tinha em seu interior uma guarnição menor. Só quatro soldados, dessa vez. Um dos quais se ofereceu para comprar a roupa lavada de Pierre, mas nenhum deles era homem de D’Albret.

E a noite seguiu assim: íamos da torre de um portão para a seguinte. Algumas tinham mais de dez homens; outras, apenas quatro. Nenhuma delas, porém, com mais sabotadores em potencial. Fui tomada por um desânimo desolador, pois, se havia um homem, eu sabia no fundo que devia haver mais. E precisava descobri-los para que não nos tornássemos alvos fáceis à espera de que D’Albret acionasse sua maldita armadilha.

Havíamos patrulhado apenas as torres do lado leste da cidade, mas o céu já havia começado a clarear. Meu disfarce não ia funcionar em plena luz do dia. Com relutância, permiti que o comandante Thabor desse meia-volta para que começássemos nosso retorno ao palácio.

– Não fique tão desanimada – disse ele. – Encontramos um. Vamos encontrar os outros.

– Sim, mas eu preferiria encontrá-los cedo e não tarde. – Naquele instante, um homem saiu repentinamente de uma porta próxima, assustando meu burro e fazendo os soldados levarem a mão à espada. Mas era apenas um pedreiro bêbado, cambaleando de volta para casa. Eu parei. Mas era claro. – Eu gostaria de entrar – disse a Thabor. – Se os homens que procuramos não estão em serviço, provavelmente serão encontrados em uma taverna ou na loja de um negociante de vinhos.

– Essas não foram minhas ordens – disse ele, rígido.

– Suas ordens foram me acompanhar enquanto eu desmascarava os traidores entre nós. Não estou pedindo sua permissão, comandante, mas informando ao senhor o que pretendo fazer. – Nós nos encaramos por um momento longo e tenso, e não pude evitar a lembrança de como a Fera aceitava com facilidade os riscos que eu assumia. O desespero mostrou seu rosto sinistro e deixei que sua dor abastecesse minha impaciência. – Então?

Finalmente, ele balançou a cabeça, concordando.

– Mas um de nós vai acompanhá-la.

Quis discutir, mas estava ficando sem tempo.

– Muito bem. Você. – Apontei para o que se chamava Venois. – Venha cá. Você será meu acompanhante esta noite. – Ele olhou para seu comandante, que acenou para lhe dar permissão, depois veio para o meu lado. Enquanto os protestos começavam a se formar em seus lábios, despenteei seu cabelo e puxei o cinto de sua espada para que ficasse torto. – Você passou a noite comigo bêbado farreando pelas tavernas de Rennes. Tem que parecer ter feito isso.

Ele tornou a olhar para seu comandante, e o apelo silencioso em seu olhar me deu vontade de estapeá-lo. Será que não percebia quantos homens haviam me implorado por uma oportunidade como a que ele estava recebendo? Tomei seu braço, e comecei a nos arrastar, aos tropeços, em direção à porta da taverna.

Àquela hora, a taverna estava quase vazia; restava apenas a escumalha de seus clientes: três homens encurvados sobre mesas, mal conseguindo ficar sentados enquanto terminavam de beber o vinho em seus copos. Havia outro homem sentado no canto acariciando uma criada, que cochilava em seu colo. Meia dúzia de homens estava agachada jogando dados junto do fogo que se apagava.

Vi tudo isso enquanto me apoiava pesadamente em Venois e conduzia nós dois cambaleando na direção de um banco. Ele estava tenso, e eu só podia torcer para que alguém sóbrio o suficiente para perceber isso supusesse que fosse por causa de seu porte militar em vez de um desconforto. Um grito alto veio dos homens jogando dados, e eu lhe dei um cutucão nas costelas.

– Relaxe um pouco – murmurei com o canto da boca. – E arraste os pés. Depois peça vinho bemalto.

Ele fez o que eu mandei, e uma criada com expressão irritada gesticulou com a cabeça em nossa direção. Conduzi Venois delicadamente a um lugar de onde podia ver melhor os homens jogando dados. Não identifiquei nenhum dos que estavam nas outras mesas e, apesar de não conhecer de vista todos os homens de D’Albret, eles possuíam uma semelhança de maneiras – um jeito mal-humorado e beligerante de olhar para o mundo – que nenhum daqueles homens tinha.

Os jogadores de dados eram minha última esperança de obter algum outro resultado naquela noite. Esperei que a atendente pusesse o vinho à nossa frente, depois dei um gole grande. Estava agitado e azedo, e tive de me esforçar para não cuspi-lo. Em vez disso, obriguei-me a engolir, depois me inclinei na direção de Venois.

– Você joga dados?

O soldado deu de ombros, então virou metade de seu vinho.

– Às vezes. Mas, em geral, procuro não jogar.

Esperei uma fração de segundo, mas ele não se ofereceu. Assim que abri a boca para dizer a ele que precisava se juntar aos homens diante do fogo, outro grito veio do grupo, dessa vez acompanhado do retinir de aço.

Havia começado uma briga, e meu coração se alegrou quando reconheci Huon, o Grande, que era quase do tamanho de D’Albret e talvez quase tão desagradável. O homem agitando a espada para os outros dois, com a barba rala, nariz grande e só três dedos na mão esquerda, era Ypres. Ao lado dele estava Gilot, baixo, troncudo e mau como um texugo ferido. Quase ri de prazer por eles serem estúpidos demais para evitar atrair atenção para si mesmos.

Joguei-me sobre Venois e fingi estar esfregando meu nariz em seu ouvido.

– Três dos jogadores de dados são os homens que procuramos.

Isso pareceu animá-lo um pouco de algum modo, e ele interpretou o papel com mais prazer, se não com mais habilidade, quando apontei quais eram os homens de D’Albret.

Mas a noite estava quase no fim, e o taverneiro era um homem grande e de punhos duros que chutou os homens de D’Albret para fora antes que eles conseguissem destruir seu estabelecimento. Também chutou o resto de nós, só por garantia. Corri um enorme risco quando saí pela porta da taverna praticamente nos calcanhares dos homens de D’Albret, mas meu disfarce funcionou, e os olhos deles estavam baços de bebida. Venois mantinha a mão firme em meu cotovelo e a outra na própria espada, não dando nenhuma abertura aos brigões. Foi com alívio que eu os descrevi a Thabor e depois vi três dos homens do

capitão se embrenharem pela escuridão para seguir os sabotadores.

Capítulo Trinta e Dois

DEPOIS DE ENCONTRAR UM MODO de dar bom uso para minha linhagem D'Albret, estava extasiada pelo sucesso da noite, pois não havia mais ninguém em toda cidade que pudesse encontrar aqueles homens. Apenas eu.

Era difícil confiar que o capitão Dunois e os homens do comandante Thabor fossem vigiar aqueles traidores de perto agora que eles tinham sido identificados, mas eu não podia me postar na guarnição ao lado deles, por isso não tinha escolha.

Cheguei aos meus aposentos e fiquei surpresa, porém satisfeita, ao encontrar Ismae à minha espera. Fiquei menos animada quando vi que a abadessa também estava lá, com seu perfil orgulhoso delineado pela luz da lareira. Quando entrei no quarto, sua cabeça virou, como um falcão que havia avistado uma presa.

– Então? – perguntou ela bruscamente.

Recusei-me a deixar que ela me roubasse a vitória daquela noite.

– Boa noite para a senhora também, madre superiora.

Suas narinas se dilataram, mas ela ignorou minha provocação.

– Como foi?

– Muito bem. Encontramos quatro homens de D'Albret. O comandante Thabor pôs um guarda atrás de cada um deles para que sejam seguidos de perto e vigiados, e todos os seus movimentos serão informados, mas sem que saibam que estamos atrás deles.

A abadessa assentiu, mas não me deu a palavra de elogio pela qual eu ansiava, e me aborrecia terrivelmente ansiar por isso. Em vez disso, ela disse:

– É melhor você dormir um pouco para que esteja pensando melhor na reunião do conselho amanhã.

Sem confiar em minha voz, baixei a cabeça em uma reverência. Sentindo a ironia de meu gesto, ela fungou e saiu do quarto a passos largos, fechando a porta às suas costas. Quando Ismae e eu ficamos sozinhas, ela virou para mim com uma expressão no rosto que era um misto de irritação e diversão.

– Por que você precisa provocá-la tanto?

– Eu? É ela que me provoca. Não me dá nem uma palavra de elogio ou agradecimento.

Ismae franziu o cenho e sacudiu a cabeça.

– É verdade que ela nunca fez nenhum elogio a você. Não consigo imaginar por quê.

– Porque ela tem o coração de uma porca? – sugeri, erguendo as mãos para tirar a touca de linhосуja da cabeça.

A boca de Ismae se retorceu em um riso.

– Deve ser isso. Aqui, deixe-me ajudá-la. – Ela correu até o meu lado e removeu a touca, depois desamarrôu o vestido. Enquanto eu saía da roupa grosseira, tecida em casa, surpreendi-me ao me ouvir dizer:

– Verdade, Ismae. Por que a abadessa me odeia? – Minha voz pareceu jovem e vulnerável aos meus ouvidos, por isso ri zombeteiramente. – Sempre foi assim, mas ainda não consegui entender. –

Tínhamos desavenças no convento, mas eu sempre achei que era por eu ter sido sua pupila mais difícil e abusado de sua paciência. Entretanto, ali em Rennes, depois de realizar tantas tarefas de acordo com seus desejos sem ter recebido reconhecimento, percebi que devia ser mais que isso.

Ismae sacudiu a cabeça.

– Não sei. Annith tentou insistentemente ver se conseguia descobrir o que havia na essência dessa antipatia da abadessa, mas nunca descobriu nada. Qualquer que seja a razão, não estava escrita em nenhum lugar que Annith pudesse achar.

– Provavelmente está naquele maldito livrinho que ela sempre carrega.

– Provavelmente nem sequer está escrita, é apenas uma antipatia sem nenhuma razão exceto os próprios preconceitos dela.

– Você recebeu notícias de Annith? Teve notícias da irmã Vereda? – Era um momento terrível para a vidente do convento adoecer, deixando apenas uma vidente relutante e inexperiente para nos guiar durante aquele período traiçoeiro.

– Sim! Recebi uma carta dela hoje de manhã. – Ismae deu um passo em minha direção e baixou a voz. – Sybella, ela está planejando fugir do convento.

– Fugir? – repeti, sem ter certeza de que ouvira corretamente. A Annith que eu conhecia jamais consideraria algo tão rebelde. E mais que isso: eu não achava seguro para ela estar sozinha fora das paredes do convento.

– Fugir. – Ismae balançou a cabeça com firmeza. – Ela decidiu que prefere partir a viver trancada no convento para o resto da vida.

– As irmãs vão atrás dela, você sabe. Não vão simplesmente deixá-la partir depois de investir tanto em seu treinamento. Além disso, quem vão arranjar para ocupar seu lugar? A próxima noviça mais

velha é Aveline, de onze anos.

Ismae inclinou a cabeça para o lado, lembrando-me muito de Annith.

– Com todas as habilidades que lhe conferiram, ela deve conseguir escapar com certa facilidade. Lembre-se de que a maioria das freiras não sai do convento há anos.

– Isso é verdade. Mas para onde ela vai? E quem irá ver os desígnios de Mortain e transmiti-los para nós?

Ismae abriu e em seguida fechou a boca.

– Eu não havia pensado nisso – admitiu ela. – É possível que ela se junte a nós aqui em Rennes esirva na corte da duquesa.

– E dar de cara com a própria abadessa?

Ismae franziu o cenho.

– Queria que a madre superiora voltasse logo para o convento. Estou cansada de viver sob seu olhar crítico.

– Você não precisa *me* dizer o quanto ela é enervante.

Ismae deu um sorriso, mas havia pouco humor nele.

– Não, não preciso. Agora venha, deixe-me lavar as cinzas de seu cabelo ou você vai destruir a roupa de cama.



Passei as duas noites seguintes em buscas pela cidade com os homens de Thabor, procurando em cada canto e buraco todos os sabotadores de D’Albret. Encontrei um total de dezessete, e todos eles estavam agora sendo vigiados de perto pelos homens de Thabor.

Minhas atividades noturnas tiveram o benefício extra de me manter longe da Fera e dos jogos da abadessa, pois eu devia dormir durante o dia para desempenhar essa tarefa tão crítica para a segurança da cidade – e da duquesa.

Também havia grande prazer em ser vista como a heroína da missão, papel com o qual eu não tinha a menor familiaridade.

Na terceira manhã, meu atrevimento em relação à abadessa foi recompensado com uma convocação a seus aposentos que chegou cedo demais. Cambaleei para fora da cama, os olhos embaçados e a cabeça doendo, e me aprontei o mais rápido que pude.

Depois que estava lavada, vestida e certa de que nenhum fio de cabelo estava fora do lugar, me dirigi aos aposentos dela. Diante de sua porta, parei para respirar fundo e ajeitar o vestido. Lembrei a mim mesma que não era uma noviça verde no convento sendo chamada ao gabinete por alguma pequena rebelião inocente.

Pois elas *eram* rebeliões inocentes, agora eu reconhecia isso. Eu

tinha sido arrancada de casa – por mais sombria e opressiva que ela fosse, era o único lugar que eu conhecia até os catorze anos – e jogada em uma ilha rochosa isolada que eu temia ser o destino dos misteriosos remadores da noite, os próprios barqueiros do submundo. Eu entrei em um frenesi e quase enlouqueci.

Essa tomada de consciência – de que eu estava sofrendo e frágil quando a conheci, e era merecedora de sua simpatia em vez de seu julgamento duro – encheu-me com uma raiva justa que me era completamente estranha. Ergui a mão e bati na porta.

– Entre – chamou a abadessa.

Ergui o queixo, armei um sorriso de escárnio nos lábios e entrei no quarto.

A abadessa estava extraindo um bilhete de um corvo recém-chegado. Ela não olhou quando entrei nem deu sinal de perceber minha presença. Era uma tática que eu lembrava do convento, calculada para aumentar o desconforto do visitante. Entretanto, seus pequenos tormentos nada eram em comparação com tudo pelo que eu havia passado nos meses anteriores, e meu sorriso de escárnio se transformou em um sorriso de verdadeira satisfação.

Em vez de aguardar pacientemente ou com nervosismo, fui até a janela solitária que dava para o pátio interno. Não me importava em especial com o que houvesse lá. Sabia apenas que não queria que ela pensasse que seus jogos tinham me intimidado. Olhei para trás sobre o ombro a tempo de ver sua sobrancelha se retorcer de irritação – apenas uma vez – enquanto ela continuava a ler o bilhete.

Tendo conquistado meu objetivo, voltei a olhar pela janela.

Segundos mais tarde, houve um farfalhar impaciente de papéis, então a abadessa falou:

– Sybella.

Vireime devagar e fiquei de frente para ela. A luz forte que vinha da janela às minhas costas a forçou a piscar.

– Sim, madre superiora?

– Venha até aqui para que eu não fique com câimbra no pescoço de falar com você.

– É claro. – Atravessei a sala e parei ao seu lado enquanto ela pousava o corvo em um dos doispoleiros vazios atrás da mesa.

– É bom que seus pensamentos tenham se voltado para proteger a duquesa. Isso é uma boa demonstração de nosso treinamento.

Não de mim. Nunca de mim. Só do treinamento pelo qual ela e o convento eram responsáveis.

– Foi por isso que a chamei aqui. Quero discutir sua próxima missão.

Levei um susto.

– Eu não tinha percebido que esta já havia terminado.

Ela virou do corvo que estava cuidando e me olhou direto nos olhos.

– Você deve voltar a Nantes. Para a casa de D’Albret.

Por um instante, não tive certeza de tê-la ouvido direito. Depois, tolamente, disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

– A senhora só pode estar brincando.

Seu rosto ficou tenso de raiva.

– Não estou brincando. Precisamos descobrir mais detalhes dos planos de D’Albret, e você é amais adequada para a tarefa.

– A senhora percebe que minha habilidade de posar como a dócil filha pródiga desapareceu juntocom seu prisioneiro?

– Algo que você não recebeu ordens para fazer – observou ela.

– Algo que não pude evitar – lembrei, mal conseguindo conter minha raiva. – De qualquer modo,D’Albret jamais vai permitir que eu retorne à sua casa. Sem dúvida não em uma posição de confiança na qual eu possa ouvir informações importantes. Na verdade, provavelmente vai me matar ao me ver. – Não seria uma morte rápida nem agradável, disse eu estava certa.

– Claro que você não vai voltar como você mesma. Você se revelou uma mestra dos disfarces.

Vamos vesti-la como criada, o que vai lhe dar uma desculpa para circular perto de portas.

Tive vontade de sacudir seus ombros magros, depois estapear seu rosto frio e calmo.

– A senhora não ouviu nada do que eu disse? D’Albret vigia todo mundo e faz os outros observarem também. Ele já matou mais da metade dos criados do palácio só por desconfiar que eram leais à duquesa. Ele jamais deixaria uma criada desconhecida entrar em sua casa.

A abadessa inspirou profundamente, as narinas se dilatando. O fato de ela estar tão visivelmente irritada me deu esperanças de que estivesse levando minhas palavras em consideração.

Ela enfiou as mãos nas mangas e foi até a janela. Fiquei onde estava e tentei ocultar o fato de estar fervendo por dentro.

– Muito bem, então – disse ela. – Vou mandá-la de volta com um único propósito: se aproximar osuficiente para matar D’Albret.

Doce Mortain. Será que ela realmente achava que eu ia cair nessa duas vezes?

– Por mais que eu tenha passado todo este tempo ávida por fazer isso, madre superiora, não vaicontra todos os preceitos que a senhora sempre me ensinou? Pois ele não tem a marca. A menos... – Fiz uma pausa quando me ocorreu um pensamento. – Annith viu isso?

Os lábios da abadessa se estreitaram e ela removeu as mãos das mangas. Por um instante, achei que ela fosse me bater.

– O que você sabe de Annith? Andou se correspondendo com ela enquanto estava em Nantes? Isso é estritamente proibido.

Fiquei tão surpresa por essa explosão que nem pensei em dizer nada além da verdade.

– Não, madre superiora! Não falei com ela nem por bilhete desde que deixei o convento.

Devagar, com visível dificuldade, a abadessa controlou seu temperamento e se virou para a janela.

– Como D’Albret pode não estar marcado depois de tudo o que fez? – perguntou ela, como se o nome de Annith nunca tivesse sido mencionado. – Talvez você simplesmente não consiga ver. Ou talvez não tenha procurado bem o suficiente. Talvez seu medo a tenha deixado fraca e cautelosa demais.

A raiva fervilhava em meu interior, e me esforcei para segurá-la. Não ia adiantar perder a calma na frente dela.

– Ele não tem a marca. Acredite em mim, eu sempre chequei. Na verdade, o vi em toda a suagloriosa nudez apenas dois dias antes de deixar Nantes.

– Parece-me que há uma boa chance de que ela tenha surgido desde então – insistiu ela com teimosia.

Foi então que percebi que ela não aceitaria uma resposta negativa. Estava fazendo de tudo para me forçar de volta à pequena caixa que controlava. Havia chegado o momento em que eu tinha de escolher entre a pequena caixa do convento ou sair completamente de tudo que conhecia na vida. Tentei uma última abordagem.

– Se eu fizer o que a senhora pede, posso conseguir entrar no palácio, posso até conseguir matar D’Albret, mas nunca vou sair viva de lá. Os que são leais a ele vão garantir isso.

Mesmo enquanto pronunciava as palavras, pude ver em seus olhos que ela já sabia disso. Foi quando entendi: tudo o que eu sempre havia sido para ela era uma ferramenta, uma ferramenta tão danificada que ela não se importaria se fosse completamente destruída.

– Exige-se sacrifícios de todas nós a serviço de Mortain. E você, em especial, deseja a morte desde que chegou ao convento. Talvez essa seja a maneira de Mortain atender a suas orações.

Suas palavras perfuraram meu coração como espinhos negros e pontiagudos, e a escuridão e o desespero familiares ameaçam me dominar. Será que ela já esteve tão disposta a sacrificar alguma outra noviça pela causa de Mortain? Não, pela causa *dela*, pois aquilo se tratava de conquistar glória e reconhecimento para o convento – para ela.

Mas, percebi, havia uma liberdade em ter tantos de meus segredos expostos: isso dava a ela muito menos poder sobre mim.

– Talvez eu não seja mais adequada para o serviço de Mortain,

madre superiora, pois não vou voltar.

Sua cabeça recuou, como se eu tivesse lhe dado um tapa. Estranhei que, por pior que fosse seu conceito sobre mim, ela não esperasse esse desafio. Via em seu pescoço seu coração pulsar com raiva, e ela tornou a se virar para a janela. Eu já estava me sentindo mais leve, me perguntando para onde iria e quem seria assim que me livrasse do convento e de D'Albret.

Ela respirou fundo, depois virou para me encarar. Não entendi a leve expressão de triunfo que vi em seus olhos até que ela disse:

– Muito bem. Então vou mandar Ismae.

Jesus Cristo, não Ismae! A raiva de D'Albret por Ismae ter interrompido seu ataque contra a duquesa no corredor em Guérande ainda ardia muito forte.

D'Albret não sabia de minha mão naquilo, ou eu não estaria mais viva.

– A senhora não pode mandar Ismae. – Mantive a voz calma e despreocupada, como se estivesse apenas observando uma falha em seu plano em vez de tentando salvar a vida de minha melhor amiga. – Para começar, D'Albret já a viu. O rosto dela está permanentemente gravado em sua mente depois que ela estragou seus planos em Guérande. O homem é sobrenatural em sua habilidade de ver através de disfarces e subterfúgios.

A abadessa não foi enganada por meu comportamento calmo. Ela tinha me pegado em sua armadilha, e sabia muito bem disso.

– Temos muitas maneiras de criar um disfarce. Podemos cortar o cabelo dela, mudar a cor dele, manchar sua pele. Podemos fazê-la parecer velha e emaciada em questão de horas.

– D'Albret jamais permitiria alguém em sua presença, mesmo uma criada, que ofendesse seus olhos.

Mesmo que eles não a reconhecessem e não a matassem imediatamente, ainda iriam usá-la das piores maneiras possíveis, simplesmente pelo prazer de fazer isso.

– Eu ainda acho que ele iria reconhecê-la. E não se esqueça de que muitos dos vassalos dele aviram ao lado de Duval. Se por uma pequena chance o próprio D'Albret não a identificar, um deles ficaria muito satisfeito em apontá-la para ele, para ganhar seus favores.

A abadessa entrelaçou as mãos e pousou o queixo sobre os dedos.

– Ah, que lástima, seria uma solução excelente. – Suas palavras me deram um calafrio, pois eu não esperava uma capitulação tão cedo. Entretanto, suas palavras seguintes congelaram o sangue em minhas veias. – Talvez seja hora de mandar Annith em sua primeira missão. D'Albret nunca a viu, e ela é a noviça mais habilidosa que nós já tivemos.

Seria o mesmo que mandar um cordeiro para um covil de lobos,

pois, embora as habilidades de Annith fossem excelentes, ela também era extremamente boa. Nem conseguiria começar a imaginar os truques e mentiras que usariam contra ela. Será que a abadessa era tão cruel a ponto de mandar Ismae ou Annith para a morte certa? Ela devia estar blefando.

Devia estar.

Mas eu tinha tanta certeza assim para apostar nisso a vida de minhas amigas?

Uma tranquilidade baixou em mim, e meus olhos encontraram o olhar impessoal da abadessa. – Isso não vai ser necessário, madre superiora. Eu irei.

O rosto dela relaxou um pouco.

– Excelente. Fico satisfeita em ver que você sabe quais são seus deveres.

– Quando eu parto?

– Em um ou dois dias. Vou saber mais após a reunião do conselho desta tarde.

Capítulo Trinta e Três

TONTA E ENTORPECIDA, CAMBALEEI na direção de meus aposentos, desesperada por solidão.

Parecia que, no fim, todos os caminhos levavam a D'Albret. Eu podia correr na direção dele com raiva, ou dele, de medo, mas a estrada sempre fazia uma curva de volta para ele.

Por que eu achei que pudesse fugir? Quando primeiro me dei conta de que teria de viajar com a Fera, soube que não haveria escapatória, apenas um adiamento do inevitável. Mas depois, ao chegar ali, havia sido estúpida o suficiente para deixar que a esperança se infiltrasse, mesmo sabendo que eram os deuses zombando de mim.

Tinha esquecido uma vida de lições duramente aprendidas em questão de dias.

Sem dúvida eu estava destinada a encontrar a morte nas mãos de D'Albret. A verdadeira pergunta era: será que ele encontraria a dele nas minhas? Pois isso era a única coisa que me restava: atacar rápido e com precisão, e ter certeza absoluta de que ele morresse antes de mim.

Ou haveria outra opção? O que aconteceria se eu simplesmente fosse embora? Com certeza Duval poderia proteger Ismae. Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta do quarto. Com medo de Ismae ter ouvido sobre meu encontro com a abadessa, corri para abri-la, e fiquei horrorizada ao ver a Fera no corredor me olhando com fúria, o braço ainda erguido para bater.

Todas as palavras que conhecia fugiram de minha mente, e fiquei olhando para ele boquiaberta. Ele não estava mais coberto de contusões cinza ou verdes, e seu cabelo tinha sido aparado. Estava apoiado em uma bengala, mas, fora isso, parecia ter chegado ali por esforço próprio.

Ele baixou o braço.

– Então você está *aqui*. Achei que você pudesse estar se escondendo de mim.

Apesar ter feito exatamente isso na semana anterior, soltei uma expressão de escárnio.

– Por que eu iria me esconder de você?

Suas sobrancelhas baixaram de modo assustador, e o olhar que me lançou quase queimou meu cabelo.

– Mandeí Yannic buscá-la toda noite para podermos conversar. Por que você o evitou?

Era por isso que a pequena gárgula estava me seguindo? Dei de ombros.

– Achei que não confiasse em mim para identificar os homens de D’Albret e o tivesse enviado para me vigiar. O senhor deixou suas objeções bem claras na reunião do conselho.

Com esforço visível, ele relaxou o maxilar.

– Eu me opus porque era perigoso demais.

– Ah? Então não está com raiva de mim por ser filha de D’Albret? – Não sei que loucura me levou a jogar sal nas feridas que eu mesma havia criado, mas não consegui evitar.

– Achei que você tinha afirmado ser filha de Mortain.

– Sim, bem, isso é mero detalhe técnico, como a abadessa deixou claro na mesma reunião.

Ele sacudiu a cabeça grande.

– Não confio naquela mulher, não totalmente. Você também não devia.

O fato de ele estar certo não fez com que eu amolecasse.

Sua expressão, então, relaxou, e seus olhos perderam o brilho de raiva.

– Sybella, precisamos conversar.

Foi essa delicadeza que me fez perder o fôlego, pois nem em meus sonhos eu imaginara que fosse vê-lo olhando daquele jeito para mim. Mas, *merde*, eu não podia me dar ao luxo de ter sua simpatia nem compreensão. Não naquele momento, pois iria destruir toda a minha determinação mais rápido do que eu havia conseguido reuni-la.

– O que há para dizer? Sou a filha do homem que matou sua irmã, e, o que é pior, menti para você várias vezes sobre minha identidade.

– Pare com isso – resmungou ele. – As coisas não são tão simples assim.

O fato de ele ver isso me encheu de alegria, que reprimi impiedosamente.

– O que *sei* é que eu deveria ter ficado e matado D’Albret naquela noite, e o senhor me impediu, arruinou os planos que eu tinha feito e me obrigou a deixar a cidade sem cumprir minha missão. Agora eu devo voltar para terminá-la. – Dizer as palavras em voz alta fez minha garganta se apertar, e tive que fazer uma pausa antes de continuar. – Teria sido tão mais fácil naquele momento, antes que eu soubesse... – Parei outra vez, sem saber ao certo o que queria dizer.

A expressão furiosa voltou a seu rosto, e ele deu um passo para o interior do quarto.

– O que quer dizer com voltar? Por ordem de quem?

– Do convento, pois, como você, fiz votos de servir a meu Deus, e é

para lá que Ele deseja que euvá. – Mas, mesmo ao dizer isso, eu sabia que era a abadessa que desejava que eu encarasse D’Albret. Não sei se Mortain estava de acordo com ela ou não. Talvez esse fosse meu castigo por dar minhas costas a Ele e aos ensinamentos do convento.

Antes que pudéssemos discutir mais, um pajem se aproximou. Ele olhou da Fera para mim, depois outra vez para a Fera, sem saber o que estava acontecendo.

– Você tem alguma mensagem para um de nós? – despertei-o.

Ele limpou a garganta.

– Sim, *milady*. A presença da senhorita e de sir Waroch é requisitada na reunião do conselho nos aposentos da duquesa. Eu devo acompanhá-los até lá, agora.

– É claro – respondi, pois essa interrupção me caiu muito bem. Eu não estava com a menor vontade de ter aquela conversa. – Vá na frente. – Saí do quarto, forçando a Fera a recuar para não fechar a porta em seu nariz, então deixei que o pajem me conduzisse pelo corredor. Ouvia as batidas da bengala da Fera enquanto ele nos seguia.



Fomos os últimos a chegar aos aposentos do conselho. Ao nos ver entrar, a abadessa estreitou os olhos em reprovação, e não soube se era apenas por mim ou porque eu e a Fera estávamos juntos. Duval nos recebeu e nos conduziu a nossos assentos enquanto continuava a falar.

– ...levaram a sério o conselho de lady Sybella e anteciparam o casamento entre Anne e o SacroImperador Romano. Ele vai ocorrer esta tarde, por procuração. Com sorte, o casamento vai proporcionar à duquesa certa dose de proteção, especialmente agora que eu recebi informes de que D’Albret e suas forças estão se preparando para deixar Nantes e marchar sobre Rennes. Eles podem até já ter partido a esta altura, pois a última mensagem chegou há algumas horas.

Apesar de estar esperando o anúncio, ele me fez sentir um calafrio na espinha. D’Albret ia me localizar como fez quando eu tinha apenas oito anos e estava escondendo um dos filhotes mestiços da ninhada de sua cadela de caça favorita.

Só que não seria ali. Eu estaria seguindo direto para ele. Bem debaixo de seu nariz talvez fosse um lugar onde ele não pensasse em procurar por mim.

O capitão Dunois falou em seguida.

– Graças a lady Sybella, identificamos os que esperamos ser os

últimos sabotadores, por isso D'Albret não vai receber ajuda quando chegar.

Como ele pode estar tão certo?, eu me perguntei. Tínhamos encontrado dezessete homens, mas e se houvesse mais? E se eu tivesse deixado passar algum?

– E as tropas espanholas? – perguntou a duquesa, com uma expressão tensa e sombria. – Vão chegar aqui antes de D'Albret?

– Elas chegaram de manhã cedo, Sua Graça – disse o capitão Dunois. – Meu segundo em comando está cuidando de seu alojamento.

Embora fossem boas notícias, todos sabiam que mil tropas espanholas eram quase insignificantes contra os números de D'Albret.

– E as companhias livres?

– Elas foram contratadas, Sua Graça – informou o chanceler. – Devem estar aqui em duas semanas. Não cedo o bastante.

A duquesa voltou-se para o capitão Dunois.

– O tempo limpou o suficiente para permitir o desembarque das tropas britânicas? – Aqueles seis mil homens eram nossa única esperança de romper o cerco de D'Albret à cidade.

Duval e Dunois trocaram um olhar sombrio.

– Acabamos de ser informados, Sua Graça – disse o irmão com delicadeza – que os franceses tomaram Morlaix. – Exclamações de aflição circularam pelo aposento.

– Mas as tropas inglesas!

– Exatamente. Eles terão de lutar contra os franceses para chegar até nós... – Ou serão massacrados onde estão – concluiu o capitão Dunois.

Fez-se silêncio enquanto todos refletiam sobre o último desastre. Era como se um laço estivesse se apertando em torno do pescoço de nosso pobre reino. Duval resmungou uma praga, levantou e começou a andar.

Fera, que havia permanecido sentado como um caldeirão fervente todo esse tempo, finalmente falou:

– Vou partir amanhã e ir a toda pressa para Morlaix levando comigo os carbonários. – Ele olhou para todos os conselheiros, um de cada vez, como se os desafiasse a contrariá-lo.

O chanceler Montauban franziu o cenho.

– Você não pode lutar contra mil franceses com um punhado de carvoeiros – disse ele, e me perguntei se ele conhecia mesmo a Fera.

– Não, mas podemos fornecer uma distração dolorosa que permitirá que os britânicos desembarquem.

– Isso é possível – disse Duval, parecendo esperançoso pela primeira vez em dias.

– Enquanto viajamos, vou levantar os camponeses contra esses intrusos que querem roubar nossa terra bem debaixo de nosso nariz.

Talvez alguns deles possam se juntar a nós em Morlaix.

– Ainda digo que não podemos depositar nossa confiança nos carbonários – disse o chanceler Montauban. – Eles são muito imprevisíveis, muito rebeldes. Temo que fujam quando mais precisemos deles.

Os olhos da Fera, quando cruzaram com os do chanceler, estavam frios como gelo em um lago.

– Eles deram sua palavra, chanceler. E eu, de minha parte, estou inclinado a acreditar nela.

– Mas eles não são muito versados nas artes da guerra – observou Chalon. – E nós não temos tempo de treiná-los para a batalha.

Fera se inclinou.

– Essa não é a beleza dos carbonários. Eles não lutam com táticas convencionais. Em vez disso, usam silêncio, astúcia e surpresa. Ardis e emboscadas são suas armas mais eficientes.

– Mas não há honra nisso – protestou Chalon.

– Também não há honra na derrota – observou Duval. – Não consigo não me perguntar se o movimento de D’Albret não foi calculado para coincidir com este último ataque francês. Será que ele sabia que nosso auxílio inglês seria atrasado, e por isso está marchando agora?

– Vamos descobrir logo – a abadessa falou no aposento silencioso. – Lady Sybella vai voltar para seu posto na residência de D’Albret, então teremos acesso a seus planos. Com sorte, antes que ele os ponha em ação.

A duquesa virou para mim com olhos chocados, e o rosto de Ismae ficou branco como a neve.

– Mas não é mais seguro para ela lá! Ele deve saber, ou pelo menos desconfiar, que ela ajudou a Fera a fugir.

– Não é questão de segurança, Sua Graça, mas de como podemos servi-la melhor, e, através de Sua Graça, a Mortain.

– Seu serviço leal e dedicado é devidamente reconhecido, madre superiora. – O tom irônico na voz de Duval me garantiu que ele também não confiava totalmente nela.

Houve um longo momento de silêncio, interrompido pela duquesa.

– Infelizmente tenho de concordar com a Fera e o chefe de gabinete, milord – disse ela. – Temos poucas opções à nossa disposição. Acredito que vamos dar aos carbonários uma chance de provar seu valor.

Eu não seria a única a partir rumo a uma morte provável na manhã seguinte – Fera também iria.

Capítulo Trinta e Quatro

QUANDO A REUNIÃO FINALMENTE TERMINOU, levantei e me dirigi à porta. Pude sentir Ismae me observando, implorando para que eu me virasse e olhasse para ela, mas não fiz isso. Não consegui. Não naquele momento. Fera também estava perfurando minhas costas com a intensidade de seu olhar, mas eu o ignorei igualmente. O que mais precisava naquele instante era da privacidade e da santidade de meus aposentos.

Cheguei ao meu quarto e tranquei a porta às minhas costas, jurando não abri-la para ninguém.

Pensar. Eu precisava pensar.

Aquela última notícia aumentava infinitamente minhas possibilidades de fugir.

A madre superiora levaria dias para descobrir. Talvez semanas. E então, D'Albret teria vencido ou sido derrotado, e o resultado da guerra e o destino de nosso país estariam determinados. Duval protegeria Ismae e evitaria que ela fosse enviada em meu lugar quando a abadessa soubesse que eu não tinha ido. E, a essa altura, seria tarde demais para Annith ser de qualquer utilidade.

Era um bom plano. Um plano sólido. Só pensar nele fazia o nó em meu peito relaxar um pouco.

Comecei a embalar minhas coisas. Levaria apenas o que faria a madre superiora acreditar em meu engodo, apenas os objetos que uma mulher que seguisse um acampamento possuiria. O vestido de lavadeira, e minhas armas, é claro. Todas as minhas facas, mas não as elegantes pulseiras de garrote, pois eram refinadas demais para uma mulher comum que seguia soldados. Além disso, eu podia estrangular um homem com a mesma facilidade usando seu próprio cinto.

Enquanto embalava as facas cuidadosamente, fiquei pasma ao perceber como meu desejo de matar D'Albret chegara a moldar e a dar significado à minha vida. Mas isso tinha sido antes... antes do quê? Quando meu coração havia abandonado sua disposição de morrer, se fosse necessário para matar D'Albret?

Talvez depois de minha fuga, quando não estava mais em sua órbita nem infectada pelo desespero desolador que me envolvia em sua casa, ou talvez o pouco tempo longe dele tivesse me recordado de

que havia coisas pelas quais valia a pena viver. Havia boas pessoas no mundo, no ducado. Pessoas dispostas a fazer todo o possível para deter D'Albret. Tinha sido muito fácil esquecer disso vivendo sob seu teto, cercada por seus muros.

Havia a emoção de um cavalo rápido, e do sol e do vento no rosto. Um momento de riso raro, e ainda mais precioso por isso. A excitação de ver a marca de Mortain e saber que a caçada estava prestes a começar. A expressão nos olhos de alguém quando realmente via você – não apenas seu rosto e seu cabelo, mas a própria essência de sua alma.

Foi brutal e desagradável tomar consciência de que a Fera estava parcialmente por trás desse novo e recém-descoberto desejo de viver. Não viver *para* ele, mas porque ele me lembrava do que minha vida tinha a oferecer. Ele vivia a sua com tamanha alegria que era impossível não querer essa alegria também.

Meus dedos desceram até o anel que eu usava na mão direita, meu último recurso se a situação ficasse insustentável.

De repente, meus pulmões não conseguiam inspirar ar suficiente, e comecei a me sentir zozza. Não importava o quanto eu desejava que fosse diferente: apesar de todos os nossos esforços, apesar de todos os sabotadores que eu havia desmascarado, eu ainda temia em meu coração que D'Albret vencesse no final. Que ele tomasse a cidade e a pusesse de joelhos.

E todos dentro dela.

Ah, eles lutariam. Todos os nobres, conselheiros e cavaleiros de Anne fariam o possível para protegê-la. E morreriam tentando, pois a habilidade de D'Albret de infligir morte era insuperável.

Eu podia ver o desenrolar bem claro em minha mente.

Ele abriria caminho à força até Anne pessoalmente, a espada longa cortando através de sua guarda como se fosse queijo macio. Seria possível que meus irmãos estivessem ao seu lado, tentando mais uma vez ganhar seus favores.

Ismae e Duval protegeriam a duquesa com a própria vida, e era exatamente o que isso iria lhes custar. Depois que pagassem esse preço, D'Albret voltaria sua vingança sobre Anne.

Ele poderia não a machucar no início. Provavelmente manteria Isabeau como refém, sabendo muito bem o quanto Anne gosta dela.

Olhei para baixo para o pequeno fardo em minha cama. E se eu fosse capaz de detê-lo, mas não o fizesse? Qual seria o custo em sangue de minha liberdade? As coisas pelas quais eu esperava viver não estariam perdidas?

Naquele momento, eu soube que tinha de fazer o que me havia sido ordenado. Não pela abadessa nem pelo convento, nem mesmo por Mortain.

Mas pelas pessoas que eu aprendera a amar.



Era tarde quando deixei meu quarto e fui à procura de Ismae, mas ainda havia muita atividade nos corredores enquanto o palácio se preparava para a partida da Fera e para o cerco que se aproximava. Ismae não estava em seu quarto, por isso segui para os aposentos de Duval. Era o único lugar que eu podia pensar em procurá-la, além dos aposentos da abadessa ou da duquesa. Aparentemente, tive sorte, pois quando cheguei à porta dele, senti dois corações pulsando no interior. Eu bati com delicadeza.

Duval abriu a porta. Uma breve expressão de surpresa passou por seu rosto quando viu que era eu. – *Milady?*

Dei um sorriso malicioso para ele.

– Na verdade, vim atrás de Ismae – disse eu.

Era difícil ter certeza sob aquela luz mortífera, mas achei que um leve tom de rosa se espalhou por seu rosto. Parecia que ele e Ismae tinham treze anos e estavam experimentando seu primeiro rompante de amor juvenil.

– Ela está aqui. – Ele abriu a porta para que eu entrasse e fez uma reverência. – Vou sair para que vocês duas possam conversar em particular.

– Não. – Estendi a mão e segurei seu braço. – O senhor precisa ouvir o que tenho a dizer.

– Está bem. – Ele se virou e me conduziu para o interior de seus aposentos, onde encontrei Ismae encolhida diante da lareira, bebendo um cálice de vinho.

Quando me viu, ela pousou o copo e se levantou.

– Sybella! Onde estava? Nenhum dos pajens que mandamos conseguia encontrar você. Com um susto culpado, lembrei da série de batidas na porta do meu quarto.

– Estava arrumando minhas coisas.

– Você vai? – murmurou ela.

Sem conseguir falar, dei um aceno com a cabeça.

Ela deu um passo em minha direção.

– Isso não está certo – disse ela, com raiva. – Devia ser a vez de outra pessoa. Eu vou.

Duval olhou para ela alarmado.

– Ninguém vai. Não precisamos de informação à custa da vida de vocês.

– Não estou aqui para lamentar meu destino. Estou aqui para que

você me prometam uma coisa. – Tirei o anel do dedo e o entreguei a Duval. – Entregue isso à duquesa, sua irmã. Faça com que ela o use. Se sua última linha de defesa falhar, esta será a melhor saída.

Duval encarou o anel.

– Não posso fazer o que você sugere.

Segurei a mão dele e enfiei o anel nela, fechando os seus dedos ao redor dele.

– É *preciso*. Confie em mim. A morte vai ser preferível a D’Albret botar as mãos em sua irmã. Ele teve tempo demais para planejar todas as maneiras para destruí-la e humilhá-la e provocar-lhe tanta dor quanto acha que ela lhe provocou. O que quer que aconteça, o senhor não pode deixar que ele ponha as mãos nela. Sua morte será demorada e desagradável.

Ele pareceu levemente nauseado, mas aceitou o anel.

– O senhor promete? – perguntei.

Ele me olhou nos olhos. O que quer que tenha visto neles o convenceu.

– Prometo.

Algo dentro de meu peito relaxou um pouco. – Obrigada.

– Não... sou eu que devo agradecê-la. E pelos horrores que sofreu, e os outros horrores aos quais vai se submeter, eu realmente sinto muito. Saiba que minha irmã, que todos nós, temos enorme consideração pelo seu sacrifício.

Suas palavras fizeram brotar lágrimas em meus olhos, mas pisquei para afastá-las e fui direto ao assunto.

– Ismae, vim ver se podia pegar suas *rondelles*.

– Minha oferta foi séria. Eu gostaria de ir em seu lugar.

– Eu sei que sim. – Estendi o braço e tomei sua mão na minha. – E é por isso que gosto tanto de você. Mas você tem deveres a cumprir aqui. Eu espero sinceramente que você e Duval sejam os últimos entre a duquesa e D’Albret se a cidade não resistir.

Ela jogou os braços à minha volta, e eu aproveitei a sensação de seu abraço apertado e carinhoso. Então me afastei.

– Agora, sobre essas armas...

Depois de alguma discussão, Ismae me deu suas *rondelles* e metade de seu suprimento de venenos. Agora, tudo o que eu precisava fazer era esperar o amanhecer para partir. Quando deixei os aposentos de Duval, a vontade de procurar a Fera era quase insuportável. Prometi a mim mesma que iria encará-lo de manhã, e contaria tudo. Depois de fazer minha confissão a ele, poderia me encontrar com a morte de consciência limpa.



Antes que o sol clareasse o horizonte, estava vestida e seguindo na direção dos estábulos. Não saía de minha cabeça que, de todas as coisas que eu havia temido em minha vida, contar Fera aquela verdade simples era a mais assustadora.

Eu o encontrei nos estábulos, supervisionando a preparação das montarias. Em vez de usar o cajado grosso que haviam lhe dado para se apoiar, ele o estava agitando, apontando e dando ordens com ele. Yannic estava ali, e também mais carbonários do que eu conseguia contar. Meu coração batia tão alto que me surpreendi por todos eles não se virarem, atraídos pelo barulho, mas eles estavam tão absortos em seu trabalho que, de início, nem me viram.

Tentei chamar a Fera, mas abri a boca e não saiu palavra nenhuma. Entretanto, devo ter feito algum som, pois ele se virou. Seus olhos se arregalaram de surpresa ao me ver e ele foi mancando até onde eu estava.

– Eu estava esperando que você viesse se despedir de nós, ou teria ido à sua procura.

Isso me encorajou, ele ter planejado se despedir.

– Tem algo que gostaria de lhe dizer em particular.

Fera ergueu as sobancelhas e seguiu para fora do estábulo, até o pátio. Temendo perder a coragem, baixei os olhos para minhas mãos entrelaçadas, tão apertadas que meus dedos tinham ficado brancos.

Relaxe o aperto.

– Há uma coisa que devo lhe explicar. Eu quis lhe contar várias vezes, mas nunca houve um momento apropriado.

Ele nem piscou, apesar de seus olhos terem se tornado ilegíveis, parecendo aço polido.

– Primeiro, não contei porque temia que você não confiasse em mim, e eu precisava de sua confiança para lhe trazer em segurança até Rennes. Eu esperava que, quando chegássemos aqui, ninguém conhecesse minha identidade. Não é uma coisa da qual eu me orgulhe. Mas isso n... – Sybella?

– Sim.

– Por favor, saiba que, se houvesse qualquer outro modo de fazer isso, eu iria utilizá-lo.

– Fazer o quê? – perguntei, intrigada.

A expressão em seus olhos era terna, e ele se aproximou, de modo que pensei que planejasse me beijar. Então sua mão se moveu rapidamente e com precisão, e o mundo ficou preto.

Capítulo Trinta e Cinco

QUANDO RECOBREI A CONSCIÊNCIA, todos os demônios do inferno estavam martelando minha mandíbula, bem na ponta de meu queixo, mas não me importei tanto quanto deveria, pois me sentia em segurança. Eu parecia estar em uma caverna. Uma caverna quente de pedra que me cercava totalmente, comprimindo-se firmemente contra minhas costas, abrigando-me.

Ouvi um bufo suave – um cavalo? – depois a voz baixa de um homem. – Você não disse que a gente podia trazer um rabo de saia.

Uma segunda voz.

– Não é um rabo de saia, tolo. O capitão jamais iria se dar a esse trabalho por uma rameira.

– Bem, então o que ela é?

– Como se eu soubesse.

– Basta! – resmungou uma voz familiar.

Alguém limpou a garganta.

– Caso não se importe que eu pergunte, qual o problema com ela, capitão? – O tom agora era muitomais respeitador.

Houve uma pausa, depois ouvi um estrondo na caverna às minhas costas.

– Ela desmaiou.

Fiz esforço para abrir os olhos, então os fechei bruscamente quando a luz forte e dura do sol perfurou meu cérebro e fui tomada por uma sensação de náusea. Lentamente, minha mente desanuviou o bastante para compreender que eu não estava em uma caverna, mas presa entre braços fortes e grossos. A firmeza às minhas costas não era uma parede de pedra, mas um peitoral de armadura.

Estávamos seguindo em um ritmo suave e bambolean-te.

Esforcei-me para sentar, mas os braços eram como um tornilho e me seguravam firme. – Psiu – disse a voz familiar. – Não se mexa tanto, você vai assustar o cavalo. Fera.

O canalha tinha feito de novo.

O mundo girou enquanto eu tentava sentar e botar a maior distância possível entre nós, que não era muita pois estávamos compartilhando uma sela. Furiosa, enfiei o cotovelo em sua coxa, e fiquei satisfeita quando ele grunhiu de dor.

– Se fizer isso comigo outra vez, mato você. Estou falando sério. – Mas, se estava falando sério, as palavras não soaram nem de perto tão ameaçadoras quanto deveriam.

Os outros cavaleiros se afastaram, nos dando a ilusão de privacidade, mas eu não tinha dúvida de que seus ouvidos estavam todos se esforçando para ouvir cada palavra que dizíamos.

O peito dele tornou a roncá, e não soube dizer se eram palavras ou riso, e minha cabeça doía demais para virar e ver. Além disso, apesar de raiva e irritação se revirarem em meu estômago como peixe estragado, eu me aquecia na força daqueles braços, aliviada por tê-los entre mim e o resto do mundo. Entre mim e D’Albret.

Merde!

– Onde estamos?

– A caminho de Morlaix.

O choque de alarme e medo trouxe uma nova onda de náusea, mas cerrei os dentes e a ignorei enquanto tentava descer do cavalo. Os braços da Fera se apertaram dolorosamente. – Está louca? – disse ele. – Segure firme ou você vai cair.

– Eu tenho de estar em outro lugar.

Ele não disse nada, mas seus braços se apertaram ainda mais até que eu mal conseguia respirar. Seria fácil, muito fácil, render-me à força daqueles braços, porque eu queria fazer exatamente isso.

Um riso de escárnio escapou de minha garganta.

– Meu pai não vai pagar resgate por mim, nem a abadessa, se é isso que você espera ganhar.

Quando falou, havia um tom estranho em sua voz.

– É isso que você acha que eu quero? Resgate?

– Por que mais você me raptaria? Resgate ou vingança são as únicas razões em que posso pensar.

– Eu não raptei você. Eu resgatei você! – Ele pareceu afrontado por minha falta de reconhecimento.

– Não pedi para ser resgatada.

Ele estendeu a mão coberta pela luva grossa e, com toda a gentileza, virou meu rosto na direção do seu.

– Sybella. – Meu nome soou adorável e musical em sua língua. – Não vou deixar que volte para D’Albret.

A ternura em seus olhos me destruiu. *Não seja estúpida*, eu disse a mim mesma. Aquilo não significava nada. Ele resgatava qualquer pessoa que passava na estrada.

Mas meu coração falso não escutava. Do mesmo modo que havia voltado pela irmã, ele havia voltado por mim.

Temendo que visse o desejo escancarado de meu coração, virei o rosto para longe dele e busquei o ultraje que havia sentido momentos antes, mas era apenas mero eco do que havia sido.

– Preciso voltar – disse, para me convencer tanto a mim mesma como a ele. – Se não voltar, a abadessa vai mandar Ismae, ou talvez Annith, que nunca deixou o convento antes. Nenhuma delas tem chance contra D’Albret. – Eu estive totalmente pronta para aceitar meu destino, dessa vez pelas razões certas. Por amor, não por vingança. E mais uma vez aquele... homem, aquela... *montanha*... tinha destruído minha decisão conquistada a duras penas com um simples movimento de seu pulso. E, apesar de nenhuma das razões desesperadas que haviam me levado a aceitar aquela missão ter mudado, eu temia não ser capaz de reavivar minha determinação.

– A abadessa não é tola. Cruel, talvez, inescrupulosa, mas não tola. Ela não vai enviar uma de suas servas para a morte certa. Está usando as duas para ameaçá-la.

– Não estou disposta a apostar a vida de minhas amigas nisso – disse em voz baixa. – Além demais, e se for minha sina, meu destino, deter D’Albret, e eu não fazer isso?

Ele ficou por um bom tempo em silêncio. Sua alegria desapareceu como a última neve de inverno.

– Será que podemos algum dia conhecer nosso destino? – perguntou. – Eu acreditava que o meu era resgatar Alyse, mas fracasei. Por isso, sem dúvida não era. É possível que não podemos conhecer nossos destinos até estarmos frios no chão, nossa vida acabada.

Apesar de temer que ele estivesse certo, não estava disposta a desistir.

– E se sua missão em Morlaix falhar?

– Vamos ter de garantir que isso não aconteça.

– Só um comandante tolo deposita todas as suas esperanças de vitória em apenas uma cesta.

– Sybella. Você não pode detê-lo. Não sozinha.

Suas palavras eram tão sedutoras que eu temia ter de cobrir os ouvidos para evitar que me tentassem.

– Mas eu devo – murmurei.

– Ah, mas não tem escolha, pois foi raptada por alguém muito mais forte que você e não pode escapar. Melhor se conformar logo com isso. Além disso, peguei seus pertences, por isso a abadessa vai pensar que você partiu para Nantes, como pretendia fazer.

Tive de admirar sua eficiência, e uma pequena parte de mim torcia para que funcionasse. Ficar livre não só de D’Albret, mas da abadessa também? Era daquele jeito que Amourna devia ter se sentido na primeira vez que teve permissão de deixar o inferno.

Fera pôs a mão grande em minha cabeça e a empurrou na direção de seu peito.

– Agora durma – disse ele. – Ou vou ter de bater em você outra vez.

Aborrecida, fiz o que ele me mandou. Disse a mim mesma que era só porque, de qualquer modo, era o que eu queria.



Quando tornei a abrir os olhos, o cavalo tinha parado de andar, e o sol estava em um ângulo baixo no céu. Estávamos parando para a noite.

Pisquei quando Winnog arrastou os pés em nossa direção, e a Fera se preparou para me descer da sela. Com a aproximação dele, o cavalo empinou e moveu as patas no ar até que a Fera fizesse algo com os calcanhares e murmurasse uma ordem, então o animal parou por tempo suficiente para que eu descesse da sela para as mãos do carbonário à espera.

– Qual o problema com seu cavalo? – perguntei assim que estava em segurança no chão.

– Esse não é um cavalo natural, *milady* – murmurou Winnog –, mas alguma criatura do mal saída diretamente do mundo inferior.

Fera deu um de seus sorrisos lunáticos, depois conduziu a criatura para a beira do acampamento, onde estavam prendendo os cavalos.

– *Milady*? Precisa descansar? – perguntou Winnog, e percebi que ainda estava agarrada a seu braço.

Eu o soltei imediatamente.

– Não, obrigada. Prefiro esticar as pernas.

Ele assentiu de leve com a cabeça.

– Então, se me der licença, vou ajudar com os cavalos.

Fiquei ali por um instante, observando o enxame de atividade enquanto o grupo chegava em suas montarias e começava a apeaar. Mais de dez homens do exército da duquesa estavam em belos corcéis e garanhões, e brigavam por posição, tentando passar à frente de um número igual de carbonários em seus pôneis e cavalos. Nenhum deles parecia disposto a ceder passagem para os outros, e em minutos aquilo estava uma balbúrdia caótica de homens xingando e cavalos empinando. *Merde*. Se aquele era o tipo de cooperação que a Fera esperava, ele tinha sido mais que estúpido me impedindo de ser o plano de emergência. Teríamos sorte se *chegássemos* a Morlaix, quanto mais se expulsássemos os franceses para que as tropas britânicas pudessem desembarcar.

Lentamente tomei consciência de uma coisa. Rennes estava a apenas um dia de distância a cavalo, e o próprio D’Albret não chegaria lá até o final do dia seguinte, no mínimo. Se eu saísse naquele momento, podia chegar com tempo suficiente para penetrar em

segredo entre os seguidores do acampamento que com certeza estavam viajando com ele.

Olhei ao redor da clareira. Yannic estava lutando para prender o cavalo demoníaco da Fera. A própria Fera já tinha pegado seus mapas e os estava desenrolando para discutir táticas e estratégias com seus comandantes. Os carbonários estavam ocupados lançando olhares carrancudos para os soldados, e os soldados, ocupados em deixar claro como o dia seu desdém pelos carbonários.

Ninguém estava me vigiando. A resolução que eu temia perdida para sempre tornou a surgir.

Comecei a caminhar tranquilamente na direção da linha de cavalos. Ao me aproximar, percebi um murmúrio de movimento nas árvores, e meia dúzia de corpos emergiu. Congelei, assim como os soldados. Suas mãos foram direto para as espadas, até que Erwan lhes disse para parar. Eram apenas as mulheres dos carbonários, chegando para cozinhar para o acampamento.

Durante a confusão provocada pelas recém-chegadas, escolhi um tordilho castrado malhado preso longe do acampamento e rapidamente pus seu corpo grande entre mim e os outros, na esperança de que ele me escondesse um pouco.

Estendi a mão para acariciar o focinho sedoso da criatura e deixar que ela me cheirasse, como se estivesse apenas dizendo olá. Ao fazer isso, olhei ao redor, à procura de uma sela e arreios. Precisaria de rédea se fosse conduzir aquela criatura de volta a Rennes. Uma sela seria bom, apesar de saber montar sem uma se necessário.

– Já volto – murmurei para o tordilho, mas, antes de dar dois passos, uma mão se fechou em tornode meu braço. Uma mão grande, dura como ferro.

– Vou precisar amarrar você como Yannic amarrou os cavalos?

Maldito. Aquele grandalhão infernal não podia cuidar de seus próprios assuntos para que eu pudesse cuidar dos meus? Bufei de irritação, mas também havia um pouco de alívio. Furiosa comigo mesma por estar aliviada, puxei meu braço da mão da Fera.

– Não, não precisa me amarrar, só precisa me deixar ir para que eu complete minha missão.

Seu rosto normalmente franco estava duro e implacável. Era a primeira vez que eu via sua ferocidade dirigida a mim, e me forcei a sorrir para que ele não percebesse como era enervante.

– Nós já discutimos isso. Você vai ficar aqui. Camulos sabe que esta missão pode usar suas habilidades.

– Deve haver um plano de emergência caso esse esquema improvisado não renda frutos. E, pormais que eu deteste a abadessa e não confie nela, ela está certa. Quanto mais oportunidades de atacar D’Albret, melhores nossas chances.

Ele estendeu a outra mão e segurou meu ombro.

– Não vou deixar que você se coloque em uma situação tão perigosa. – Pelo mais breve dos segundos, a raiva deu lugar ao desespero absoluto e, em seguida, passou.

O aperto em meu braço afrouxou e, lentamente, ele se inclinou em minha direção. Esquecendo minha própria irritação, fiquei muito, muito imóvel.

– Se bater em mim de novo, eu vou *matar* você – murmurei.

– Não era bater que eu tinha em mente. – Então suas mãos subiram e envolveram minha cabeça, fazendo com que eu me sentisse pequena e frágil. Não, não frágil, mas estimada. Como se eu fosse um tesouro precioso.

Quando ele se inclinou para mais perto, não me movi, nem sequer respirei. Observei seus lábios se aproximarem dos meus, maravilhada com sua forma, com uma covinha mínima no canto esquerdo de sua boca, tão pequena que era impossível de ver a menos que você estivesse muito perto. Seus lábios tocaram os meus, mais quentes e macios do que tinham qualquer direito de ser. Fui tomada por sensações que nada tinham a ver com alívio ou fúria. Eu simplesmente queria. Eu o queria, sua força, sua honra, e sua maldita tranquilidade. Queria sorver e me encher de tudo aquilo como se fosse vinho com mel de um cálice.

Sem conseguir resistir, fechei os olhos, me aconcheguei nele e me permiti imaginar que alguma coisa entre nós era possível.

Mas não era, não com todos os segredos que ainda existiam entre nós.

Lentamente, exalando arrependimento por todos os poros de meu corpo, eu me afastei. Seus olhos se abriram, e estavam cheios de ardor.

– Como você pode não estar com raiva de mim? – murmurei. – Eu o enganei repetidas vezes. Quasetodas as palavras que saíram de minha boca eram mentira. – Estava desesperada para botar algum tipo de barreira entre nós, ou temia me atirar sobre ele como uma criada tola qualquer.

Ele deu um suspiro profundo, então se afastou para se apoiar em uma árvore próxima e aliviar o peso da perna ruim.

– No início, fiquei furioso pelas mentiras e por ter sido enganado. E por uma D’Albret. Parecia que os próprios deuses estavam zombando de mim. Querendo atizar essa raiva, repassei tudo o que você tinha dito, tudo o que tinha feito. E, embora suas palavras possam ter mentido, seus gestos nunca o fizeram. Eu já a vi nas situações mais difíceis, escoltando um homem ferido pelo campo e, ao mesmo tempo, evitando soldados inimigos e batedores hostis sem se preocupar com seu conforto ou segurança. Você se preocupou mais com a filha do

moleiro e a situação dos carbonários do que com seu próprio bem-estar. E matou homens do próprio D'Albret com um sorriso no rosto e alegria no coração.

Olhei para ele boquiaberta, sem conseguir falar, enquanto ele descrevia essa nova Sybella que eu mal reconhecia.

Ele passou a mão na cabeça.

– Depois que a raiva passou, fiquei revoltado porque você não tinha confiado em mim o suficiente para me contar a verdade. Mas como reagi exatamente como você temia, sem dúvida eu não era merecedor dessa confiança. – Ele tornou a ficar sério. – Mas, Sybella, eu já vi você quando há decisões difíceis à sua frente, não essas escolhas falsas da memória, e todas as vezes você escolheu bem. Escolheu o caminho que ajuda mais gente e machuca menos os outros. E é por isso que não guardo nenhum rancor de você.

Sem conseguir me segurar, levei a mão a seu rosto, precisando ter certeza de que ele era real, e não uma visão que meu cérebro extenuado havia concebido. Sua pele estava quente, e os pelos de sua barba ásperos sob meus dedos.

– Como seu coração ficou tão grande? – perguntei.

Um brilho de algo, dor com talvez um toque de amargura, cintilou brevemente em seus olhos, então desapareceu.

– Porque não tenho ninguém com quem dividi-lo desde a morte de Alyse.

Então, houve um berro. Seguido pelo retinir de aço. Uma mulher gritou.

Fera se afastou da árvore num pulo e correu de volta para a clareira o mais rápido que sua perna ferida permitia. Ergui a barra de minha saia e o segui.



Havia um início de briga perto das fogueiras onde a comida estava sendo preparada. Duas mulheres dos carbonários estavam paradas, com expressões desconfiadas. Reconheci Malina, mas não a mais nova. Erwan, Lazare e Graelon haviam se postado diante das mulheres, como um escudo. Dois soldados da Fera os encaravam, um de cabeça raspada, olhos frios e espada na mão.

– Deus do céu – murmurou a Fera enquanto mancava adiante. – O que está acontecendo?

O soldado que havia sacado a espada não tirava os olhos dos carbonários.

– Esses homens nos insultaram quando sacaram suas facas. Só estou

querendo que usem suas armas.– O peito dele estava estufado como o de um galo com raiva.

– Nós os insultamos? Foi você que desrespeitou nossas mulheres e irmãs tentando arrastá-las para o mato para saciar sua luxúria!

O segundo soldado, sir de Brosse, deu de ombros preguiçosamente.

– Achei que fossem dessas mulheres que seguem os acampamentos. Não tivemos nenhuma intenção de ofender.

Fera estendeu a mão e o golpeou na parte de trás de seu crânio grosso.

– Mantenha sua faca na bainha, idiota. Não tem ninguém seguindo nosso acampamento aqui.

Os olhos de De Brosse se voltaram em minha direção, e a Fera deu um passo à frente.

– Essa é lady Sybella. Ela serve Mortain e, a menos que você deseje ser estripado como um peixe, sugiro que mostre a ela e a todas as mulheres deste acampamento o máximo de respeito.

De Brosse sorriu envergonhado e fez uma reverência para se desculpar, primeiro em minha direção, depois para as mulheres carbonárias.

– Gaultier! – a Fera repreendeu o outro soldado. – Guarde sua espada e vá cuidar da montagem das barracas.

Os olhos do homem permaneceram nos carbonários até que a Fera o pegou pela nuca e o sacudiu.

– Minhas desculpas. Sir Gaultier é cabeça quente, e sir De Brosse tem um fraco por mulheres. Isso não vai tornar a acontecer. Não se eles desejam permanecer sob meu comando.

Depois que a Fera acompanhou os soldados para longe dali, caiu um silêncio desconfortável.

– Continuem – gritou Erwan para a plateia que tinha se formado. – Vocês todos têm trabalho a fazer. Mãos à obra.

Voltei até uma das árvores e sentei na base de seu tronco para pensar, ainda não conseguindo decidir o que fazer: ficar ou voltar para Rennes e encontrar um caminho até D’Albret.

Eu não podia deixar de pensar que não merecia aquela bênção. Mas era apenas humana e não sabia se conseguiria recusar tal presente. Além disso, se fosse meu destino matar D’Albret, eu já não o teria feito nos muitos meses passados sob seu teto? Por que agora seria diferente?

Muito tempo atrás eu havia parado de acreditar que orações fizessem qualquer bem, mas agora parecia que as minhas tinham sido respondidas. Como se a mão do próprio Mortain tivesse entrado em minha vida, me tirado de meus pesadelos e me posto onde eu mais desejava estar: ao lado da Fera.

Decidi aceitar aquela dádiva que os deuses me haviam oferecido.

Um lobo uivou ao longe. Que ele viesse, pensei. Fera iria simplesmente uivar de volta, e a criatura daria meia-volta com o rabo entre as pernas ou entraria em suas fileiras e o seguiria, como o resto de nós.

Capítulo Trinta e Seis

O SOL NASCENTE AINDA NÃO tinha mostrado a sua cara quando pegamos a estrada, mas pelo menos não estava mais totalmente escuro. Mesmo assim, levamos os cavalos a passos lentos até o sol surgir acima do horizonte. Então a Fera deu o comando de galopar, a urgência de nossa missão nos empurrando adiante.

A própria Fera cavalgava do início ao fim de nossa fileira, assegurando-se de cumprimentar calorosamente cada homem ou compartilhar alguma piada particular. Quando fazia isso, os homens sentavam-se eretos ou apuravam os ombros. Seus corações se alimentavam desse estímulo tanto quanto seus corpos se alimentavam de pão.

Pensei em meu pai e meus irmãos e em como comandavam seus homens. Eles usavam medo e crueldade para chicoteá-los adiante e forçá-los a fazer suas vontades. Mas a Fera não liderava apenas pelo exemplo – também deixava os homens ávidos para se verem como ele os via.

Do mesmo modo como eu desejava acreditar que era a pessoa que ele via quando olhava para mim.

Eu estava morrendo de medo do que quer que estivesse surgindo entre nós. De quanto eu desejava isso.

Meus sentimentos por ele tinham começado muito antes de chegarmos a Rennes, quando ele me contou pela primeira vez que havia voltado pela irmã. Mas minha crença de que ele não iria – não poderia – gostar de mim também havia criado um fosso de segurança em volta de meu coração, e eu nada tinha a temer, porque toda a situação era impossível.

Mas agora... agora eu olhava em seus olhos e via que ele acreditava ser possível. Sem dúvida era apenas porque ele não me conhecia de verdade. Ainda havia coisas, coisas relevantes, que eu tinha omitido dele. E embora a Fera fosse forte e seu coração, generoso, eu não tinha certeza se ele era forte o suficiente para amar a mim e a todos os meus segredos.

Não conseguia decidir se devia enterrar o resto desses segredos tão fundo para jamais retornarem à superfície, ou se devia jogá-los em sua cara como uma luva. Melhor que me odiasse agora do que depois,

quando eu tivesse me acostumado com seu amor.

Mas os deuses já não haviam provado como era fútil tentar manter meu passado escondido? O que me deixava com uma única opção clara, uma que me fez desejar ter obedecido a abadesa e ido para o acampamento de D'Albret.

– Por que está tão carrancuda, *milady*?

Ergui o rosto e me surpreendi ao ver a Fera cavalgando ao meu lado. Como alguém tão grande podia se mover tão silenciosamente? Abri a boca para fazer exatamente essa pergunta, mas me surpreendi perguntando outra coisa.

– Sabe que eu já matei mais de trinta homens? – Suas sobranceiras se ergueram, não sei se devido à confissão ou ao número de mortes. – E dessas, apenas dezesseis foram sancionadas por Mortain.

Como ele não disse nada, acrescentei, um tanto impaciente:

– Não mato apenas porque Mortain ordena, mas porque gosto.

– Eu já percebi – disse ele. – Eu também tenho grande prazer em meu trabalho. – Ele olhou à nossa volta. – Há alguém aqui que você deseje matar?

Sem saber ao certo se ele estava me provocando ou falando sério, resisti à vontade de socá-lo. Sem dúvida, para um homem com fama de ter matado centenas em batalha, minha ínfima contagem de vítimas não era muito impressionante. Talvez algo com que ele tivesse tido menos experiência pessoal.

– Sou perversa, carnal e já dormi com vários homens. Talvez dezenas. – Apesar de, na verdade, terem sido apenas cinco.

Fera não olhou para mim. Em vez disso, examinou a fileira de cavalos e carroças que se estendia às nossas costas.

– Você trata a si mesma com demasiada indiferença, *milady*, pois não consigo pensar em um único homem que mereça tal dádiva como a que a senhorita disse ter dado.

Suas palavras atingiram algo dolorosamente terno em mim, algo que eu não queria reconhecer, por isso as desprezei com escárnio.

– O que você sabe de tais coisas? Sou provavelmente uma das poucas moças que não fugiram dessa sua cara feia.

Ele se virou para me olhar. Seus olhos cintilavam de diversão como a luz do sol refletindo na água.

– Isso é verdade, *milady*. – Então ele se afastou, voltando pela fila de nosso grupo para garantir que não havia retardatários, e fiquei com a convicção de que seria mais fácil dissuadir uma avalanche do que aquele homem.



Perto do fim da tarde, chegamos a uma pequena área de floresta, um lugar recluso escolhido pelos carbonários. Os soldados não gostaram e ficaram resmungando, pois era um emaranhado escuro e primitivo de árvores e arbustos. Na verdade, as árvores ali eram muito grandes, e suas raízes tinham saído do chão e corriam pela superfície como ossos antigos da própria terra. Apesar de não saber dizer por quê, sentia-me à vontade naquele lugar, como se a presença de Dea Matrona fosse forte. Não, não Dea Matrona, mas a Mãe das Sombras. Apesar de eu não cultuá-La, podia sentir Sua presença no solo argiloso e nas folhas em decomposição pungentes sob nossos pés, e na putrefação silenciosa dos troncos caídos. Talvez fosse isso que estivesse deixando os soldados desconfortáveis.

Nosso grupo havia crescido ao longo da viagem, como se a Fera fosse alguma espécie de flautista louco cuja música convocasse rapazes ansiosos que desejavam lutar a seu lado. Além dos soldados e dos carbonários originais, juntaram-se a nós mais uma dúzia de carbonários, dois ferreiros, vários lenhadores e lavradores e três filhos fortes de fazendeiros, um dos quais era Jacques, filho de Guion e Bette.

Logo, a clareira estava cheia com a agitação e o trabalho de quase cinquenta pessoas montando acampamento para a noite que se aproximava. Senti a pele formigar como se a própria seiva que corria pelas árvores estivesse correndo pelas minhas veias, fazendo-me reviver após um inverno frio e difícil.

Desejando fazer algo, ofereci-me para ajudar Malina a preparar o jantar, mas ela me enxotou.

– Você é uma dama e, além disso, assassina. Seu lugar não é junto do caldeirão de sopa.

Virei-me e examinei o acampamento. Alguns carbonários estavam ocupados levantando barracas rústicas na clareira, outros estavam recolhendo água de um córrego próximo para que os cavalos cansados pudessem beber. Os soldados tinham ido caçar nosso jantar, e até os garotos verdes tinham sido mandados buscar lenha. Como eu me recusava a ficar sentada sem fazer nada enquanto os outros trabalhavam, peguei uma das correias para recolher lenha e segui para o meio das árvores.

Andar entre as árvores me acalmou. Naquele silêncio e imobilidade, eu me vi satisfeita, uma sensação que mal reconhecia. Eu gostava daquela vida, dos dias de cavalgada dura e das noites cheias de tarefas e necessidades, sem tempo para prazeres fúteis ou jogos perversos.

Talvez eu pudesse simplesmente cavalgar ao lado da Fera enquanto ele viajava pelo reino levantando um exército para a causa da duquesa. Esse pensamento me fez sorrir, pois era uma ideia fantasiosa

que eu não ousaria me permitir se não estivesse ali sozinha, sem ninguém para ver.

Mas eu estava sozinha? Vozes e batidas estranhas chegaram aos meus ouvidos. Caminhei cautelosamente na direção do som, com cuidado para não pisar em nenhuma folha ou graveto seco que pudessem me entregar.

Cheguei a uma clareira e vi que eram apenas garotos do acampamento que haviam parado de recolher lenha. Tinham pegado galhos e estavam brincando de lutar de espadas. Eram garotos fortes, mas seus movimentos eram desajeitados e sem habilidade. Os carbonários estavam certos em chamá-los de verdes. Comecei a sorrir ao ver seus movimentos, mas então um calafrio percorreu minha espinha. Aquilo em que estávamos não era um jogo e, de repente, entrei em desespero por nossas chances, não apenas de sucesso, mas de sobrevivência.

Saí do meio das árvores.

– Tolos! – repreendi-os. – Vocês não estão batendo palha de colchões.

Os meninos congelaram, seus rostos tomados de embaraço e desafio.

– O que você sabe dessas coisas? – perguntou o filho do lenhador, carrancudo. – *Milady* – acrescentou como uma lembrança tardia.

– Aparentemente, mais que vocês. Não devem bater um no outro como se estivessem debulhandotrigo. Há um ritmo de ataque e defesa, ataque e contra-ataque que vocês precisam saber, ou vão ser estripados como porcos.

Os olhos do filho do lenhador brilharam com ressentimento. Eu tinha atingido seu orgulho de macho e esfregado seus narizes em sua falta de privilégio, pois sem dúvida eles nunca haviam tido oportunidade de sequer assistir a lutas de espadas, muito menos praticá-las.

– Não há tempo nos três dias até chegar a Morlaix para ensinar a vocês a arte da espada. Isso leva anos. Sem falar que não há espadas sobrando, então vocês estão desperdiçando seu tempo.

– O que a senhorita quer que a gente faça? Recolha lenha? – Um dos filhos do ferreiro chutou um galho a seus pés, aborrecido.

– Não – disse eu, aproximando-me. – Vocês podiam aprender alguns jeitos rápidos e mortais dematar um homem para terem alguma serventia para a duquesa nesta missão.

Os rostos dos garotos eram uma mistura de desconfiança e esperança.

– E quem vai perder tempo nos ensinando essas habilidades? *Milady*? Eu sorri.

– Eu vou.

Levei a mão aos pulsos e saquei as facas de suas bainhas. O interesse dos garotos aumentou rápido, menos o do filho do ferreiro, que ainda estava cético.

– O que podemos aprender sobre luta com uma mulher? – perguntou ele aos outros, e expressões dedúvida surgiram em seus rostos. Dois deles chegaram a rir. Queria tomar suas cabeças gordas em minhas mãos e bater uma na outra como jarros vazios. Jacques falou.

– Essa não é uma mulher comum, seu tolo. Você não ouviu o comandante ontem? Ela serve Mortain.

– Ele baixou a voz. – Ela é uma assassina.

O filho do ferreiro piscou.

– Isso é verdade?

Em resposta, peguei uma das facas e a arremessei. Ele só teve tempo de ficar boquiaberto de surpresa antes que sua capa ficasse presa à árvore atrás dele, bem acima de seu ombro.

– É verdade – disse eu.

Sem mais discussões, voltei-me para Jacques.

– Você faz dupla comigo. O resto forma duplas de acordo com o tamanho. – Com um olhar envergonhado para os outros, Jacques arrastou os pés pelo chão da floresta até parar diante de mim, as mãos penduradas imóveis ao lado do corpo.

Retirei as duas facas que levava em minhas botas e as entreguei para dois outros garotos.

– Assim como assassinos, a maior força de vocês será sua astúcia e a capacidade de se moverem sem serem vistos. E com velocidade. Vocês vão precisar se aproximar rápido, atacar e fugir antes que alguém perceba que estiveram lá. Isso significa que, além do que vou ensinar a vocês esta noite, vocês precisam começar a aprender a se movimentar em silêncio. Agora mesmo, pareciam um rebanho de bois correndo pela floresta. Se precisar, finjam que estão tentando surpreender alguém, mas aprendam a andar sem fazer barulho.

– Não há honra nisso – escarneceu um dos lenhadores.

Antes que ele conseguisse piscar, aproximei-me, arranquei o cinto de sua cintura e o enrolei em sua garganta, apertado o suficiente apenas para chamar sua atenção.

– Também não há honra em jogar sua vida fora. Não quando a duquesa precisa de cada homem doreino se quisermos ganhar a guerra que se aproxima.

O garoto engoliu em seco, depois balançou a cabeça para mostrar ter entendido. Eu me afastei e lhe devolvi seu cinto.

– Além disso, se o que você diz é verdade, então aquelas a serviço de Mortain não têm honra, e estou certa de que não quis fazer tal acusação.

Eles sacudiram rapidamente a cabeça.

– Agora, o modo mais rápido e silencioso de matar um homem é cortando sua garganta, bem aqui. –Passei o dedo pela minha própria. – Isso não só é um golpe mortal excelente, mas também uma maneira de o silenciar para que ele não possa gritar e alertar os outros. – Entrei na lição que me ensinaram no convento com tanta facilidade quanto entrava em um vestido novo. – Aqui. Ponham os dedos na própria garganta. Sintam o buraco na base do pescoço. O ponto que vocês têm de atingir fica três dedos acima. – Eu observei enquanto todos eles apalpavam o próprio pescoço. – Bom.

Agora vou mostrar a vocês como é o golpe dado por trás.

– Em mim? – perguntou Jacques, com um tremor na voz.

– Sim – disse eu, escondendo um sorriso. – Mas vou usar o cabo da faca, não a lâmina.

Passei a hora seguinte ensinando aos garotos verdes algumas de minhas habilidades mais básicas e grosseiras. Como cortar uma garganta; onde atacar pelas costas para matar um homem com apenas um golpe; o melhor modo de se posicionar para estrangular alguém com um garrote de modo que, quando ele se debatesse, você não perdesse a pegada. Não tivemos nem de perto tanto tempo quanto eu gostaria, mas precisávamos de lenha para alimentar as fogueiras se quiséssemos comer. Todos ainda estavam desajeitados e atrapalhados com os movimentos, mas agora tinham pequenas habilidades que podiam usar.

Naquela noite, quando finalmente sentamos para comer, senti como se tivesse trabalhado pelo meu jantar.

Quando a refeição terminou e o fogo queimava baixo, fui em busca de minha manta de dormir. Alguém – Yannic, eu presumi – já a havia arrumado cuidadosamente entre duas das grandes raízes de uma árvore para que eu ficasse aninhada entre elas. Quase caindo de exaustão, estendi a mão para erguer o cobertor, então pisquei de surpresa ao ver um pequeno buquê de flores rosa que havia sido deixado em meu travesseiro.

Parecia que meus pecados tinham sido perdoados. Pelo menos, aqueles dos quais a Fera sabia.

Capítulo Trinta e Sete

MAIS TARDE, DEPOIS QUE TODOS tinham ido dormir, uma forma grande e pesada afastou-se das últimas chamas do fogo e se moveu em minha direção.

– Você parece um bebê no berço – disse a Fera.

Olhei para as raízes ao meu redor e decidi que gostava da comparação.

– Dea Matrona está me protegendo. – Eu estava certa de poder sentir as raízes pulsando enquanto extraíam alimento da terra.

Tomando cuidado com a perna ferida, ele se apoiou na árvore para se abaixar até o chão ao meu lado.

– Você terminou de confessar todos os seus pecados mais sombrios para mim?

Estava feliz por ele ter aceitado todas as minhas confissões anteriores sem perder seu bom estado de espírito, e sem dúvida os deuses estavam me oferecendo aquele momento perfeito para contar o restante. Fiquei grata pela escuridão que nos envolvia, lançando sombras sobre tudo, de algum modo emudecendo a vida.

– Infelizmente, não. – Respirei fundo. – Tenho de alertá-lo que o senhor está cortejando a própria mulher responsável pela morte de sua irmã.

Um momento se passou, e mais outro, e ele continuou em silêncio. Olhei através da escuridão tentando ver seu rosto, à procura de algum sinal de que minha confissão o tivesse deixado confuso ou sem fala, tamanha sua revolta.

– Não me ouviu?

– Ouvi. – A palavra saiu devagar, como se ele tivesse precisado erguê-la de algum poço profundo. – Mas também sei que você é rápida em se pintar sob a luz mais sombria possível. Quantos anos você tinha?

– Catorze – murmurei.

– Foi sua própria mão que deu o golpe mortal?

– Não.

Fera balançou a cabeça, pensativo.

– Você pode me dizer como uma garota de catorze anos sozinha poderia deter alguém como D’Albret?

– Eu podia ter contado a *alguém* – disse, angustiada.

– A quem? – disse Fera, com raiva. – A quem você podia ter contado que teria as condições e opoder para deter a mão dele? Seus soldados, que juraram servi-lo? Seus vassalos ou serviçais, que fizeram juramentos parecidos? Ninguém poderia contrariar um senhor perigoso e poderoso como D’Albret com base na palavra de uma mera criança.

– Mas...

– Todas as coisas que você fez, ou não fez, foram questão de sobrevivência. Contar a alguémapenas teria revelado que você sabia a dimensão do que acontecia sob o teto de D’Albret e a teria posto sob um risco ainda maior.

– Não é só isso – insisti. – Eu era desagradável e ria quando meus irmãos provocavam Alyse oufaziam piadas cruéis com ela. Ria tão alto quanto eles.

Fera rangeu os dentes, e ficou claro que eu finalmente o fizera ver a extensão de minha crueldade.

– E o que teria acontecido se você não tivesse?

– Alyse teria uma verdadeira amiga, alguém que teria ficado do seu lado em vez de correr à primeira ameaça.

Ele se inclinou e se aproximou de meu rosto o máximo possível.

– Se você não tivesse rido da crueldade deles, teria sido o próximo alvo. – Ele ergueu a mão, interrompendo o fluxo de minhas palavras. – Não esqueça que eu já a vi dormindo, e sei quanta escuridão a assombra. Também estou bem certo que muito pouco dela é sua. Torno a dizer: todas essas coisas que você fez, ou não fez, foram questão de sobrevivência.

Ficamos nos encarando por um momento longo e cáldo, então fui tomada pela raiva. – Por que você não tem o bom senso de ver que eu não sou merecedora de perdão?

Ele riu, um som duro, sem humor.

– O Deus a que sirvo é quase tão sombrio quanto o seu, *milady*. Não estou aqui para julgar ninguém.

Enquanto olhava fixamente em seus olhos, vi um leve eco dos horrores que ele tinha vivido no ardor da batalha e finamente compreendi. Ele realmente conhecia parte da escuridão com a qual eu lutava.

Ficamos imóveis por algum tempo na noite que avançava. Seu rosto era quase todo ângulos e planos escuros, com apenas um leve brilho do fogo distante nos atingindo.

– Eu gostaria que você me contasse como minha irmã morreu – disse ele por fim.

Apesar de ele ter todo o direito de saber o que acontecera, meu coração se acelerou, e parecia que uma grande mão tinha apertado

meu peito. Mas, Doce Mortain, aquilo era o mínimo que eu devia a ele. Fechei os olhos e tentei recuperar a memória, mas era como se uma porta grossa barrasse minha entrada, e quando me esforcei para abri-la, minha fronte doeu e meu coração bateu tão rápido que temi que fosse estourar dentro de meu peito.

Eu me lembro do grito. E do sangue.

Então não havia nada além de um poço escancarado que ameaçava me engolir inteira.

– Não posso – disse eu. Algo em seu rosto mudou, e sua decepção comigo era palpável. – Não, não– apressei-me a explicar. – Não estou me recusando ou sendo evasiva. Na verdade, não consigo me lembrar. Não de tudo. Tenho apenas fragmentos, e quando me esforço demais para puxar a memória, só vem escuridão.

– Tem alguma coisa de que você lembre?

– Lembro de um grito. E de sangue. E de alguém me batendo. Foi quando percebi que o grito erameu. – A mão gigante em torno de meu peito apertou e expulsou todo o ar de meus pulmões. Manchas negras começaram a dançar diante de meus olhos. – E é só isso.

Ele me encarou por um bom tempo, e eu teria dado anos de minha vida para ser capaz de ver seu rosto com clareza, para saber o que ele estava pensando. Então, através da escuridão, sua mão grande e quente tomou a minha com ternura, e tive vontade de chorar com a compreensão daquele toque.



A estrada para Morlaix passava desconfortavelmente perto da residência de minha família. Ela ficava poucas léguas ao norte, e só saber dessa proximidade fazia meu corpo inteiro se contorcer de desconforto. Fera não dizia nada, mas vi que seu olhar se moveu naquela direção uma ou duas vezes, e fiquei me perguntando o que ele estava sentindo. Por sorte, começou a chover, gotas grandes e suaves que rapidamente se transformaram em um temporal, levando nossa mente para outras preocupações. Entretanto, não podíamos nos dar ao luxo de parar, por isso seguimos em frente. Embora ninguém reclamasse, apenas os carbonários pareciam não se importar. No meio da manhã, o chão da floresta estava enlameado, e nosso progresso foi reduzido a um avanço lento e difícil. Mas, enquanto conseguíamos seguir em frente, seguimos. Era preciso. Naquele exato instante, D'Albret provavelmente estava acampado diante de Rennes, dando sinal para seus sabotadores. Por favor, Mortain, que tivéssemos encontrado todos eles. Se não, tínhamos de esperar que Duval e

Dunois estivessem em alerta.

Quando o segundo cavalo atolou na lama e perdemos cerca de uma hora para soltar a roda de uma das carroças, a Fera decidiu que devíamos esperar o fim da tempestade, e mandou batedores à frente para procurar abrigo.

Pouco tempo depois, eles voltaram.

– Há uma caverna pouco mais de um quilômetro ao norte daqui – Lazare disse a ele. – É grande e pode abrigar todos nós, e os cavalos também.

O cavalo de De Brosse não parava quieto.

– É uma caverna antiga, milorde. Com marcas estranhas e altares antigos. Não tenho certeza se os nove vão apreciar nossa invasão.

Eu ri, principalmente para que eles não ouvissem meus dentes batendo de frio.

– Nesse grupo, servimos a Morte, a Guerra e a Mãe das Sombras. Quem você acha que devemos temer?

De Brosse fez uma reverência obediente, e a Fera deu a ordem de seguir para a caverna. Quase torci para que fosse uma boca aberta direto para o inferno, pois uma coisa era certa: o calor cairia bem.

Capítulo Trinta e Oito

MESMO ENQUANTO METADE DO GRUPO ainda estava entrando na caverna, os carbonários já tinham acendido tochas e começavam a preparar fogueiras. A caverna era mesmo enorme. Podíamos abrigar um grupo duas vezes maior que o nosso ali.

Houve muito barulho de pés, resmungos de alívio e o ranger de couro e arreios enquanto cinquenta homens montados apeavam e se acotovelavam para abrir espaço para si mesmos e seus cavalos.

Após desmontar e entregar meu cavalo para Yannic, dei uma volta pelo interior da caverna para fazer com que o sangue voltasse a correr em meus membros. Também queria saber sob o abrigo de quem passaríamos a noite. Os carbonários chamavam aquele lugar de o útero da Mãe das Sombras, e podia mesmo ser, mas outros deuses tinham sido cultuados ali, e mais recentemente.

Havia um altar antigo bem no fundo. As tochas mal lançavam alguma luz longe, mas pude ver o contorno indistinto de ossos pequenos de alguma oferenda feita muito tempo atrás. Desenhos antigos tremeluziam nas paredes da caverna: uma lança, uma trompa de caça e uma flecha. Só quando vi a mulher montada em um javali gigante tive certeza de termos nos deparado com um dos refúgios de Arduinna, onde ela e seu grupo descansavam após suas caçadas.

Tranquilizada, voltei para a entrada da caverna, onde o restante do grupo estava dividido entre arrumar um lugar confortável e comer.

Os homens mais jovens, os filhos dos fazendeiros, lenhadores e ferreiros, eram os que mais se sentiam desconfortáveis. Os carbonários não tinham medo daquele lugar, e os soldados eram disciplinados demais para demonstrar seu temor, apesar de eu poder sentir seu cheiro neles do mesmo modo como sentia o seu suor. Mas os meninos verdes estavam encolhidos juntos, olhando ao redor com olhos arregalados, tremendo em partes iguais de frio e medo.

– Arduinna – anunciei. – A caverna pertence a Saint Arduinna. Não a Mortain, não a Camulos, nemmesmo à Mãe das Sombras. – Dei um olhar de advertência para Graelon, que parecia querer me corrigir. – Mas à deusa do amor. Não há nada a temer. – Apesar de isso, sem dúvida, ser mentira, pois o amor me aterrorizava mais que a morte ou a batalha. Mas aqueles jovens não precisavam saber disso. Na verdade,

Samson riu, e olhou para Gisla, que estava ajudando Malina a botar as panelas para ferver. Era tudo de que precisávamos naquele momento: a deusa da luxúria penetrando em todos aqueles homens com apenas meia dúzia de mulheres entre eles.

– Venham – disse eu bruscamente. – Peguem suas armas e vamos para o fundo, onde há lugar parase espalhar.

Samson, Jacques e os outros me olharam surpresos.

– Aqui?

– Vocês acham que suas habilidades são tão grandes que podem abrir mão de praticar?

– Mas não tem espaço.

– Ah, tem, sim. Agora, sigam-me, a menos que estejam com medo. Samson, Bruno, tragam as tochas.

Claro, nenhum deles iria admitir estar com medo, sem dúvida não na minha frente, por isso conduzi

o grupo para as profundezas da caverna e mandei os garotos prenderem as tochas.

Eu me posicionei bem no fundo da caverna, pois, embora com certeza pertencesse a Arduinna, podia sentir o hálito frio de Mortain em meu pescoço. Não sabia por que motivo Sua presença era tão forte ali, e não queria os garotos de costas para Ele.

Depois de muito resmungar e reclamar, os garotos finalmente assumiram suas posições.

– Comecem – ordenei, e seus braços, desajeitados com o frio, começaram a se mover e a fazer osexercícios que estávamos praticando. Em meia hora, o frio estava esquecido, junto com o medo, e eles estavam concentrados em superar seus adversários.

Estava tão concentrada nos garotos, tentando evitar que eles acidentalmente matassem uns aos outros, que levei um tempo para perceber que tínhamos atraído uma plateia. Mais de dez soldados da Fera tinham se aproximado e estavam observando os meninos com olhos apertados e braços cruzados.

– Aposto no filho do ferreiro – disse De Brosse. – O de cabelo comprido.

– Aceito. Acho que o garoto com o machado vai ganhar a luta.

Houve um farfalhar de bolsas e o tilintar de moedas enquanto as apostas eram feitas. Suas apostas descompromissadas aumentaram minhas preocupações. Aquilo não era um jogo. A vida dos garotos provavelmente dependia do que eles estavam aprendendo ali. Além disso, aqueles garotos verdes não precisavam da distração de estarem cercados por soldados de verdade.

Pelo menos era o que eu achava até ver como os garotos consideravam importante a atenção dos soldados. Pronto – Samson tinha finalmente começado a levar o treinamento a sério, e estava com

o rosto vincado de se concentrar. Jacques também não estava mais preocupado em machucar seu adversário e por fim o jogou em uma posição que lhe permitiu passar o cordão de couro em torno de seu pescoço.

Houve aplausos, e Jacques sorriu timidamente. Então Claude surgiu por trás dele e pôs o cabo da faca em seu pescoço. Outro tilintar de moedas trocando de mãos. Não conseguia decidir se estava se divertindo ou aborrecida por a opinião dos soldados parecer ter mais peso que a minha.

– De novo – disse eu. – E desta vez, Claude, tente não rir quando cortar a garganta de seu adversário.

O jantar daquela noite foi uma ocasião alegre. Metade das bolsas dos soldados estava mais pesada após suas apostas, e o orgulho dos garotos tinha crescido em igual proporção. Até os carbonários pareciam ter relaxado um pouco.

Enquanto os homens deixavam as fogueiras para deitar no solo da caverna, a Fera veio me procurar. Eu tinha selecionado um ponto para minha manta perto do fundo, ainda desejando me posicionar entre aquela leve friagem de morte que estava me assombrando e os outros.

– Chegaremos a Morlaix amanhã – disse ele, sentando-se com cuidado no chão.

Tentei ignorar o calor que emanava de seu corpo, fingir que ele não estava perto o bastante para que eu o tocasse e que meus dedos não ansiavam por fazer exatamente isso.

– Eu sei.

Fera estendeu o braço pela curta distância que nos separava e tomou minha mão na sua. Era uma mão grande e endurecida, a palma inteira cheia de calos e cicatrizes.

– Foi uma boa ideia, seu treinamento com os garotos.

– Eu sei. – Minha resposta provocou uma risada nele, mas era verdade, eu sabia que tinha sido uma ideia boa.

Ele sacudiu a cabeça.

– Acho que perdi minha mão para comandar homens. Foi uma assassina que finalmente conseguiu uni-los, não eu.

– Agora você está indo longe demais e zombando de mim. Não tenho nenhum talento para unir homens.

Ele entrelaçou os dedos nos meus, depois levou minha mão lentamente aos lábios e a beijou.

– Jamais zombaria de você. Só digo a verdade.

Foi a sensação mais reconfortante que eu já senti, aquela mão na minha e sua promessa de lealdade tranquila. Ele oferecer aquilo a mim depois de todos os segredos que eu havia lhe contado me mortificou. Eu queria, mais do que qualquer coisa, manter aquela mão na minha e nunca mais soltá-la.

Capítulo Trinta e Nove

PERTO DO MEIO-DIA DO QUARTO DIA de nossa viagem, avistamos Morlaix. Não nos aproximamos diretamente, mas permanecemos do outro lado do rio, de onde podíamos ver as muralhas da cidade fortificada.

Fera conduziu nosso grupo rumo ao norte. Quanto mais seguíamos, mais a terra mudava. As plantações férteis e as florestas densas foram perdendo espaço para arbustos e capinzais altos e ondulantes, e havia no ar o aroma pronunciado de sal. Eu podia ouvir o ruído ritmado das ondas ao longe quando quebravam contra a costa rochosa.

Fera levou a maior parte do grupo para montar acampamento em uma área de florestas que estava à vista, a leste. Então mandou que dois de seus homens e dois carbonários o acompanhassem, além de mim. Pegamos um caminho que mal passava de uma trilha de veados e nos vimos seguindo sinuosamente em direção à orla. Quando a costa rochosa surgiu à vista, vi uma velha abadia de pedra e ao lado dela um menir ainda mais antigo. Olhei para a Fera.

– Saint Mer?

Ele assentiu com a cabeça.

– A abadessa de St. Mer tem mantido Duval informado. Ela e suas acólitas estão em comunicação com os navios britânicos, e têm observado os movimentos franceses na área também.

Sinto um leve palpitar – não de medo, mas de apreensão. Saint Mer era uma deusa velha e escorregadia, com um emaranhado de algas como cabelo, e ossos feitos como madeira jogada pelas marés. Ela era selvagem, incontrolável, ao mesmo tempo brincalhona e mortal, bela e assustadora. Seu apetite por homens era insaciável, e Ela costumava colhê-los maduros de seus barcos, arrastá-los para sua boca aquosa, depois cuspi-los quando terminava com eles.

Quando eu tinha nove anos, muito antes de ouvir as histórias de meu próprio nascimento e linhagem, eu a adotei para mim. A maioria das garotas de minha idade cultuava Amourna, mas eu não tinha serventia para Ela nem Seu amor gentil, que não passava de uma mentira contada para manter as garotas esperançosas e obedientes. Por algum tempo, me voltei para Arduinna, pois Ela era a única deusa que portava uma arma, o que me fascinava, mas, no fim, Ela me

decepcionou também. Como protetora das virgens, parecia que fracassava com a mesma frequência com que obtinha sucesso.

Por isso me voltei para Saint Mer. Sua natureza selvagem me atraía. Eu desejava dançar com as tempestades, como Ela. Queria escolher quais homens permitiria em meus domínios, e depois me livrar deles após obter meu prazer. Não que eu acreditasse poder haver algum prazer entre um homem e uma mulher, mas as histórias e os poetas sempre falavam sobre isso, e, se existisse, eu queria minha parte dele.

Mas, principalmente, eu queria ser temida como Saint Mer era temida, ter os homens me tratando com grande respeito e cautela, com medo do que poderia aguardá-los se não fizessem isso.

Quando chegamos à abadia, freamos nossos cavalos. Ao apearmos, a porta se abriu, e por ela saiu uma mulher velha e encarquilhada. Ela trazia na mão o tridente sagrado de Saint Mer, e em torno do pescoço tinha cerca de dez colares de conchas, que a identificavam como a abadessa.

Fera curvou a cabeça respeitosamente diante dela, assim como sir Lannion e sir Lorril. Eu me abaixei em uma reverência profunda. Os carbonários se entreolharam, sem saber o que fazer, então curvaram levemente os joelhos.

– Entrem e sejam bem-vindos – disse a abadessa. Ela gesticulou com o tridente, e duas garotas emergiram pela porta da abadia e vieram cuidar de nossos cavalos: as filhas de Saint Mer, nascidas da deusa com homens afogados.

Eu estava cheia de curiosidade, pois nunca havia conhecido alguém supostamente nascido de outro deus. Saint Camulos não contava, pois Ele não dizia ter gerado Seus fiéis, apenas aceitava aqueles concebidos em Seu nome.

Havia uma qualidade translúcida na pele das garotas, como se passassem mais tempo sob as ondas que sob o sol. Seus cabelos eram longos e escorridos – um, louro-claro; o outro, preto. Ao se aproximarem, vi que estavam descalças e que tinham os dedos dos pés ligados por uma membrana delicada, o que as marcava como filhas de Saint Mer. Quando entreguei minhas rédeas a uma das garotas, ela sorriu para mim. Seus dentes eram levemente pontiagudos.

Balancei a cabeça para cumprimentá-las e agradecê-las, depois apressei-me para entrar na abadia com a madre superiora.

Seu salão de recepção era austero, sem nenhum dos luxos que agradavam à abadessa de St. Mortain. Ela nos ofereceu água límpida e fresca para beber e mais nada.

– Trago agradecimentos da própria duquesa pelo auxílio que a senhora tem prestado a ela – disse Fera formalmente, e fiquei intrigada com esse seu novo lado.

A abadessa assentiu, fazendo as conchas chacoalharem.

– Estou comprometida a fazer o que estiver em meu poder para resguardar a liberdade de nossa terra.

– Há novas informações? Os britânicos ainda estão ancorados ao largo da costa?

– Sim, mas seus suprimentos estão se esgotando. Alguns habitantes locais estavam levando alimentos e água em botes, mas os soldados franceses descobriram e seus arqueiros começaram a atirar neles, então isso parou.

– E em relação a Morlaix em si?

– Há quase quinhentos soldados franceses aquartelados na cidade, com mais duzentos posicionados ao longo do estuário. Seu maior problema vão ser os canhões que os franceses posicionaram na boca da baía. Não sei se conseguem alcançar os navios, mas os capitães parecem achar que sim, e não se aproximam.

Fera olhou para os carbonários, que sorriram e balançaram a cabeça afirmativamente. Ele se virou para a abadesa outra vez.

– Os canhões deles não serão problema. Vamos tomá-los com facilidade e os barcos poderão passar. Minha maior preocupação é incapacitar o máximo possível de franceses na cidade para que os britânicos não sejam massacrados tentando desembarcar.

A abadesa caminhou até uma mesa diante de uma das janelas altas.

– Esse é um mapa da cidade – disse, enquanto nos juntávamos a ela. – Aqui. – Ela apontou para um ponto no mapa. – Disseram-me que os soldados estão sendo aquartelados aqui.

Passamos o resto da tarde tramando e planejando, tentando criar uma estratégia que tivesse alguma esperança de sucesso. Enquanto fazíamos isso, eu podia sentir o tempo erodindo nossas chances de sucesso, assim como as ondas erodiam a costa. Àquela altura, D’Albret provavelmente já havia chegado a Rennes. Com sorte, sem sabotadores para lhe dar acesso, a cidade iria aguentar.

Capítulo Quarenta

ERA FIM DE TARDE QUANDO tornamos a nos reunir com o resto do grupo. Eles tinham se ocupado durante nossa ausência e montado o acampamento, que fervilhava de atividade: selas e arreios sendo limpos, lâminas sendo afiadas e armas sendo contadas. O ar vibrava por toda parte com a antecipação que todos sentiam, mas não havia nada da velha rivalidade que estava nos assombrando desde que deixáramos Rennes. Eu não sabia se eles haviam feito uma trégua temporária, ou apenas precisavam de um inimigo comum em que se concentrar.

Só após desmontar e entregar minhas rédeas para Yannic eu vi as marcas. Ali, na frente daquele soldado, um homem cujo nome eu nem sabia. Winnog também estava marcado, percebi quando ele passou e me deu um aceno animado. Senti o alarme badalar em meu corpo como o toque de um sino.

Meu olhar varreu o acampamento em busca dos garotos verdes. Encontrei-os um pouco atrás da clareira, praticando suas habilidades. Henri e Claude também tinham marcas. Assim como Jacques. Mais de uma dúzia de homens levava a marca, e uma compreensão gelada arrepiou minha pele.

Ismae estava certa. Aqueles homens não podiam ser todos traidores de nosso país. Também não fazia sentido que Mortain os tivesse marcado todos ao mesmo tempo se eu tivesse de matá-los. Isso só podia significar que iriam morrer. Naquela noite, ou provavelmente pela manhã, durante nosso ataque a Morlaix.

Apesar de não ter comido nada o dia inteiro, achei que fosse vomitar.

Fera.

Temendo o que iria encontrar, mas desesperada para saber, saí à sua procura. Ele já havia convocado os capitães e começado a lhes contar o que descobríamos. Ignorei os outros e meus olhos devoraram o rosto feio que havia se tornado tão querido para mim. Apesar de não ter se tornado nem um pouco mais bonito e de estar coberto de barba escura por fazer, ele não tinha nenhuma marca.

Tive de me segurar para não gritar de alegria, mas as marcas que vi em De Brosse e Lorril me chamaram à razão. Por mais que soubesse

que homens iriam morrer naquela batalha, era difícil, difícil demais, saber quem não iria retornar.

Juntei-me à Fera e aos outros em uma mesinha que Yannic montara para o mapa. Olhei para o excarcereiro de D'Albret e fiquei aliviada ao ver que ele também não estava marcado.

– Há três pontos de ataque – dizia Fera. – Vamos mandar dois grupos para o norte, para tomar os canhões dos dois lados da baía. Erwan, quero que pelo menos metade do grupo seja de carbonários.

“A segunda linha de defesa que vamos atingir é a corrente maciça que eles estenderam na boca estreita da baía. Se conseguirmos cortá-la, alguns dos barcos britânicos menores vão conseguir navegar direto para o cais da cidade e desembarcar lá.

“Por fim, a maioria de nossas forças vai atacar aqui. Lazare e Graelon elaboraram um plano para imobilizar a maioria das tropas francesas.”

O rosto magro e sério de Graelon se abriu em um sorriso raro.

– Nós vamos expulsá-los com fumaça – disse ele.

Era um plano ousado e desesperado, e, exatamente por causa disso, podia funcionar. Sob a proteção da noite, os carbonários iriam bloquear as saídas do local onde dormia a guarnição, depois atear fogo a duas janelas e dirigir a fumaça para encher o ambiente. Isso deixaria uma janela – a que dava em uma queda de sete metros para o exterior das muralhas da cidade – por onde eles poderiam escapar. Haveria muitos ossos quebrados, e nem de perto mortes suficientes para deixar os homens satisfeitos, mas era o modo mais rápido de liberar a cidade da presença das tropas para que os britânicos pudessem desembarcar.

– Mande seus homens dormirem um pouco – disse Fera para os capitães. – Vamos partir à meia-noite para estarmos em posição bem antes de amanhecer e atacarmos enquanto os franceses ainda não desconfiam de nada.

Enquanto os capitães saíam para dar as ordens a seus homens, aproximei-me e parei ao lado da Fera.

– Como você faz isso? – perguntei, com o olhar nos homens que partiam. – Como manda homens para a morte?

Fera olhou para mim, surpreso.

– Você sabe que eles vão morrer?

Assenti com a cabeça, sem olhar para ele.

– De Brosse e Lorril estão marcados. Assim como uma dúzia de outros homens, entre eles Winnoge Jacques.

– Eles não são todos traidores.

– Não – concordei. – Não são. E é por isso que eu lhe pergunto: como você faz isso?

Ele ficou em silêncio, observando os homens que ia mandar para a

morte.

– Eu jurei defender a duquesa com minha vida. Não peço a ninguém o que não estou disposto a fazer. Acredito que esta é uma causa pela qual vale a pena lutar.

– E é? – Olhei para Jacques, que estava rindo com Samson e Bruno, gabando-se da coragem que esperava demonstrar na missão do dia seguinte.

Fera ficou em silêncio por um momento antes de falar.

– Essa é uma das coisas mais difíceis, e nós só vamos saber mais tarde. Às vezes, muito mais tarde.

Ficamos em silêncio por algum tempo, perdidos em nossos pensamentos separados. Finalmente, virei-me para ele.

– Qual meu papel no ataque de amanhã?

Diante de sua expressão confusa, cruzei os braços e franzi o cenho.

– Você acha mesmo que eu vou ficar aqui sentada parada esperando com as outras mulheres? – Masvi que era exatamente o que ele esperava que eu fizesse. Para que não desconfiasse de quanto a sua preocupação me emocionava, escarnei dele. – Você não pode dizer a uma serva da Morte que isso é perigoso demais.

Ele deu um suspiro e passou a mão pela cabeça.

– Imagino que não, mas bem que gostaria. – Então, ergueu os olhos azuis penetrantes para mim, me estudando com atenção. – Você poderia ver a marca em si mesma, se houvesse uma?

– Não sei – admiti. Sua pergunta me encheu de curiosidade. – Mas pode ter certeza de uma coisa: não vou morrer antes que D’Albret seja derrotado.



Os dois grupos que seguiriam para o norte da baía foram os primeiros a sair, pois tinham uma distância maior a percorrer. Sir Lannion liderava um grupo; sir Lorril, o outro. Havia tantos carbonários quanto soldados nos grupos, pois o plano não era apenas dominar os homens guardando os canhões, mas também descobrir uma maneira de inutilizá-los. Consideramos rapidamente usá-los contra os franceses, mas não havia maneira de fazer isso sem também atingir os habitantes da cidade, coisa que não estávamos dispostos a fazer.

Não conseguia tirar os olhos do alegre, magro e alto Winnog e da leve marca negra que havia em sua testa. Embora soubesse ser errado, procurei Lazare, que também tinha sido escolhido para a unidade dos canhões.

Quando me aproximei, ele me olhou desconfiado.

– O quê? – perguntou.

– Quero que você cuide bem de Winnog.

– Winnog? Você está louca se desconfia de alguma trapaça ou traição.

– Não desconfio de nada disso – retruquei bruscamente. – Digo isso a você porque ele está marcado para morrer.

Os olhos de Lazare se arregalaram tanto de medo como de surpresa.

– Você pode ver uma coisa dessas?

– Posso, é um dos poderes que me foi dado por meu Deus.

O olhar de Lazare ergueu-se para o alto como se quisesse olhar para a própria testa. Eu segurei um sorriso.

– Você não tem marca – disse a ele. – Não sei se podemos derrotar a Morte, mas estou disposta atentar. Cuide bem dele, e mantenha-o o mais seguro que a missão permitir.

Lazare me deu um sorriso brávio.

– Se há alguém que pode derrotar a Morte, é a Mãe das Sombras. Vou cuidar de Winnog. E obrigado. – Nossos olhares se cruzaram por um longo instante, depois ele se juntou ao grupo principal, movendo-se para ficar perto de Winnog.

Eu não podia salvar todos, mas os inocentes, aqueles que não entendiam totalmente os deveres com os quais haviam se comprometido, esses eu tentaria proteger.

Meu próprio grupo seria o próximo a partir. Seguiríamos para o oeste onde o rio se estreitava pouco antes de chegar à cidade, e lá tomaríamos o controle da corrente e a baixáramos até o fundo do rio para que os barcos pudessem passar. Sir De Brosse iria liderar nosso grupo, e, embora eu não morresse de amores por ele, era desconfortável vê-lo marcado para morrer e não dizer nada. No fim, não pude ficar em silêncio. Pouco antes de sairmos, aproximei-me dele. Ele ergueu um lado da boca em um sorriso preguiçoso.

– *Milady?*

– Só queria alertá-lo para tomar cuidado – disse eu.

Ele pôs a mão sobre o peito.

– Será que os sentimentos de *milady* por mim se abrandaram?

Revirei os olhos.

– Não. Só não vá fazer nada idiota para ser morto.

Ele franziu o cenho, intrigado.

– Vou tentar não fazer, *milady*.

Fiz uma leve reverência com a cabeça, depois voltei para conferir minhas facas e as *rondelles* de Ismae, e me assegurar de que a besta estava bem presa em sua corrente. Antes que pudesse me juntar aos outros, Fera se aproximou.

– Tem certeza de que não vai ficar aqui e esperar?

– Tenho. Além disso, preciso ficar perto de Jacques e dos outros. Não quero ser eu a dizer à mãe dele que ela perdeu o filho.

Ele balançou a cabeça em compreensão e, apesar de não ter a marca, senti o coração na garganta de preocupação por ele, pelo perigo que podia encontrá-lo enquanto eu não estivesse ao seu lado. Seus olhos haviam começado a queimar com uma luz interior assustadora, de modo que brilhavam como duas chamas gêmeas azuis.

Ele se aproximou mais e pôs as mãos em meus braços.

– Nós nos encontraremos de novo depois disso, pois o que há entre nós não está terminado.

– Seu Deus diz isso a você?

Ele sorriu.

– Não... o seu diz. – Então ele se inclinou em minha direção e deu um beijo fervoroso em meus lábios. Senti uma breve sensação de calor e fome e algo tão doce que nem ousei dar nome ao que era, mas em seguida ele se foi, se afastando a passos largos para liderar o restante dos homens rumo à cidade.



Havia uma meia-lua no céu, fornecendo luz suficiente para podermos ver onde botar os pés, mas não tanta para nos expor completamente, mesmo depois que saímos da proteção das árvores. Ficamos mais vulneráveis quando cruzamos a estrada rumo norte, mas, com o campo ocupado pelos soldados franceses, a maioria dos camponeses estava em suas camas, com as portas e janelas trancadas.

Havia apenas oito de nós, mas já parecia demais. Eu havia lutado apenas sozinha, ou só com Fera e Yannic ao meu lado. Já sentia falta da pontaria excelente e do oportunismo preciso do pequeno carcereiro.

A noite havia tirado toda a cor do ambiente, de modo que tudo à nossa volta estava envolto em sombras prateadas, cinza e pretas. As árvores altas eram apenas sombras mais escuras e manchas contra o céu. Os garotos verdes se misturavam bem com os outros, e fiquei orgulhosa por eles não fazerem mais barulho que De Brosse e seus soldados. Seu nervosismo e excitação pairavam em uma nuvem ao seu redor.

Finalmente paramos em uma pequena elevação de onde avistávamos a baía. Havia um pequeno grupo de árvores sobre ela, como uma coroa. Amarramos nossos cavalos ali e sugeri que Claude fosse designado para guardá-los. Ele aceitou a tarefa de mau humor, mas lá em cima, longe do perigo, seria uma pessoa a menos para eu

cuidar. Com cuidado para permanecermos escondidos entre as árvores, seguimos para a beira do morro. O mato e o capim farto do chão acolchoavam nossos passos. Quando olhamos para baixo, vimos o pequeno abrigo quadrado de pedra construído para o cabrestante da corrente. Depois dele, a água da baía estava lisa, imóvel e prateada, como um espelho. A corrente grossa e pesada atravessava toda a sua extensão, e, do outro lado, a floresta densa descia até a linha da água.

De Brosse gesticulou para que dois de seus homens avançassem, e eles desapareceram morro abaixo para descobrir quantos soldados guardavam o cabrestante e onde estavam. Às nossas costas, um dos cavalos bufou delicadamente, e ouvi Claude mover-se para acalmá-lo.

Apesar de não esperarmos mais de cinco minutos, pareceram horas até a volta dos batedores. Eles falaram baixo com De Brosse. Havia pelo menos seis soldados e três arqueiros, talvez mais, no interior do abrigo. Olhei para os marcados, Jacques e De Brosse, e me perguntei o que Mortain iria pensar se soubesse que eu estava planejando frustrar Seus desígnios.

Ignoramos a trilha e, em vez disso, nos aproximamos levemente pelo sul, usando uma trilha de veados através de samambaias.

Bruno e Samson ficariam para trás, pois precisaríamos de seus braços fortes para liberar a corrente. Jacques e eu iríamos descer e eliminar o maior número possível de sentinelas antes de sermos notados. Quando soasse o alarme, De Brosse e os soldados entrariam na luta e enfrentariam diretamente os soldados.

Por sorte, estava perto do fim do turno dos franceses, e eles estavam cansados. Talvez até um pouco complacentes, encostados nas árvores, conversando tranquilamente entre si. Fechei meus ouvidos para suas vozes. Ouvi-os conversar sobre seu vinho, seu jogo de dados ou suas mulheres não tornava nenhum deles mais fácil de matar. Eu me aproximei de Jacques.

– Você pega o da esquerda, eu fico com os dois da direita.

Ele deu um aceno, o corpo todo tremendo, e começou a caminhar em silêncio na direção de seu alvo. Tirei uma seta de besta do suporte e a guardei no cinto para pegá-la rápido, depois saquei a faca.

Tão silenciosa quanto uma sombra, aproximei-me de meu alvo. Ele ouvia atentamente alguma história que o colega estava lhe contando. Cheguei cada vez mais perto. Quando o homem jogou a cabeça para trás para rir, dei um passo à frente em silêncio, levei a mão com a faca ao seu pescoço e cortei sua garganta. A alma saiu dele quase com a mesma rapidez com que o sangue jorrou no outro homem em um grande jato em arco. Enquanto o segundo ainda estava olhando atônito para o amigo que morria, botei a seta no lugar, ergui a besta e desapareí.

A seta o atingiu entre os olhos, e ele caiu para trás. Ouvi o som de

uma briga atrás de mim. Virei-me e vi Jacques e seu arqueiro entrelaçados em uma espécie de dança letal. Recuperei minha faca e corri até eles. As mãos do arqueiro envolviam o pescoço de Jacques, e os olhos do garoto estavam esbugalhados de medo. Os rostos de Bette e Guion flutuaram diante de mim. Afastei a visão, dei um passo à frente e esfaqueei o arqueiro nas costas, depois forcei a faca para cima o mais alto possível para acelerar sua partida.

Quando suas mãos caíram do pescoço de Jacques e ele desabou no chão, sua alma ergueu-se do corpo como a névoa de um pântano. Eu a ignorei e me concentrei em Jacques, que estava respirando com dificuldade e esfregando o pescoço. Nossos olhos se encontraram sobre o homem morto, e então ele se virou e vomitou nos arbustos.

Para lhe dar alguma privacidade, eu me ajoelhei e limpei a faca no tabardo do francês. Jacques podia estar constrangido, mas pelo menos estava vivo.

Houve um grito na casa de pedra, em seguida um clangor de metal quando De Brosse e seus homens caíram sobre os guardas.

– Venha – disse a Jacques. – Precisamos... – Minhas palavras foram interrompidas por um grito de fúria quando um homem, um quarto arqueiro, emergiu das árvores. Ele parou por tempo suficiente apenas para tirar o arco dos ombros, posicionar uma flecha e apontá-la direto para Jacques.

Por sorte, não me viu agachada nas sombras ao lado de seu amigo morto. Saltei de pé e aproveitei

o movimento para me lançar sobre o homem que ia atacar Jacques.

Peguei-o completamente desprevenido. O impacto de meu corpo derrubou o arco de seus dedos e ele próprio no chão. Quando caímos, eu me ergui, ajustei a faca e a passei por seu pescoço, então rolei para longe da sujeira que se seguiu.

Meu pulso estava acelerado. Pulei de pé e olhei atentamente no interior das sombras caso estivessem ocultando outros agressores. Um longo momento se passou, depois outro, e ninguém surgiu. Então virei-me para Jacques, que ainda estava de joelhos, seus olhos arregalados, encarando o arqueiro morto.

A marca havia desaparecido de sua testa.

– Vá. – O medo ainda circulando através de meu corpo tornou minha voz dura. – Junte-se a Claude e os cavalos. O resto de nós estará logo atrás de você.

Ele não me questionou, apenas assentiu uma vez e então fez o que eu mandei. Quando estava longe do perigo, dirigi-me para a casa do cabrestante, onde o retinir de espada contra espada era acompanhado pelos golpes pesados e sólidos de um machado.

Quando cheguei à porta, vi que todos os quatro guardas jaziam mortos, e que Samson e Bruno tinham praticamente arrancado o

cabrestante de madeira de seu suporte. Não bastava simplesmente baixar a corrente. Tínhamos de nos assegurar de que ela não pudesse ser erguida de novo antes que os britânicos conseguissem passar.

Apoiei-me contra as pedras irregulares e recuperei o fôlego, sempre com os olhos atentos nas sombras lá fora, para o caso de aparecer mais algum francês.

Houve um estalo alto de madeira partindo quando o cabrestante finalmente cedeu. Como uma grande cobra de metal, a corrente gigante deslizou e serpenteou do cabrestante quebrado, cada elo enorme retinindo como um sino enquanto a corrente deslizava pela margem de pedra e mergulhava para o fundo da baía.

Todos ficamos olhando para aquilo por um instante, o silêncio ecoando em nossos ouvidos.

– Está feito – disse De Brosse. – Vamos voltar para a cidade e ver se eles precisam de nossa ajuda.

Ele pôs a cabeça para fora da casa do cabrestante, gesticulando para que nós o seguissemos. Antes que ele desse dois passos, ouvimos um silvo e um baque surdo, e no momento seguinte De Brosse e o soldado atrás dele estavam caídos de costas no chão com setas de besta cravadas no pescoço.

– Para baixo – gritei para os outros enquanto me deitava de bruços no chão. Rastejei até a porta eolhei para fora, mas não vi ninguém. – Samson, me dê sua capa – ordenei. Sem dizer nada, ele a retirou dos ombros e entregou para mim. Eu a enrolei e joguei para fora.

Antes que caísse no chão, houve outro silvo de uma seta de besta.

– Elas estão vindo do outro lado do rio – disse para os outros. – E nós estamos bem à vista. –Precisávamos encontrar um jeito de nos proteger por tempo suficiente para chegar à trilha atrás da casa da corrente. Se fizéssemos isso, estaríamos fora de sua linha direta de visão, mas, até lá, éramos alvos fáceis. Como peixes em um barril.

Chamei dois homens de De Brosse.

– Vocês conseguem disparar suas setas até o outro lado do rio?

Um deles deu de ombros.

– Podemos, mas não sei qual vai ser a precisão.

– Não tem problema. Só quero que eles atirem um pouco mais devagar. Bruno e Samson? – Os dois garotos deram um passo a frente, com expressões sérias, todos os traços de aventuras e brincadeiras apagados pela morte de seus camaradas. – Quero que rastejem de bruços até os franceses mortos, no outro lado da casa da corrente. Quando os alcançarem... – A parte seguinte foi difícil de dizer, por mais que fossem nossos inimigos. – Quero que levantem os corpos e os usem como escudo contra as setas. Tragam-nos para cá, aí todos poderemos nos mover juntos atrás de sua proteção.

Era uma coisa feia de se fazer, usar o corpo de um homem dessa

maneira, e eu não iria desonrar nossos próprios mortos desse jeito.

Os olhos de Bruno se arregalaram tanto que o branco apareceu, e ele fez o sinal para espantar o mal. Estendi as mãos, segurei seus braços grossos e carnudos e o sacudi.

– Eu não gosto disso nem um pouco mais do que você, mas tenho cinco de nós que desejo tirarvivos daqui. Agora, você consegue fazer isso, ou preciso pedir a outra pessoa?

Quando ele finalmente assentiu com a cabeça, relaxei minha pegada.

– Todos podemos fazer orações extras por eles depois, se quiserem.
– Fiz um gesto na direção dosdois soldados para que se posicionassem. Quando suas bestas estavam apontadas para o lado oposto, gesticulei para que os garotos comesçassem a rastejar. Enquanto faziam isso, os homens de De Brosse começaram a disparar suas setas na direção da margem oposta.

Todos prendemos a respiração enquanto Samson e Bruno se aproximavam centímetro a centímetro dos franceses mortos. Cada momento trazia o risco de uma flechada francesa, e eu tinha de ficar me lembrando de que nenhum deles estava marcado. Isso não tornava a espera nem um pouco mais fácil.

Finalmente eles retornaram com sua carga horripilante. O resto de nós saiu na noite e usou nossos inimigos como um escudo em nossa fuga até a segurança. O restante dos soldados de De Brosse arrastou o capitão e os outros mortos com eles enquanto seguíamos.

Deixamos os corpos na borda da elevação rochosa onde Claude e Jacques esperavam com nossos cavalos. Não importava que tivéssemos sido vistos: a corrente não podia mais ser erguida, não até que novo cabrestante fosse construído. Mas era possível que os franceses seguissem para a cidade, e não queríamos que eles dessem o alarme antes que a Fera e os carbonários tivessem completado sua tarefa. A surpresa era uma das poucas coisas que tínhamos a nosso favor.

Assim que estávamos todos montados, disse aos garotos verdes que voltassem todos para o acampamento com nossos mortos e ordenei aos homens remanescentes de De Brosse que viessem comigo. Se eles achavam estranho receber ordens de uma mulher, sabiamente mantiveram isso para si mesmos. Cavalgamos rapidamente para alcançar Morlaix antes das notícias de nossas atividades noturnas.

Capítulo Quarenta e Um

A CIDADE ESTAVA SILENCIOSA, E os seus portões ainda estavam fechados. Não havia sinal de aumento de sentinelas nem qualquer grito de alerta. Parei o cavalo com força antes que fôssemos vistos pelos vigias.

– Fiquem aqui e interceptem qualquer arqueiro da margem oposta que tenha a ideia de avisar a cidade – disse aos dois soldados restantes. – Com sorte, vocês pelo menos feriram alguns com seus tiros às cegas. – Com esperança de que eles obedecessem às minhas ordens, deixei meu cavalo com eles e segui para a janela da abadia que devia estar aberta para nós.

A noite estava silenciosa. Não se ouvia nenhum sussurro de atividade, nem qualquer indicação de alerta. Não pude evitar o temor de que algo tivesse dado errado, que os planos deles não tivessem funcionado ou que eles tivessem sido apanhados antes de alcançarem os alojamentos.

Finalmente vi uma mancha escura de fumaça se erguendo em uma coluna acima da cidade, e meus punhos relaxaram. A coluna ficou mais grossa e foi seguida por um brilho laranja. Os incêndios estavam acesos. Fechei os olhos e imaginei a fumaça densa e sufocante movendo-se entre os franceses adormecidos, enchendo suas bocas e narizes enquanto dormiam, os soldados acordando tossindo e sem fôlego, respirando com dificuldade. “Fogo!”, gritaria um deles, despertando o resto, e começaria uma correria caótica com todos tentando escapar dali.

Mas só haveria uma janela aberta. Todas as outras estariam bloqueadas ou cheias de fumaça turbulenta, por isso os franceses não teriam escolha além de se lançar na única rota de fuga, uma longa queda em direção ao chão duro abaixo, fora da proteção dos muros da cidade.

Eu me aproximei da abadia. A abadessa de St. Mer tinha prometido que haveria uma janela aberta para nós, e havia. Entrei rapidamente por ela e não vi ninguém por perto, por isso corri pelos corredores vazios até emergir na cidade.

Lá fora, as ruas pareciam quase desertas, com apenas alguns bolsões de luta aqui e ali. Parei para retirar um punhado de setas de

um soldado caído. Sentindo-me melhor por estar armada, continuei meu caminho.

Ao me aproximar da guarnição dos soldados, ouvi o som de luta. Grudada à parede, segui em frente. No início, não vi ninguém, mas conforme meus olhos se ajustaram à rua escura, avistei um grupo de carbonários preso atrás de uma carroça virada por três arqueiros franceses.

Por sorte, eu tinha cinco setas. Mas teria de ser rápida e ficar bem escondida. Afastei-me em silêncio da parede e me ajoelhei ao lado de uma bomba de água perto do prédio dos alojamentos. Coloquei duas setas na boca, carreguei uma terceira, apontei e atirei. O homem soltou um grito de surpresa ao ser atingido. Seus dois companheiros olharam ao redor, mas estavam tão concentrados nos carbonários que não viram de onde a seta tinha saído. Rapidamente carreguei a segunda seta e a disparei.

O segundo arqueiro caiu, mas, antes que pudesse carregar a terceira seta, o último arqueiro se virou e disparou em minha direção. Ouvi um clangor quando a flecha acertou o cabo de metal da bomba.

Em seguida, enquanto ele estava recarregando, fiz meu disparo.

Acertei-o na têmpora. Esperei um segundo para ter certeza de que não havia mais arqueiros, então acenei para os carbonários avisando que o caminho estava livre.

Quanto mais eu me aproximava do cais, mais alto o som de luta se tornava. Os franceses deviam ter percebido que o propósito de nosso ataque era permitir a passagem dos britânicos, e tinham escolhido fazer sua última resistência junto às docas.

Eu só tinha mais duas setas, mas me reconfortei com o peso das facas.

Quando cheguei ao final da rua, tive de passar por cima de três cadáveres. Na verdade, segui uma trilha de soldados franceses caídos pelo resto do caminho até o cais. Emergi do beco e me detive. Fera estava parado, girando e golpeando quase uma dúzia de homens. Sua bravura, ou estupidez, era impressionante. Ele não tinha a menor preocupação com a própria segurança enquanto derrubava seus inimigos. Na verdade, devia ser isso o que lhe dava uma vantagem tão grande sobre os outros, pois ninguém podia imaginar os riscos que ele estava disposto a correr.

Sacudi a cabeça com admiração relutante, carreguei minhas últimas setas e as disparei, derrubando dois de seus adversários.

Fera sequer pareceu perceber. Saquei uma das facas do tornozelo e a lancei girando pela noite até o pescoço de um soldado francês. Ele cambaleou, o que deu à Fera exatamente a abertura de que precisava para acabar com o homem.

No momento seguinte, vi pelo canto do olho uma agitação, um

movimento. Eram os britânicos! O primeiro barco tinha chegado. O piloto mal havia prendido as cordas em torno das estacas e os soldados britânicos já começavam a jorrar sobre as docas. Afinal, eles tinham passado duas semanas presos dentro de seus barcos, atijando sua raiva.

Com a chegada de tropas frescas à cidade, o restante dos soldados franceses, os que ainda não tinham saltado das muralhas, perceberam que estavam em inferioridade numérica e rapidamente entregaram as armas.

D'Albret logo teria seis mil britânicos cavalgando às suas costas, e ficaria preso entre eles e os soldados em Rennes. A duquesa agora tinha uma chance decente de vitória. E tínhamos conquistado um pouco de tempo para nós.



Fera me encontrou de volta no acampamento, cuidando dos feridos. Ele saiu da noite caminhando a passos largos, sujo, ensanguentado e sorridente. Sem conseguir me segurar, sorri de volta, pois, embora ele não tivesse a marca, eu estive tomada por visões de sua morte. Afastei-me dos homens feridos para que nossos cumprimentos não os incomodassem.

– Você conseguiu – disse a ele, mas minhas palavras se perderam quando ele me envolveu com seus braços grossos, me levantou e girou.

– Nós – corrigiu ele. – Nós conseguimos. Eu, você, os carbonários, todos nós.

– Ponha-me no chão – disse eu segurando o riso.

Ele me colocou no chão, mas não afrouxou o abraço. Em vez disso, se debruçou sobre mim e levou seus lábios aos meus. Foi um beijo sensual, cheio de alegria, triunfo e vitória. Mas, após um momento, o triunfo cedeu lugar a outra coisa. Algo maravilhoso e frágil.

A mão da Fera subiu até minha cintura, firme e sólida em minhas costas, uma fortaleza que jamais cederia, não importava o que acontecesse.

Uma das mãos continuou a se mover, erguendo-se para envolver meu rosto, e a sensação daquelas mãos ásperas e calejadas tão gentis em minha pele me deu vontade de chorar. Por mais que eu tivesse beijado antes, nunca havia sentido algo como aquilo. Era como se eu houvesse engolido um pedaço minúsculo do sol, seu calor e sua luz tocando cada canto de minha alma e expulsando as sombras.

Eu me entreguei àquele beijo, me entreguei à força e à coragem e à bondade extrema daquele homem.



Pouco tempo depois, o resto dos homens foi chegando lentamente. Eu os examinava com nervosismo, à procura da figura magra e alta de Winnog. Em vez disso, vi Lazare. Quando nossos olhares se cruzaram, ele sacudiu brevemente a cabeça. Winnog não iria voltar, e o rosto de Lazare estava assombrado pela responsabilidade que eu pusera sobre seus ombros sem que ele pedisse. Tinha sido injusto de minha parte, pois quem éramos nós para deter a morte? Até eu, uma de Suas servas, só conseguira salvar um dos três homens do meu grupo.

Apesar de nossa vitória, o estado de ânimo do acampamento estava sombrio naquela noite, pois ela não fora obtida sem custo. Além de Winnog e De Brosse, tínhamos perdido sir Lorril, seis soldados e sete carbonários. De Brosse e Lorril seriam devolvidos aos domínios de suas famílias para serem enterrados em suas criptas. Os seis soldados seriam enterrados ao amanhecer, e naquele instante jaziam cuidadosamente cobertos, abrigados pelas árvores.

Entretanto, a que mais nos afetou foi a morte de Winnog. O rapaz estranho, alto e magro estava sempre alegre, cego para qualquer má intenção, com um sorriso fácil no rosto. Mas os carbonários não enterravam seus mortos. Para preservar seus costumes, eles ofereciam os corpos para a Mãe das Sombras. Eles escolheram uma clareira longe das árvores, perto de um menir antigo, e começaram a preparar uma pira funerária com grande carinho e precisão, como construía suas carvoarias. Como se por um acordo tácito, um a um os soldados e cavaleiros se ergueram de onde estavam descansando para se juntar aos carbonários na homenagem a seus mortos. Erwan levou a tocha à madeira, e o fogo crepitou e chiou enquanto queimava os gravetos e galhos secos.

Em momentos, toda a pilha estava envolta em chamas vermelhas e douradas que lambiam o corpo dos homens. Era um fogo especialmente quente. Eu não sabia se era algum truque dos carbonários ou simplesmente devido ao tamanho necessário ao fogo de uma pira funerária. O calor era tão intenso que todos precisamos nos afastar para não sermos assados também. Uma fumaça negra e densa se revolveu e subiu na direção do céu noturno, carregando a alma dos carbonários para a Mãe das Sombras.

Quando finalmente não restava nada do fogo além de brasas e cinzas, voltamos para o acampamento. Os homens não voltaram para seus grupos separados; em vez disso, ficaram juntos, conversando em voz baixa. A morte havia criado uma união que a vida não havia conseguido. Pensei que Winnog ficaria satisfeito com aquele resultado. Até o mais arrogante deles, sir Gaultier, estava ouvindo atentamente

algo que Erwan dizia. Era como a Fera havia prometido a eles. Ou talvez tivesse sido a promessa de sua Mãe das Sombras – das cinzas do desespero, eles haviam encontrado perdão e aceitação.

Se eles haviam conseguido, talvez eu também conseguisse.



Encontrei Fera parado afastado dos outros, observando as brasas que ardiam na pira. Ele ainda estava imundo, coberto de terra, febre e sangue, e seus olhos estavam cansados e vermelhos. Naquele momento, senti vergonha de ter lhe perguntado como conseguia mandar homens para a morte, pois sem dúvida aquilo era um grande fardo para ele.

Ao som de minha aproximação, ele ergueu o rosto.

– Aonde vamos agora? – perguntei, como se não tivéssemos nos beijado pouco tempo antes.

– Guingamp. Uma guarnição francesa ocupa a cidade e, no rastro da nossa vitória, acho que conseguimos provocar um levante para retomar a cidade. Mas vamos descansar um ou dois dias para terminar de enterrar nossos mortos. Isso também vai nos dar mais tempo para que os rumores da vitória cheguem à cidade.

– Você estaria disposto a cavalgar comigo amanhã? – Respirei fundo e entrelacei as mãos para ocultar seu tremor. Tinha levado todo esse tempo para ter certeza de que ele iria aceitar incondicionalmente aquele meu segredo final. – Há uma última coisa que preciso contar a você. Mas essa você precisa ver.

Capítulo Quarenta e Dois

POR MAIS QUE EU ESTIVESSE ansiosa para contar o último segredo entre mim e a Fera, também estava ansiosa para ver minhas irmãs. Fazia quase um ano desde que as vira, e sentia saudade delas quase como uma mãe sente de seu bebê, pois elas eram a única alegria em nossa família.

Perto do meio-dia, paramos em uma taverna para descansar os cavalos e comer algo. Era um lugar tranquilo, em um pequeno vilarejo sonolento, e eu estava bastante segura de que ninguém iria me reconhecer. Mesmo assim, tomei o cuidado de escolher uma mesa bem no fundo.

Só quando estávamos no meio de nossa refeição outros fregueses chegaram. Pelo aspecto, dois fazendeiros. Eu os ignorei até que sua conversa se voltou para a atividade recente na área.

– ...tropa de homens de lorde D’Albret passou por aqui não faz cinco dias...

Ao ouvir aquilo, senti como se o chão tivesse cedido sob meus pés. Eu levantei e caminhei diretamente até a mesa deles.

– O que você disse? – perguntei.

O homem me encarou como se eu fosse louca.

– Cerca de cinquenta homens de lorde D’Albret passaram por aqui a cavalo há uns cinco dias. Seguindo para seu domínio, eles estavam. Em Tonquédec.

Vireime e fui até a porta. *Não, não, não* batia profundamente em meu peito. Não Charlotte. Não Louise.

Fera levantou imediatamente da mesa e me seguiu.

– O que foi? Qual o problema?

Eu mal olhei para ele enquanto tirava minha capa do gancho e a jogava sobre os ombros. – D’Albret e seus homens passaram por aqui há cinco dias.

Ele franziu o cenho.

– Por que motivo? Sem dúvida ele precisa de todos os seus homens em Rennes.

Eu sacudi a cabeça.

– Eu disse a você que só um comandante tolo põe todas as suas esperanças em um único plano. – Respirei fundo e virei-me para olhar

em seus olhos. – Tonquédec é onde crescemos, mas atualmente só minhas duas irmãs moram lá.

– Por acaso ele teme que a duquesa possa tentar tomá-las como reféns?

Eu ri, um som seco e áspero que feriu meus ouvidos.

– Não. Ele planeja usá-las como *reféns*. Contra mim.



Tentei manter a esperança durante todo o caminho até Tonquédec, mas as crueldades que D’Albret podia impor sobre as duas meninas eram limitadas apenas por minha imaginação. E o que eu conhecia dele.

Botei meu cavalo a todo galope, sem me preocupar que os outros não podiam acompanhar. Logo Yannic e os soldados ficaram para trás, mas a Fera ainda cavalgava ao meu lado. O conforto de sua presença era tudo o que impedia que eu me partisse em um milhão de pedaços.

Pensei em como ele devia se sentir ao se aproximar do lugar onde sua irmã havia morrido, mas aquilo provocou uma nova onda de desespero, por isso procurei esquecer. Rezei, implorei a Mortain que as mantivesse em segurança, que eu estivesse enganada, que ele só tivesse mandado convocar mais tropas em Tonquédec.

Mas no fundo do coração sabia que era uma falsa esperança.

Quando chegamos aos domínios de D’Albret, não havia nenhum tráfego na estrada longa e sinuosa que levava ao castelo. Nenhum grupo de caça, nenhuma tropa de partida. Não havia guardas extras postados ao longo das muralhas, como haveria se D’Albret ainda estivesse em sua residência.

A sentinela no portão pareceu surpresa ao me ver, mas nos deixou passar. Quando entramos no pátio vazio, o senescal veio correndo, ansioso para me receber. Ele tomou as rédeas de meu cavalo.

– Lady Sybella!

Eu desmontei, sem me dar ao trabalho de esperar por um cavaleiro.

– Minhas irmãs, Charlotte e Louise. Preciso vê-las.

O rosto do senescal foi tomado por confusão.

– Mas elas não estão aqui, *milady*. Elas partiram para Nantes.

Capítulo Quarenta e Três

ELAS TINHAM PARTIDO.

Essa verdade atingiu meu corpo antes que minha mente pudesse processá-la, e eu me curvei ao meio. Um leve tremor se espalhou pelos meus membros, fazendo minhas mãos tremerem e meus joelhos vacilarem.

Elas tinham partido.

Senti como se um monstro tivesse aberto meu peito e arrancado o coração dele, deixando-o vazio e oco.

– *Demoiselle*? – A voz pareceu vir de longe, e mal consegui ouvi-la enquanto uma dor lancinante, líquida e amedrontadora corria por meu corpo, trovejando em meus ouvidos em busca de uma saída.

Eu precisava resgatá-las.

Sem conseguir pensar em nada além disso, voltei-me para os cavalos. Uma mão grande me deteve, segurando meu braço.

Eu girei para trás, pegando minha faca. – Me solte.

Fera ignorou a faca e me puxou para perto, como um peixe que havia pescado, até que eu estivesse junto ao peitoral de sua armadura.

– Eles já partiram há muitos dias – disse ele com delicadeza. – Não podemos alcançá-los pelas estradas abertas.

Enquanto escondia a faca nas dobras de meu vestido, olhei para o senescal.

– Há quanto tempo o senhor meu pai partiu com minhas irmãs?

– Há três dias, *milady*. Mas não foi o senhor seu pai, foi o jovem mestre Julian. O segundo choque me deixou tonta. Até cambaleei um ou dois passos para trás.

– Julian?

– Sim, *milady*. Ele e oitenta homens de seu pai.

Uma semente gelada e sombria de pânico surgiu em meu estômago. Meu pai podia ter levado minhas irmãs por inúmeras razões, mas Julian? Só havia uma razão para ele fazer isso, e era usá-las como isca para mim. Ele, mais que qualquer um, sabia do amor que eu tinha por Charlotte e Louise. Ou ele as havia buscado simplesmente por ordens de nosso pai? Como se em resposta à minha pergunta, o senescal disse:

– O jovem mestre me pediu para lhe dar uma coisa caso *milady* aparecesse aqui. Dei um passo na direção do homem.

– O quê? Onde está?

Ele mandou um pajem buscar a caixa em seu gabinete, e esperei com impaciência, andando de um lado para o outro. Queria mandar o cavaleiro encilhar cavalos novos, mas a Fera me deteve.

– Não – disse ele em voz baixa. – Não podemos partir neste minuto. Você precisa de descanso etempo para se recompor. Não pode sair desabalada pelo campo como uma flecha mal disparada.

E apesar de ele ter dito o que, no fundo, eu sabia ser verdade, eu me irritei com ele.

– Como? Como posso descansar enquanto elas estão correndo perigo? – A compaixão em seus olhos foi outro golpe, pois claro que ele conhecia pessoalmente aquela infelicidade. Foi exatamente o que ele sentiu quando Alyse partiu para se casar com D’Albret.

E agora ele teria de passar por aquilo uma segunda vez.

Apertei a base das palmas contra os olhos, desejando chorar, desejando que aquela dor avassaladora encontrasse uma saída.

Mas ela não encontrou.

Como eu poderia contar a ele agora? O último segredo entre nós, o que eu esperava apresentar diante dele como um presente, não era mais isso. Agora eu só tinha mais desespero para dar a ele.

Ignorando minha tentativa de me afastar dele, a Fera se aproximou de novo.

– Elas não estão correndo perigo enquanto estão viajando, não com uma escolta tão grande – disse ele. – Nem, em minha opinião, estão correndo nenhum risco verdadeiro. Estão apenas sendo usadas como meio de atrair você até seu pai. Nós quase acabamos com nossos cavalos para chegar aqui, e você mesma mal se aguenta em pé. Além disso, vamos precisar de um plano.

Fui salva de discutir com ele pela volta do senescal. Ele trazia um pequeno baú de madeira, entalhado em ébano com aplicações de marfim. Ele o entregou para mim com uma leve reverência, e percebi que estava morrendo de medo de abri-lo. Respirei fundo, então levantei a tampa.

Havia dois cachos de cabelo sobre o forro de veludo vermelho. Um era o louro-escuro de minha irmã Louise, e o outro da cor muito mais escura do cabelo de Charlotte. Eles estavam trançados juntos com um terceiro cacho, o negro reluzente do cabelo do próprio Julian.

Fechei bruscamente a tampa e apertei a caixa contra a barriga, como se para escondê-la, mas a imagem estava gravada em minha visão. Era uma lembrança clara de nossos dois cachos de cabelo que ele levava no cabo de sua espada, um sinal de sua devoção a mim. Achei que ia passar mal. – Está tudo bem? – perguntou o senescal, preocupado.

Foi Fera quem respondeu:

– A cavalgada para chegar aqui foi dura, e *milady* está exausta. É só isso. Vá buscar vinho – ordenou. – E uma criada para ajudá-la.

Quis dizer a ele que não precisava de tais mimos, mas mal conseguia respirar, muito menos falar. Mãos fortes me empurraram para baixo até que eu estivesse sentada sobre um muro baixo. Fera se inclinou para perto e sussurrou em meu ouvido: – Temos plateia.

Seu alerta foi como um balde de água fria em meu rosto. Claro, ele estava certo. E mesmo agora eu não tinha ideia de quantos eram cegamente leais a D’Albret ou simplesmente o seguiam por medo.

Enquanto me aprumava, olhei para o senescal. Era apenas preocupação com meu bem-estar que via em seus olhos? Ou também havia um traço de malícia? E os outros? Olhei ao redor do pátio para os soldados. Havia cerca de dez deles, e todos pareciam bem relaxados. Se tivessem recebido alguma ordem em relação a mim, as instruções não pareciam incluir me prender no ato.

Evitando os olhos da Fera, recompus minha expressão e me levantei.

– Estou impressionada pela ternura do presente deixado por meu irmão – disse ao senescal. – Etambém cansada. Eu gostaria de me retirar para meus aposentos, se possível. Ah, e nossos cavaleiros devem estar chegando em seguida. Quando chegarem, cuide para que eles e suas montarias recebam cuidados.

– Mas é claro, *milady*. – Nesse momento, uma criada carregando uma bandeja surgiu no pátio, e reconheci Heloise. Ela me cumprimentou com alegria enquanto me entregava um cálice. Dei um gole e agi como se ele tivesse me refrescado.

– Cuide do conforto do barão De Waroch, por favor. Nós dois gostaríamos de descansar após nossaviagem.

Pelo menos, eu precisava lavar a marca deixada em mim pela mensagem de Julian, para estar limpa quando fosse atrás de minhas irmãs.



Apesar de todos os defeitos e lealdades questionáveis da criadagem, eles eram bem treinados, e a propriedade estava em perfeita ordem. Meu próprio quarto estava como se eu nunca o tivesse deixado.

– Ponha o barão no quarto de hóspedes sul – instruí Heloise. Era um dos melhores, e, além de conferir a ele certa dose de prestígio, ficava perto do meu, apenas a duas portas de distância.

Após me instalar em meus aposentos, Heloise mandou duas jovens criadas prepararem um banho diante da lareira, depois foi me ajudar a

me despir.

– Como estava meu irmão, Heloise? Estava de bom humor? Sei que ultimamente o senhor meu paianda muito ocupado.

– Ah, sim, *milady*. O senhor Julian estava de bom humor e alegre em rever as irmãs. Na verdade, seu prazer com o reencontro lembrou-me de quanto prazer ele sempre tinha em sua companhia.

As palavras foram ditas com inocência, mas provocaram um nó em meu estômago.

– E Louise? Como anda a saúde dela ultimamente?

Houve uma breve pausa, uma que fez um alarme badalar em meu peito.

– Ela não ficou mais forte, *milady*, isso é certo. Mas há esperança de que, com a chegada da primavera, sua saúde retorne.

Vireime para olhar para ela e poder ver a verdade da resposta em seu rosto.

– Ela estava bem o suficiente para fazer a viagem? – Enquanto encarava seus olhos castanhos, percebi uma sombra de dúvida à espreita neles.

– Sem dúvida, mestre Julian achou que sim. Eu me assegurei de que eles pusessem cobertores e peles extras em torno dela e o instruí para garantir que ela tivesse tijolos quentes sempre que possível. Lady Charlotte prometeu cuidar dela também.

E ela iria, disso eu não tinha dúvida, mas ela só tinha dez anos de idade e era também apenas uma criança.



Depois de me banhar e me vestir, dispensei as criadas do quarto, dizendo que precisava descansar. Em vez de descansar, entretanto, fiquei andando de um lado para o outro diante do fogo, tentando determinar a melhor maneira de libertar minhas irmãs. Será que eu teria algum aliado interno? Se Julian só estivesse agindo por desejo de meu pai, eu provavelmente poderia convencê-lo a me ajudar, mas temia que ele tivesse agido por iniciativa própria, pois como mais explicar os cachos de cabelo?

E mesmo depois que eu as libertasse, supondo que isso não fizesse com que todos nós fôssemos mortos, para onde iria levá-las? Onde elas ficariam em segurança? O convento. A resposta me veio como um sussurro em uma brisa.

Mas elas *estariam* em segurança lá? E a abadessa? Eu achava Charlotte e Louise muito diferentes de mim, mas pensei em todas as garotas mais novas do convento e percebi que elas estariam seguras o

suficiente. Até eu ficara em segurança por alguns poucos anos.

Isso era apenas o início muito rudimentar de um plano, mas era alguma coisa.

Olhei pela janela, animada ao ver que o sol estava baixo no céu. Quanto mais cedo anoitecesse, mais cedo eu poderia partir. Mesmo assim, enquanto as sombras se estendiam em meu quarto, velhas memórias despertaram. Memórias sombrias. Não querendo ficar sozinha com elas, resolvi sair à procura da Fera. Era o momento de ele escutar o último segredo entre nós. Talvez isso o deixasse tão ansioso para partir quanto eu.

Bati em sua porta, então entrei. Ele estava vestindo um gibão novo por cima da cabeça e ficou escandalizado.

– Sybella, você não pode estar aqui. Seus criados...

– Psiu – disse a ele. – Esqueceu que esses são criados de D’Albret, muito acostumados a todo tipode indiscrição e perversão? Eles ficariam mais surpresos se eu *não* visitasse seu quarto.

Ele piscou, sem saber ao certo o que dizer, e vi gotas de água ainda presas a seus cílios. Ele ficou quieto por um instante, em seguida perguntou:

– Agora que estamos sozinhos, você pode me contar o significado dos cachos de cabelo?

Só pensar neles foi como um soco no estômago.

– É uma mensagem de meu irmão Julian. – Minha garganta se apertou em torno das coisas que eu queria contar para ele. Em vez disso, eu disse: – Ele leva um cacho de meu cabelo trançado com o dele no cabo de sua espada. Isso é uma mensagem... – E então eu gaguejei, pois não conseguia dizer em voz alta o meu temor que aquilo significasse.

Mas a Fera não era tolo, e quando suas mãos grandes se cerraram em punhos, soube que ele tinha decifrado o significado. Agora eu precisava contar a ele antes que minha coragem tornasse a vacilar.

– Há uma coisa que você precisa saber. Minha irmã Louise... ela é filha de Alyse.

Capítulo Quarenta e Quatro

FERA FICOU ME ENCARANDO sem dizer nada, como se não tivesse ouvido nem uma palavra do que eu havia dito. Então seu rosto começou a tomar cor.

– O que você disse? – murmurou ele, olhando-me fixamente, como um homem faminto para umosso.

– Louise é filha de sua irmã.

Ele olhou para mim por um bom tempo, seus pensamentos movendo-se velozmente por seu rosto como nuvens de tempestade. Esperança, quando percebeu que um pequeno pedaço de Alyse ainda existia, depois horror – não, angústia –, ao perceber que ela também tinha sido tomada dele por outro D’Albret gerado pelo demônio.

– Por que você não me contou antes?

– Eu tinha de ter certeza de que você aceitaria que parte dela fosse D’Albret. Quando ficou claro que você não ia usar isso contra mim, decidi que era seguro lhe contar. Acho que eu tinha alguma esperança vaga de resgatar as duas em segredo e levá-las para a segurança. Louise, pelo menos. Para seus próprios domínios, talvez? Mas, novamente, cheguei tarde demais. – Com certeza, meu amor era garantia de uma sentença de morte.

– Você acha que ele pretende matá-las imediatamente?

– Há outros modos de fazê-las sofrer – disse eu com delicadeza.

Ele virou a cabeça bruscamente, seu rosto branco.

– Como fizeram você sofrer. – Não foi uma pergunta, mas um momento de revelação. Sua expressão ficou ameaçadora, e os olhos assumiram um brilho feroz. Um ronco baixo surgiu nas profundezas de seu peito, mas ele o engoliu. Ele vez disso, virou e golpeou o batente da janela com o punho, fazendo o vidro chacoalhar.

Esperei, prendendo a respiração, sem saber que parte dele estava no controle.

Quando ele olhou de volta para mim, a luz feroz havia desaparecido de seus olhos, mas seu rosto parecia esculpido em pedra cinza.

– Vou matá-los. Todos eles.

– Eu não acho que as meninas estejam correndo verdadeiro perigo. Ainda não.

As sobranceiras da Fera se ergueram, e ele deu um resmungo de descrença. Então, respirei fundo, pois aquele não era um segredo que eu planejava compartilhar com ele.

– Julian... Julian me ama, de seu próprio jeito distorcido. Acho que ele simplesmente as vê com uma forma de chamar minha atenção. Além disso, o que há entre mim e meu irmão é tanto minha culpa quanto dele.

Segui até a janela para olhar para o pátio. Estava escurecendo, e os criados do castelo se preparavam para a noite que caía.

– Foi culpa de meu irmão Pierre, como normalmente era a maioria das coisas. Quando eu tinha apenas onze anos, ele começou a arranhar a porta do meu quarto, querendo provar que já era um homem crescido. No início, eu pensei que eram fantasmas, mas depois percebi que era Pierre, e seus dedos que beliscavam e invadiam e sua boca faminta me assustavam muito mais que qualquer fantasma.

“Na primeira noite, eu me escondi embaixo das cobertas, me perguntando como podia mantê-lo afastado de mim. Depois fiz o que sempre fazia para me proteger. Girei com força a roda da fortuna e resolvi usar seu próprio movimento contra ele. Na noite seguinte, quando ele veio arranhar minha porta, mais alto e de modo mais insistente, foi Julian quem gritou: ‘O que você quer?’.

“Claro, quase arruinamos o efeito dando risada, mas apertamos os travesseiros contra o rosto para abafá-la.

“Você precisa entender que Julian era meu melhor amigo além de meu irmão. Minha primeira memória é de saias, saias de lã áspera ou linho grosseiro enquanto eu dava meus primeiros passos, descalça no chão de pedra da cozinha. Mas minha segunda memória é de Julian. De sua mãozinha de quatro anos segurando a minha e me conduzindo junto da família. De seus olhos doces e um rosto que sempre tinha um sorriso para mim. De horas passadas escondidos e brincando de nossos jogos secretos, brincadeiras que ninguém mais entendia, nem tentava entender. Foi Julian quem se arriscou muito para me proteger da maldade e da crueldade desta casa, e fez isso desde que tínhamos idade suficiente para andar.

“Então ele foi primeiro meu amigo, antes de qualquer outra coisa. Sempre tínhamos sido mais fortes juntos. Achei que isso não seria exceção.

“Eu gostaria de nadar de volta no tempo ou de algum modo fazer a areia voltar na ampulheta. Viver um breve momento de modo diferente, fazer uma escolha diferente, pôr minha vida em um caminho diferente. Sem dúvida se os deuses e santos realmente existissem, eles teriam me dado algum alerta, algum indício de que minhas ações lançariam minha vida em uma estrada que eu não tinha desejo nenhum de percorrer.

“Foi nesse momento que convidei Julian para meu quarto, pois não acreditava que o próprio corpo em amadurecimento dele, nem o meu, o afetariam tanto. Ele sempre havia defendido meus interesses, e eu nunca imaginei que aquilo seria diferente.”

Fera ainda estava olhando pela janela, o que tornava mais fácil prosseguir.

– Mas as coisas deram errado imediatamente, horrível e terrivelmente errado. Por dentro, senticomo se alguma podridão tivesse se apossado de minha alma. E, mesmo assim, aquilo deixou Julian tão feliz, e deu a ele a coragem de enfrentar Pierre em todos os desafios que D’Albret lhes apresentava. Eu não tinha ainda percebido como me sentia em dívida com ele por todas as vezes que havia me salvado. Então, ao mesmo tempo que não disse sim, tampouco disse não.

“Os dedos de Julian não beliscavam nem invadiam, mas eram gentis, provocantes... despertavam sensações que eu nunca havia experimentado antes. E eu nunca tinha imaginado que podia ter tamanho poder sobre um homem. Eu, que tinha estado à mercê deles desde que havia nascido.

“Mas não havia previsto que nossa relação iria sofrer uma reviravolta perversa e chegar perto de apagar tudo de bom que antes havia entre nós.”

Ergui os olhos para o rosto de Fera, que estava contorcido de... horror? Desespero? Eu não podia adivinhar o que ele estava pensando ou sentindo. Ele baixou os olhos para suas mãos enormes e cobertas de cicatrizes.

– Como você deve odiar todos nós – disse ele.

Eu o encarei, tentando entender qual era o jogo que ele estava jogando. – Mas foi *minha* culpa – murmurei. – *Minha* fraqueza e minha...

Ele ergueu bruscamente a cabeça.

– Sua necessidade de ser amada? Protegida? E, por isso, seu irmão exigiu tal dízimo? Esse é umpreço que ninguém devia ter de pagar por tais coisas. Portanto, torno a dizer: é espantoso que você não nos odeie todos só de olhar.

Maravilhada com a facilidade com que ele me absolveu, dei um passo à frente e tomei suas mãos grandes nas minhas.

– Não você, pois você é diferente deles como o dia da noite.

Alguma coisa em minhas palavras o atingiu com tanta força quanto as palavras dele fizeram comigo, e pude ver que ele queria me beijar. Mas não fez isso, e eu também não consegui beijá-lo, não enquanto a confissão de tamanha devassidão e perversidade ainda pendia de meus lábios. O momento se estendeu em uma estranheza palpável, algo que nunca existira entre nós.

Sem conseguir suportar, voltei-me para o quarto e comecei a arrumar as cortinas da cama.

– Partimos com as primeiras luzes?

– Sim – disse Fera. – Você acha que elas estão sendo levadas para o acampamento de D’Albret em frente a Rennes? Ou para a segurança de Nantes, até seu retorno?

– Imagino que Nantes, pois nem D’Albret iria querer a inconveniência de meninas em seu acampamento militar.

– Muito bem. Partimos para Nantes ao amanhecer.

Deixei a Fera em sua janela e comecei a andar de um lado para o outro dentro do pequeno quarto, formando uma lista mental de todos os preparativos que teríamos de fazer antes de partir. Não eram muitos. Provisões e cavalos descansados. Eu nem teria de alertar o castelo de nossa partida; podíamos simplesmente já ter ido quando eles despertassem pela manhã.

– Alyse está enterrada aqui? – perguntou Fera, ainda olhando pela janela. Minha pele ficou tensa sobre meus ossos.

– Está.

Ele se virou da janela, com olhos tristes.

– Eu gostaria de vê-la.

Eu podia pensar em mil lugares aonde preferia ir, pois a ideia de visitar aquele espaço fazia badalarem sinos de alarme dentro de mim, mas não podia negar-lhe a oportunidade de visitar o lugar do repouso final de sua irmã.

– Espere aqui – disse a ele. – Preciso buscar a chave.



Sáímos do castelo na noite fria de primavera, ambos em silêncio e perdidos nos próprios pensamentos enquanto atravessávamos o pátio interno e depois passávamos pelo portão que dava acesso aos prédios externos. Nuvens cinza densas corriam pelo céu, e rezei para que liberassem sua chuva naquela noite em vez de no dia seguinte, pois uma tempestade iria atrapalhar muito nosso progresso.

Quanto mais nos aproximávamos do cemitério do castelo, mais meus músculos se contorciam e se contraíam involuntariamente, desesperados para evitar aquele lugar. Meus joelhos tremiam com o esforço de continuar andando e não virar e correr.

Levantei o trinco do velho portão enferrujado, em seguida o empurrei e abri. Suas dobradiças raramente usadas rangeram em protesto. Meu coração começou a bater forte, e minha respiração se acelerou como se eu tivesse corrido uma longa distância. Fera virou

para mim, uma pergunta silenciosa no olhar.

– Ali – disse eu, apontando para um mausoléu grande localizado perto do fundo.

Era um lugar lúgubre e assustador, não feito para trazer conforto, mas para invocar todos os demônios do inferno e danação; era disso que D’Albret tinha certeza que suas mulheres mereciam por de algum modo terem falhado em lhe agradecer.

A construção era feita de mármore cinza, com demônios e criaturas grotescas decorando suas paredes. O lintel acima do pórtico era um desfile de gárgulas bailando, feito de uma pedra mais escura.

– Parece o próprio inferno – murmurou Fera.

– É o objetivo. – Senti uma pressão se formar por trás de minha fronte quando me abaixei para enfiar a chave na fechadura enferrujada. Fui tomada por uma necessidade urgente de sair correndo. Fiz um grande esforço para conter meu terror e girei a chave. A tranca se abriu. Cerrei os dentes, ergui o trinco e encostei o ombro na porta.

Ela abriu com facilidade. Então lá estavam os fantasmas, frios e sem vida, girando ao meu redor. Suas vozes sussurrantes não eram mais coerentes, mas eu sabia de cor suas acusações. Lá estava a primeira esposa dele, Jeanne, a que pensou em fugir para seu irmão em busca de santuário e, em vez disso, levou a morte para todos eles. Em seguida vinha Françoise, mãe de Julian, Pierre e Gabriel, que morreu quando cavalgava sozinha com D’Albret. Quebrou o pescoço ao cair do cavalo, diziam alguns, mas poucos acreditavam nisso.

Minha própria mãe, Iselle, cujo único crime foi lhe dar duas filhas seguidas. A primeira filha teve sorte, pois nasceu morta. Depois a esposa seguinte, Jehanne, que ousou ter um amante, e depois Blanche, que ficou com a barriga grande, só que no fim não era um bebê, mas um tumor. Quando ficou incapaz de ter filhos, perdeu a utilidade para D’Albret. E, depois dela, Alyse.

Um dos fantasmas me ignorou e flutuou na direção da Fera, girando ao seu redor.

– O que é isso? – perguntou ele quando um tremor atravessou seu corpo enorme.

– Alyse – disse a ele. – É o espírito de sua irmã. Aqui. – Apontei para um caixão comprido de mármore. – Este é o túmulo dela.

Fera estendeu o braço para pegar minha mão. Ele parecia terrivelmente vulnerável, apesar de seu tamanho, apesar de toda a coragem que eu sabia que possuía.

Tomei a mão que ele oferecia. Não podia fazer outra coisa.

Sabia que devia olhar para outro lado, deixá-lo prantear com privacidade, mas não consegui. A garota doce que eu conhecera apenas brevemente era a chave para aquela fera gentil que havia

capturado meu coração. Além disso, desviar meu olhar parecia covardia, pois eu devia testemunhar a infelicidade provocada por minha família.

Quando estava ao lado do túmulo, ele soltou minha mão, baixou a cabeça grande e fechou os olhos. Um espasmo de pesar distorceu seu rosto, e suas mãos se cerraram em punhos. Eu podia sentir a onda de raiva pulsar por suas veias. Ele caiu de joelhos e, sem conseguir evitar, aproximei-me dele, mas hesitante, com medo de que, após o que minha família tinha feito com a dele, ele me rejeitasse.

Mas ele não fez isso. Segurou minha mão e me puxou para perto, até que sua cabeça repousou em minha barriga. Ficamos assim por um bom tempo. Quanto, não sei. Mas o suficiente para seu coração se acalmar e voltar a um ritmo lento e regular, como um tambor funerário. Quando finalmente se afastou, vi que ele tinha encontrado alguma paz. Mas, mesmo assim, o pânico que pulsava em minhas veias não diminuiu.

Finalmente ele ficou de pé e esfregou a terra dos joelhos. Depois parou. Seu olhar mirou o pequeno túmulo à direita de Alyse. Ele olhou para mim com uma expressão arrasada.

– Alyse teve um segundo bebê?

Lentamente, com todos os músculos de meu corpo gritando para que eu parasse, eu me obriguei a dirigir meu próprio olhar para a pequena sepultura. As batidas de meu coração ficaram tão rápidas que temi que ele fosse explodir para fora de meu peito. Memórias trancadas a duras penas retornaram abruptamente de algum lugar profundo. Como água de uma represa que se rompeu, elas rugiram em meus ouvidos enquanto lia o nome gravado na pedra.

– Não – respondi com uma voz que mal reconheci como minha. – Esse bebê é meu.

Capítulo Quarenta e Cinco

EU ME LEMBRO DOS GRITOS... Foi como se alguém tivesse aberto a boca dela e de lá jorrasse toda a angústia do inferno. Só depois que meu pai me deu um tapa forte na cara o barulho parou, e percebi que era eu.

E sangue. Lembro do sangue. Era como se a cama tivesse sido mergulhada em uma grande faixa carmesim escura.

Isso era tudo o que eu conseguia lembrar daquele dia. Mas, naquele momento, tudo voltou de uma vez, uma grande onda de desespero e tristeza.

Meu bebê. Filha de meu útero. Tinha poucas memórias dela, mas elas também haviam sido trancadas por trás daquela porta.

– Ela parou de chorar no momento em que a puseram em meus braços. Lembro de suas mãozinhas, das unhas ainda menores, enquanto apertava meu polegar com uma força surpreendente. Seus lábios rosados como botões de rosa não paravam de se mover, ávidos para mamar e puxar o calor do leite materno para seu próprio corpo.

Tivemos pouco mais que um punhado de momentos juntas, minha filha e eu.

– Não sei como, por meio de algum poder sobrenatural, D’Albret ouviu seu choro ao nascer e foi até a porta de meu quarto. Olhei para sua forma furiosa e para a barba negra eriçada e soube que, se ele me deixasse manter o bebê, eu faria tudo o que me pedisse. Mas quando abri a boca para lhe dizer isso, para dar a ele minha rendição completa e incondicional, ele veio até mim e arrancou o bebê de meu peito.

“Ela era tão pequena que sua cabeça cabia na mão dele, e fiquei aterrorizada ao ver como ele a tratava descuidadamente, mas não disse nada por medo de contrariá-lo. Ele a levou até a janela, onde examinou seus traços pequeninos e delicados à luz. Eu preendi a respiração, torcendo para que ele estivesse tão enfeitiçado por sua boca de botão de rosa, seu narizinho e seus olhos azul-escuros quanto eu estava.

“Ele ergueu os olhos dela e os dirigiu para mim. ‘Eu esperava que a criança fosse de Julian.’

“Naquele momento, vi o que ele pretendia fazer. Eu me esforcei

para sair da cama. ‘Detenham-no!’, gritei, mas claro que nenhum dos criados ousou contrariá-lo.” Eu olhei para o rosto chocado da Fera.

– Só Alyse. Ela foi a única que fez algo para salvar minha filha. Ela se jogou sobre ele, tentando tirar o bebê de suas mãos, mas ele a esmurrou e a derrubou no chão, onde ela bateu a cabeça na perna de uma cadeira pesada de madeira. Eu só fui saber dias depois que ela tinha morrido daquele golpe.

“Então ele pôs os dedos grossos em torno do pescoço frágil de minha filha e o quebrou. Quando terminou, jogou o bebê no chão e deixou o quarto.”

Foi então que os gritos começaram. E o sangue, apesar de eu não saber até mais tarde que era meu próprio sangue do parto.

– Depois disso, lembro de muito pouco. Mãos fortes e delicadas me empurraram de volta para acama. Uma colher de um xarope doce e amargo foi enfiada em minha boca. E em seguida, escuridão.

Escuridão muito, muito abençoada. Sem uma gota carmesim sequer à vista.

“Mais tarde eu soube que, dois dias depois, meu pai viajou. Foi provavelmente isso que salvou minha vida, pois a velha Nonne jamais teria corrido os riscos que correu se meu pai estivesse por perto. Mas ele me deixou aos cuidados indiferentes de madame Dinan, e ela não estava nem um pouco preocupada se eu iria ou não me levantar da cama ou comer. Só que a velha Nonne estava. Ela reclamava e insistia, forçava e repreendia, fazendo tanto esforço para me atrair de volta ao mundo dos vivos que eu achei que fosse enlouquecer.” Talvez eu tivesse.

– Será que foi loucura o que me possuiu para ir escondida até o estábulo uma noite, pegar umacorda grossa e resistente de um gancho e amarrá-la com firmeza em torno do pescoço? Foi loucura que me fez pular do depósito de feno, na esperança de acabar com minha vida?

“Acho que foi coragem. Disse na época e digo agora. Havia encontrado coragem para livrar o mundo de pelo menos um dos sinistros e perversos D’Albret, pois, se eu era filha de meu pai, então era igualmente uma abominação, e merecia a morte tanto quanto ele. Se não podia matá-lo, podia pelo menos livrar o mundo de minha própria presença imunda.

“Mas não era uma queda grande o suficiente para quebrar meu pescoço, e enquanto eu estava ali balançando, me perguntando quanto tempo eu levaria para morrer, a velha Nonne me encontrou e me tirou de lá.

“‘Vá embora’, eu disse. Ela não podia me deter. Eu sabia onde havia mais corda e encontraria uma queda mais alta em minha próxima tentativa. Não havia nada que ela pudesse fazer para me impedir. Pelo menos era o que eu pensava. Até que ela falou: “‘Ele não é seu pai.’”

Suas palavras fizeram tudo em meu interior ficar imóvel, e, pela primeira vez em muitos dias, uma pequena fração do desespero se aliviou.

“Então, ela me falou de meu nascimento, de como eu era a última chance de minha mãe ter um filho homem. Sua primeira criança, uma menina, havia nascido morta. Mas minha mãe foi mais inteligente que D’Albret, pois, enquanto me dava à luz, fugiu com a Morte, seu amante.

“Eu tentei segui-los, e saí do útero fria e azul, com o cordão umbilical envolto duas vezes em torno do pescoço, mas a Morte me rejeitou. Por isso a velha Nonne esfregou meus membros e soprou em minha boca, tentando forçar alguma centelha de vida em meu corpo frio e imóvel. Acabou funcionando.”

– Foi ela que levou você para o convento de St. Mortain? – perguntou Fera. De algum modo, eu estava em seus braços, de costas para seu peito.

– Sim – disse eu. – Foi quando fui mandada para o convento. No começo, estava louca. Não culpo as freiras por ficarem desesperadas. Mas, com o tempo, eu me acalmei e passei a acreditar que havia encontrado santuário lá. Que eu teria um propósito, um lugar onde meus talentos sombrios poderiam ter bom uso. E tiveram, no princípio. Matei vários traidores antes de poderem nos trair com os franceses. Mas então... – Nesse momento, minha voz vacilou, pois eu ainda não podia acreditar que aquilo havia acontecido. – A abadessa me mandou de volta para a casa de D’Albret. Ela disse que a ajuda dele, ou a falta dela, tinha o poder de mudar os rumos da guerra, e que eu precisava estar posicionada lá para mantê-los informados das intenções de D’Albret.

Fera não disse nada, mas seus braços se apertaram ao meu redor, como se ele fosse me manter segura mesmo através das linhas do tempo.

– Discuti com ela. Briguei. Implorei e supliquei, mas sua mente e seu coração estavam determinados. Então ela agitou à minha frente a única isca que sabia que me atrairia: ela tinha certeza de que Mortain iria marcar o conde para que eu pudesse matá-lo. Ela chegou a afirmar que a irmã Vereda tinha visto isso. Por isso eu fui, mas, na verdade, isso era apenas outra mentira que ela me contou.

– Quem era o pai do bebê? – perguntou Fera.

– Josse, o filho do ferreiro. Alyse tentou nos ajudar a fugir. Ela nos ajudou a planejar e a nos preparar, até pensou nas desculpas que daria quando eu não aparecesse por dias. Mas D’Albret descobriu mesmo assim. – Eu não amava Josse, mas amava a liberdade que ele me oferecia.

Foi Julian quem nos traiu para D’Albret.

– Eles arrastaram Josse pela estrada como se fosse um cachorro, depois o perfuraram com um alança. Tiveram que me levar de volta amarrada por cordas, de tanto que lutei com eles.

Eu podia sentir a raiva da Fera se mover por seus membros, mas ele não disse nada. Concentrei-me nos fantasmas esvoaçantes que tinham se aproximado enquanto eu falava. Havia Alyse, que me dera Louise e risos. E Françoise, que me dera Julian, meu primeiro amigo e um verdadeiro irmão antes de se tornar meu inimigo. Minha própria mãe, que me dera a vida. E Jeanne, cuja história, agora eu percebia, não era uma história de advertência, mas de coragem, a coragem de enfrentar a morte em vez dos horrores que a vida reservara para ela.

Dentre todas as atrocidades cometidas por D’Albret, e tinham sido muitas, as traições mais sérias foram contra essas inocentes que ele jurou amar e proteger. Eram elas que mereciam ser vingadas.

Qualquer dúvida que eu tivesse sobre a Fera ser forte o suficiente para suportar todos os horrores de meu passado estava dissipada. Meu último segredo tinha sido revelado, e ele ainda me segurava em seus braços como se nunca fosse me soltar.



Alguma coisa me despertou. No início, achei que fosse o luar prateado entrando pela janela e caindo sobre a cama. Depois ouvi um ruído baixo, como galhos secos de inverno farfalhando ao vento. Apesar de não ouvir meu nome com exatidão, soube que o som estava me chamando, pedindo que eu me aproximasse, e fiquei com medo. Com medo de que fossem os fantasmas das esposas mortas de D’Albret me chamando para prestar contas.

Mas o ruído se repetiu, e eu soube que tinha de ir. Em silêncio, levantei as cobertas, botei os pés no chão e saí da cama.

O ruído soou uma terceira vez, e era como se houvesse uma linha atada a meu coração me puxando na direção dele. Calcei meus sapatos, joguei a capa sobre os ombros e saí do quarto.

Era tarde da noite, e tudo estava silencioso. Pela primeira vez em minha vida, não me sentia com medo na casa de meu pai. Se era pela presença da Fera, que dormia perto, ou pela voz de outro mundo me chamando, eu não sabia. Talvez eu simplesmente não tivesse mais nada a perder.

Os corredores do castelo estavam vazios, assim como o grande salão. Havia algumas sentinelas postadas junto à porta, mas, como eu era nascida da escuridão, as sombras eram minhas amigas, e as usei para ocultar minha passagem.

Lá fora, a noite tinha ficado extremamente fria, o gelo de Mortain, como chamavam os fazendeiros, uma onda repentina de frio que ameaçava as jovens lavouras de primavera.

Foi então que soube quem estava me chamando. Apertei a capa ao meu redor e apertei o passo, e não me surpreendi quando o farfalhar me levou até o cemitério.

A lua minguante projetava uma luz pálida e prateada sobre o cemitério, mas fui atraída para o canto mais escuro, onde as sombras eram mais profundas. Quando me aproximei, uma figura alta e sombria emergiu. Ele estava todo vestido de negro e cheirava como a terra no início da primavera, depois que os campos eram arados. Com um golpe que atravessou meu coração, reconheci meu verdadeiro pai. Todas as dúvidas que tinha em relação à sua existência, todo o temor que possuía de estar marcada pelo sangue sinistro de D'Albret se esvaíram de mim naquele instante. Como um cordeiro no campo que trota precisamente para a própria mãe, eu soube que era d'Ele. No início, a onda de gratidão e humildade que aquela revelação me trouxe me deu vontade de cair de joelhos diante d'Ele e baixar a cabeça. Mas, ao olhar para Ele, os anos de angústia e terror se desenrolaram dentro de mim, e disparei uma grande exclamação de raiva:

– Agora? O Senhor vem até mim agora? Onde esteve todo este tempo em que eu era pequena evivia aterrorizada e realmente precisava do Senhor? Onde estava o Senhor quando D'Albret matava inocentes repetidas vezes?

Então, tão repentinamente quanto surgiu, a raiva desapareceu.

– E por que o Senhor me abandonou? Quando veio buscar minha mãe, por que não me levou junto?– A última pergunta saiu em um sussurro.

– Foi desejo de sua própria mãe que você vivesse. – Quando Ele falou, Sua voz era como um ventado norte trazendo neve e gelo. – Ela rezou não só para se ver livre do marido, mas para que outras mulheres fossem poupadas de seu destino. Essa oração me levou até ela, por isso Eu estava lá quando você nasceu, para garantir sua chegada segura a este mundo, além de levar sua mãe, como havia prometido.

– Então o Senhor não me rejeitou?

A voz d'Ele, como o farfalhar de folhas mortas, encheu minha cabeça.

– Nunca.

– Mas eu pequei contra o Senhor e agi seguindo apenas minha vontade, em vez da Sua. Não mereço Sua vingança?

– Não, pois você é minha filha, e eu não iria castigá-la por colher flores em meu jardim do mesmomo modo como não a castigaria por

respirar. Além disso, os homens que você matou mereceram a morte.

Se não, as facas teriam errado, as setas se perdido, ou o copo com veneno permanecido intocado.

– As marcas não servem para nos indicar quando agir?

Percebi que, mais do que ouvi-Lo falar, eu O sentia dentro de minha mente, como se Ele estivesse desenrolando uma grande tapeçaria diante de mim, enchendo-me de compreensão.

Quando a morte de uma pessoa se aproxima, sua alma amadurece e se prepara para ser colhida. Esse amadurecimento pode ser visto por alguns. Quando uma alma amadurece, ela começa a se afrouxar do corpo, tal qual uma fruta quando se prepara para deixar o galho. Mas mesmo as mesmas frutas na mesma árvore caem em momentos diferentes, às vezes desafiando todas as probabilidades e permanecendo presas por todo o inverno.

Da mesma maneira como alguém que trabalha em um pomar, Ele não controla tudo. Nem o vento, nem a chuva, nem o sol. E da mesma maneira que esses elementos formam a fruta na árvore, muitos fatores formam a vida de um homem, e, portanto, sua morte.

Então, Ele estendeu o braço e pousou a mão fria em minha cabeça, e fui tomada por Sua graça e compreensão, que eliminaram todos os vestígios da maldade sombria de D’Albret em minha alma até a única escuridão restante ser a da beleza. A sombra do mistério, e perguntas, e o céu noturno infinito, e as cavernas profundas da terra. Então soube que aquilo que a Fera disse era verdade: eu era uma sobrevivente, e a marca dos D’Albret não passava de um disfarce que eu usava para poder circular entre eles. Era tanto parte de mim quanto a capa em minhas costas ou as joias que eu usava. E, assim como o amor tinha dois lados, a Morte também. Enquanto Ismae iria servir como Sua misericórdia, eu não iria, pois Ele não tinha me feito assim.

Todas as mortes que eu havia testemunhado e todos os horrores que eu suportara haviam forjado quem eu era – a justiça da morte. Se eu não tivesse experimentado essas coisas pessoalmente, então o desejo de proteger os inocentes não seria tão forte dentro de mim.

Ali na escuridão, protegida pela graça de meu pai, inclinei a cabeça e chorei, chorei por todos os que havia perdido, mas também pelo que tinha encontrado, pois havia lágrimas de alegria misturadas com as de pesar. Deixei que a luz de Seu grande amor me enchesse, eliminando todos os ramos e traços das trevas de D’Albret, até ficar limpa, inteira e nova.



Fera me encontrou pouco antes do amanhecer. Sem fazer perguntas, ele me ajudou a levantar. O pequeno círculo de gelo no chão era tudo o que restava da presença de Mortain. Não, isso não era verdade. Pois eu estava totalmente transformada por Sua presença. Todo medo e dúvida e vergonha tinham sido varridos como folhas mortas em uma tempestade de inverno. Só haviam permanecido os galhos limpos e fortes.

Agora eu sabia por que D'Albret não tinha nenhuma marca e também sabia por que ele ainda não tinha morrido. Melhor ainda: agora possuía algo que nunca tivera antes: fé. Fé em mim mesma, fé em Mortain. Mas, acima de tudo, fé no amor. O ódio não podia ser combatido com ódio. O ódio não podia ser conquistado pelas sombras. Só o amor tinha o poder de vencer os dois.

Com a força desse amor correndo forte em meu interior, nos preparamos para partir e resgatar minhas irmãs.

Capítulo Quarenta e Seis

CAVAGÁLVAMOS EM RITMO ACELERADO para Nantes. Parávamos apenas quando estava tão escuro que não conseguíamos ver a estrada à nossa frente, depois começávamos assim que havia luz suficiente para continuar. Fera levava Yannic, Lazare e dois de seus cavaleiros. Havia pouco tempo para conversa e, cansados até os ossos, desmoronávamos em nossas mantas toda noite e mergulhávamos em um sono sem sonhos.

Quando nos aproximamos de Rennes, a Fera mandou os dois cavaleiros com mensagens para Duval e a duquesa. Em seguida, nos viramos e seguimos rumo ao sul, e me perguntei se aquele sempre tinha sido meu destino, enfrentar D’Albret com a Fera ao meu lado, pois sem dúvida seria necessário o poder de dois deuses para vencê-lo. Ou, pensei, olhando para o silencioso Lazare, cujo cavalo se esforçava para acompanhar nossas montarias mais fortes, dois deuses e a própria Mãe das Sombras.



Quando estávamos perto de Nantes, eu tinha um plano bem organizado. O desejo de seguir direto e atravessar os portões da cidade até o palácio era quase insuportável, mas não tínhamos chance de sucesso se enfrentássemos D’Albret no estado de exaustão em que estávamos. Na verdade, mesmo descansados e totalmente preparados, nossas chances de sucesso eram pequenas, por isso paramos na cabana de caça abandonada, a mesma onde aquela jornada havia começado, na esperança de que ainda estivesse abandonada.

– Vazia – murmurou Fera ao voltar. – Parece que não veio ninguém aqui desde que a deixamos.

Isso era o que o resto de nós precisava escutar. Golpeamos a barriga dos cavalos com os calcanhares e seguimos para o estábulo. Eles mal necessitavam de condução, pois estavam tão exaustos quanto nós e seguiam ansiosos na direção do cheiro de feno e da promessa de

descanso.



Mesmo com todo meu cansaço, não consegui dormir. Girava de um lado para o outro, fazendo as cordas da cama rangerem em protesto. Só conseguia pensar no dia seguinte e em levar minhas irmãs para a segurança. Perguntei-me onde elas estariam sendo mantidas e quem as vigiava. Com sorte, elas estariam em um dos principais aposentos do palácio e não nas masmorras, pois a saúde de Louise iria piorar rápido se ela fosse mantida em um lugar imundo e úmido. E, por mais que D'Albret não se importasse com ela, não iria querer perder uma peça de negociação naquele jogo que jogava.

O desejo de partir imediatamente era tão forte que eu tive medo de ter de me amarrar à cama. Esperar ali sozinha pelo amanhecer, quando finalmente poderia agir, era uma agonia.

Mas você não está sozinha, sussurrou baixinho uma voz em meu coração. Um amor gigantesco aguardava no quarto ao lado.

De repente, desejei me afogar naquele amor, vesti-lo como um escudo ou uma armadura para manter longe minhas dúvidas. Sem parar para pensar, joguei as cobertas para o lado, pulei de pé e saí para o corredor.

Quando parei diante da porta, fui alcançada por minhas dúvidas. Será que ele me acharia libertina ou depravada? Sem dúvida não, pois ouvira todos os meus segredos terríveis e nem piscou. Era impossível não me sentir mortificada pela enorme generosidade dessa dádiva.

Bati uma vez na porta e então a abri.

O quarto estava escuro. Havia apenas uma estreita faixa de luar que entrava pela janela e se projetava sobre a cama. Quando entrei, a Fera levou a mão à espada, então parou.

– Sybella?

Fechei a porta suavemente às minhas costas.

– Eu dormi com cinco homens, não dezenas. Três porque fui obrigada, um por achar que ele podiam salvar e o quinto para poder me aproximar o suficiente para matá-lo.

Ele não disse nada, mas observou meus dedos enquanto desamarravam minha *chemise*.

– Nunca deitei com um homem por amor. – Meus olhos se fixaram nos dele. – Gostaria de fazer isso pelo menos uma vez antes de morrer.

– Você me ama?

– Amo, seu grande paspalho. Eu amo você.

Ele soltou um suspiro.

– Doce Camulos! Já não era sem tempo.
Não consegui evitar. Eu ri.
– O que quer dizer com isso?
– Amo você desde que jogou aquela lama nojenta em minha perna pela primeira vez e mandou que eu me curasse.

– Tanto tempo assim?
– Eu fui burro demais para perceber, mas sim.
– Quando percebeu que se sentia assim? – Eu estava embaraçada por fazer uma pergunta tão digna de pena, mas ansiava por saber.

Ele inclinou a cabeça, pensativo.

– Quando a abadessa anunciou que você era filha de D’Albret.

Fiquei boquiaberta.

– *Nesse momento* você concluiu que me amava?

Ele ergueu as mãos, como em rendição.

– Não foi questão de *concluir*. Simplesmente estava ali. Uma grande complicação indesejada. Por isso fiquei com tanta raiva, pensando que os deuses estavam se divertindo a valer à minha custa. – Ele sacudiu a cabeça, ainda sem acreditar.

– Então isso significa que vai deitar comigo? – Minha voz pareceu muito mais vulnerável que sedutora.

Ele jogou as pernas para fora da cama, sua expressão ficando séria.

– Sybella, com tudo pelo que você passou nas mãos dos homens, não precisa fazer isso. Não precisa entregar seu corpo para conquistar meu amor. Ele já é seu.

– Eu sei – murmurei. – Mas gostaria de ir para minha morte tendo amado de verdade pelo menos uma vez.

Ele se levantou e atravessou a curta distância que nos separava. Eu sempre esquecia o quanto ele era mais alto que eu. Provavelmente porque nunca olhava para ele com medo. Suas mãos se aproximaram e afastaram o cabelo de meu rosto, como se quisesse vê-lo com mais clareza. Esse gesto simples fez eu me sentir mais exposta do que estar parada ali vestindo apenas minha combinação.

– Quero que você fique comigo pelas razões certas. Não porque sente que deve ou por temer que possamos morrer, mas por desejar com seu coração e seu corpo.

Olhei fixamente em seus olhos, olhos que eram apenas em parte humanos, assim como eu me sentia apenas parcialmente humana. Se algum dia houve um homem que pudesse entender – e aceitar – a escuridão em meu interior, era a Fera.

– A quem melhor confiar os dois que à poderosa Fera de Waroch?

Ele me puxou para mais perto, e seu olhar desceu para meus lábios. Eu estava cercada pelo calor de seu corpo, podia sentir seu coração batendo forte em seu peito. Ele baixou a cabeça até que nossos lábios estivessem quase se tocando. Quando hesitou, fiquei na ponta dos pés

para encurtar a distância entre nós e pressionei os lábios contra os dele. Nosso beijo foi doce e bruto e cheio de desejo. Meu desejo, o desejo dele. Um desejo nascido de duas vidas inteiras.

Era, também, algo extremamente certo. Abençoadamente *certo*. Nenhuma fita negra de vergonha se desenrolou em meu interior. Nenhuma voz gritou *não* no interior de minha cabeça. Não precisei fechar os olhos e fingir que estava a cem léguas de distância.

Sua mão moveu-se para baixo. Os dedos passaram por meu pescoço e saboreei a sensação áspera da pele calejada, maravilhada que uma mão com tamanha capacidade de matar também pudesse ser tão gentil. Sua outra mão envolveu minha cintura, em seguida subi lentamente por minhas costelas, parando pouco antes de chegar a meu seio. Ele pousou a testa sobre a minha, arfante.

– Você tem certeza? – murmurou.

Foi quando eu ouvi o leve tom de descrença em sua voz.

– Raramente tive mais certeza do que tenho neste momento – disse eu.

Então sua boca voltou à minha, e o calor cuidadosamente represado que tinha ardido latentemente entre nós irrompeu. E, mesmo assim, nenhuma sombra ameaçou me levar. Em vez disso, desejo verdadeiro, tão incerto e desajeitado como um potro recém-nascido, despertou em meu corpo. Meus próprios membros me pareceram desconhecidos; meus movimentos, indecisos. Eu, que sempre tinha sido prática e habilidosa. Mas não me importava, pois tudo o que havia acontecido antes não passava de lembrança distante. Tudo o que importava éramos nós. Só nós. Aquele momento. Sua mão em meu corpo. A mistura de nossos hálitos. Nossos corações tão perto que naquele instante batiam como um só.

Com um giro estonteante, ele me levantou nos braços, me fazendo rir de surpresa. – O que está fazendo?

Ele sorriu.

– Sempre quis tomar uma bela donzela nos braços e possuí-la.

– Acho que você devia reconsiderar quem está possuindo quem – murmurei, surpresa com quanto eu gostava da sensação de seus braços ao meu redor, de ser carregada.

Quando chegamos à cama, ele me deitou com delicadeza, bebendo-me com os olhos. E, apesar de ser o truque dele conseguir ver no interior de minha alma, naquele momento eu vi a dele, suas dúvidas e incertezas, e soube que eu queria aquilo. Que eu o queria. Levantei o braço e tomei sua mão, puxando-o para meu lado.

– Se não souber me possuir, vou ter muito prazer em ensiná-lo.

Então ele riu, e mais uma vez levei minha boca à dele, deixando que seu riso enchesse todos os cantos escuros em meu interior.

Então o riso terminou, e por um breve momento lembrei-me das

histórias dos carbonários e senti a certeza de que não era Amourna, nem mesmo Arduinna, quem abençoava nossa noite, mas a própria Mãe das Sombras, com Seu dom para recomeços.



Despertei de manhã com o braço grosso da Fera apertado em volta de mim. Lembrou-me por um instante de uma daquelas raízes de grandes árvores na floresta que se ancoravam na terra.

Sei que devia despertá-lo, que tínhamos uma tarefa urgente e impossível à nossa frente, mas estava ávida por mais um momento, querendo saborear a magia que ocorrera entre nós. Ah, não a magia da qual falavam os poetas em seus poemas de amor, mas uma magia diferente, muito mais forte.

Olhei para seu rosto. Ele não tinha ficado mais bonito desde que eu o encontrara apodrecendo na masmorra, ainda assim ele me era mais querido que o meu próprio.

Nesse exato momento, seus olhos se abriram, e ele me pegou examinando-o.

– O quê? – Sua voz de manhã cedo era rouca, como duas rochas esfregadas.

– Eu estava querendo saber, já que o beijei três vezes, se você vai se transformar num belo príncipe.

Ao ver seu sorriso rápido e fácil, senti meu coração bailar em meu peito.

– Infelizmente, você ficou com um sapo, *milady*.

– Ah, mas por acaso eu gosto bastante de sapos. – Inclinei a cabeça e beijei seu nariz, sem dúvida uma das coisas mais tolas que tinha feito, mas não me importei. – Até de sapos que dormem um dia inteiro. – Dei outro beijo em seu rosto, depois me forcei a sair da cama.

Nem me importei que ele me visse enquanto me vestia.

Quando cheguei à cozinha, Lazare ergueu os olhos da faca que estava afiando, seus olhos espertos não deixando nada passar, de modo que me senti quase nua diante dele.

– Alguém está feliz esta manhã – sorriu ele com malícia.

– Alguém está com vontade de sentir o beijo do aço frio antes mesmo de tomar o desjejum.

Seu sorriso aumentou, pois o fato de eu não ter puxado minha faca imediatamente já provou que estava certo.

– Você não tem de buscar uma carroça, ou algo assim? – perguntei.

Ele apontou com a cabeça na direção da janela.

– Já está aí. Alguns de nós não ficamos de preguiça a manhã inteira.

Olhei para fora e vi os três outros carbonários e uma carroça cheia de carvão. Nosso meio de ganhar acesso à cidade tinha chegado. – Bem, então, vamos andando.



A estratégia que havia funcionado tão bem quando viajamos para Rennes funcionou igualmente bem ali. Em pouco tempo, eu tinha escondido meu cabelo sob uma touca e passado uma leve camada de carvão sobre o rosto e as mãos. Minha aparência alterada iria me tornar quase invisível, pois guardas não prestavam atenção a camponeses inferiores e menos ainda aos escoraçados carvoeiros.

Mas a grande estatura da Fera era reconhecível demais. Dessa vez, ele foi posto na carroça, coberto com tecido grosseiro de cânhamo, depois enterrado sob uma camada de carvão. Lazare abriu um espaço através do qual ele podia respirar.

Passamos pelos portões da cidade e mal olharam duas vezes para nós. Lazare nos conduziu direto para um ferreiro que conhecia, um homem, garantiu, que ficaria muito satisfeito em nos ajudar. Apesar de não ser aliado próximo dos carbonários, ele com certeza não tinha nenhum amor por D'Albret nem sua ocupação da cidade.

Com o sucesso da primeira parte de nosso plano, era hora de nos limparmos para que eu pudesse fazer uma visita ao convento de St. Brigantia, localizado bem em frente ao palácio.

Capítulo Quarenta e Sete

FUI LEVADA IMEDIATAMENTE AOS APOSENTOS da abadessa, onde ela aguardava por mim à sua mesa. Ela era uma mulher grande, quase tão alta quanto um homem, com uma fronte elevada e inteligente e pálpebras pesadas. Quando fui introduzida, ela gesticulou para a noviça fechar a porta ao sair, em seguida se recostou na cadeira e me estudou.

– O que uma das filhas de Mortain quer daquelas que servem a Brigantia?

– Não venho em negócios oficiais, madre superiora, mas para pedir sua ajuda para resgatar duas meninas. Elas foram tomadas pelo conde D’Albret, e temo pelo seu bem-estar.

– Faz muito bem – murmurou ela.

– Para levá-las para um lugar seguro, preciso obter acesso ao castelo. Um hábito de Brigantia forneceria um disfarce excelente e permitiria que eu entrasse no palácio sem um exame minucioso. – Você planeja ir sozinha?

– Não, eu terei assistência.

– Então vai precisar de mais de um.

Sem conseguir me segurar, sorri com a ideia.

– Não, madre superiora. Eu estarei acompanhada de dois homens.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– E quem são eles?

– Um é a Fera de Waroch.

– A mesmo Fera de Waroch que resistiu nobremente à frente de nossa duquesa poucas semanas atrás?

– O próprio.

– Então há outra coisa que preciso contar a você. Há uma passagem secreta que vai do convento até o palácio. Ela foi construída pelo falecido duque. Depois que ele e sua família escaparam por pouco de serem capturados quando os franceses atacaram a cidade em uma de muitas batalhas, ele mandou seus engenheiros construírem uma rota secreta de fuga até o exterior do palácio para que suas filhas nunca tivessem que chegar tão perto de serem capturadas outra vez. Você pode usá-la para libertar as meninas.

Parecia que todos os deuses estavam a favor daquela empreitada, e

tive que me segurar para não pular por cima da mesa e abraçá-la.

– Essa é uma ótima solução para um problema muito difícil. Obrigada.

– Então essa é apenas uma missão de resgate? – Seus olhos penetrantes me estudaram. Eu a encarei nos olhos.

– Esse é o objetivo de nossa incursão.

– Bom. Mas espero que, caso surjam outras oportunidades, vocês as aproveitem. Vão precisar tomar muito cuidado. D’Albret e suas tropas voltaram há três dias. Eles chegaram apressados de Rennes. O que quer que ele esperasse realizar lá, não aconteceu, e ele e seus homens estão de péssimo humor.

Aquilo era boa notícia, pois sem dúvida devia significar que seus sabotadores não tinham conseguido ajudá-lo a entrar na cidade.

– É por isso que as coisas estão tão quietas aqui. Os moradores da cidade estão em casa e fecharam suas lojas e oficinas. Não querem entrar em contato com D’Albret ou seus homens com esse estado de ânimo.

Por alguma razão, meus pensamentos foram para o ourives que fizera a chave para mim.

– Isso é muito sábio da parte deles.

Ela se ergueu e foi até a janela que dava para o fosso.

– Há mais uma coisa que você precisa saber. Há relatos, relatos confiáveis, de que a regente francesa e uma grande força militar estão acampadas apenas cinco léguas rio acima.

Tão perto!

– Será que eles pensavam em tirar vantagem da ausência de D’Albret invadindo a cidade enquanto ele estava guerreando contra Rennes?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não sei, pois mensageiros têm corrido furiosamente de D’Albret para os franceses nas duas últimas semanas. O que quer que seja, eles podem estar planejando juntos.

Ela se virou para mim.

– Não lhe digo isso para dissuadi-la, mas para que mantenha os olhos e ouvidos abertos. Se você descobrir algo sobre o que está acontecendo enquanto resgata essas meninas, tenho certeza de que a duquesa ficaria muito grata. Agora, vá buscar seus companheiros, e, quando voltarem, eu mesma vou acompanhá-los até a passagem.



O túnel era longo e escuro, e a lamparina a óleo que a abadesa nos

deu projetava luz suficiente apenas para não tropeçarmos e cairmos. As paredes eram de pedras molhadas, escorrendo umidade do rio próximo e do fosso acima. A escuridão engolia a maior parte da luz da lamparina. Parecia que tínhamos entrado na garganta comprida e sombria de alguma serpente monstruosa de lendas antigas.

Quando a luz mortíça finalmente mostrou uma escada de pedra, apressamos o passo e subimos correndo os degraus. Segundo a abadessa, como o duque sabia que seus próprios aposentos poderiam ser os primeiros tomados em quaisquer hostilidades, a porta se abria para o quarto que a duquesa e Isabeau dividiam quando criança.

Levantei o trinco lentamente, depois empurrei devagar a porta e a abri, só para encontrar outra parede de madeira. Não, não uma porta, mas a parte de trás de uma grande cabeceira de cama. A porta ficava na parede do quarto atrás da cama, e mais escondida ainda de vista pelas cortinas do leito. Havia espaço suficiente para uma pessoa passar, mas a Fera teria de atravessar de lado, e, mesmo assim, seria apertado.

Yannic iria esperar na passagem, armado com sua funda e uma faca grande, pois não podíamos arriscar ter nossa rota de fuga fechada por nossos inimigos.

O quarto se abria para uma pequena saleta pessoal, e embora não sentisse a batida de nenhum coração ali, hesitei. Era como se alguma barreira invisível me segurasse, minha mente me lembrando de tudo pelo que eu havia passado dentro daquelas paredes, mesmo enquanto meu coração me dizia que daquela vez era diferente. Tinha sido forçada a disfarçar minha verdadeira natureza até de mim mesma, pois que cães de caça não ficariam aterrorizados com um lobo à espreita entre eles? Mas até um filhote de lobo precisava de uma chance para crescer. Esse pensamento permitiu que eu entrasse no quarto. Fera veio logo a seguir, em silêncio.

Na porta, olhei para fora à procura de guardas ou sentinelas postados, mas o corredor estava vazio.

– Você tem de esperar aqui – eu disse à Fera. – Pelo menos até eu descobrir onde elas estão sendomantidas, e o tamanho de sua guarda. – Seus olhos queimaram de frustração, pois ele não estava acostumado a esperar sem fazer nada enquanto os outros entravam em situações de perigo, mas sabia que, por enquanto, a discrição era nossa melhor arma, não a força bruta.

No corredor, tomei o cuidado de manter a cabeça baixa e torci para que a touca que eu usava ocultasse meus traços de qualquer passante eventual. Quanto mais eu me afastava da porta, mais sentia como se um grande peso estivesse sobre mim. Em vez de dificultar a respiração como antes, essa força me empurrava para a frente, de forma muito parecida como ondas jogam um barco na direção da costa.

Não tinha passado por duas portas quando ouvi vozes, vozes nítidas e agudas de crianças. Elas vinham do interior do terceiro aposento. Não havia guardas postados, por isso respirei fundo, lembrei a mim mesma que era filha de Mortain, então bati na porta aberta.

– Entre. – Era Tephannie, e soltei um suspiro de alívio. Eu tinha certo receio de que madame Dinanou o próprio Julian estivessem guardando as garotas, mas sem dúvida eles não esperavam que eu saltasse dentro da cova do leão sem avisar.

Entrei no quarto, com cuidado para manter os olhos baixos, e enfiei as mãos nas mangas, levando-as às facas ocultas, caso precisasse delas com rapidez.

– Olá. – Articulei uma voz mais grave que o normal. – Sou a irmã Widona, do convento de St. Brigantia, e fui mandada para cuidar de uma criança chamada Louise. Disseram que ela contraiu febre nos pulmões.

Tephannie se aproximou até que eu pude ver a ponta de seus sapatos pretos simples por baixo de sua saia.

– Não febre nos pulmões, não. Mas ela tosse o tempo todo, e seus pulmões parecem fracos. Nós ficariamos muito agradecidas por qualquer habilidade curativa que a senhora esteja disposta a oferecer.

– Mas é claro – disse eu enquanto fechava a porta às minhas costas, então lentamente ergui os olhos.

Foi Louise quem me reconheceu primeiro. Ela saltou do sofá onde estava brincando com sua boneca, saiu correndo e se jogou sobre mim. Eu a apertei forte, aproveitando a sensação de seus bracinhos em volta de meu pescoço. Ela estava magra e frágil, e suas faces tinham uma coloração doentia. Tephannie a olhava com uma mistura de surpresa e consternação até que seu olhar atônito subiu para meu rosto. Ela ficou boquiaberta, e sua mão voou até a boca.

– *Milady*.

Levei o indicador aos lábios e rezei para que ela fosse leal a mim e às meninas.

Lentamente, Charlotte levantou do sofá, sem jamais tirar seus olhos castanhos e solenes de meu rosto.

– Eu sabia que você viria – disse ela, e eu abri os braços para ela também. Tensa, ela caminhou até mim, mas não se atirou como Louise. Ela sempre tinha sido mais formal, por isso a puxei para perto. Só então ela relaxou em meu abraço.

Tephannie olhou para a porta.

– *Milady*, não é seguro para a senhorita aqui. Eles dizem... eles dizem coisas horríveis sobre a senhorita.

Eu sorri para ela.

– Algumas delas devem até ser verdade – disse eu. – Mas, por enquanto, vim para levar as garotas para a segurança.

Tephanie se benzeu.

– Então minhas orações não foram em vão.

– Você precisa vir conosco, Tephanie, senão vai ser gravemente punida pelo desaparecimento delas.

Seu olhar sincero cruzou com o meu.

– *Milady*, eu a seguiria para qualquer lugar.

– Bom. Então siga-nos para a segurança. – Afastei as meninas de mim, mas Louise quase não se aguentava em pé. Larguei a mão de Charlotte e peguei Louise para levá-la em meus braços. – Pegue as capas delas. E as botas. E qualquer roupa quente que você possa encontrar rapidamente. Não temos muito tempo.

Ela assentiu com a cabeça e correu até o baú no fundo do quarto.

Voltei minha atenção para as meninas.

– Nós temos que fazer muito, muito silêncio. Se alguém nos vir, vão tentar nos impedir, e podemos nunca mais tornar a nos ver. Vocês entenderam?

As duas balançaram a cabeça solenemente, e Tephanie voltou com os braços cheios de roupas.

– Devo vesti-las agora, *milady*?

– Não, teremos tempo quando estivermos em segurança. Você consegue carregar tudo isso?

– Consigo, mas e a senhorita? Consegue carregar Louise o tempo todo?

– Não vou precisar. – Quando estávamos prontas para partir, houve um barulho na porta. Eu girei e vi Jamette nos encarando.

– Você aqui? Eu esperava que nunca mais voltasse.

– Mais um minuto, e terei ido – disse a ela. – As garotas e eu estamos de partida, e você nunca mais vai ter que me ver de novo.

A indecisão passou brevemente por seu rosto bonito e superficial, e vi que todo o ódio que eu sentia por ela tinha desaparecido.

– Venha conosco, se quiser. Você não precisa ficar aqui.

– Não. – Ela praticamente cuspiu as palavras. – Não vou trair o senhor meu pai. Nem o seu.

De repente, temi por ela, temi que toda a força da raiva de nosso pai caísse sobre sua cabeça tola.

– Não seja boba, pois eles não têm a mesma lealdade por você, e vão torcer o seu pescoço assim que ouvirem o que você contar. Venha conosco. Você pode ter uma vida nova, livre de todas essas mentiras e engodos.

A amargura cintilou em seus olhos, e ela deu um passo em minha direção, as mãos segurando as saias.

– Eu não quero uma vida nova. Eu sempre quis apenas a sua vida. Toda a admiração que você provocava, toda a atenção que recebia, toda a riqueza jogada sobre você... elas seriam minhas se você não

estivesse aqui.

– Se é isso o que você quer, então tudo o que precisa fazer é nos deixar partir.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não é tão simples, e você bem sabe. Vou ser punida terrivelmente se não detiver vocês.

E ela tinha razão. Quando se virou para sair, eu tentei agarrá-la, mas Louise era pesada, e não fui rápida o suficiente. Jamette fugiu de meu alcance e saiu em disparada pelo corredor. Eu me virei para as outras.

– Precisamos ir. *Agora.*

O corredor ainda estava vazio, mas era apenas questão de minutos antes que outros surgissem. Apertei Louise firme, segurei a mão de Charlotte, e as puxei na direção do quarto e da Fera. Se os guardas nos encontrassem antes de alcançar a segurança, ele seria nossa única esperança.

Capítulo Quarenta e Oito

QUANDO ENTRAMOS NO QUARTO, ele ergueu os olhos. A ferocidade em sua expressão foi assustadora até para mim. Então seu olhar foi direto para Louise. Charlotte se encolheu nas barras de minha saia, mas Louise o estudou com curiosidade.

– Quem é você? – perguntou ela em sua voz clara e aguda. Fera olhou para mim, sem saber o que fazer, e vi agonia em seus olhos.

– Não tenha medo dele, Louise.

– Não tenho – disse ela, parecendo levemente ofendida.

– Bom, porque ele era muito próximo de sua mãe e vai levá-la para a segurança, não importa o que aconteça. Você também – disse a Charlotte. Então voltei toda minha atenção para a Fera. – Temos de nos apressar – alertei-o. – Eu fui vista, e Jamette foi dar o alarme.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, então pareceu surpreso quando botei Louise em seus braços.

– Vamos precisar de uma distração para que eles não descubram sua rota de fuga. Preciso ficar para trás – eu disse.

Diante de sua expressão horrorizada, apressei-me em explicar:

– Eles não podem chegar nem perto deste quarto, ou a passagem vai ser descoberta e eles vão encontrar vocês em minutos.

– Eu não vou deixá-la aqui!

Seus olhos! Ah, seus olhos! A fúria e a angústia neles me deixaram sem ar. Duas coisas o definiam, sua honra e sua lealdade, e estavam lhe pedindo que abandonasse uma delas.

Sentindo sua raiva, Louise se remexeu irrequieta em seus braços, atraindo sua atenção de volta para ela. Usei isso em meu proveito e enfiei a mão de Charlotte na dele, beijei rapidamente as duas meninas e em seguida comecei a empurrar rapidamente os dois na direção do quarto.

– Vou voltar – disse ele, então inclinou-se e deu um beijo selvagem e desesperado em meus lábios, como se quisesse que eu sentisse a força de sua promessa.

Não me dei ao luxo de vê-los partir. Em vez disso, virei-me e tirei o hábito azul característico para que D'Albret não pensasse em castigar o convento de St. Brigantia. Eu o enfiei em um dos baús no quarto e então espiei o corredor. Podia ouvir passos se aproximando ao longe,

mas ainda não havia ninguém à vista, por isso saí no corredor e comecei a correr na direção oposta.

O som às minhas costas se aproximava, mas, se eu conseguisse chegar ao andar principal, talvez pudesse sair pelas portas e me perder entre os criados no pátio. Cheguei à escada correndo à toda velocidade, mas minha esperança rapidamente foi esmagada pelo som de botas apressadas vindo em minha direção.

Não eram guardas nem soldados, nem mesmo o capitão De Lur, mas Julian.

– Sybella! – Sua voz estava cheia tanto de esperança quanto de cautela. – Você voltou!

– Vim buscar nossas irmãs.

– Sybella. – Ele tentou segurar meus braços.

Eu me soltei.

– Não. Não. – E no momento em que comecei a dizer não para ele, não conseguia parar. Era como se uma grande tempestade de não estivesse se formando em meu interior por muitos anos. – Não, não, não.

Ele franziu o cenho de preocupação e tentou mais uma vez segurar meu braço. – Não me toque! – Eu me soltei de suas mãos, bufando.

Ele me encarou, consternado.

– Qual o problema?

– Você. Nós. O amor que você acredita existir entre nós.

Ele sacudiu a cabeça delicadamente, como se houvesse alguma coisa errada com sua audição.

– Você não está falando sério.

A confusão em sua voz lembrou-me de quando ele era criança, e partiu meu coração.

– Estou – murmurei.

– Por que você fugiu? – Apesar de tentar esconder, o sofrimento em sua voz era nítido.

O que eu devia dizer a ele? Devia falar do convento e do meu trabalho lá? Ou apenas dizer o que estava em meu coração, a razão que originalmente me levava a ir para o convento?

– Porque eu estava morrendo por dentro, Julian. Eu não podia aguentar esta vida nem mais um momento.

– Mas nós tínhamos planos. Tenho trabalhado para conquistar a confiança de nosso pai para que ele me conceda um domínio próprio. Aí teremos uma vida juntos. A vida com a qual sonhamos desde que éramos crianças.

– Com a qual você sonhou, Julian, não eu. – Apesar da gentileza de minha voz, ele reagiu como se tivesse sido ofendido.

– Mas nós falamos sobre isso, planejamos juntos...

– Quando éramos crianças, Julian, jovens demais para saber que

irmãs e irmãos não se casam nemtêm bebês juntos. O que havia entre nós era errado.

– Por que devemos nos importar com o que o mundo pensa? Eles não entendem os laços que nosunem, os horrores que suportamos juntos. Eu não teria sobrevivido se não fosse por você, Sybella.

Eu fechei os olhos.

– Nem eu sem você, mas isso não torna certo o que você pede para mim. Eu só fiz aquilo porquetinha medo de perder você, medo de que você não me protegesse mais ou parasse de ser meu amigo. Ele me encarou em silêncio, como se nunca tivesse realmente me visto antes.

– Sempre fui seu amigo, e jamais deixei protegê-la.

– Julian, você me traiu! Contou sobre o filho do ferreiro e fez com que ele fosse morto!

Seus olhos estavam insanos; sua respiração, entrecortada.

– Eu a salvei de uma vida como puta de um ferreiro, cuidando de seus fedelhos sujos e vivendouma existência de trabalho e exaustão. Eu a salvei de uma existência de insegurança, de estar sempre olhando para trás se perguntando quando nosso pai iria encontrar você, pois ele nunca iria parar de procurá-la. Sem dúvida você sabe disso.

– Se isso é verdade, então como você pôde pensar em usar nossas irmãs contra mim?

– Eu fui mandado buscá-las por ordens de nosso pai.

– E os cachos de cabelo? O que eram eles, Julian, se não uma ameaça?

– É isso o que você acha? Que eu faria uma coisa dessas?

– Sim – sussurrei. – Acho que você as envolveria em lindas desculpas e belas mentiras, mas apenaspara esconder de si mesmo sua verdadeira intenção.

– Eu só queria que você soubesse que eu as manteria em segurança, do mesmo modo que a mantiveem segurança por todos estes anos. E é assim que você me agradece.

Mas, mesmo naquele momento, eu não sabia se ele me dizia a verdade ou apenas achava que sim.

No silêncio que se seguiu, ouvi mais uma vez o som de botas se aproximando rápido. Eu me aproximei de Julian.

– Quando eles chegarem aqui, diga que me achou e me deteve. Venha, saque sua espada para convencê-los.

Julian sacudiu a cabeça e se afastou de mim.

Estendi a mão e arranquei sua espada da bainha, em seguida enfiei o cabo na mão dele.

– Faça isso. – Quando me posicionei diante da ponta de sua espada, o capitão De Lur, Jamette emeia dúzia de soldados surgiram no topo da escada.

– Aí está ela – disse Jamette. – Mas onde estão as outras?

– Que outras? – perguntou Julian, olhando de mim para Jamette e outra vez para mim.

– Tephannie e as meninas – disse Jamette. – Sybella disse que elas todas iriam fugir juntas.

– Ela foi a única que eu encontrei. Onde você as viu pela última vez?

– No solário pequeno.

De Lur moveu a cabeça bruscamente, e metade dos homens olhou na direção do solário. Então ele se voltou para Julian.

– O senhor a estava detendo ou ajudando? Nunca se sabe ao certo com o senhor.

Os olhos de Julian estavam mais frios que gelo sobre pedra.

– Você tem tanta certeza disso, De Lur? E se o senhor meu pai confiou em mim acima de todos os outros e nós armamos uma grande trama para atraí-la?

Meu olhar voltou-se bruscamente para o rosto de Julian, mas nem mesmo eu sabia dizer se ele estava blefando. Ignorando-o, De Lur virou-se para mim.

– O senhor seu pai sabia exatamente que iscas usar para essa armadilha, e agora a senhorita está aqui. Infelizmente, escolheu um momento inconveniente para fazer sua reaparição, pois lordes D’Albret tem negócios urgentes no momento em outro lugar.

Arqueei uma sobrancelha em descrença, torcendo para que meu desprezo o levasse a contar quais eram os negócios de D’Albret.

– Mais urgentes do que se vingar de sua filha pródiga?

– Mais urgente até que isso.

Minha mente entrou em funcionamento, tentando encontrar um modo de virar aquilo a meu favor.

– Então leve-me ao marechal Rieux. – Pois ele tinha pelo menos um pouco de decência e honra. Pelo menos tinha.

De Lur sorriu.

– O bom marechal não está mais conosco. Ele não teve estômago para o que era necessário.

Não sabia se ele quis dizer que eles haviam se separado ou se Rieux estava morto.

– Você vai ter de aproveitar a hospitalidade do calabouço até a volta de seu pai. – Ele se voltou para seus homens. – Tragam-na.

Dois homens se adiantaram para segurar meus braços. Desesperada para manter minhas facas, tirei os braços de seu alcance antes que eles pudessem me tocar.

– Não preciso ser arrastada como um saco de farinha.

Não gostei do que vi em seus olhos, e lancei um olhar desesperado para Julian, mas ele estava perdido em seus próprios pensamentos – dolorosos, pela expressão em seu rosto. Os homens estenderam as

mãos em minha direção outra vez, seguraram meus braços e sentiram as facas em meus pulsos. De Lur mandou que elas fossem removidas, depois me revistou à procura de mais armas.

Mais uma vez tive de suportar seu toque, sentir seu hálito quente contra minha nuca, ouvir sua respiração ficar arfante. Não disse nada, só o observei. Não estava certa de poder derrotá-lo em uma luta, mas seria duro, e sem dúvida eu lhe causaria ferimentos graves. No mínimo, ele ou seus homens teriam de me matar em legítima defesa. Mas eu ainda não tinha certeza se estava disposta a abraçar a morte. Não enquanto ainda houvesse uma chance de pegar D'Albret.

Enquanto me acompanhavam até as masmorras, as mesmas masmorras antes ocupadas pela Fera, meu coração começou a bater como um tambor, e eu podia ouvir meu próprio sangue pulsar em meus ouvidos, pois aquilo era a matéria de todos os pesadelos que eu tivera: estar indefesa e mais uma vez à mercê de D'Albret.

Capítulo Quarenta e Nove

FOI UMA NOITE LONGA E ESCURA. O pânico e o terror fizeram de tudo para me assediar, mas eu os mantive afastados, sabendo que, se sucumbisse, isso só me deixaria mais fraca. O terror era uma arma de D'Albret tanto quanto sua espada ou seus punhos, e ele a usava com precisão mortal, para minar a resistência e esmagar os ânimos.

Os fantasmas da torre flutuavam perto de mim, atraídos por meu calor. Para me distrair, forcei minha mente à imobilidade, curiosa para ver se eles iriam me contar suas histórias.

Mas não havia nada além de uma leve ondulação irrequieta em minha mente, nenhum grito de angústia, ninguém implorando por vingança, nenhuma história sussurrada do horror infligido a eles. Aqueles fantasmas eram muito mais antigos que os outros, estavam ali muito antes de D'Albret. Talvez não tivessem sido injustiçados, apenas morrido.

Baixou sobre mim uma compreensão silenciosa, como uma brisa suave, e finalmente me dei conta de por que era capaz de ver não apenas as almas partirem de seus corpos terrenos, mas também os fantasmas inquietos que permaneciam: se eu representava a justiça da morte, tinha de poder ouvir suas histórias.

Voltei minha atenção para os vivos e que injustiças eles poderiam sussurrar para mim. Jamette não passava de uma vítima, assustada demais para ver as barras de sua própria gaiola. E madame Dinan? Ela já fora inocente, mas não mais. Havia escolhido não ver a verdade das ações de D'Albret com demasiada frequência, cruzando assim a fronteira de inocente para culpada.

E Julian? Ele não era filho de Mortain e tinha herdado aquela quantidade extra de força, e mesmo assim rejeitava muito do que D'Albret desejava que ele fosse, lutava fortemente contra a mácula que o poluía. Diferente de Pierre, que a abraçava completamente.

Julian sempre havia me oferecido bondade e amor quando Pierre e D'Albret ofereciam apenas crueldade e sofrimento. Tínhamos sobrevivido a tantos horrores juntos e nossa vida era banhada em tanta injustiça, que o amor distorcido que ele sentia por mim quase parecia certo. Quase. E, de seu próprio jeito, Julian estava me protegendo... de Pierre.

Sabia que o amor era necessário para derrotar o monstro à minha frente, mas eu estava perdida, não sabia como manifestar aquele amor. Eu o encararia com a segurança do amor de Mortain, e do amor da Fera, e do amor por minhas irmãs, mas não sabia como transformar isso em uma arma que pudesse usar contra ele.

Naquele momento, eu precisava confiar no Deus cujo sangue corria em minhas veias e em minha verdadeira natureza. E mesmo que ela não fosse tão sombria e perversa quanto a de D'Albret, ela *era* sombria. E forte. E, com sorte, ofereceria alguma pequena chance de vitória. Eu precisava ter fé, mas ter fé era difícil, muito mais difícil do que entrar em desespero.



O som de uma chave na fechadura me acordou com um susto, e tive de me segurar para não pular de pé e correr até as barras. Em vez disso, me levantei devagar.

Quando a porta abriu, dois soldados entraram a passos largos e me arrastaram para a câmara externa. De Lur estava lá.

– É hora de enfrentar a justiça de seu pai.

Fui escoltada até um aposento onde a própria madame Dinan estava à minha espera, junto com Jamette. Duas criadas enchiam uma banheira de água. Dinan nem se deu ao trabalho de olhar para mim, só observava pela janela.

– Tirem-na desses trapos – ordenou.

As duas criadas se aproximaram, olhando-me desconfiadas, mas eu não dificultei seu trabalho, pois nada daquilo era culpa delas. Observei Jamette o tempo inteiro, na esperança de enervá-la, pois tinha sido sua traição que me levava até ali.

– Tudo o que precisava fazer era fingir que não nos viu – eu disse em voz baixa para ela. – E euteria desaparecido de sua vida para sempre. Julian podia até acabar me odiando, deixando o caminho livre para você. Mas agora... agora vou ser uma mártir aos olhos dele, e vai ser muito mais difícil competir com minha memória.

Seus olhos se arregalaram, e ela olhou para madame Dinan para ver se ela tinha ouvido, mas a mulher mais velha ainda estava observando pela janela.

Ela tinha envelhecido muito desde a última vez que eu a vira. A pele caía de seus ossos delicados. Os olhos não pareciam mais apenas nervosos, mas assombrados. Como se sentisse meu olhar, ela se virou, mas nem assim me encarou nos olhos.

– Queimem esses trapos que ela estava usando – disse para as

criadas. – E ponham-na dentro dabanheira.

– Não há necessidade; faço isso sozinha – respondi, entrando na água morna e pegando o sabão. Depois que as criadas saíram, Dinan virou-se para mim.

– Sua garota tola. Você arruinou tudo!

– O que quer dizer?

– Como D’Albret não conseguiu tomar Rennes como planejava, teve de recorrer a outras opções.

– Opções que afastaram o marechal Rieux?

Ela ignorou minha pergunta.

– Com o casamento da duquesa com o Sacro Imperador Romano, ele não teve escolha exceto... – Sua voz diminuiu e morreu, e ela lançou um olhar na direção de Jamette. – Vá buscar o vestido dela – ordenou. Jamette fez uma reverência e foi correndo obedecer.

Lembrando-me das palavras da abadessa de St. Brigantia, eu a encarei, esquecendo do sabão em minhas mãos.

– Essa opção é a razão de meu pai ter mantido comunicações com a regente francesa?

Ela parou de torcer o lenço de linho que estava segurando e vi que suas unhas estavam roídas até o talo.

– O que você sabe sobre isso?

Dei de ombros.

– Simplesmente que há rumores.

Ela deu um leve sorriso.

– Você deve entender que há outros meios pelos quais ele pode obter o controle do reino se a duquesa não honrar suas promessas.

Virei o rosto para que ela não visse como suas palavras me perturbaram, pois, se D’Albret estava conspirando com a regente francesa, isso só podia significar desastre para a duquesa. E por que Dinan estava me contando isso? Seria porque ela sabia que eu ia morrer e levar essa informação comigo? Ou havia alguma centelha de lealdade nela que abominava a escolha feita por D’Albret?

Mas não tive oportunidade de fazer mais perguntas porque Jamette voltou carregando um de meus vestidos. Era de veludo vermelho entremeado com fios de ouro, e me perguntei se ela o escolhera para que o sangue não aparecesse.

Capítulo Cinquenta

DELUR TEVE GRANDE PRAZER em amarrar minhas mãos às minhas costas e me conduzir à força até o grande salão. Quando me empurrou para dentro, entrei com a cabeça bem erguida. O local estava cheio de criados e vassalos de D'Albret. Olhando para eles, vi que não havia nenhum dos lordes de Nantes que eram aliados recentes de meu suposto pai. Será que tinham partido? Será que ele os havia matado todos por desconfiança? Ou talvez alguns de seus soldados com um resto de decência tivessem partido com o marechal Rieux. Eu não sabia, mas os soldados e vassalos ali eram todos dele, e tinham sido por anos. Eram eles que haviam permanecido em silêncio enquanto ele matou cada uma de suas seis esposas, e que avidamente cumpriram suas ordens de aterrorizar a cidade até a submissão estuprando suas mulheres e queimando suas casas. Eram eles que tinham perseguido e matado todo criado que houvesse permanecido leal à duquesa, perseguindo-os com tanto sentimento quanto se estivessem caçando ratos. Quaisquer que fossem os planos de D'Albret para mim, eu não receberia nenhuma ajuda deles.

De Lur me empurrou para frente e, com os pulsos amarrados, mal consegui manter o equilíbrio. D'Albret estava esparramado na cadeira de espaldar alto sobre a plataforma. Sua fúria gelada espreitava logo abaixo de um verniz fino de civilidade. Mas meu propósito recém-descoberto queimava tão forte dentro de mim que não havia espaço para medo. Ou talvez eu não me importasse mais. Especialmente sabendo que a Morte não iria me rejeitar – que jamais havia me rejeitado –, mas iria me receber em casa quando meu tempo ali tivesse terminado.

Além disso, mesmo que eu estivesse aterrorizada, não daria a D'Albret a única coisa que ele queria: ver-me encolhida a seus pés. Em vez disso, olhei friamente para ele, como se *ele* tivesse sido levado diante de *mim* para prestar contas de seus crimes.

Ele se aprumou enquanto seus olhos me estudavam, avaliando-me friamente.

– Você tem muito pelo que responder. Contou meus planos para a duquesa, duas vezes. Fugiu com meu prisioneiro e raptou minhas próprias filhas debaixo de meu teto. Com certeza nenhum pai já sofreu

tamanha traição das mãos da própria filha. – Ele se levantou e atravessou a curta distância que havia entre nós.

– O que você fez com meu prisioneiro? Eu tinha planos para ele, sabia? Você deitou com ele, como fez com aquele filho do ferreiro?

Ouvi-lo falar do que havia acontecido entre mim e a Fera daquela maneira me enojou.

– O prisioneiro não era nada para mim. Uma missão, só isso.

– Uma missão? – Ele lentamente deu a volta em mim, avaliando-me. – Você é realmente uma rameira, então?

De repente, quis que ele soubesse. Precisava que soubesse quem eu realmente servia e tudo o que fizera para detê-lo.

– O senhor ainda não entendeu? Eu não sou sua filha. Minha mãe preferiu convidar a Morte para sua cama a sofrer uma vida com o senhor, e eu fui gerada pelo próprio Mortain.

Um silêncio alto se ergueu no salão, rompido apenas pelo estalo da mão de D’Albret atingindo meu rosto. Minha cabeça foi jogada para trás, e senti o gosto de sangue.

– Então, sem dúvida, devolvê-la à Morte não será punição. Preciso encontrar outra maneira de castigá-la por todo o sofrimento que você me causou.

Eu sabia que devia parar, manter a boca fechada e deixar as coisas como estavam, mas tinha permanecido uma testemunha silenciosa naquela casa por tempo demais. Não ficaria mais em silêncio.

– Não sou apenas filha da Morte, mas Sua serve também. Todos os acidentes que ocorreram com seus aliados e comandantes de confiança não foram acidentes, mas minhas próprias mãos cumprindo as ordens de Mortain e, por meio dele, da duquesa.

D’Albret então sorriu, me surpreendendo. Ele se aproximou de meu ouvido.

– Por mais que envolva suas matanças com algum santo antigo, você é igual a mim – disse ele, com algo parecido com orgulho. – Você engana apenas a si mesma. É uma vergonha que não tenhamos podido chegar a um acordo, você e eu.

Enquanto ele punha em palavras o próprio medo que tinha me assombrado por toda a vida, eu sorri. D’Albret podia brincar com a Morte – podia até ser bom naquilo – mas eu era uma verdadeira filha da Morte.

– Não – disse eu, minha voz forte e segura. – Não sou como o senhor. Nunca fui. Pois enquanto o senhor pensa em controlar a Morte e submetê-la à sua vontade, eu *sou* a vontade da Morte. Nunca matei um inocente ou para o meu próprio prazer. Matei apenas homens como o senhor, que eram uma praga sobre a terra.

– Uma praga, eu? Vamos ver. – Ele pegou uma mecha de meus cabelos e a esfregou entre dois dedos.

– Acho que estou interessado em misturar meu sangue com o da própria Morte. Então, sem dúvida, nada poderia resistir à minha vontade.

Só em pensar no toque de D’Albret, fiquei enjoada, e a ideia da abominação que resultaria do seu ato me encheu com um terror indizível. Lutei contra as cordas em torno de meus pulsos, mas elas nem se mexeram. Eu me xinguei por jogar meu verdadeiro parentesco na cara dele, pois devia ter me lembrado de como ele era astuto em descobrir as coisas que uma pessoa mais valorizava e usá-las como arma.

D’Albret sorriu. Sua mão deixou meu cabelo e desceu por meu rosto, como uma carícia. Não consegui evitar: estremeci a seu toque, com o que vi em seus olhos.

– Como você não é minha filha, eu poderia até fazer de você minha sétima esposa, hein?

Olhei para madame Dinan, mas sua face era uma máscara rígida.

D’Albret piscou para mim, depois me deu tapinhas delicados no rosto.

– Ela não vai se importar. É estéril e entende que eu preciso de filhos para assegurar meus domínios. – Então ele segurou meu queixo, me segurou firme, e apertou sua boca contra a minha em um beijo esmagador e brutal. Bile subiu em minha garganta quando seus dentes pressionaram meu lábio inchado. Quando ele lambeu o corte em meu lábio, estremeci violentamente, cada nervo em meu corpo protestando contra o erro que era aquilo, o absoluto horror de seu toque. Sem outra maneira de reagir, eu o mordi.

Ele se afastou bruscamente, com uma fúria sombria nos olhos, e ergueu a mão para me bater de novo.

– Não! – A voz de Julian ecoou pelo salão.

D’Albret virou os olhos frios e duros para Julian.

– Vou ter minha vingança como quiser.

– Não, milorde – tornou a dizer Julian.

D’Albret inclinou a cabeça e estudou o filho.

– Você não aguenta ver outro tocá-la, não é? – Não é isso.

– Você a quer para si mesmo? Se me produzir herdeiros com o sangue da própria Morte nas veias, eu o perdoaria por muito.

Prendi a respiração e me perguntei se Julian iria aceitar o que lhe estava sendo oferecido.

– Não – disse ele, olhando não para D’Albret, mas para mim. Quando nossos olhares se cruzaram a distância, soube que ele tinha tomado sua decisão: havia optado por ser meu irmão, não meu amante, e silenciosamente me enchi de alegria. Nós sempre tínhamos sido mais fortes quando enfrentávamos juntos quem nos atormentava. Mas, no momento seguinte, minha felicidade se esvaiu, pois vi o que

aquela escolha iria lhe custar. Uma marca havia começado a se formar em sua fronte.

– Espere, Julian. – Dei um passo em sua direção, mas De Lur me puxou para trás.

Julian se afastou de D’Albret e veio ficar à minha frente, até estarmos a um palmo de distância.

– Lembra de quando éramos crianças e você ficava com medo do escuro? Lembra do que eu prometia a você?

– Lembro. – Senti um nó de tristeza tão grande na garganta que a palavra saiu em um sussurro. Ele prometia que, quando crescêssemos, iria matar todos os monstros.

– Eu falava sério. Sinto muito apenas por não ter feito isso antes.

– Se fizer isso, você vai morrer.

Sua boca se retorceu em um sorriso melancólico que quase partiu meu coração ao meio.

– Sinto que parte de mim, a melhor parte, está morta há anos. – Ele deu um beijo rápido em minha testa, um beijo de irmão mais velho, depois se virou para D’Albret.

– Está realmente disposto a morrer por ela, garoto?

Em resposta, Julian sacou sua espada. Ele era um espadachim excelente, mas não tinha a habilidade brutal nem a crueldade de D’Albret. Eu não podia acreditar que teria de ficar ali impotente e ver a pessoa no mundo que tinha me amado por mais tempo morrer por causa desse amor. Talvez tivesse sido essa a intenção de D’Albret o tempo todo, pois sem dúvida ele sabia que ver Julian morrer tentando me defender seria o castigo mais avassalador que ele poderia imaginar.

Houve um retinir de aço quando D’Albret sacou sua espada, e o capitão De Lur me puxou do interior do círculo que os outros homens formaram. Todo o salão ficou em silêncio. Então Julian avançou com uma sucessão rápida de golpes, mas D’Albret contra-atacou com uma estocada brutal que fez Julian saltar para trás para evitar ser empalado.

Enquanto eles se entreolhavam cautelosos, forcei os pulsos, tentando aproximar os dedos do nó, mas não consegui alcançá-lo. Voltei meu olhar para o salão, para todos os rostos duros e antipáticos. *Fera virá*. Mas ele chegaria tarde demais.

A multidão murmurou em aprovação. Tornei a olhar para os homens lutando e vi D’Albret dar dois golpes rápidos, um de cada lado da cabeça de Julian. Foi quando desconfiei que ele estava apenas brincando com Julian, e não queria matá-lo. Ou, pelo menos, não queria matá-lo ainda.

Julian ficou desorientado por tempo suficiente apenas para D’Albret se aproximar e fazer um corte feio em suas costelas. Mordi

meus lábios inchados para não gritar, temendo que isso distraísse Julian ainda mais. Ele se dobrou ao meio, fazendo uma careta de dor, respirando com dificuldade enquanto o sangue começava a escorrer pelo corte e sobre seu gibão.

Satisfeito por verem o primeiro sangue, os homens abriram sorrisos perversos. Enquanto se remexiam, senti uma mão em meus punhos amarrados. Eu me afastei, temendo que algum soldado houvesse decidido tomar uma iniciativa, depois percebi que eram mãos de mulher. No momento seguinte, algo duro e afiado foi posto entre meus dedos.

Uma faca.

Olhei para trás, por cima do ombro, e vi Jamette voltando silenciosamente para o meio da multidão. Ela podia não me amar, mas amava Julian. Mas o que eu podia fazer com aquela faquinha? Será que ela desejava que eu acabasse com o sofrimento dele? Ou esperava que eu a usasse em mim mesma e acabasse com a luta?

Sem tirar os olhos dos homens à minha frente, empurrei a faca para cima e a escondi entre as mãos, manobrando-a até sentir sua ponta encontrar a resistência da corda. Então comecei a cortar minhas amarras.

D'Albret agora estava brincando abertamente com Julian. Um golpe rápido aqui, um pequeno corte ali, uma estocada rápida no braço. Frustrado, Julian desviou, moveu a espada para cima e quase, *quase* enfiou a lâmina na barriga do outro homem, mas D'Albret se esquivou no último segundo. O clima entre aqueles que assistiam mudou outra vez. Sua insatisfação era palpável, pois eles não gostavam de Julian, que nunca tinha sido como eles, como Pierre.

Julian agora estava ficando cansado, e seus pés tinham perdido a velocidade. Eu cortava freneticamente as cordas, os dedos doendo e sangue escorrendo onde eu havia me cortado.

Aproveitando-se da vantagem, D'Albret golpeou com força. Julian abaixou, a lâmina assoviou pelo ar vazio, e ele usou o breve momento de surpresa de D'Albret para dar um golpe que fez um ruído tão alto que tive certeza de que tinha quebrado pelo menos uma das costelas de D'Albret. Embora tivesse vontade de vibrar, fiquei em silêncio, pois isso só iria chamar atenção para mim.

Então Julian desistiu de todo o fingimento de lutar com justiça ou honra e atacou com a espada erguida para acertar direto o rosto de D'Albret, mas o outro recuou cambaleante, a multidão abriu caminho, e o golpe errou. Mesmo que se por algum milagre Julian sobrevivesse à luta, não tinha certeza se os homens o deixariam escapar.

E eu ainda não tinha conseguido cortar a maldita corda.

Julian sangrava de mais de dez cortes diferentes, e, se algum dia devia algo por ter me amado, com certeza estava pagado por isso.

Na troca seguinte de golpes, tive de desviar os olhos, pois a fadiga de Julian era tão grande que temia que cada golpe fosse seu último. Forcei a corda mais uma vez, na esperança de que tivesse enfraquecido o suficiente para que eu pudesse soltar as mãos, mas ela ainda estava firme.

Quando o som de espadas se cruzando parou, ergui os olhos. Julian estava respirando com dificuldade. Eu podia sentir as batidas penosas de seu coração enquanto tentava acompanhar o esforço dos ataques e encontrar energias para seu corpo debilitado, e meu coração sofreu por ele. Então D'Albret avançou com decisão e rapidez, mas, incrivelmente, Julian conseguiu bloquear todas as estocadas, até um golpe selvagem que quase o decapitou. Ele saltou para trás bem a tempo, mas a ponta da espada de D'Albret abriu o lado esquerdo de seu rosto até o osso. Estava ansiosa para correr até eles, postar-me diante de Julian e acabar com aquele jogo de D'Albret. Nem mesmo percebi que tinha dado um passo à frente até De Lur me puxar para trás. Olhei para ele e rezei para viver o suficiente para matá-lo depois de matar D'Albret.

Se eu matasse D'Albret. A luta estava terminando. Julian cambaleava, o braço que levava a espada estava caído, e sua lâmina se arrastava no chão.

Mas D'Albret não insistiu no ataque. Em vez disso, ele disse:

– Por Deus, vou acabar com isto agora. – Então ele ergueu a espada acima da cabeça, mas, em vez de avançar na direção de Julian, girou e apontou o golpe em minha direção, e uma pequena parte de mim ficou grata por ele ter preferido Julian a mim, e por eu não ter de ver outra pessoa amada morrer.

Mas Julian, que sempre pensou rápido, percebeu a intenção de D'Albret. Ele saltou à minha frente e a espada afundou em seu peito. Seus olhos negros se arregalaram de surpresa e dor. Gritei, me dobrando de angústia, e a corda em meu pulso finalmente cedeu.

Quando Julian caiu, todo o salão ficou em silêncio e os homens se afastaram. Não por respeito a Julian, mas temendo pela própria pele, pois era difícil saber como D'Albret iria reagir àquilo.

No silêncio que se seguiu, caí de joelhos ao lado de Julian. A força de seu salto arrancara a espada da mão de D'Albret, e ela ainda estava enterrada em seu peito. Ele estava encharcado de vermelho, o rosto ainda mais branco que o da própria Morte. Sua alma batia freneticamente contra a prisão de seu corpo mortal, desesperada para se libertar da dor que o consumia. Ele tentou falar, mas seus lábios pálidos não conseguiam formar as palavras.

– Irmão querido, você estava errado. A melhor parte de você ainda vive. – Eu me abaixei e o beijeina testa, para me desculpar e despedir.

Assim que fiz isso, sua alma saiu bruscamente do corpo, como se

necessitasse apenas de minha permissão para se libertar. E estava *livre*, estava finalmente livre do mundo sombrio em que habitara por tanto tempo.

Ouvi o som de botas sobre o piso de mármore, então D'Albret assomava sobre nós. Ele cutucou o corpo de Julian com o pé.

– Temos de acrescentar a morte de meu filho à sua lista de crimes.

Enquanto eu olhava para o corpo ferido do pobre Julian, a verdadeira compreensão baixou sobre mim. Para derrotar D'Albret, eu tinha apenas que *amar* mais do que ele odiava.

E eu amava. Meu coração estava cheio de amor, de um amor que eu temera expressar por medo de que D'Albret o usasse contra os outros para me atingir. Mas todos estavam longe de seu alcance agora. Restava apenas eu.

A espada de Julian estava a centímetros de minha mão. *Agora*, pensei. *Agora*. Motivada por todo o amor fervoroso em meu interior, estendi a mão, agarrei o cabo da espada, ainda grudento com o sangue de meu irmão, depois saltei para o alto, pretendendo enfiá-la profundamente na barriga de D'Albret.

Mas D'Albret percebeu minha intenção bem a tempo. Ele deu um chute e arrancou a espada de meus dedos, depois estendeu a mão e apertou minha garganta.

Eu sorri. Sabia que D'Albret não conseguiria me matar daquele jeito, pois eu tinha nascido com o cordão umbilical enrolado duas vezes no pescoço e não morreria. E eu ainda estava com a faca que Jamette havia me dado, a mesma que eu dera a ela uma vez.

Ainda sorrindo, inclinei-me na direção de D'Albret como se acolhesse suas mãos em torno de meu pescoço. Agarrei o cabo da faca com firmeza e, fortalecida por dezessete anos de desespero sentidos em nome daqueles que amava, puxei a faca das costas, enfiei-a em sua barriga e a empurrei para cima.

Os olhos de D'Albret se arregalaram de surpresa, e suas mãos em torno de meu pescoço se afrouxaram. Ele parecia levemente intrigado, como se incapaz de acreditar no que eu acabara de fazer. Empurrei-a para cima outra vez e a girei, querendo que a faca destruísse todos os órgãos que tocasse, assim como ele havia destruído todas as vidas que tocara.

Enquanto minhas mãos ficavam molhadas com seu sangue, e eu via seus olhos ficarem baços, tive vontade de jogar a cabeça para trás e dar um grito de vitória. Em vez disso, arranquei a faca, e ele começou a cair no chão.

Mesmo nesse momento, com suas entranhas se espalhando sobre o mármore branco, a Morte não o levava, e não havia marca em sua fronte. Ela nunca o levaria. Isso foi outra coisa que descobri com meu pai verdadeiro naquela noite: D'Albret não era bem-vindo nos

domínios da Morte. Foi uma promessa que Mortain fizera a todas as vítimas de D'Albret: que ele seria barrado do Mundo dos Mortos. Sua carne estava destinada a viver até apodrecer; sua alma, a vagar sem descanso até o fim dos tempos.

Madame Dinan correu até seu lado e tentou empurrar suas tripas de volta para sua barriga, sujando as mãos magras e brancas de sangue e tecido humano. Enquanto chamava por cirurgiões, tive uma visão de sua nova vida se desenrolando diante dela, cuidando de D'Albret e sua ferida sobrenatural pelo resto de seus dias.

Olhei outra vez para o rosto de Julian, morto, tão branco e imóvel quanto mármore. Nesse momento entendi que o amor de Julian foi a chave para aquela vitória. Seu amor por mim – o amor da Fera por Alyse, meu próprio amor por minhas irmãs, até o amor de Jamette por Julian – levava todos nós àquele momento, cada fio ligado ao seguinte como os elos de uma corrente.

E agora D'Albret estava praticamente morto. E eu estava finalmente livre. Dinan ergueu o rosto e olhou para mim.

– Prendam-na!

Ah, mas eu ainda não estava livre. Ainda havia cinquenta homens ali, e todos eles me encaravam, os olhos brilhando com a promessa de violência e sua própria natureza brutal. O que eu esperava? Que com a morte de D'Albret eles seriam liberados de seus próprios impulsos sombrios e se alegrariam com sua liberdade? Não, pois eram atraídos por ele como os iguais se atraem, e me olhavam naquele momento com fome de sangue e vingança. Além disso, teriam de responder a Pierre pelo que havia acontecido ali. Segurei a faca que ainda estava em minha mão. D'Albret não poderia matar mais ninguém; meu destino estava cumprido. Eu não iria me render ao que via por trás dos rostos enfurecidos ao meu redor. Ergui lentamente a faca e levei sua ponta à minha própria garganta.

Um dos homens, vendo qual era minha intenção, deu um pulo à frente. Ele assomou sobre mim, o elmo que usava encobrindo seu rosto. Tentei me afastar de seus braços, mas ele era tão rápido quanto alto. Quando suas mãos seguraram meus pulsos, no momento em que nossa pele se tocou, eu *soube*.

Minha cabeça se levantou bruscamente, e olhei dentro de um par de olhos azuis que queimavam com uma luz sobrenatural.

Fera.

Capítulo Cinquenta e Um

A VISÃO DA FERA ENCHEU meu coração com tamanha alegria que temi que ele fosse estourar. Ele estava vestido nas cores de D’Albret e enfiou um rolo de couro em minhas mãos. Seu disfarce nos deu algum tempo, e, enquanto seu corpo me protegia da visão dos outros homens, eu rapidamente desenrolei minhas facas. Como não havia tempo para arrumar as bainhas, as enfiei em minha saia, entrelaçando as lâminas no tecido grosso para que não caíssem.

– Traga-a para cá! – ordenou o capitão De Lur.

Quando eu estava totalmente armada, a Fera me deu um de seus sorrisos determinados e brutais.

– Corte fora o tabardo, pois não vou denegrir meu santo lutando sob as cores de D’Albret.

Eu não podia culpá-lo. Levei a ponta de minha faca até o tabardo e o cortei ao meio, com cuidado para que a lâmina não penetrasse demais. Fera se livrou dele e sacou a espada de sua bainha. Por um breve instante, os homens acharam que ele pretendia usá-la em mim.

– Está pronta? – perguntou ele.

– Só estava esperando você.

Ele tornou a sorrir, depois se virou para encarar os homens que nos cercavam, e iniciou-se uma confusão. Quando o capitão De Lur deu um passo em nossa direção, ouviu-se um ruído, um leve baque, então ele revirou os olhos e desmoronou. E uma pedrinha caiu no chão.

Yannic.

Fera deu um de seus gritos de gelar o sangue ao ser tomado pelo ardor da batalha. Ele ergueu a espada e se moveu para a esquerda, para pôr o corpo e a espada entre mim e a maioria dos homens de D’Albret.

Dei um chute e acertei o estômago do homem mais próximo, bem alto, num ponto que o deixou sem ar. Com uma faca em cada mão, percebi que nem todo o ódio naquele salão era páreo para o amor que me preenchia. E me preenchia totalmente, sua efervescência correndo por meus membros, expulsando a tristeza e o cansaço, como se alguma luz divina em vez de mero sangue fluísse em minhas veias.

Mas não era nenhuma luz divina, simplesmente eu, inteira e sem medo de quem era, ansiosa por fazer o trabalho que havia nascido

para fazer.

Os homens de D'Albret tinham se reagrupado e estavam correndo na direção da Fera. Ele enfrentou o primeiro ataque, e o som de espadas foi ensurdecedor.

Apertei minhas facas com força quando outro soldado correu em minha direção com a espada em punho. Com tanta facilidade quanto se estivesse treinando com Annith, eu me abaixei sob sua espada, aproximei-me dele e enfiei minha faca em sua garganta. Antes mesmo que ele tivesse começado a cair no chão, virei-me para enfrentar outro. Mas esse tinha acabado de testemunhar meu truque, e baixou a própria espada para bloquear a mesma manobra. Portanto, em vez disso, girei a faca, segurei-a pela ponta e a lancei em sua direção. Ela o acertou bem no olho, e ele caiu de joelhos.

Mais dois guardas se aproximaram, e virei-me para enfrentá-los. O tempo ficou mais lento, como uma gota de mel suspensa na ponta de uma faca. Enquanto me esquivava e me defendia, cada movimento vinha sem pensamento consciente. Parecia que meu corpo tinha se enchido de algo gelado e sombrio e preciso como uma sombra. Eu estava inteira. Inteira, íntegra e cheia de uma graça sobrenatural que circulava por mim com uma alegria inexprimível.

Pelo canto do olho, vi que o ardor da batalha tinha consumido a Fera completamente, e ele passava através dos guardas que corriam como um arado rasgava a terra. Naquele momento, nós éramos os próprios filhos dos deuses, forjados no fogo de nossos passados torturados, mas também abençoados com dons inimagináveis.

Não sei por quanto tempo lutamos, mas lentamente, como se tivesse sido puxada do fundo de um poço profundo, fui tomando consciência do ambiente que me cercava. Agora que tinha parado de lutar, me sentia tão leve e vazia como uma luva jogada fora. Metade dos homens de D'Albret estava morta a nossos pés. A outra metade não mostrava sinais de recuar. Na verdade, dois homens tinham saído em busca de reforços.

Sem facas, eu me abaixei e peguei a espada de um dos soldados mortos estendidos no chão, depois virei-me para a Fera, que respirava com dificuldade.

A luz em seus olhos agora estava apenas parcialmente selvagem. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas uma explosão abalou o prédio – na verdade, a própria terra sob nossos pés. Parecia que uma dúzia de canhões tinha sido disparada ao mesmo tempo. Fera segurou minha mão e começou a me puxar na direção da porta.

– O que foi isso? – perguntei.

– Lazare e seus carbonários.

– Aqui?

– Ele achou que pudéssemos precisar de uma distração. Também

não achamos necessário deixar as armas da duquesa nas mãos de seu inimigo para serem usadas contra ela. – Outra explosão se seguiu.

– E as meninas?

– No convento de St. Brigantia. A abadessa jurou que não iria entregá-las a ninguém que não seja eu ou você, ou sob ordens da própria duquesa.

Enquanto os soldados se recuperavam e se reagrupavam, nos viram seguindo na direção da porta.

Nós começamos a correr.

Havia pequenos grupos de criados amontoados perto da porta principal do palácio, observando e sussurrando entre si, mas eles não fizeram nenhum movimento para nos deter.

Lá fora, no pátio, pisquei diante da luz forte. Havia grupos de soldados tentando discernir a direção do ataque, sem perceber que era sua própria artilharia que tinha sido destruída. Fera aproveitou sua confusão e seguiu para o portão leste. Sem querer atrair mais atenção sobre nós, caminhamos em vez de correr. Mas ele era uma cabeça mais alto que a maioria dos homens, e eu estava vestida de vermelho. Não demorou muito para nos verem. Além disso, eram homens de D'Albret, e sabiam muito bem qual seria sua punição se não conseguissem nos deter. Logo voltaram sua atenção dos atacantes desconhecidos para nós e partiram na direção do portão, bloqueando nossa fuga.

Fera nem diminuiu o passo, apenas fez um desvio e começou a correr na direção da escada que levava para as muralhas. Não sabia o que ele tinha planejado, mas o segui cegamente. Às nossas costas, ouvi outro grito.

Olhei para trás e vi que mais homens haviam sido convocados e estavam formando uma fila no meio do pátio.

Por sorte, a escada era coberta por uma arcada de pedra, que nos dava alguma proteção, e sua largura estreita forçaria os soldados a subirem dois de cada vez, o que retardaria sua perseguição.

Entretanto, quando emergimos no alto das muralhas, rapidamente me dei conta de que não havia para onde ir. Lancei um olhar inquisidor para Fera, que nada disse, mas continuou correndo até chegarmos à torre mais distante, a que assomava sobre o rio.

Mais gritos ecoaram de baixo, e vi besteiros carregando suas armas. Fera parou e virou para mim. – Precisamos pular.

Eu olhei para o rio cheio e revoltado abaixo.

– Nós vamos pular para a morte.

– Eu tenho a marca?

Olhei para sua testa, aliviada por não ver nenhuma marca escura sobre ela.

– Não – respondi, maravilhada.

– Então vamos conseguir. Confie em mim. – Enquanto ele estendia a mão, três setas de besta passaram longe.

Os sons de nossos perseguidores ficavam mais altos à medida que subiam a escada. Logo eles estariam no topo da muralha atrás de nós e perto o suficiente para não errar suas setas.

Estendi o braço e peguei a mão que a Fera oferecia. Um sorriso glorioso se abriu em seu rosto, deixando-o quase bonito. Ele levantou minha mão e a beijou.

– Não solte – disse ele. – E bata as pernas para que nos afastemos bem da muralha.

Assenti em silêncio, então ele nos puxou vários passos para trás da beirada. Respiramos fundo algumas vezes, enchendo os pulmões de ar. Ouvimos um grito quando um dos homens alcançou o alto da muralha. Era um besteiro, que já estava erguendo sua arma.

Saímos correndo e pulamos.

A parede despencou à nossa frente, e voamos pelo ar. Não nos soltamos, mas agitamos e batemos os braços e pernas livres tentando nos afastar o máximo possível das águas rasas. Fera sorria como um louco, como se fosse nos manter vivos apenas por pura vontade.

Então um choque gelado abalou meus dentes e bruscamente expulsou o que restava de ar de meus pulmões quando a água se fechou sobre a minha cabeça.

Capítulo Cinquenta e Dois

A ÁGUA GELADA ME SUGOU para suas profundezas nebulosas. Era escuro e desorientador, e eu não conseguia saber qual era o lado de cima. Lembrei de todas as histórias que tinha ouvido sobre Saint Mer e como ela atraía os marinheiros cada vez mais para o fundo de seus domínios até que eles não conseguissem mais reencontrar o caminho de volta.

Mas aquilo era um rio, não o mar.

Tentei bater as pernas para voltar à superfície, mas minha saia pesada e elegante já estava cheia de água e tinha se transformado em chumbo, puxando-me para baixo como uma âncora. Mesmo assim, lutei desesperadamente para nadar para a liberdade. A água era escura e turva, minha visão estava cheia de bolhas em movimento, muito parecidas com flocos de neve em uma tempestade, e eu ainda estava sendo arrastada para o fundo. Livrei-me dos sapatos, depois tentei desamarrar as fitas em torno da cintura para me livrar da saia, mas elas estavam molhadas e minhas mãos desajeitadas, e, por mais que eu me esforçasse, elas estavam presas em um nó apertado e molhado. Meus pulmões queimavam com o esforço de não respirar, e não tinha certeza de por quanto tempo mais conseguiria segurar a respiração. Pontos negros dançavam diante de meus olhos.

Pelo menos eu tinha sido poupada do destino que D'Albret havia planejado para mim. E da terrível vingança de seus homens. Iria morrer sabendo que Charlotte e Louise estavam em segurança e que D'Albret jamais poderia tornar a machucar outra pessoa.

Meus pés tocaram o fundo macio e sedoso do rio, e fiquei louca de vontade de respirar. Mesmo sabendo que meus pulmões iriam se encher de água, não do ar de que eu necessitava.

Quando meus pulmões estavam prestes a se contrair involuntariamente e inspirar ar mesmo onde só havia água, uma mão gelada segurou a minha. No início, meu coração pulou de alegria, porque pensei que fosse a Fera, mas sem dúvida estava fria demais para ser qualquer mão humana. Será que meu pai tinha vindo levar sua filha para casa?

Mas não importava. Eu bati as pernas e me agitei, deixando que a mão me puxasse, na esperança de chegarmos à superfície antes que

meus pulmões parassem de funcionar. Mas eu estava fria, muito fria. Minhas próprias mãos não funcionavam mais direito, e eu me soltei.

Flutuei por um instante, depois comecei a afundar de novo, até que a mão, desta vez mais quente, me segurou e me puxou enquanto eu batia as pernas freneticamente rumo à superfície.

Sempre para cima ele me puxou. Justo quando eu estava certa de que meus pulmões iam estourar, rompi a superfície, espalhando água para todos os lados. Inspirei grandes haustos de ar enquanto me equilibrava na água. Olhei e vi a Fera fazendo o mesmo, mas era mais difícil para ele pois não conseguia parar de sorrir. Quando finalmente recuperamos o fôlego, ele estendeu o braço e cortou as fitas que prendiam minha saia, que lentamente caiu até o fundo, então nos viramos e fomos embora batendo as pernas e deixando que a corrente forte do rio começasse nos levar dali.

Pensei mais uma vez em todas as pessoas que eu tinha amado e perdido, e soube que elas tinham finalmente encontrado a paz. E eu, eu tinha minha vida inteira pela frente, e, pela primeira vez, ela não estava cheia de medo e sombras, mas de amor e promessas. E uma fera.

Não pude evitar. Sorri, finalmente capaz de apreciar a risada delicada dos deuses.

NOTA DA AUTORA

Enquanto *Perdão mortal* se passa em um cenário histórico e político, a história de Sybella é muito mais pessoal, tocando apenas de forma tangencial os acontecimentos políticos da época. Por causa disso, tomei um pouco mais de liberdades criativas neste livro.

Assim como em *Perdão mortal*, muitos personagens do romance são figuras históricas, e os elementos principais da política foram tirados diretamente da História. A duquesa realmente foi para Rennes com seu conselho, e os franceses invadiram as fronteiras da Bretanha e conquistaram várias cidades.

Uma das maiores liberdades que tomei foi ter comprimido as escalas de tempo envolvidas. Enquanto vários acontecimentos desta trama aconteceram na primavera de 1489, houve um intervalo de cerca de um ano e meio no qual nada politicamente significativo aconteceu. Os franceses tomaram duas cidades que, posteriormente, foram recuperadas pelos bretões. Embaixadores se reuniram e protocolos políticos foram observados, coisas que rendem narrativas bem secas. Anne viajou pelo interior, visitando seu povo, enquanto a França ficava farejando as fronteiras da Bretanha, à procura de um jeito de entrar. Isso ocorreu em 1490, quando Anne se casou com o Sacro Imperador Romano por procuração e, portanto, rompeu o Tratado de Vergers. Por isso, compri os acontecimentos ocorridos entre 1490 e 1491 e os reuni todos em um ano para efeitos narrativos.

Provavelmente tomei as maiores liberdades com a figura histórica do conde Alain D'Albret, um dos pretendentes mais ardentes de Anne. É verdade que ele estava na casa dos cinquenta, e era gordo e feio, com maneiras grosseiras. Madame Dinan, governanta de Anne, era realmente sua meio-irmã e pressionava constantemente a jovem duquesa para que ela concordasse com o casamento. Tudo isso foi tirado de crônicas históricas da época. Também é verdade que Anne tinha tanta repulsa por ele que proclamou um decreto declarando que jamais se casaria com ele, não importando que documentos ela pudesse ter assinado quando criança. Essa forte repulsa por alguém tão dedicado a seu país capturou minha imaginação.

Isso se juntou à minha pesquisa sobre o folclore da Bretanha, o qual dizem ser a origem de duas fontes históricas das histórias do Barba

Azul. Uma é a história de Conomor, o Maldito, e outra era sobre Gilles de Rais. Quando Sybella apareceu pela primeira vez em *Perdão Mortal* tão cheia de problemas e infeliz, eu sabia que ela tinha de ter sofrido algum trauma horrível, por isso todos esses elementos se juntaram e resultaram em *Divina vingança*.

Depois dos acontecimentos do fim de 1491, o conde D'Albret parece desaparecer dos anais e dos registros históricos, excetuando-se o registro de sua morte, em 1528. Ele teria mais de oitenta anos, uma idade extraordinária para a época.

Jean D'Albret, filho mais velho do conde D'Albret, tornou-se rei de Navarra, e a filha de D'Albret, Charlotte D'Albret, mais tarde se casou com César Bórgia.